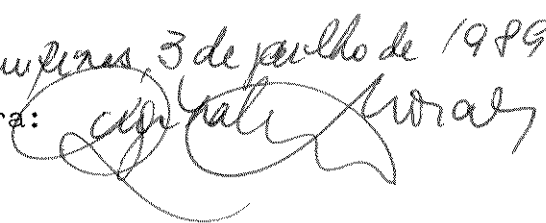


MARIA TEREZINHA VIEIRA VERARDO

Este exemplar corresponde à redação  
final da Dissertação defendida por  
Maria Terezinha Vieira Verardo e  
aprovada pela Comissão Julgadora em

Data: *Campinas, 3 de junho de 1989*

Assinatura:



A SEXUALIDADE EDUCADA

Nota crítica sobre pressupostos teóricos e projetos empíricos

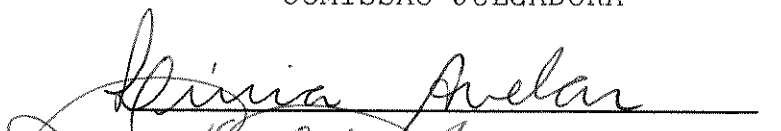
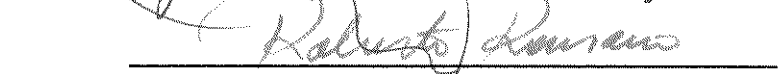
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

1989

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação, na área de Ciências Sociais aplicadas à educação, sob a orientação do Professor Doutor Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes.

COMISSÃO JULGADORA

Para MEUS PAIS

Para LUIZ HUMBERTO

## A METAFÍSICA DO CORPO

C.Drummond de Andrade

A metafísica do corpo se entremostra  
nas imagens. A alma do corpo  
modula em cada fragmento sua música  
de esferas e de essências  
além da simples carne e simples unhas.

Em cada silêncio do corpo identifica-se  
a linha do sentido universal  
que à forma breve e transitiva imprime  
a solene marca dos deuses  
e do sonho.

Entre folhas, surpreende-se  
na última ninfa  
o que na mulher ainda é ramo e orvalho  
e, mais que natureza, pensamento  
da unidade inicial do mundo:  
mulher planta brisa mar,  
o ser telúrico, espontâneo,  
como se um galho fosse da infinita  
árvore que condensa  
o mel, o sol, o sal, o sopro acre da vida.

De êxtase e tremor banha-se a vista  
ante a luminosa nádega opalescente,  
a coxa, o sacro ventre, prometido  
ao ofício de existir, e tudo mais que o corpo  
resume de outra vida, mais florente,  
em que todos fomos terra, seiva e amor.

Eis que se revela o ser, na transparência  
do invólucro perfeito.

## SUMARIO

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO

CAPITULO I - A DIMENSAO POLITICA DA SEXUALIDADE - a educação sexual entre o prazer e a produção.

APENDICE - "Esposas, entre a neurose e a infidelidade conjugal - pequena digressão a partir de Bovary"

CAPITULO II - DA EUGENIA ou A SELEÇÃO ARTIFICIAL DOS MELHORES

CAPITULO III - A SEXUALIDADE EDUCADA - a educação sexual na rede oficial de ensino

CAPITULO IV - A SEXUALIDADE REPENSADA

ANEXOS -

Anexos ao Capítulo III:

a) Questões formuladas pelos alunos de cursos de educação sexual ministrados pela CENP em 1980-84.

b) "Proposta curricular para o ensino de Ciências e Programas de Saúde - Primeiro Grau - CENP"

Anexos ao Capítulo IV

- Relação de entidades que financiaram programas de planejamento familiar no período 1965-86.

BIBLIOGRAFIA

## AGRADECIMENTOS

A SERGIO RICKERT e CESAR FAIVA, meu agradecimento tardio.

Para outros ainda há tempo de dizer obrigada:

REGINALDO CARMELLO CORREA DE MORAES, orientador e amigo.

AUREA, LUIZ, LUIZA, meus irmãos.

CLARICE CHRISTIANSEN e JOSE PAULO CLAUZET, por terem demonstrado que é possível trabalhar juntos sem abalar a amizade.

LUCIA AVELAR e ZEILA FABRI DE MARTINI, pelas contribuições a este trabalho durante o exame de qualificação.

LAYMERT GARCIA DOS SANTOS, ELISA KOSSOVITCH, ROBERTO ROMANO, pelas sugestões e incentivo no decorrer de todo o curso.

TANIA GERBI VEIGA e PATRIZIA PIOZZI, pelo apoio e, principalmente, pelo "colo".

JOAO CARDOSO PALMA FILHO, RUTH BABA, TEREZINHA LELLO, por colaborarem com os documentos e pesquisa na Biblioteca da CENP.

ANGELA SANTA CRUZ, pelas discussões sobre Freud.

Ao CNPQ, pela Bolsa de Estudos concedida para os anos de 1986-87, e ao DECISAE pela Bolsa de Monitoria da UNICAMP, concedida para o ano de 1988.

## APRESENTAÇÃO

Este trabalho não resultou exclusivamente da curiosidade teórica, como parece ser o caminho usual das dissertações de mestrado. Ele surge também a partir de um repensar de minha prática pessoal, enquanto militante em grupos feministas por um período de oito anos.

Durante muito anos ministrei cursos de sexualidade para mulheres em diversos bairros da Grande São Paulo. Para melhor preparar essas aulas frequentei um curso de "Sexualidade Humana" com os sexólogos Rafael Mazzini e Maria Helena Matarazzo.

Minha curiosidade nasceu, portanto, de uma atuação "empírica", para num segundo momento desembocar na necessidade de reflexão teórica sobre o assunto.

Durante o "período de prática", nos cursos e conversas com mulheres das mais variadas ocupações e classes, fui constatando algo que me chamou a atenção: o amplo desconhecimento da sexualidade, não apenas entre mulheres que dispunham de pouco acesso à instrução mas também entre feministas, para as quais não se pressupunha, à primeira vista, essa restrição. Ou seja, a (des)informação sexual independia da classe, da escolaridade, da consciência e até mesmo do estado civil.

No decorrer do processo descobrimos, eu e as companheiras feministas envolvidas, que um curso sobre sexualidade pode ser muito mais "revolucionário" (e em sentidos inesperados) do que talvez pareça à primeira vista. O debate levava à percepção da propriedade do próprio corpo e da tomada de consciência da responsabilidade sobre nós mesmas e nossas vidas.

Esta vertente "revolucionária" da educação sexual despertou a necessidade de refletir sobre o assunto. Sugeriu também que era interessante comparar estes cursos, absolutamente "empíricos", com aqueles ministrados na rede escolar, resultantes de longos processos de preparação, pesquisa e debate. Com este objetivo, escolhemos os cursos oficiais que faziam parte do currículo educacional da CENP. Na ocasião, apresentamos ao DECISAE um projeto denominado "A Educação Sexual formal- nas escolas - e a educação sexual informal- dos grupos feministas".

Pouco tempo depois, como consequência dos cursos frequentados na pós graduação, senti necessidade de delimitar um pouco mais o objeto de pesquisa. O trabalho que ora apresentamos como dissertação de mestrado é portanto resultado de toda essa trajetória.

A restrição (quanto ao objeto) e, paradoxalmente, a ampliação (quanto à literatura examinada) devem-se exatamente ao fato de notarmos a fragilidade e o caráter pouco metódico dessa nossa reflexão teórica anterior. Esta constituía a característica central da minha formação no

bacharelado, no Depto. de Filosofia na Universidade de São Paulo -embora num período particularmente difícil para o trabalho acadêmico no Brasil. Ficara contudo muito ausente, em tantos anos de trabalho puramente empírico.

Enfim,

"Esta experiência foi o melhor produto de nossa prática. Espontaneamente a oferecemos como expressão de nossa vivência (...). Façam com ela o que quiserem, modifiquem-na ou (assim esperamos) aperfeiçoem-na, mas pelo menos concedam-lhe a sua mais honesta atenção"

## INTRODUÇÃO

## INTRODUÇÃO

Não é possível pensar a educação sexual isolando-a do contexto em que se encontra: o da repressão ou do poder que a sociedade exerce sobre a sexualidade do indivíduo.

Para Marcuse, nos primórdios da civilização, eram tantas as necessidades e tão grande o trabalho necessário para garantir a sobrevivência do homem que foi imperativa a renúncia ao prazer. No entanto, essa renúncia parecia ter um prazo determinado: quando a sociedade conseguisse garantir a sobrevivência de seus membros, prover suas necessidades, o homem passaria a dispor de tempo para o prazer. Chegado o tempo da abundância, porém, nem por isso se obteve a realização das promessas. Uma parcela diminuta da população instalou-se no poder, mantendo para os outros a condição de miséria. A mudança é drástica: desaparece a perspectiva de alterar a situação, e o prazer - antes adiado e agora negado - tem que ser reprimido na sua origem, nos próprios instintos humanos.

Segundo o enfoque do autor, o sistema político conseguiria esses objetivos através da dessexualização do corpo humano, valorizado somente enquanto instrumento de trabalho, com a circunscrição da sexualidade às áreas de reprodução.

Restrita à procriação, a atividade sexual passa a ser tolerada quando cumpre essa finalidade. Ela é controlada por todo um eficiente aparato social, representado pela administração pública e privada, à qual se atribui poder para regulamentar e normatizar as atividades do indivíduo, desde sua consciência até seus atos.

Freud encara a repressão que a sociedade exerce sobre os indivíduos de um modo um pouco diferente daquele de Marcuse, que sintetizamos nos parágrafos anteriores. As diferenças entre os dois são atenuadas nesse ponto especificamente, porque em alguns outros - como por exemplo na questão edipiana e no exame das modificações ocorridas nos instintos humanos a partir do contato com a civilização - encontramos oposições mais visíveis.

Mas Marcuse não produziu uma teoria psicanalítica alternativa à de Freud. Tomou este último como ponto de partida para pensar as consequências da civilização no aparelho psíquico humano. Reich, por seu lado, retoma Freud e produz uma teoria psicanalítica diametralmente oposta à de seu modelo.

Para os objetivos de nosso trabalho importa ressaltar que a consequência do exercício da repressão social sobre a humanidade, exposta com singularidade por Freud e Reich, é que uma educação sexual parece destinada a escolher entre os pressupostos teóricos de um ou de outro desses dois pontos de vista, aqui parcialmente sintetizados nos dois nomes, Freud e Reich, sendo difícil ou quase impossível divisar um terceiro campo teórico.

A sexualidade, alicerçada nas reflexões de Freud, estará sendo educada para a sublimação da libido, tendo como consequência, a eficiência na produção. Não porque o autor tenha construído sua teoria a partir desta proposta, mas porque ele constata que viver em civilização implica, necessariamente, em educar a sexualidade para este fim. Em outras palavras, abdicar da livre manifestação da sexualidade é a condição necessária para se viver em sociedade.

Triste conclusão, principalmente quando se sabe no que ela implica: trocar uma parcela de felicidade por um pouco de segurança. Segurança contra seus iguais e contra si próprio, já que no homem

existem instintos agressivos que é preciso conter, para poder viver em sociedade. A repressão destes instintos - e, principalmente, da manifestação livre de sua sexualidade - implica na aquisição de doenças psíquicas. Colocou-se o homem diante de um dilema. O primeiro lado desse dilema é optar por viver sozinho, dando vazão à sua agressividade, às suas inclinações de vingança, ao seu sentimento de onipotência, às suas necessidades sexuais e correr o risco de ver-se continuamente atacado por outro nas ocasiões de manifestação de seus instintos. Viver perigosamente, digamos. A alternativa é optar pela segurança de uma sociedade, que lhe garantiria a paz e a sobrevivência pelo trabalho disciplinado. Decidir-se pela segunda opção também implicaria algumas contrapartidas: na obtenção de doenças psíquicas que não passam de gritos dos instintos e da sexualidade, sufocados mas não exterminados.

A sociedade consiste, portanto, em grande medida, em um aglomerado de homens doentes, uns mais capazes do que outros no triste destino de camuflarem sua enfermidade. O remédio - ou paliativo - é homeopático: pequenas doses de sublimação que devem ser ministradas durante toda a vida do indivíduo, ou grandes doses de repressão para aqueles com o organismo mais resistente à cura, como as mulheres.

Para o autor, esse processo - a adaptação da satisfação instintual em benefício da comunidade, implicando na aquisição de doenças psíquicas - acontece porque o instinto sexual no homem não serve originariamente aos propósitos da reprodução, mas à obtenção de prazer e, no entanto, a moral sexual civilizada admite somente a reprodução legítima enquanto meta sexual.

Além disso, a repressão atua de forma diferenciada no homem e na mulher. A repressão vai tornar esta última inapta para viver a

paixão, devido ao retardamento artificial de suas funções eróticas. A inferioridade intelectual da mulher é consequência da educação reprimida, não só no nível dos atos mas também dos pensamentos.

A sublimação, válvula de escape oferecida por Freud à repressão, é vivida pela mulher não como um deslocamento da energia sexual para a produção, como acontece com os homens, mas manifesta-se como uma atitude hostil para com a civilização.

Uma educação sexual formulada segundo a teoria reichiana pareceria nos enveredar por caminhos muito diferentes. Para este autor, o processo acontece de maneira inversa. É a sociedade repressora que produz comportamentos agressivos, taras sexuais, perversões e violências, quando impede a livre manifestação da sexualidade. A adoção de uma moral repressiva, pela sociedade, tem como única e exclusiva função manter os interesses e privilégios da camada economicamente dominante. Mas, se por um lado a sociedade produz essa agressividade, por outro lado essa mesma sociedade se vê obrigada a criar mecanismos de repressão à agressividade.

Para Reich, a solução para as doenças provocadas pela repressão sexual não é sublimar, nem é, tampouco, o julgamento de condenação (a consciência dos desejos sexuais reprimidos, o que possibilitaria o domínio desses desejos), mas, isto sim, a possibilidade de dar vazão à estase sexual.

Para o autor, tanto a rejeição das atividades impulsionalis quanto a abstenção estão ligadas à economia da vida impulsional, o que significa que de alguma maneira a estase sexual deve ser liberada, condição para impedir os sintomas neuróticos na sua própria fonte geradora.

Considerando que a sociedade é estruturada a partir de um determinado modelo econômico e político, patriarcal e com um caráter

repressivo; considerando ainda que essa forma de sociedade não é "natural", mas sim um estágio definido da história da humanidade, ela não precisa ser perpetuada. É possível pensar um modelo de agrupamento, uma organização social baseada na manifestação livre da sexualidade, na satisfação dos desejos e no prazer sexual, que teria como consequência o prazer com o trabalho, advindo daí maior produtividade.

Uma educação sexual de acordo com os princípios reichianos visaria o prazer, o fim da repressão, a liberação da sexualidade, gerando indivíduos fortes, pouco submissos, mais produtivos e, principalmente, mais felizes porque livres das neuroses.

A proposta de Reich é, em síntese, bem simples (e, paradoxalmente, talvez por isso bastante difícil): fim do ascetismo dos jovens, permissão de experiências sexuais em locais e condições adequadas, fim do casamento monogâmico compulsivo no sentido religioso e burguês. Prevê ainda que se a atual estrutura moral não fosse modificada a família tenderia a desmoronar.

É preciso ter clareza, a partir do contato com esses dois modos de reflexão, sobre qual deles foi o objeto de nossa escolha quando queremos educar a sexualidade dos jovens. Em outras palavras, não é possível ignorar a evidência de que, ao formular projetos de educação, se escolhe um ponto de vista. Partindo da definição psicanalítica de que a sexualidade é libido, essa energia sexualizada vai se manifestar em todos os campos de atividade do indivíduo. Esses campos de atividade têm que ser objeto de reflexão para sabermos como e porque vamos educar a sexualidade.

Sintetizando, ao que tudo indica, educação sexual, qualquer que seja, carrega necessariamente uma carga ideológica, uma opção de perspectiva. A opção pode implicar a manutenção da moral repressiva

dominante - ou sua aceitação enquanto um dado irremovível - em nome da própria possibilidade de uma civilização (ponto de vista mais próximo ao grande número de escritos freudianos). Ou pode implicar a demolição dessa moral - ou pelo menos o questionamento de seu caráter de "dado" - em nome da vivência de uma sexualidade natural (ponto de vista, em grande medida, presente nos trabalhos de Reich).

Ainda uma nota prévia para orientar o leitor: pode-se perceber o quanto a figura da mulher está presente em nossas reflexões. Não por que pretendêssemos fazer um trabalho especificamente sobre a educação feminina ou, mais amplo ainda, sobre a questão feminina, mas porque se tornou impossível ignorar que não só ela ficou relegada a plano muito secundário, nas preocupações dos educadores e nas teorias educacionais, como possui uma história que continua muito presente na sua atuação social.

A mulher aparece em algumas das antigas doutrinas gregas que a circunscreviam aos limites do lar, exigindo dela não mais que a eficiência na economia doméstica, facilitando a atuação pública do marido. A psicanálise constata que a civilização, que reprimiu a sexualidade da mulher de forma mais violenta que a do homem, deixou nela marcas contundentes, que a estigmatizam até hoje como um ser intelectualmente inferior. Nas teorias eugenistas, a mulher é vista como um animal reprodutor cuja única função seria gerar os componentes de uma raça superior, capaz de assumir o comando do Estado, os destinos da civilização e a produção de cultura. A mulher tem também um modo de ser representada na figura política do Estado autoritário, cuja legislação, além de fragmentar o corpo feminino, normatiza suas funções.

E com essas tradições que a mulher tenta romper, sobretudo a partir da década de 60, com a formação de grupos feministas e a

discussão pública de sua sexualidade. Tradições carregadas de estigmas, proibições, interdições. Além dessa história de opressão, repressão e encarceramento da mulher no privado, a outra história, a da participação pública, política e cultural da mulher ainda não foi inteiramente contada.

Não podemos esquecer que se vislumbra uma ruptura desse processo, mas a década de 60 está ainda muito próxima de nós, o que pode indicar que este é ainda um momento de transição. Velhos valores ainda imperam, os novos não tiveram tempo suficiente para se estabelecerem. E os novos podem significar simplesmente rompimento dos antigos e não caminhos alternativos a serem trilhados com a segurança do sólido.

Naquilo que se pode chamar de civilização ocidental, as mulheres, carregam uma história e, tudo indica, estão em transição para um novo padrão social. Parece-nos que uma "disciplina", como educação sexual, torna-se espaço privilegiado para tomar conhecimento de seu passado, inteirar-se de seu presente e decidir por si o futuro de sua sexualidade. E impensável uma educação sexual que não leve em conta esse quadro e esse momento da menina adolescente, e continue a falar de seu corpo como um objeto de estudo que se resume em fragmentos isolados do todo com funções unicamente procriativas, desprovido de capacidade de obtenção de prazer. Ignorar a história de opressão da mulher é sem dúvida optar por perpetuá-la.

Já o menino tem uma linha mais previsível com relação ao papel que a sociedade lhe reserva. A masculinidade quase sempre esteve relacionada com a força, coragem, atuação pública, capacidade decisória, comando e produção de cultura. Essa relativa "estabilidade histórica" de seu papel - o que não significa que ele seja mais

fácil, ou mais adequado às necessidades individuais - acaba por poupá-lo de ter de resolver algumas contradições.

Se o papel masculino foi sempre mais linear, essa linearidade está sofrendo o impacto das mudanças do papel feminino. Ou seja, é em relação ao outro que ele vai mudar e não em relação a si mesmo. O homem terá que reconsiderar sua atuação, seu estar no mundo, a partir da transição vivida pela mulher, com todos os questionamentos do que foi até então o papel masculino, com as exigências de mudanças de atitude do homem, as reivindicações de divisão de tarefas, partilha do mercado de trabalho, participação no processo decisório e convivência com as emoções mútuas. O que significa dizer que não se pode mais educar o jovem segundo os modos e procedimentos tradicionalmente reiterados. Não sabemos ainda qual é o novo modelo, mas podemos discutir as mudanças, o que facilitaria a consciência das solicitações que lhes serão feitas. E uma educação sexual tem, necessariamente, que propor esse debate, não fingir que ele inexistente.

As teorias eugenistas, discutidas por nós no segundo capítulo desta dissertação, propõem a formação de uma raça superior a partir de características consideradas ideais, presentes em determinados grupos étnicos. O pressuposto dessas teorias é que há uma essência do ser humano, e ela é basicamente biológica. Nesse sentido, é premente separar os indivíduos adequados ao modelo eugenicamente ideal - para dar-lhes condições de se reproduzirem - dos indivíduos desprezados eugenicamente, retirando-lhes as possibilidades de reprodução. A escola parece lugar ideal para efetuar essa operação classificadora. Doutrinas eugenistas passaram a ser menos defendidas (e discutidas) publicamente a partir das catástrofes produzidas pelo III Reich, mas sua aplicação não foi abandonada em absoluto. Os

testes antropométricos utilizados ainda hoje, na instituição escolar, são em grande medida métodos remanescentes dessas teorias. Acompanha-se, matematicamente, o desenvolvimento físico dos alunos, seu crescimento, seu índice dolícocefalo, seu quociente de inteligência, classificando-os e separando-os em classes especiais, onde será ministrada uma formação de acordo com suas funções posteriores. Além dessa atuação silenciosa, existem outras que operam no nível da consciência do jovem.

A disciplina escolar "educação sexual" pode se prestar perfeitamente à transmissão de idéias eugênicas, assim como antes se prestava a disciplina de "Higiene sexual", ministrada nas escolas secundárias, normais e militares.

Seria ingenuidade não atentarmos para o espaço privilegiado que apresenta uma disciplina onde os valores morais são discutidos. Há exemplos muito evidentes: a imagem da incapacidade cultural do negro - com uma estrutura física e mental propícia para o trabalho braçal e para ser comandado - pode ser transmitida subrepticamente; a homossexualidade, vista como resultado de doenças em alguma de suas gerações anteriores e agente transmissor de doenças (vide o fenômeno da Aids); as perversões, como resultantes de ancestrais doentes.

Ao se afirmar, na sala de aula, a possibilidade de todos os traços do indivíduo serem hereditários, sejam eles físicos ou de caráter, se chega, com muita facilidade, à "conclusão" da desigualdade das raças. Aqueles que não apresentam os traços considerados ideais - a partir de uma teoria que se pretende fundamentada cientificamente e com raízes de autoridade na tradição grega - devem ser relegados a um segundo plano, discriminados socialmente para não conspurcarem a perfeição da raça.

A adoção de idéias eugênicas pode ser detectada na atuação social dos organismos estatais como a medicina sanitária pública, que "dirige" as deficiências do serviço médico-hospitalar, para os locais mais carentes do ponto de vista econômico; nos programas de "planejamento familiar" que na verdade não passam de controle da natalidade, pouco preocupados com o acompanhamento da saúde da mulher, mas esterilizando clandestinamente várias parturientes que apresentam traços comuns: pobres e negras; em certos amparos sociais, como a contribuição maternidade e salário-família, cujo valor não é suficiente para sustentar um indivíduo por uma semana. Até que ponto esse descaso do Estado com relação a certas parcelas da população não se explica pela concepção de que não vale a pena investir em gente que supostamente muito pouco teria a dar para o crescimento do país? E contra essa atuação discriminatória que as mulheres, organizadas em grupos e movimentos, levantaram a voz no princípio da década de 70, denunciando uma política que, embora não fosse explícita, era sem dúvida eugenista.

Talvez seja desnecessário afirmar que no processo educacional a transmissão de valores preconceituosos e racistas não é feita propositalmente pelos professores de educação sexual, por serem estes adeptos das idéias eugenistas. Queremos alertar para a possibilidade de que isso ocorra ainda que seja por despreparo, ingenuidade ou desinformação dos professores. Aliás, o ideário eugenista é muito pouco divulgado hoje em dia, embora talvez bastante enraizado. O que mais uma vez corrobora a frase: desconhecer o passado pode levar a repeti-lo involuntariamente.

Na tentativa de consolidar suas teorias, os eugenistas procuraram para elas um enraizamento na cultura clássica, que operasse como uma espécie de fundamento histórico e de autoridade

inquestionável, afirmando ter suas idéias origens em Platão e Aristóteles, ainda que sob uma ótica muito particular.

Os eugenistas pretendem que essas antigas doutrinas informam seus próprios argumentos. Apoiando-se nesses textos clássicos, justificam projetos de saúde e controle social. No entanto, se por um lado até podemos admitir que Platão realmente manifeste opiniões eugenistas em seus escritos, temos em contrapartida de levar em conta, os diferentes objetivos e situações em que se enquadram esses dois "sistemas" de idéias. Enquanto as doutrinas eugenistas visam a formação de uma raça superior, apoiados na produtividade do sistema capitalista, as doutrinas gregas clássicas visavam a educação integral do jovem apoiados no bem estar físico, psíquico, individual e ao mesmo tempo a integração social adequada para a formação de um Estado perfeito que garantisse uma vida mais cômoda, segura e feliz de todos os cidadãos.

No terceiro capítulo desta dissertação, tomamos como referência os cursos ministrados pela CENP (Coordenadoria de Normas e Estudos Pedagógicos do Estado de São Paulo), discutindo-os a partir das teorias que foram objeto de nossa reflexão no decorrer deste trabalho.

Importa lembrar que não utilizamos os cursos da CENP como um "estudo de caso" - o que significaria nos determos minuciosamente nos documentos, analisando todas as suas possíveis implicações teórico-práticas, tabulando, cruzando e comparando os numerosos fatores e resultados dos programas, as demandas e respostas resultantes, etc. Dever-se-ia ainda, se essa fosse a trilha escolhida, analisar detidamente a preparação dos técnicos, ressaltando possíveis dificuldades, "falhas" e "méritos", verificar até onde a fase de execução estava cumprindo os objetivos propostos ou se afastando

deles. Valeria ainda conferir se as avaliações registradas nos documentos correspondiam à execução do projeto, confrontado objetivos estipulados e resultados obtidos. Também caberia aferir se as expectativas de pais, professores, pessoal técnico envolvido e, principalmente, alunos tinham sido satisfeitas - em que medida e em qual sentido - no decorrer do processo desencadeado. Talvez se pudesse ainda, nesse caso, detectar se todas as questões levantadas pelos alunos foram consequência do não entendimento ou se surgiram exatamente por deficiência nas explicações. Como se percebe, estão agrupados neste parágrafo procedimentos que esboçam todo um novo plano de pesquisa, sem dúvida interessante ao conhecimento de nosso objeto e extremamente promissor - mas isso demanda, certamente, um outro trabalho, superando os limites desta dissertação.

Não fizemos dos cursos da CENP um "estudo de caso", mas os tomamos como um exemplo de curso de educação sexual segundo os moldes comumente encontrados nesses cursos. Analisá-los nesta ótica significou verificar como é desencadeado um processo de educação sexual, que tipo de preparação é dada aos técnicos responsáveis e como um curso deste tipo é recebido pelos alunos. Ou seja, o processo é muito mais simples, limitado e menos meticuloso, mas nem por isso menos eficiente e necessário, dentro da perspectiva de nosso interesse e, ainda, como um passo necessário ao empreendimento da pesquisa sugerida pelas observações do parágrafo anterior.

O primeiro curso foi realizado em 1979/80 para alunos do primeiro e segundo graus, e o segundo em 1984, atingindo prioritariamente os alunos de segundo grau com habilitação ao magistério, ou seja, os futuros professores de educação sexual. Esta segunda experiência nos interessava particularmente: saber como seriam formados os futuros professores da matéria, qual o tempo

dispendido na sua formação específica e o preparo para a transmissão de informações.

A decisão da CENP de colocar em prática os projetos de educação sexual partiu da verificação de necessidades apresentadas por alunos e professores da rede oficial de ensino. Nossa escolha ao analisar estes cursos, nasceu da constatação do significado e importância de que eles estavam revestidos, já que foram os primeiros desse teor assumidos oficialmente pelo Estado.

O quarto capítulo pode ser encarado como a conclusão de todo o processo desenvolvido neste trabalho. Constatamos que não poderíamos considerar educação sexual o fornecimento puro e simples de informações cientificamente corretas sobre o aparelho reprodutor humano. Sendo assim, recorreremos ao conceito de sexualidade definido por Freud e Michel Foucault, duas análises e abordagens diferentes da mesma questão.

A definição freudiana de sexualidade não permite que educação sexual seja a mera transmissão de informações científicas, conforme se pode constatar nas páginas iniciais desta introdução e no primeiro capítulo. Se o ponto de partida for a teoria de Foucault, verificamos que o termo sexualidade carrega em si um dispositivo de poder-saber-dominação, o que implica em explicitar como a sexualidade foi historicamente educada para a repressão.

E preciso decifrar o discurso do sexo presente na estrutura arquitetônica das escolas, no mobiliário, nos uniformes, na organização disciplinar, nos olhares, na imposição do silêncio. É possível constatar que o universo que cerca o jovem estudante está carregado de discursos do sexo, de um sexo reprimido e repressor. É preciso decodificar esse discurso, desmascarar a repressão sob pena de compactuarmos com ela e auxiliar sua perpetuação, integrando os

indivíduos ao status-quo ao invés de alertá-los para as artimanhas do poder. Se é do sexo que se vai tratar numa matéria como essa, é preciso que se fale dele em todas as suas formas, inclusive numa delas, que é a de fazer de conta, muitas vezes, que ele não existe.

Com o auxílio de Foucault retomamos a concepção grega de educação dos jovens, baseada no conceito de arete, diferenciada para cada um dos sexos. Retomamos as concepções médicas da antiguidade que classificavam como normais e patológicas as diferenças dos organismos, a partir do modelo masculino. Revisitamos as concepções gregas a respeito da sexualidade, que toma a masculina como arquetípica, considerando as variações como desvios. Constatamos o poder penetrando nos corpos moldados pelos exercícios físicos. Concluimos que a fragmentação dos corpos exercida pelo Estado, transforma-os em presas fáceis do poder.

Através das reflexões de Foucault, tentamos decodificar vários discursos do sexo onde ele não é mencionado. Com o autor, retomamos as concepções eugenistas, denunciando seus objetivos repressores.

Abandonamos Foucault para finalizar nosso trajeto em companhia de Christiane Olivier, e contarmos a história psíquica do ser humano não mais através do modelo universal do homem/Edipo, mas a partir do mito eterno da mulher/mãe: Jocasta.

Naturalmente, muito fica para ser dito, mas se isso nos preocupa e angustia toda vez que relemos nosso próprio trabalho, não nos conduz à paralisia. Em nenhum momento tivemos a pretensão de esgotar qualquer dos assuntos abordados. Queríamos, isto sim, levantar questões que pudessem suscitar reflexões posteriores acerca de um tema polêmico e, esperamos que, pelo menos em parte, este objetivo tenha sido atingido.

Cabe ainda uma palavra sobre algo que pode parecer à primeira vista um tanto insólito no conjunto deste trabalho. Os capítulos foram entremeados por fragmentos literários. Isto não foi aleatório. A inclusão da literatura de ficção e poesia neste trabalho pode apontar para a idéia de rebatimento/espelhamento, e de como a literatura incorpora e trata a sexualidade. Por outro lado, a referência ao texto literário tem o papel de indicar que aquilo que não é dito na escola é dito na literatura de fácil acesso ao jovem estudante. Por mais estranho e irônico que possa parecer, algumas das obras citadas são adotadas e discutidas em sala de aula.

A seleção dos vários textos que nos acompanharam nesse percurso tem como objetivo fundamentar nosso estudo reconstruindo a argumentação desses especialistas. São também fontes, portanto, objetos de referência no percurso. A citação frequente e muitas vezes extensa procurou descartar a possibilidade de desvirtuar as doutrinas mencionadas, bem como obter um encadeamento lógico. Adotamos assim, como uma estratégia, a citação e a paráfrase de textos dos especialistas na temática que nos instigou a desenvolver este trabalho.

## CAPITULO I

### A DIMENSAO POLITICA DA SEXUALIDADE

- A educação sexual entre o prazer  
e a produção.

"E havia o Enigma. O quebra-cabeças essencial. O diabólico jogo de armar. O Menino juntava os pedaços do puzzle, procurando formar com eles o quadro completo.

Viu um dia no Angico o tio Toribio castrar um cavalo. Na hora do sangue quis fechar os olhos mas o fascínio foi mais forte que o medo.

Terminada a operação o tio voltou-se para ele, empunhando a faca ensanguentada:

Agora vamos capar o Floriano!

O Menino encolheu-se, protegendo com ambas as mãos a preciosidade.

Laurinda soltou uma risada:

Não façam isso! Sem essa coisa como é que ele vai fazer filhos quando ficar homem?

Os piás da estância davam ao Menino lições de sexo, chamando sua atenção para a coreografia amorosa dos animais.

Garanhões empinavam-se sobre éguas.

Touros agrediam vacas com suas rubras espadas incandescentes.

Era ruidoso o amor dos gatos gêmebundos.

Cães aflitos resfolgavam, a língua de fora, em prolongados engates.

Rútilos galos dançavam um breve minueto antes do voo erótico.

E havia também os porcos, as cabras, os insetos...

O Menino estudava ao vivo sua História Natural.

E o que mais o encantava era o amor aéreo das libélulas, com seus grandes olhos de jóia: o macho enlaçava a fêmea e assim unidos realizavam o ato da fecundação num voo que era um bailado iridescente.

Um dia o Menino descobriu por acaso (teria sido mesmo acaso?) como a coisa se passava entre o homem e a mulher. (Um peito e uma chinoca, dentro do bambual, na hora da sesta.) Era como o amor das libélulas. Só que não voavam. Mas era também como o dos cachorros. E isso o assustou".

(Erico Verissimo - O Tempo e o Vento - O arquipélago I)

## CAPITULO I

### A DIMENSÃO POLITICA DA SEXUALIDADE

- a educação sexual entre o prazer e a produção.

"O conceito de homem que emerge da teoria freudiana é a mais irrefutável acusação à civilização ocidental - e, ao mesmo tempo, a mais inabalável defesa da civilização" - é assim que H.Marcuse abre Eros e Civilização. E assim também que começaremos: tentando entender em que medida, segundo a análise de Freud, a sexualidade livre é incompatível com o conceito de civilização. Em outras palavras, pergunta-se qual é, nesse influente ideário, a dimensão política da sexualidade.

Recuperando a argumentação de Freud, Marcuse afirma que a civilização (1) vai converter os impulsos animais em instintos humanos, transformando seus objetivos e suas manifestações. É a cultura que promove essa transformação, quando opera a passagem do instinto de prazer para instinto de realidade. Isso ocorre na medida em que o indivíduo -no nível inconsciente- vive única e exclusivamente na tentativa de obtenção do prazer, evitando qualquer ato que possa dar origem a uma sensação de desprazer. Contudo, a obtenção irrestrita de prazer choca-se com o real, com o meio em que o homem vive. Este impacto coloca o homem em contato com o princípio de realidade. O princípio de realidade supera o princípio de prazer, o homem aprende a renunciar ao

---

(1) Ou a cultura: ambos os termos são utilizados quase que indiscriminadamente por esses autores e também, pelo menos provisoriamente, por nós.

prazer momentâneo, incerto e destrutivo, substituindo-o pelo prazer adiado, restringido mas "garantido".(2)

E através da transformação do princípio de prazer em princípio de realidade que o indivíduo organiza o seu ego e se torna um ser racional, um sujeito das suas ações.

Esse processo ocorre no desenvolvimento do indivíduo ainda durante sua primeira infância (mais precisamente na fase edipiana) quando pais e educadores lhe impõem submissão ao princípio de realidade. Processo análogo poderia ser observado no *gênero humano*. Interessante notar esta aproximação analítica entre o todo social e o organismo-indivíduo: ela sugere que as prescrições curativas impostas ao indivíduo funcionariam de forma análoga para o todo social. Se o indivíduo pode ser analisado do modo acima exposto, e se a sociedade se comporta como o indivíduo, esta é também passível de estudo semelhante. Neste caso a doutrina que privilegia o indivíduo não poderia ser acusada de restritiva: tomando como pressuposto a afirmação do indivíduo como microcosmo do social, a sociedade inclusiva é, por sua vez, um macrocosmo do indivíduo. Ou, nas palavras de Marcuse:

"A substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade é o grande acontecimento traumático no desenvolvimento do homem - no desenvolvimento do gênero (filogênese), tanto quanto do indivíduo (ontogênese). Segundo Freud, esse evento não foi único: repete-se ao longo da história da espécie humana e de cada um de seus indivíduos. Filogeneticamente, ocorre primeiro na horda primordial, quando o pai primordial monopoliza o poder e o prazer, e impõe a renúncia por parte dos filhos. Ontogeneticamente, ocorre durante o período inicial da infância - e a submissão ao princípio de realidade é imposto pelos pais e outros educadores. Mas, tanto no nível genérico como no individual, a submissão é continuamente reproduzida". (3)

---

(2) Marcuse, H. - Eros e Civilização, pp. 34-35, citando Freud, S. "Formulations Regarding the Two Principles in Mental Functioning" in Collected Papers, Londres: Hogarth Press, 1950

A primeira conclusão que poderia sugerir esta forma de raciocínio é que repressão e dominação, enquanto fatos históricos, podem se tornar mais facilmente viáveis porque não são apenas processo exterior ao indivíduo: são, ao mesmo tempo, processo interior: "A luta contra a liberdade reproduz-se na psiquê do homem, como auto-repressão do indivíduo reprimido, e a sua auto-repressão apoia, por seu turno, os senhores e suas instituições. E essa dinâmica mental que Freud desvenda como a dinâmica da civilização".

(4)

O que faz a sociedade assumir esse caráter repressivo? Para Freud são as necessidades econômicas: "... como não tem meios suficientes para sustentar a vida de seus membros sem trabalho por parte deles, (a sociedade) trata de restringir o número de seus membros e desviar as suas energias das atividades sexuais para o trabalho". (5)

Essa canalização de energia sexual para a produtividade representa o segundo grande marco da incompatibilidade entre sexualidade livre e cultura. Marcuse enfatiza estes aspectos da teoria freudiana afirmando:

"Esta concepção é tão antiga quanto a própria civilização e forneceu sempre a mais efetiva racionalização para a repressão. Em considerável medida, a teoria de Freud considera 'eterna' a 'luta primordial pela existência' e, portanto, acredita que o princípio de prazer e o princípio de realidade são 'eternamente' antagônicos. A noção de que uma civilização não repressiva é impossível constitui um dos pilares fundamentais da teoria freudiana. Contudo, a sua teoria contém elementos que transgridem essa racionalização; desfazem a tradição predominante do pensamento ocidental e sugerem até o

---

(3) Idem, ibidem, p.36.

(4) Idem, ibidem, p.37

(5) Idem, ibidem, p.37, citando Freud, A General Introduction to Psychoanalysis (N.York, Garden City Publishing Co., 1943, p.273)

seu inverso. Sua obra caracteriza-se por uma obstinada insistência em expor o conteúdo repressivo dos valores e realizações supremas da cultura. Na medida em que o faz, nega a equação de razão com a repressão em que a ideologia da cultura se fundamenta. A metapsicologia de Freud é uma tentativa sempre renovada para desvendar e investigar a terrível necessidade da vinculação íntima entre a civilização e barbarismo, progresso e sofrimentos, liberdade e infelicidade - uma vinculação que se revela, fundamentalmente, como uma relação entre Eros e Thanatos. Freud discute a cultura não de um ponto de vista romântico ou utópico, mas com base no sofrimento e miséria que sua implementação acarreta. Assim, a liberdade cultural surge-nos à luz da escravidão, e o progresso cultural à luz da coação. Por conseguinte, a cultura não é refutada: escravidão e coação representam o preço que deve ser pago". (6)

Apesar de longa, a citação era necessária na íntegra para indicar que Marcuse critica Freud por defender a necessidade da repressão sexual em nome de uma cultura e, ao mesmo tempo, justifica-o, pela sua tentativa de denunciar o caráter repressivo da cultura e por entendê-la em sua realidade crua.

Na verdade, Marcuse atenua - ou pelo menos relativiza historicamente - as afirmações freudianas sobre a necessidade da repressão enquanto condição de possibilidade para o nascimento da cultura. Mais incisivo é o enfoque de Wilhem Reich que, pelo contrário, acusa Freud de suportar efetivas contradições neste ponto de sua teoria.

#### REICH: AS CONTRADIÇÕES DE FREUD.

---

(6) Marcuse, op.cit., pp.37-38.

Em primeiro lugar, Reich assevera que não é a cultura que deve seu aparecimento à repressão impulsional, mas uma cultura determinada, a "cultura patriarcal em todas as suas formas !" (7)

Isso em absoluto significa invalidar a constatação da natureza anti-social do inconsciente e da necessidade de abstenção impulsional para a adaptação à existência em sociedade. Significa, isso sim, admitir que impulsos reprimidos na infância, por um lado, possibilitam a adaptação cultural e social, mas, por outro lado, implicam a aquisição de uma neurose, que por sua vez prejudica a capacidade de adaptação cultural.

Colocada desta forma, a questão parece paradoxal: a cura não poderia ocorrer através da liberação dos impulsos porque isso significaria, novamente, uma inadaptação cultural do indivíduo. A saída possível não seria reprimir, mas sublimar e condenar. Ou seja, a psicanálise tornaria o indivíduo consciente de seus desejos sexuais reprimidos, e essa consciência possibilitaria o domínio sobre esses desejos, o que não era viável com a repressão anterior.

Para tornar mais clara esta questão vamos utilizar o mesmo exemplo usado por Reich: "Quando a filha dum dignatário nacional-socialista adoece com uma histeria por motivo de desejo reprimido de relações sexuais, preliminarmente tal desejo é reconhecido no tratamento psicanalítico como incestuoso e condenado como tal".(8)

---

(7) Reich, W. - A revolução sexual, p.43, grifos do autor.

(8) Reich, W. op. cit., p.47.

(9) Idem, ibidem, p. 47, citando Freud, vol XI, pp.201 e seg.

(10) Como o termo estase é muito pouco difundido, optamos por apresentar aqui uma primeira e inicial definição, já que o utilizaremos várias vezes no decorrer deste trabalho. Segundo

Ou seja, o desejo incestuoso teve de ser tornado consciente para que pudesse ser condenado. Esse processo estaria dessa forma "resolvido" se a teoria aí aplicada fosse a freudiana, que diz o seguinte:

"Um mal entendido maligno e somente desculpável pela ignorância é considerar que a psicanálise espera conseguir a cura dos males neuróticos pela 'livre expansão da sexualidade'. Quando na análise a pessoa se torna consciente de desejos sexuais reprimidos talvez consiga dominá-los, o que não era possível com a repressão anterior. Pode-se afirmar com razão que a análise liberta o neurótico das algemas de sua sexualidade". (9)

Mas, para Reich, se esta solução (possível) apazigua os ânimos moralistas, ela não resolve a questão, porque tanto a rejeição das atividades impulsionalis quanto a abstenção impulsional estão ligadas à economia da vida impulsional. Isto significa que de alguma forma a estase (10) sexual deve ser liberada, privando os sintomas neuróticos de sua fonte de energia:

"A clínica caráter-analítica ensina que a abstenção duradoura de uma excitação impulsional patológica ou associal somente é possível quando a economia sexual está em ordem, quer dizer, quando não existem represamentos sexuais que emprestam vigor à excitação a rejeitar". (11)

Expressa em outros termos, a proposta de Reich parece, em verdade, simples. Talvez por isso perturbadora: para se curar uma neurose em cuja etiologia encontramos resíduos sexuais, basta capacitar o doente para retomar - ou iniciar - relações sexuais

---

Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira: "Estase é a estagnação do sangue ou de outros humores do corpo".

(11) Reich, W., op.cit., p.48.

satisfatórias e regulares. Neste ponto vamos voltar ao exemplo anterior e analisar o mesmo caso a partir da teoria reichiana:

"Quando a moça, com o auxílio da análise, se livra do pai, ela apenas se liberta das algemas do seu desejo incestuoso, mas não de sua sexualidade em geral (...) a moça somente pode ficar boa se transferir os desejos genitais em relação ao pai para um amigo com quem os satisfaz. (...) Para satisfazer as exigências da economia sexual, a moça não somente precisa ter uma livre sexualidade genital; também necessita de um quarto sossegado, anticoncepcionais, um amigo potente, com vitalidade (...) pais compreensivos e uma atmosfera social sexualmente afirmativa (...)" (11)

Mas como propôr essa cura, aparentemente tão simples, numa sociedade patriarcal baseada na repressão do sexo ? Ou antes, ainda: por que a sociedade ocidental está baseada nessa repressão?

Não vamos nos deter aqui na resposta à segunda questão, já estudada por muitos autores, entre eles o próprio Reich. Por enquanto, basta-nos a evidência de que a moral sexual repressiva prende-se aos interesses de uma sociedade patriarcal, baseada na propriedade privada, que institui o ascetismo para os jovens, a virgindade para as mulheres e o casamento monogâmico, fator de segurança para a paternidade e a herança aos filhos legítimos.

Pelo menos por enquanto, essas constatações talvez nos bastem para percebermos a impossibilidade de "aplicar", simplesmente, a "cura" proposta por Reich. Propôr o fim do ascetismo dos jovens significa permitir experiências sexuais em locais e condições adequadas para que eles possam decidir qual o parceiro(a) que se adapta melhor às suas necessidades sexuais; isso implicaria de imediato no fim do casamento monogâmico compulsivo no sentido religioso e burguês. Podemos perceber que a manutenção do casamento atual implica em não prescindir do

---

(12) Reich, W., op.cit.p.47, grifos nossos.

ascetismo dos jovens assim como a sociedade baseada na propriedade privada dos meios de produção implica na existência do casamento monogâmico nos moldes religiosos e burgueses.

Para Reich,

"O flagelo maciço das neuroses é produzido em três estágios principais da vida humana: na primeira infância, através da atmosfera de um lar neurótico; na puberdade e finalmente no casamento compulsivo, na sua concepção estritamente moralística". (13)

Pode-se dizer que a descoberta da sexualidade das crianças data pelo menos do século passado, a partir das teorias de Freud. Ela é hoje, de certo modo, "natural". Contudo, a grande maioria dos pais não sabe lidar com essa sexualidade, o que leva a atitudes repressoras diante das manifestações do sexo da criança. Com sua expressão natural bloqueada, as crianças acabariam se fixando em algumas etapas da sexualidade infantil, podendo vir a tornar-se adultos com neurose de caráter. Ao impedirem a expressão natural da sexualidade infantil os adultos podem acabar provocando uma "fixação pegajosa" das crianças em relação aos pais, marcada pelo desamparo e pelo complexo de culpa. A principal consequência dessa fixação é que se impede que o indivíduo se liberte da situação da infância com todas as suas inibições e angústias. Se esse problema não for trabalhado a tempo, poderá ser transmitido aos seus filhos, gerando um círculo vicioso de geração a geração.

Na adolescência, quando a sexualidade dos jovens não pode mais ser negada, impõe-se uma nova atitude: a adoção do ascetismo, a partir da idéia de que a abstinência é inofensiva e até mesmo desejável já que essa energia sexual poderia ser canalizada para algo mais "útil". Fecham-se os olhos para

---

(13) Reich, W., A Função do Orgasmo, p. 173

atividades masturbatórias do jovem, contanto que elas não ultrapassem uma certa quantidade e sejam invisíveis à sociedade. A masturbação não significa uma satisfação plena das necessidades orgânicas do jovem em desenvolvimento. Antes, significa que esse organismo tem necessidades sexuais que deveriam ser satisfeitas. Já a adolescente só pode ter a existência de seu sexo socialmente reconhecida após o casamento, mesmo que ele aconteça numa idade tardia.

"A juventude de todas as gerações representa o passo seguinte da civilização. A geração mais velha tenta conservar a juventude no seu próprio nível cultural. Os motivos disto são de natureza predominantemente irracional: a geração mais velha teve de resignar-se - e por isso se sente ameaçada quando a juventude ultrapassa o que ela própria não pode realizar.

A rebelião típica dos adolescentes contra o lar paterno não é uma manifestação neurótica da puberdade, mas uma preparação para a função social que esses jovens terão de desempenhar mais tarde, como adultos. Eles têm de lutar pela sua própria capacidade e pelo seu progresso. Sejam quais forem as tarefas da civilização e cultura que a geração nova tem de enfrentar, é sempre o medo da geração mais velha quanto à sexualidade e ao espírito de luta do jovem o que o inibe" (14).

Não podemos esquecer que a repressão sexual na adolescência atua sobre uma sólida base de repressão já ocorrida nos primeiros impulsos sexuais da infância. Ou seja, a segunda repressão encontra eco na primeira, podendo provocar consequências graves como regressão para a situação da infância, estagnação psíquica, impotência sexual, etc. "E por essa razão que a maior parte das neuroses e psicoses se desenvolve na puberdade". (15)

Com os limites impostos à masturbação, com as restrições (quando não proibições) às atividades sexuais pré-maritais, o casamento aparece como a esfera privilegiada para a vivência da

---

(14) Idem, ibidem, p.174.

(15) Idem, ibidem, p.173.

sexualidade. "...a exigência do ascetismo dos adolescentes tem a intenção de tornar os adolescentes dóceis e casáveis". (16) No entanto, na grande maioria dos casos a decepção não se faz esperar. O casamento, encarado como a possibilidade de resolução das necessidades sexuais, será compartilhado por indivíduos sem nenhuma experiência, ou com inibições sexuais, bloqueios e neuroses adquiridas já desde a primeira infância. "A abstinência pré-marital deveria, em tese, preparar uma pessoa para o casamento. Mas é justamente essa abstinência que cria as perturbações sexuais e dessa forma vai minando o casamento. A satisfação sexual pode prover à base de um casamento feliz. Mas essa mesma satisfação está em desacordo com todos os aspectos da exigência moralística da monogamia vitalícia". (17)

Em síntese, a continuar a atual estrutura moral, o casamento e por consequência a família, alicerce da sociedade patriarcal, tenderiam a desmoronar. Fato indicado atualmente através do aumento significativo de separações e/ou divórcios e do número de jovens que optam pela moradia comum sem os laços matrimoniais legais.

Mas as consequências da moral burguesa são observáveis também num outro campo em que nos deparamos com uma interessante análise de Reich. Segundo o autor, os comportamentos sexuais definidos pela psicanálise como perversões são típicos da repressão sexual na infância e puberdade. Atitudes exibicionistas, voyeiristas, sado-masoquistas, estupros ou violências sexuais, etc., aparecem a partir de atitudes

---

(16) Idem, ibidem, p.174.

(17) Idem, ibidem, pp.175/176

sexualmente repressoras. "A experiência médica ensina que a repressão sexual resulta em doença, perversão ou lascívia". (18)

As consequências do tratamento antinatural da sexualidade podem ser vistas também na improdutividade cultural dos homens e na inferioridade intelectual das mulheres. "(...) meu trabalho clínico me havia convencido firmemente de que o homem sexualmente satisfeito é também o homem mais produtivo no sentido cultural".(19)E ainda: "Poderíamos lembrar que Freud certa vez atribuiu a geral inferioridade intelectual das mulheres à sua maior inibição sexual, acrescentando que a vida sexual é o protótipo do desempenho social". (20)

Reich aproveita este trecho para reforçar mais uma vez as contradições de Freud, que salientava a necessidade da repressão sexual como condição de possibilidade do aparecimento da cultura.

Assim como a capacidade intelectual está diretamente relacionada com a satisfação sexual, assim também a capacidade produtiva no trabalho está relacionada com a forma como a pessoa o encara: como uma obrigação a que tem que se sumeter porque o trabalho possibilita a sobrevivência, ou como uma atividade prazerosa, gratificante, que possibilita uma auto-realização. Qualquer que seja a forma de se relacionar com o trabalho, ela desvenda a forma de se relacionar com sua própria sexualidade. "Para a pessoa que tem uma estrutura genital, a sexualidade é uma experiência de prazer, e nada mais. O trabalho é uma atividade agradável e uma realização. Para o indivíduo moralisticamente

---

(18) Reich, W., A Revolução Sexual, p.96

(19) Idem, A Função dos Orgasmo, p. 192

(20) Idem, A Revolução Sexual, p. 98

estruturado, o trabalho é um dever cansativo, ou apenas uma necessidade material". (21)

Até agora temos observado alguns efeitos provocados por procedimentos repressivos com relação à sexualidade humana e podemos perceber que "a causa imediata de muitos males assoladores pode ser determinada pelo fatode que o homem é a única espécie que não satisfaz a lei natural da sexualidade".(22)E o que seria a satisfação natural da sexualidade? "Biologicamente o organismo humano são necessita de 3 ou 4 mil atos sexuais ao longo dos 30 ou 40 anos em que é genitalmente ativo. A moralidade e o ascetismo postulam que, mesmo no casamento, o prazer sexual deve servir apenas aos propósitos da procriação. Levado às últimas consequências, isto significa no máximo 4 atos sexuais durante uma vida. As autoridades dizem 'sim' a isto, e as pessoas sofrem caladas ou tapeiam e se tornam hipócritas" (23). Tapear significa a aquisição de complexos de culpa, não tapear significa atender às necessidades naturais sem que isso signifique necessariamente procriação. Ou seja, os métodos anticoncepcionais se fazem indispensáveis, mas, na maioria dos países dominados por essa moral repressiva eles são proibidos. Mais uma vez, Reich denuncia o caráter absurdo das proibições quanto ao uso dos anticoncepcionais, mostrando que essa restrição "causa, nas mulheres, perturbações sexuais e medo da gravidez que, por sua vez, ressuscitam as angústias sexuais da infância e destroem os casamentos. Os elementos do caos sexual são interrelacionados. A

---

(21) Idem, A Função dos Orgasmo, p. 160

(22) Idem, Ibidem, p. 18

(23) Reich, W., A Função do Orgasmo, p. 176

proibição da masturbação na infância reforça na mulher a angústia de sentir a vagina penetrada ou tocada, levando-a a temer o uso dos meios anticoncepcionais (...) Havendo medo da gravidez, nem a mulher nem o homem podem experimentar satisfação. Aproximadamente 60% da população masculina adulta pratica o *coitus interruptus*. Isso causa a estase sexual e o nervosismo em massa" (24)

Se para Reich a auto-regulagem das energias vitais é um processo natural, esse processo é contudo violentado pela cultura moralista que impede a liberação de tais impulsos. Os impulsos contidos vão se manifestar na ânsia de prazer que caracteriza o homem moderno: esta é a essência do medo da vida independente. Esta é a base do "isolamento, da indigência, do desejo de autoridade, do medo à responsabilidade, do anseio mítico, da miséria sexual e da revolta neuroticamente impotente, assim como de uma condescendência patológica".(25)

Mas não só. As consequências da moral sexual repressiva se fazem sentir nas enfermidades psíquicas dos indivíduos que, na realidade, constituem um reflexo do caos sexual da sociedade. Não pode passar indiferentemente o enorme número de neuroses, psicoses, esquizofrenias, etc. que acometem o homem moderno. E, no entanto, "as barreiras com que a sociedade moderna envolve a vida sexual são tão grandes que o doente que sai penosamente da neurose prefere voltar a mergulhar nela, no seu conforto. O doente tinha soçobrado por causa da proibição sexual da infância e agora não podia alcançar a cura, ou muito dificilmente, devido à privação sexual imposta do exterior".(26)

---

(24) Idem, ibidem, pp.176/177

(25) Idem, ibidem, p.16

(26) Idem, A Irrupção da moral Sexual Repressiva, p.XI

Na trajetória de nossa argumentação, até este ponto, seguindo os passos de Marcuse e Reich, podemos resumir pelo menos algumas das idéias aí sugeridas:

- \* a estrutura familiar patriarcal estabeleceria uma educação que desemboca no desequilíbrio sexual de seus membros;
- \* a sociedade provocaria um conflito entre a sexualidade e um meio exterior privativo responsável pelas neuroses;
- \* a repressão da sexualidade natural tornaria as pessoas doentes e anti-sociais;
- \* a estase sexual provocada pela repressão criaria neuroses em massa.

Diante dessas constatações (ou pelo menos hipóteses), a pergunta de Reich torna-se inevitável: "Nunca seria possível vencer a hipocrisia moralística, que mutila as nossas crianças e os nossos adolescentes?" (27)

#### FREUD: ENTRE A FELICIDADE E A SEGURANÇA(\*)

---

(27) Idem, A Função do Orgasmo, p.187

(\*) Neste capítulo utilizaremos as Obras Completas de Freud da Standard Brasileira a qual, apesar de ser considerada a melhor tradução para o português, possui algumas incorreções com relação a conceitos, já que não parte do original alemão e sim da versão inglesa. Um desses conceitos -instinto sexual- que utilizamos no decorrer de todo este capítulo no sentido empregado pela Standart Brasileira, é definido pelo Vocabulário da Psicanálise de J.Laplanche e J.B.Pontalis de forma diferente. Por isso, achamos por bem apresentar esta última e mais correta definição: " A) Instinto= classicamente, esquema de comportamento herdado, próprio de uma espécie animal que pouco varia de um indivíduo para outro, que se desenrola segundo uma sequência temporal pouco susceptível de alterações e que parece corresponder a uma finalidade. B) Termo utilizado por certos autores psicanalíticos franceses como tradução ou equivalente do termo freudiano *Trieb*, para o qual, numa terminologia coerente, convém recorrer ao termo pulsão."

A educação é um tema que esteve presente nas reflexões de Freud, enquadrando-se, porém, com frequência, no interior de outro tema: o da civilização enquanto responsável pela grande maioria das doenças nervosas do homem moderno e pelo grande aumento de neuroses no século XIX. Isto porque optar pela civilização implica em abdicar dos instintos de agressão e principalmente dos instintos sexuais. Propositamente a frase anterior está colocada no presente já que esta atitude não teria ocorrido apenas uma vez, no momento em que a humanidade optou pela civilização: ela ocorre em cada homem, é como que reiterada cada vez que um indivíduo nasce e principia a viver na civilização. "Acreditamos que a civilização foi criada sob a pressão das exigências da vida, à custa da satisfação dos instintos; e acreditamos que a civilização, em grande parte, está sendo constantemente criada de novo, de vez que cada pessoa, assim que ingressa na sociedade humana, repete esse sacrifício da satisfação instintual em benefício de toda a comunidade". (28)

Para Freud o homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança. Esta passagem de Freud sugere com relativa facilidade - e acreditamos que com alguma procedência - ao tema do pacto social hobbesiano:

---

Pulsão= Processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, factor de motricidade) que faz tender o organismo para um alvo. Segundo Freud, uma pulsão tem a sua fonte numa excitação corporal (estado de tensão); o seu alvo é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no objecto ou graças a ele que a pulsão pode atingir seu alvo". Podemos perceber que o mais correto seria falar em pulsão sexual e não em instinto sexual como fazemos e faz a tradução para o português. (28) Freud, S. Conferências Introdutórias sobre Psicanálise, p.36, v.XV.

a necessidade de supor a existência de um contrato (dito ou silencioso) garantindo aos homens a segurança de sobreviver:

"E dado que a condição do homem é uma condição de guerra de todos contra todos, sendo neste caso cada um governado por sua própria razão, e não havendo nada, de que possa lançar mão, que não possa servir-lhe de ajuda para a preservação de sua vida contra seus inimigos. Segue-se daqui que numa tal condição todo homem tem direito a todas as coisas, incluindo os corpos dos outros. Portanto, enquanto perdurar este direito de cada homem a todas as coisas, não poderá haver nenhum homem (por mais forte e sábio que seja) a segurança de viver todo o tempo que geralmente a natureza permite aos homens viver. (...) Que um homem concorde, quando os outros também o façam, e na medida em que tal considere necessário para a paz e para a defesa de si mesmo, em renunciar seu direito a todas as coisas, contentando-se em relação aos outros homens, com a mesma liberdade que aos outros homens permite em relação a si mesmo. Porque enquanto cada homem detiver seu direito de fazer tudo quanto queira todos os homens se encontrarão numa condição de guerra".(29)

Esse tema é importante para Freud - ele vai retomá-lo em outro texto: "Nossa civilização repousa, falando de modo geral, sobre a supressão dos instintos. Cada indivíduo renuncia a uma parte de seus atributos; a uma parcela do seu sentimento de onipotência ou ainda das inclinações vingativas ou agressivas de sua personalidade. Dessas contribuições resulta o acervo cultural comum de bens materiais e idéias. Além das exigências da vida, foram sem dúvida os sentimentos familiares derivados do erotismo que levaram o homem a fazer esta renúncia, que tem progressivamente aumentado com a evolução da civilização". (30)

---

(29) Hobbes, T. - Leviatã, I, cap XIV, pp.82-83, Ed. Abril, S.Paulo, 1974, grifos do autor. Esta aproximação - um pouco temerária até mesmo porque tão rápida - entre autores separados por séculos e milhas de distância parece-nos sugerir uma necessidade, a de aprofundá-la até para compreender justamente o que temos sugerido, o caráter decisivo desses "imaginários" para entender a cultura dos tempos modernos. Contudo, essa reflexão - imprescindível e, parece-nos, proveitosa - nos levaria muito longe da pretensão deste trabalho e da competência de sua autora.  
(30) Freud, S. Moral Sexual 'Civilizada' e Doença Nervosa Moderna, vol IX, p. 192

Mas de todos os instintos, aquele que o homem teve de sacrificar com maior vigor foi o instinto sexual - ou os instintos sexuais já que aí se reconhecem vários constituintes - que no homem, diferentemente dos animais superiores, não é periódico, mas contínuo, e tem seu início na infância. Dizer que os instintos sexuais no homem são contínuos - e, ao mesmo tempo que o seu controle é a marca da cultura - significa dizer que o homem, no decorrer de toda sua vida, terá de travar uma luta sem trégua para conquistar seu lugar na civilização. A atitude que o homem vai assumir nessa luta é o resultado de suas atividades sexuais psíquicas. "O comportamento sexual de um ser humano frequentemente constitui o protótipo de suas reações ante a vida".(31)

Importa destacar - aproveitando este paralelo com Hobbes, tão apenas sugerido - que as reflexões de Freud não se limitam portanto a uma teoria da sexualidade em sentido estrito (o que aliás não seria pouco), mas a um pensar a vida civilizada na sua própria natureza, gênese, limites, condicionantes, inclusive e talvez principalmente pensar o modo pelo qual o homem é educado socialmente a viver/entender a sua sexualidade - ou ainda, o modo pelo qual é educado a viver/entender socialmente a sua sexualidade (o que são duas coisas interligadas mas ligeiramente distintas).

Assim, retomando e simplificando o exemplo de Freud, o homem que mostra firmeza na conquista de seu objeto amoroso mostraria a mesma firmeza na conquista de outros objetivos na vida. Já aquele que, em contrapartida, renuncia à satisfação de seus instintos

---

(31) Idem, ibidem, p.203.

sexuais terá um comportamento pouco enérgico, pouco decidido, diante de outros aspectos da vida. Já as mulheres teriam uma educação reprimida não só ao nível dos atos e da fala, mas também ao nível do pensamento, daí que uma das características de seu sexo seja uma inferioridade intelectual que nada mais é que o protótipo de suas atitudes nos diferentes aspectos da vida, resultante de uma educação sexualmente repressiva. "A educação das mulheres impede que se ocupem intelectualmente dos problemas sexuais embora o assunto lhes desperte uma extrema curiosidade, e as intimida condenando tal curiosidade como pouco feminina e como indício de disposição pecaminosa. Assim a educação as afasta de qualquer forma de pensar, e o conhecimento perde para elas o valor"(32)

O comportamento sexual do homem não apenas constituiria seu modelo de conduta diante da vida, mas participaria também na formação de doenças psíquicas. Freud afirma que na etiologia da histeria encontram-se fatores sexuais:

"Apenas as mais laboriosas e detalhadas investigações converteram-me, e bastante lentamente, à concepção que hoje sustento. Se submeterem ao mais rigoroso exame minha afirmação de que a etiologia da histeria repousa na vida sexual, os senhores verificarão que ela é confirmada pelo fato de que, em dezoito casos de histeria (ou seja, todos os casos em que pude realizar o trabalho de análise) pude descobrir essa conexão em cada sintoma isolado e, onde o permitiram as circunstâncias, pude confirmá-lo pelo sucesso terapêutico". (33)

(32) Idem, ibidem, p.202, grifos do autor

(33) Idem, A Etiologia da Histeria, p. 186, vol. III, grifo do autor. Interessante notar neste trecho, além dos argumentos que se prendem diretamente ao tema de nosso trabalho, a exposição do método de investigação e prova adotado pelo autor: a observação de todos os casos possíveis na busca de verificação de sua hipótese (a etiologia sexual da histeria) a busca de contraprovas em novos casos (não sendo possível encontra-las), e por fim a correlação dos elementos comuns em todos os casos analisados, que comprovam a hipótese inicial. Para tornar mais claro esse procedimento, vale a pena citar na íntegra esta passagem: "Apenas as mais laboriosas e detalhadas investigações converteram-me, e bastante lentamente, à concepção que hoje sustento. Se submeterem ao mais rigoroso exame minha afirmação de que a etiologia da histeria repousa na vida sexual, os senhores verificarão que ela é confirmada pelo fato de que, em dezoito casos de histeria, pude descobrir essa conexão em cada sintoma isolado e, onde o permitiram as circunstâncias, pude confirmá-lo pelo sucesso terapêutico. Sem

Ou ainda,

"Mas a descoberta mais importante a que chegamos, quando uma análise é sistematicamente conduzida, é a seguinte, qualquer que seja o caso e qualquer que seja o sintoma que tomemos como pontos de partida, no fim chegamos infalivelmente ao campo da experiência sexual. Aqui, portanto, pela primeira vez parece que descobrimos uma precondição etiológica dos sintomas histéricos". (34)

Também na neurastenia encontramos motivos sexuais em sua etiologia, só que neste caso estes são sempre contemporâneos:

"A neurastenia sempre pode ser reportada a um estado do sistema nervoso como o que é adquirido pela masturbação excessiva ou decorre espontaneamente de emissões frequentes". (35)

Ou, ainda, nas neuroses de angústia:

"(...) a neurose de angústia revela sistematicamente influências sexuais que têm em comum o fator da continência ou da satisfação incompleta - como o coito interrompido, a abstinência ao lado de uma libido viva, a chamada excitação não consumada, e outros. Em meu breve artigo que tencionou apresentar a neurose de angústia é sempre a libido que foi desviada de seu emprego (normal)". (36)

E mais: "em todo caso de neurose há uma etiologia sexual (...) nas psiconeuroses os fatores são de natureza infantil". (37)

---

dúvida, os senhores poderão levantar a objeção de que a décima nona ou a vigésima análise mostre que os sintomas histéricos derivam também de outras fontes, assim reduzindo a validade universal da etiologia sexual a uns oitenta por cento. Mas claro, vamos esperar para ver ! No entanto, já que esses dezoito casos são ao mesmo tempo, todos os casos em que pude realizar o trabalho da análise, e já que não foram selecionados por ninguém visando a minha conveniência, os senhores hão de considerar compreensível que eu não compartilhe essa expectativa, mas esteja disposto a deixar minha crença adiantar-se à força comprobatória das observações que fiz até agora. Além disso, sou também influenciado por outro motivo, que no momento é de valor meramente subjetivo. Na única tentativa que pude fazer de explicar o mecanismo fisiológico e psíquico da histeria, para correlacionar minhas observações, passei a encarar a participação das forças motivadoras sexuais como uma premissa indispensável."

(34) Idem, Ibidem. p. 185, grifos do autor.

(35) Idem, A Sexualidade na Etiologia das Neuroses, p.240, vol. III

(36) Idem, Ibidem, p.240

(37) Idem, Ibidem, p. 240

Esses exemplos da influência do fator sexual na etiologia das doenças psíquicas são suficientes para que percebamos a importância da sexualidade na determinação do comportamento humano.

A religião teria uma influência direta no quadro acima, aprovando as renúncias sexuais como sacrifícios à divindade. A atuação da religião aparentemente baseia-se na capacidade do homem de deslocar sua libido da satisfação sexual para a produção, capacidade denominada de sublimação(\*), solução assumida por Freud como satisfatória no sentido de evitar, ou desmanchar uma neurose provocada pela repressão da libido:

"Uma vez restituído à atividade mental consciente aquilo que fora reprimido - e isso pressupõe que consideráveis resistências tenham sido desfeitas - o conflito psíquico que desse modo se originara e que o doente quis evitar, alcança, orientado pelo médico, uma solução mais feliz que a oferecida pela repressão. Há várias dessas soluções para rematar satisfatoriamente conflito e neurose, as quais, em determinados casos podem combinar-se entre si. Ou a personalidade do doente se convence de que repelira sem razão o desejo e consente em aceitá-lo total ou parcialmente, ou este mesmo desejo é dirigido para um alvo irrepreensível e mais elevado (o que se chama "sublimação" do desejo) ou, finalmente, reconhece como justa a repulsa".(38)

Na 5a. Lição de Psicanálise, Freud relata o seguinte:

"Conhecemos uma solução muito mais conveniente, a chamada 'sublimação', pela qual a energia dos desejos infantis não se anula mas ao contrário permanece utilizável, substituindo-se o alvo de algumas tendências por outro mais elevado, quicá não mais de ordem sexual. Exatamente os componentes do instinto sexual se caracterizam por essa faculdade de sublimação, de permutar o fim sexual por outro mais distante e de maior valor

---

(\*) Sublimação é outro conceito freudiano que suscita discussões. Alguns autores colocam que qualquer pulsão sexual pode ser desviada para o trabalho, sendo, dessa forma, sublimada. Outros autores consideram que somente a energia das pulsões parciais é que seria sublimada num trabalho artístico ou intelectual. Para Laplanche e Pontalis "A ausência de uma teoria coerente da sublimação mantém-se uma das lacunas do pensamento psicanalítico".

(38) Idem, Cinco Lições de Psicanálise, 2a. Lição, p.28, vol.XI

social. Ao reforço de energia para nossas funções mentais, por essa maneira obtido, devemos provavelmente as maiores conquistas da civilização".(39)

Nestes trechos, Freud oferece aos seus críticos um sólido argumento quando reconhece que a libido pode ser canalizada para "alvos irrepreensíveis e mais elevados" do que a própria satisfação através da relação sexual; poder-se-ia, talvez, subentender que o sexo não seria irrepreensível e elevado. No texto posterior O Mal-estar da Civilização, de 1929 - as Cinco Lições de Psicanálise é de 1909 -Freud refreia seu entusiasmo inicial com a descoberta das possibilidades de sublimação da libido sexual e toma um cuidado maior com suas inferências. Além disso, parece dar-se conta de alguns dos limites na aplicação de seu método, já que, por exemplo, poucas seriam as pessoas capazes desse deslocamento, como veremos mais adiante. Apesar desses cuidados com suas afirmações posteriores, ele não seria poupado de críticas, principalmente as de Reich como verificamos anteriormente.

Vale citar, para evitar parcialidade e remeter a reflexões que interessam sobremaneira à nossa investigação, esta longa passagem extraída do artigo O Mal-estar da Civilização :

"Outra técnica para afastar o sofrimento reside no emprego dos deslocamentos de libido que nosso aparelho mental possibilita e através dos quais sua função ganha tanta flexibilidade. A tarefa aqui consiste em reorientar os objetivos instintivos de maneira que eludam a frustração do mundo externo. Para isso, ela conta com a assistência da sublimação dos instintos. Obtem-se o máximo quando se consegue intensificar suficientemente a produção de prazer a partir das fontes de trabalho psíquico e intelectual. Quando isso acontece, o destino pouco pode fazer contra nós. Uma satisfação desse tipo, como, por exemplo, a alegria do artista em criar, em dar corpos às suas fantasias, ou a do cientista em solucionar problemas ou descobrir verdades, possui uma qualidade

---

(39) Idem, Ibidem, 5a. Lição, p.50

especial, que, sem dúvida, um dia poderemos caracterizar em termos metapsicológicos. Atualmente, apenas de forma figurada, podemos dizer que tais satisfações parecem 'mais refinadas e mais altas'. Contudo, sua intensidade se revela muito tênue quando comparada com a que se origina da satisfação de impulsos instintivos grosseiros e primários; ela não convulsiona nosso ser físico. E o ponto fraco desse método reside em não ser geralmente aplicável, de uma vez que só é acessível a poucas pessoas. Pressupõe a posse de dotes e disposições especiais que, para qualquer fim prático estão longe de serem comuns. E mesmo para os poucos que os possuem, o método não proporciona uma proteção completa contra o sofrimento. Não cria uma armadura impenetrável contra as investidas do destino e habitualmente falha quando a fonte do sofrimento é o próprio corpo da pessoa." (40)

Existe uma diferença entre as capacidades de sublimação masculina e feminina. As mulheres não teriam a mesma aptidão para sublimar. É característico das mulheres seu envolvimento com a família e com o sexo. Segundo Freud, as mulheres representariam os interesses da família e da vida sexual. Nesse sentido, elas reivindicariam mais dos homens, os quais por sua vez, se envolvem mais facilmente com o trabalho produtivo dispendendo nesse campo grande quantidade de energia. Como a energia não é ilimitada, ela deve ter sido retirada de algum outro campo para poder ser empregada neste. Este outro campo é sua relação familiar e sua atividade sexual. "Dessa maneira a mulher se descobre relegada a segundo plano pelas exigências da civilização e adota uma atitude hostil para com ela". (41)

Em síntese, a capacidade de deslocar a libido da satisfação sexual para atividades produtivas depende da capacidade de sublimação da pessoa. Aqueles que não têm essa capacidade de deslocamento poderiam fixar seu instinto de forma obstinada levando à anormalidade. Mas, para aqueles que não encontram na

---

(40) Idem, O Mal-estar da Civilização, pp.98-99 vol. XXI, grifos nossos.

(41) Idem, Ibidem, p. 124

sublimação a possibilidade de deslocar sua libido, e acabaram por produzir neuroses a partir da repressão de sua energia sexual resta ainda substituir o mecanismo da repressão por um julgamento de condenação:

"Que acontece geralmente com os desejos inconscientes libertados pela psicanálise? Quais os meios por cujo intermédio pretendemos torná-los inofensivos à vida do indivíduo? Desses meios há vários. O resultado mais frequente é que os mesmos desejos, já durante o tratamento são anulados pela ação mental bem conduzida, dos melhores sentimentos contrários. A repressão é substituída pelo julgamento de condenação efetuado com recursos superiores. Isso é possível porque quase sempre temos de remover tão somente consequências de estados evolutivos do ego. Como o indivíduo nessa época ainda se achava incompletamente organizado não pode senão reprimir o instinto inutilizável; mas na força e madureza de hoje, pode talvez dominar perfeitamente aquilo que lhe é hostil". (42)

A temática da sublimação tem uma relação íntima com dois outros temas, também contemplados nas reflexões de Freud; as relações entre sexualidade prazerosa e sexualidade reprodutiva, e a questão do malthusianismo.

Para Freud, o instinto sexual no homem não serve originalmente aos propósitos da reprodução mas à obtenção do prazer. Isto pode ser observado desde a infância quando na busca do prazer a criança explora não somente os genitais mas várias partes do corpo classificadas como zonas erógenas, é a fase do auto-erotismo. "(O instinto sexual) é antes de tudo independente da função procriadora a cujo serviço mais tarde se há de pôr. Serve para dar ensejo a diversas espécies de sensações agradáveis que nós, pela suas analogias e conexões, englobamos como prazer sexual".(43) A educação visa a restrição do auto-erotismo para propiciar o aparecimento do amor objetual e a subordinação das

---

(42) Idem, Cinco Lições de Psicanálise, 5a. Lição, p. 49.

(43) Idem, Ibidem, 4a.Lição, p.41.

zonas erógenas à primazia dos genitais postos a serviço da reprodução.

A moral sexual civilizada admite somente a reprodução legítima como meta sexual. Isso implicaria na permissão de relações sexuais somente após o casamento; até aí a civilização exige a abstinência absoluta. A posição das autoridades, defendida também pela chamada classe médica, é a de que a abstinência sexual não é nociva nem árdua. Para Freud, se a retardação da atividade sexual não é nociva até aproximadamente os vinte anos, após essa idade, se mantida por longo tempo, pode acarretar problemas. Mesmo quando não implica a aquisição de neuroses, faria outros inconvenientes de menor peso, como por exemplo o de consumir toda a energia do jovem na tentativa de conter sua sexualidade. Não lhe sobraria nenhuma energia para aplicar na "conquista do seu lugar" na sociedade: "a tarefa de dominar um instinto mais poderoso quanto o instinto sexual, por outro meio que não a sua satisfação, é de tal monta que consome todas as forças do indivíduo".(44) E mais adiante, numa declaração até mais contundente:

" Em geral não me ficou a impressão de que a abstinência sexual contribua para produzir homens de ação enérgicos e autoconfiantes, nem pensadores originais ou libertadores e reformistas audazes. Com frequência bem maior, produz homens fracos mas bem comportados, que mais tarde se perdem na multidão que tende a seguir, de má-vontade, os caminhos apontados por indivíduos fortes".(45)

A abstinência total na juventude não é a melhor preparação para o casamento. Uma supressão sexual por longo tempo pode provocar danos permanentes tanto no caso dos homens, quanto no

---

(44) Idem, Moral Sexual Civilizada, p.198.

(45) Idem, Ibidem, p.202.

das mulheres. Para estas a repressão se dá até mesmo no nível dos sentimentos. Quando a mulher recebe a autorização para apaixonar-se, não está "apta" a essa realização psíquica:

" Em consequência dessa retardação artificial de suas funções eróticas, ela nada tem a oferecer além de desapontamentos ao homem que poupou todos os seus desejos para ela. Seus sentimentos mentais permanecem presos aos seus genitores, cuja autoridade acarretou a supressão de sua sexualidade, e em seu comportamento físico revela-se frígida, privando o homem de um maior prazer sexual. Não sei se este tipo de mulher anestesiada aparece fora da educação civilizada, embora o considere muito provável, mas certamente essa educação o produz, e essas mulheres que concebem sem prazer mostram-se pouco dispostas a enfrentar as dores de partos frequentes. Assim, a própria preparação do casamento faz malograr os seus designios. Quando mais tarde esse atraso do desenvolvimento da esposa é superado e sua capacidade de amar é despertada no clímax de sua vida de mulher, há muito se deteriorou sua relação com o marido; e, como recompensa da docilidade anterior, resta-lhe a escolha entre o desejo insatisfeito, a infidelidade ou uma neurose".(46)

Estas passagens, longamente citadas, podem sugerir muitas perguntas. Uma delas é: até onde nossa "moral sexual civilizada" não utiliza a abstinência sexual para produzir, propositalmente, este tipo de homens descrito por Freud na primeira citação ? Em outras palavras, utilizando a abstinência nos jovens com o pretexto de forjar homens enérgicos produzir-se-ia, intencionalmente, homens submissos que se limitariam a seguir, mesmo de má vontade, caminhos preestabelecidos.

Num segundo momento, a supressão sexual, no caso feminino, alcança os objetivos propostos quando obtém a anestesia das mulheres, mesmo quando se lhes permite viver sua sexualidade: obtem-se um sexo em função da procriação, desconhecendo o prazer e preservando, dessa forma, os princípios religiosos de sua educação.

---

(46) Idem, Ibidem, pp. 202-203.

Verificamos que a preparação para o casamento revela-se, do ponto de vista do indivíduo, um absoluto fracasso. E de se esperar, talvez, que as relações sexuais sejam liberadas após as núpcias. Contudo, mesmo após o casamento legítimo não existe liberdade para as relações sexuais, já que a moral sexual restringe as relações aos atos procriadores. Após os quatro ou cinco anos iniciais do casamento, quando as relações podem ser satisfatórias - e mesmo assim retirando-se os períodos de abstinência exigidos pela saúde da mulher - o casamento torna-se um fracasso no aspecto da satisfação sexual devido as práticas anticoncepcionais adotadas, que em geral reduzem o prazer, ferem a sensibilidade do casal e podem até causar doenças.

E no contexto dessas reflexões sobre as práticas anticoncepcionais que se introduz a questão do malthusianismo, mais uma característica da "nossa moral sexual civilizada". Para Freud, sua prática médica tem evidenciado que entre a classe média as propostas malthusianas ganharam cada vez mais espaço:

"Tenho encontrado alguns casais que já começaram a praticar métodos para impedir a concepção tão logo tiveram seu primeiro filho, e outros cujas relações sexuais, desde a noite de núpcias, foram praticadas de modo a atender esse objetivo. O problema do malthusianismo é extenso e complexo, e não tenho a intenção de abordá-lo aqui da maneira exaustiva que seria necessária para o tratamento das neuroses".(47)

Embora essa questão não tenha sido abordada nos textos posteriores, fica claro que a crítica de Freud choca-se contra a obrigatoriedade da anticoncepção por motivos políticos ou econômicos, como propõem os malthusianos, já que pessoalmente Freud é a favor da limitação da concepção desde que seja por

---

(47) Idem, A Sexualidade na Etiologia das Neuroses, p. 247, vol.III.

desejo do casal. E o que ele afirma um pouco mais adiante no mesmo ensaio, juntamente com sua preocupação com o efeito inócuo, nos níveis físico e psíquico, dos métodos a serem adotados:

"(...) é necessário fornecer a um casal que tencione limitar o número de seus filhos assistência da orientação médica, se não quiser expor um ou ambos os seus membros a uma neurose. Não se pode negar que, em qualquer casamento, as medidas malthusianas se tornarão necessárias num ou noutro momento; e, do ponto de vista teórico, seria um dos maiores triunfos da humanidade, uma das mais tangíveis liberações das restrições da natureza a que está sujeita a espécie humana, se pudessemos elevar o ato responsável de procriar filhos ao nível de uma atividade deliberada e intencional, libertando-o de seu embaraçoso envolvimento com a satisfação necessária de uma necessidade natural".(48)

Para Freud, métodos anticoncepcionais inócuos e seguros seriam aqueles que não diminuíssem a sensação de prazer do coito e não ferissem a sensibilidade dos parceiros sexuais. Mas enquanto esses métodos não existem o que acontece na realidade é que o temor da gravidez acaba produzindo o término da afeição física e das afinidades psíquicas do casamento, levando os parceiros à mesma abstinência que existia antes do casamento. Mas com um agravante: perdem as ilusões e as expectativas. Os homens lançam mão da parcela de liberdade que a moral sexual civilizada lhes permite, contraindo relações sexuais clandestinas e fora do casamento. Para as mulheres, ao lado da decepção com o casamento restam graves neuroses. Na cura para estas neuroses estaria a infidelidade conjugal.

#### Freud e a Educação Sexual das Crianças

---

(48) Idem, Ibidem, p. 247.

A pergunta das crianças sobre o primeiro grande problema da vida - de onde vêm os bebês? - os adultos costumam responder de forma evasiva ou com explicações mitológicas, quando não repreendem as crianças por sua curiosidade. Através dessas atitudes, os adultos, que representavam aos olhos das crianças a fonte de todo o conhecimento, de todo o saber, produzem decepções com essas respostas. A decepção abre espaço para a desconfiança e a suspeita de que os adultos escondem algo proibido:

"Com isso, entretanto, a criança experimenta o seu primeiro 'conflito psíquico', pois certas concepções pelas quais sente uma preferência instintual não são consideradas corretas pelos adultos e contrapõem-se a outras defendidas pela autoridade dos mais velhos, as quais, entretanto, não lhe parecem aceitáveis. Esse conflito psíquico logo pode transformar-se numa 'dissociação psíquica'. O conjunto de concepções consideradas 'boas', mas que resultam numa cessação da reflexão, torna-se o conjunto das concepções dominantes e conscientes, enquanto o outro conjunto, a favor do qual o trabalho de investigação infantil coligiu novas provas, as quais entretanto não devem ser consideradas, torna-se o conjunto das opiniões reprimidas e inconscientes. Está assim formado o complexo nuclear de uma neurose". (49)

Na verdade o que está sendo dito acima é, entre outras coisas, que a criança imagina qual seria a resposta para a primeira interrogação de sua vida. As respostas apressadas dos adultos contribuem para a formação de um bloqueio na nascente capacidade de investigação infantil. A criança não se contenta com respostas evasivas ou enganadoras. Há então, para ela, duas alternativas. No primeiro caso, persegue a nível interior uma resposta condizente com sua curiosidade - e aí os adultos não têm mais espaço de penetração nesse mundo interior simplesmente porque não são merecedores de confiança. No segundo caso, a curiosidade é reprimida possibilitando a formação de uma neurose.

---

(49) Freud, S., Sobre as Teorias Sexuais das Crianças, vol. IX, p.217

Para Freud as crianças devem ser esclarecidas sexualmente, o que lhe parece tão óbvio que ele mesmo se recusa a entender divergências de opinião a respeito disso. A questão que se coloca é: quais os motivos que levam os adultos à recusa desse esclarecimento? "Certamente são apenas a pudicícia usual dos adultos e sua má consciência em relação a assuntos sexuais que os induzem a criar todo esse mistério diante das crianças, mas é possível que também uma certa ignorância teórica desempenhe seu papel nessa atitude, ignorância que pode ser remediada dando aos adultos algum esclarecimento" (50). Neste mesmo texto Freud relata o caso de uma menina de onze anos, vítima de neurose originada, entre outros motivos, por perguntas inconscientes não respondidas e que termina por suicidar-se.

Outras crianças reagem às perguntas não respondidas de outro modo: tornando-se rebeldes, de imediato contra a autoridade dos pais, e mais tarde contra qualquer autoridade.

Não responder às perguntas das crianças poderia levá-las a acreditar que os assuntos relacionados ao sexo são mais misteriosos do que qualquer outro assunto. Até os dez anos, a criança deveria ser esclarecida sobre os fatos específicos da sexualidade humana, sobre a significação social desta e, ainda, segundo Freud, essas informações não devem ser fornecidas pelos pais somente porque suas próprias informações são falhas e em virtude de seus próprios recalques: "A maior parte das respostas à pergunta 'Como contar a meus filhos?' dá, pelo menos a mim, uma impressão tão lamentável que eu preferiria que os pais não se

---

(50) Idem, O Esclarecimento Sexual das Crianças, p. 138, vol. IX

ocupassem desse esclarecimento"(51). Por isso a escola talvez fosse o local ideal para fornecer esse tipo de informação de forma gradual, sem interrupções e levando em conta o desenvolvimento da criança, conclui Freud.

### Conclusão

Freud não chega a formular propostas tão explícitas como as de Reich, mas não nos é difícil perceber que ele se opõe a essa moral sexual civilizada, aos sacrifícios que impõe aos homens e ao número de neuroses que acaba por provocar. Sua hostilidade a essa atitude fica clara quando lemos, na 4a. Lição de Psicanálise que "o sol e o ar em nosso mundo civilizado não são realmente favoráveis à atividade sexual" (52), ou quando no mesmo texto, encontramos a crítica às atitudes dos homens e sua falta de franqueza com relação às questões sexuais: "Em matéria sexual os homens são em geral insinceros. Não expõem a sua sexualidade francamente; saem recobertos de espesso manto, tecido de mentiras, para se resguardarem, como se reinasse um temporal terrível no mundo da sexualidade". (53)

Em outro texto, Freud volta a criticar a atitude dos homens frente ao sexo e reivindica uma honestidade maior diante dessa questão: "Além disso, é do interesse geral que se torne um dever, entre homens e mulheres, um grau mais alto de franqueza sobre as coisas sexuais do que se tem esperado deles até agora. Isso só pode constituir-se em benefício para a moral sexual. Em matéria de sexualidade, somos todos, no momento, doentes ou sãos, não

---

(51) Idem, Ibidem, p. 143

(52) Idem, Cinco Lições de Psicanálise, 4a. Lição, p. 39

(53) Idem, A Sexualidade na Etiologia das Neuroses, p. 239

mais do que hipócritas. Será muito bom se obtivermos, em consequência dessa franqueza geral, uma certa dose de tolerância quanto às questões sexuais".(54) A confissão é incisiva: " Não posso ver mérito algum em se ter vergonha do sexo". (55)

E em passagens desse tipo que Freud vai delineando seu juízo sobre a civilização, e expressando suas preocupações com a displicência no preparo dos jovens para enfrentá-la:

"Que a educação dos jovens nos dias de hoje lhes oculta o papel que a sexualidade desempenhará em suas vidas, não constitui a única censura que somos obrigados a fazer contra ela. Seu outro pecado é não prepara-los para a agressividade da qual se acham destinados a se tornarem objetos. Ao encaminhar os jovens para a vida com essa falsa orientação psicológica, a educação se comporta como se se devesse equipar pessoas que partem para uma expedição polar com trajes de verão e mapas dos lagos italianos. Torna-se evidente, nesse fato, que se está fazendo um certo mau uso das exigências éticas. A rigidez dessas exigências não causaria tanto prejuízo se a educação dissesse: 'E assim que os homens deveriam ser, para serem felizes e tornarem os outros felizes, mas terão de levar em conta que eles não são assim'. Pelo contrário, os jovens são levados a acreditar que todos os outros cumprem essas exigências éticas - isto é, todos os outros são virtuosos. E nisso que se baseia a exigência de que também os jovens se tornem virtuosos". (56)

Como mais acima afirmamos, as propostas se não estão explicitas num determinado lugar de seu texto, estão implícitas como nessa passagem, que é quase um apelo: "Tem que ser possível falar sobre essas coisas sem que seja estigmatizado como um arruaceiro ou uma pessoa que tira proveito dos mais baixos instintos. E também aqui há trabalho suficiente para se fazer nos próximos cem anos - nos quais nossa civilização terá que aprender a conviver com as reivindicações de nossa sexualidade". (57)

---

(54) Idem, Ibidem, p. 117

(55) Idem, Ibidem, p. 117

(56) Idem, O Mal-Estar na Civilização, vol. XXI, p.158, nota

(57) Idem, A Sexualidade na Etiologia das neuroses, p. 248

APENDICE AD CAPITULO I

ESPOSAS, ENTRE A NEUROSE E A INFIDELIDADE CONJUGAL

- pequena digressão a partir de Bovary.

# APENDICE AO CAPITULO I

"Esposas, entre a neurose e a infidelidade conjugal - pequena digressão a partir de Bovary"

A história da literatura moderna registra um exemplo típico da desilusão com o casamento na figura de Emma, a Madame Bovary, de Gustave Flaubert. Vale aqui um pequeno desvio de nosso roteiro, pelo significado, paradigmático, do bovarismo.

Emma vive atordoada pela "repetição rotineira do trabalho, do hábito, dos gestos cotidianos, repetição psíquica dos amores e das perdas, dores e alegrias, de frustrações e de substituições onde se joga e dribla a morte na vida".(1)

Emma é definida pela sua inconstância "tinha o desejo de viajar ou então de voltar para seu convento. Sentia ao mesmo tempo, vontade de morrer e de morar em Paris"(2). Dois clichês românticos: o de abrir-se para o mundo ou de fechar-se do mundo. Um não é o oposto do outro, mas seu complemento, o outro lado.

Essa inconstância aparece em suas relações com as coisas e com as pessoas. Da mesma forma como se atirava às coisas com afoito se cansava das mesmas coisas. Na verdade Emma passa o tempo todo sofrendo por coisas que desejava mas nada faz para atingi-las.

Sempre morara no campo - e o campo só lhe inspirava tédio. Passa horas imaginando como as ex-companheiras de colégio deveriam estar se divertindo na cidade. Interessante notar que Emma não se imagina feliz se estivesse na cidade, ela imagina

(1) Felman, Soshana - La folie e La chose Literaire, p. 153

(2) Flaubert, G. - Madame Bovary, p.32

que suas amigas devem ser felizes. E como se Emma não existisse a não ser nas suas projeções a partir de suas leituras. Ela não é, imagina o que seria. Essa possibilidade de ser a cidade o lugar das diversões, lugar que não era o dela, lhe causava inveja.

Emma casara-se com Charles a quem acreditou realmente amar, crença que se desfaz no próprio dia do casamento. "Procurava agora saber o que se entendia, ao certo, nesta vida, pelas palavras felicidade, paixão e êxtase, que nos livros, lhe haviam parecido tão belas".(3) A cultura livresca é fortemente criticada pelo autor, na personagem de Emma. Existem dois mundos, o do livro e o real, o real tem que se adaptar aos livros e não o contrário, e quando isso não ocorre acaba gerando a insatisfação que percebemos em Emma no decorrer da história.

Sua vida de casada era monotonia. Não entendia como Charles podia se sentir tão feliz, e essa felicidade que não era compartilhada a irritava.

O grande acontecimento de sua vida em Tostes fora o convite para a festa do Marquês de Andervilliers. Luxo, divertimentos, pessoas refinadas, este era sem dúvida o mundo que deveria estar reservado para ela, e no entanto só lhe restava o tédio e a monotonia.

O marido não existia a não ser para irritá-la ou para ouvi-la e dar-lhe sua aprovação. Estava num plano inferior ao da cadelinha ou dos objetos aos quais fazia confidências.

---

(3) Idem, Ibidem, pp. 59-60.

Seu comportamento mudava com a rapidez de um raio: "depois de ralhar asperamente com a criada, dava-lhe presentes (...)como, por vezes, atirava aos pobres todas as moedas brancas que tivesse na bolsa, se bem que não fosse de se comover nem facilmente acessível à emoção dos outros, como a maioria dos descendentes de camponeses, que conservam sempre na alma alguma coisa da calosidade das mãos paternas". (4)

Emma adoece. Seu mal é melancolia. Charles não desconfia disso e resolve mudar de ares para salva-la. A tentativa de Charles de salvar Emma será sua própria ruína.

Mudam-se para Yonville, e na chegada jantam com alguns moradores da região. Conhecem Leon que sofria do mesmo mal de Emma - tédio - e ao se encontrarem pela primeira vez percebem que têm muito em comum: na verdade ambos são sonhadores. Conversam sobre suas afinidades e descobrem que têm a mesma opinião sobre literatura, aqui expressa por Emma "Detesto os heróis vulgares e os sentimentos moderados, como se encontram na natureza". (5)

Pouco tempo depois Leon se descobre apaixonado por Emma e "torturava-se para descobrir a maneira de lhe fazer a declaração hesitando sempre" (6); quanto a ela, não se interrogava, sua paixão era à distância e desaparecia quando ele aparecia. Nunca demonstrou com o menor gesto estar apaixonada, e quando descobriu os sentimentos dele muda de atitude para com o marido mostrando - principalmente quando

---

(4) Idem, ibidem, p.65

(5) Idem, ibidem, p.79

(6) Idem, ibidem, p.99

Leon podia ver, sua dedicação e fidelidade. Sua atitude diante do amor de Leon lhe dava "o orgulho e a satisfação de poder dizer 'sou virtuosa', e de olhar no espelho assumindo poses de resignação, a consolava um pouco pelo sacrifício que acreditava estar fazendo". (7)

Assim como ela reafirmava sua virtude diante da imagem refletida no espelho, todo seu comportamento não passava de uma imagem retirada dos livros que lia. "O que a exasperava é que Charles não dava a impressão de suspeitar de seu suplicio".(8) Charles, como sempre, não percebia sua magnífica representação.

Emma percebeu a dimensão de seu amor por Leon quando ele partiu, e fez das recordações o centro de seu tédio chegando a lamentar sua virtude inútil que a havia impedido de se entregar a ele. Mas dura pouco esse arrebatamento. Começa uma fase consumista, uma fase de vaidade pessoal e de necessidade de se instruir. Quer aprender italiano e compra todo o aparato necessário para isso. Passa às leituras sérias como história e filosofia, largando tudo pouco depois.

Era tida pelas senhoras de Yonville como tendo "ares levianos".

Adoece novamente, e a sogra como boa camponesa que é, acredita que sua doença é provocada pelas más leituras contrárias à religião, como Voltaire - e sugere que para melhorar é necessária alguma atividade manual. Também a 'sabedoria' da sogra é mais um exemplo de clichê.

---

(7) Idem, ibidem, p.100

(8) Idem, ibidem, p.100

No dia da feira de Yonville, Emma conhece Rodolphe Boulanger de La Huchette com quem teve um rápido contato e ele já delineou um perfil do casal: "Ele parece muito estúpido. Ela com certeza já se cansou de o aturar. Ele traz as unhas encardidas e uma barba de três dias. Enquanto sai a cavalo para tratar dos doentes, fica ela em casa a passajar as meias. Com certeza que se aborrece, lhe dá vontade de viver na cidade, dançar a polca todas as noites! Pobrezita da mulher! Aposto que anseia pelo amor como uma carpa pela água em cima da mesa da cozinha! Com três palavras de galanteio, tenho a certeza de que até me adorava! Seria uma delícia! Que encanto! Pois é, mas depois, como é que me vou ver livre dela?". (9) Como vimos Rodolphe não se enquadra muito bem no papel de príncipe encantado. Extremamente calculista pensa as relações amorosas como um cálculo matemático, e tinha pressa em resolver suas equações, seja como ter Emma ou como livrar-se dela depois.

Em pouco tempo começa o envolvimento dos dois. Emma sente-se de volta à puberdade. Olha-se no espelho e repetia consigo mesma "Tenho um amante! Um amante! (...) Ia então possuir finalmente aquelas alegrias do amor, aquela febre de felicidade de que havia desesperado. Entrava no que quer que fosse de maravilhoso, em que tudo seria paixão, êxtase, delírio; sentia-se circundada por uma imensidão de azul, os píncaros do sentimento cintilavam-lhe na imaginação e a existência ordinária só lhe aparecia muito ao longe, lá em baixo, na sombra, pelos intervalos daquelas eminências". (10)

---

(9) Idem, ibidem, p.119

(10) Idem, ibidem, p.147

De novo o espelho lhe devolvia a imagem que ela havia adotado para si. Emma foge do "chavão" através de outro "chavão"; os estereótipos do amor romântico. E Flaubert faz questão de mostrar todos os clichês desse romantismo através das oposições entre a luz da paixão e as sombras da realidade, os píncaros dos sentimentos e o abismo do cotidiano.

Ao mesmo tempo em que vivia seu sonho ela se endividava ainda mais com os presentes que oferecia ao amante, numa confusão de sua identidade sexual que fica manifesta nessa atitude. Emma sente-se mulher, desejada, quando passa a ter um amante, e age como um homem cortejador ao presentear constantemente seu amante.

Ligou-se ainda mais a Rodolphe planejando fugir com ele. Quando tudo estava pronto para a fuga Rodolphe desiste escrevendo uma carta de despedida que, para ser convincente, dentro dos padrões românticos, deveria ter algumas lágrimas sobre o papel, "então, pondo água num copo, Rodolphe molhou um dedo e deixou cair do alto uma grande gota que fez uma mancha esbatida sobre a tinta..." (11). Mais um clichê teatral. As personagens não vivem, encenam clichês gravados na sua sensibilidade. O que no romantismo aparecia como inédito e como irrupção vital aparece nessas personagens como repetição do mesmo e do sem vida.

Emma adoece de novo e desta vez não é de melancolia mas desesperança.

---

(11) Idem, ibidem, p.183

Para ajudar na recuperação da mulher Charles a leva à ópera onde ela reencontra Leon e pouco depois começa um segundo envolvimento. Marcando um encontro para o dia seguinte às seis horas no hotel onde ela ficara hospedada sozinha. Leon chega às cinco horas com "aquela determinação dos covardes que nada consegue deter". (12)

A título de se informar sobre negócios ela conseguiu passar três dias com Leon. Passam a se escrever. Inventou que precisava tomar lições semanais de piano e assim que Charles concordou ela passa a ir a cidade uma vez por semana ver o amante. Pouco depois passa a ir ver Leon quando bem entende, no cartório onde ele trabalhava. Se a primeira vez foi agradável passa a ser inconveniente. Leon não discutia as idéias dela, aceitava todos os seus gostos; "era ele quem realmente se comportava como se fosse uma amante". (13)

Pouco a pouco Leon foi percebendo que o que o encantara em Emma agora o assustava. Além disso revoltava-se com a absorção cada vez maior da sua personalidade. Emma também foi se desencantando. "Não era feliz, nem nunca o fora. Onde provinha então aquela deficiência da vida, aquela instantânea decomposição de todas as coisas a que se agarrasse? (...) Aliás, nada valia a pena ser procurado; tudo era ilusório, cada sorriso escondia um bocejo de enfado, cada alegria uma maldição, cada prazer o seu fastio, e os melhores beijos apenas deixam nos lábios um irrealizável desejo de mais exaltada volúpia". (14)

---

(12) Idem, ibidem, p.207

(13) Idem, ibidem, p.245

(14) Idem, ibidem, p.250

Com relação à maternidade a postura de Emma é tão ambígua quanto com as outras coisas de sua vida. Diante de sua gravidez Emma começou por sentir-se assombrada, e depois desejou dar à luz para saber o que era ser mãe. O que movia Emma à maternidade era pura e simplesmente a curiosidade, não há por parte do autor nenhuma referência ao "sublime" dessa condição. E mais, a idéia central de Emma era de desforra da sua condição de mulher. Fundamental que seu filho fosse homem: "Ela deseja um rapaz; seria forte e moreno, chamar-se-ia Georges; e essa idéia de ter um filho varão era uma espécie de desejo de desforra de todas as suas frustrações passadas. Um homem, pelo menos é livre; pode explorar todas as paixões e todas as terras, atravessar obstáculos, tomar o gosto das venturas mais distantes. Mas uma mulher é continuamente impedida de tudo. Ao mesmo tempo inerte e flexível, tem contra si a debilidade da carne juntamente com a da lei. A sua vontade como a aba de um chapéu preso por um cordão, flutua a todos os ventos; há sempre algum desejo que a arrasta e alguma conveniência que a detém.

Deu à luz num domingo, pelas seis horas da manhã, ao nascer do Sol.

"- E uma menina! - disse Charles.

Emma voltou a cabeça e desmaiou" (15)

Como não era esperada a menina nasce e não tem nome. Depois de muitas sugestões acaba recebendo o de Berthe.

---

(15) Idem, ibidem, p.112

Importante ressaltar este trecho da obra por dois motivos: um, a imagem que Emma tece do homem que ela gostaria que fosse seu filho e que, em contrapartida, nunca encontrou na vida. Mais um exemplo de clichê se pensarmos nas figuras masculinas do romance. Dois, a descrição que Emma faz da mulher é a própria descrição de si, ela se autodefine neste trecho.

E mais adiante, quando Emma se encontrava agonizante pede que lhe tragam a filha que ao ver a mãe na cama exclama: "Oh! como tens olhos grandes mamãe! e em seguida; "Tenho medo! disse a pequena, recuando". (16)

Esta é a última vez que Berthe vê sua mãe, e pelas palavras nos remete ao conto infantil do "Chapeuzinho Vermelho" quando a menina vê a vó-lobo (mãe) na cama.

"Emma vivia ocupada com suas paixões sem se preocupar com o dinheiro, como se fosse uma arquiduquesa"(17)E o real se faz sentir, e o real é árduo, desencantado e trágico. Recebeu um documento avisando que suas letras seriam penhoradas. Pouco depois outro avisando que seria julgada. Seus bens foram penhorados e o guarda da penhora ficou instalado no sótão. Numa manhã a cidade aparece forrada de cartazes anunciando a venda de seus móveis.

Sai em busca de empréstimos mas nada consegue. Volta a visitar Rodolphe com a intenção de pedir-lhe dinheiro. Havia três anos que Rodolphe a evitava cuidadosamente "por essa

---

(16) Idem, ibidem, p.281

(17) Idem, ibidem, p.251

covardia natural que caracteriza o sexo forte..."(18) Mas, também com ele nada conseguiu.

Quando volta para casa Emma escreve uma carta a Charles onde explica tudo. Toma veneno conseguido na casa do Sr. Hommais e deita-se "A morte é uma coisa insignificante! pensou ela; vou adormecer e estará tudo acabado!"(19).

—

---

(18) Idem, ibidem, p.273

(19) Idem, ibidem, p.278

## CAPITULO II

### DA EUGENIA

#### OU A SELEÇÃO ARTIFICIAL DOS MELHORES

O meu amor tem um jeito manso que é só seu  
E que me deixa louca quando me beija a boca  
Minha pele toda fica arrepiada  
e me beija com calma e fundo  
até minh'alma se sentir beijada  
Ai!  
O meu amor tem um jeito manso que é só seu  
Que rouba os meus sentidos,  
viola os meus ouvidos  
com tantos segredos lindos, indecentes  
Depois brinca comigo, ri do meu umbigo  
e me crava os dentes  
Eu sou sua menina, ele é o meu rapaz  
Meu corpo é testemunha do bem que ele me faz  
Meu amor tem um jeito manso que é só seu  
De me deixar maluca quando me roça a nuca  
e quase me machuca com a barba mal feita  
E de pousar as coxas entre as minhas coxas quando ele se deita.  
O meu amor tem um jeito manso que é só seu  
De me fazer rodeios, de me beijar os seios  
me beijar o ventre, me deixar em brasa  
Desfruta do meu corpo  
como se o meu corpo fosse a sua casa  
Eu sou sua menina, ele é o meu rapaz.  
Meu corpo é testemunha do bem que ele me faz.

(Chico Buarque de Holanda, "O meu Amor")

## CAPITULO II

### DA EUGENIA OU A SELEÇÃO ARTIFICIAL DOS MELHORES

Neste segundo capítulo nossa atenção estará voltada para os pressupostos teóricos e políticos "implícitos" em um projeto de educação sexual. Dentre as várias vertentes possíveis quando se pensa numa "sexualidade educada" destacamos uma, que se subdivide contudo em dois pontos:

a) A educação "sanitária", visando o desenvolvimento de corpos e mentes, para distinção dos melhores, os futuros reprodutores de uma raça aperfeiçoada; e, um outro lado dessa mesma questão,

b) A educação da "abstinência", ou mesmo negação da sexualidade, procurando adequá-la ao "seu lugar" - o exercício do sexo permitido após o casamento, a supressão do sexo antes disso.

Com relação ao primeiro destes ângulos, vamos iniciar este capítulo procurando reconstituir alguns elementos das teorias eugênicas que tanto alarde fizeram na Europa desde o fim do século passado e que encontraram fervorosos adeptos no Brasil.

Diga-se de passagem - e sugerindo a atualidade do tema e a importância da referência histórica - que os princípios da teoria eugenista podem ser percebidos nos projetos de educação física e higiênica, na medicina sanitária e nas políticas populacionais implantadas no país nos anos 70 deste século, gerando polêmica entre os organismos oficiais e os grupos feministas. Hoje, o

silêncio envolve estas questões. Sabemos que o silêncio não significa a renúncia à adoção das teorias eugenistas, e que o principal alvo a ser atingido por uma política inteligente com esse objetivo "saneador" seria a criança em sua fase escolar. Sendo assim, podemos inferir que a educação sexual, encarada como "disciplina" se prestaria a isto.

O enfoque eugenista pesa fundo na cultura das elites brasileiras, sobretudo entre fundadores de escolas pedagógicas de grande repercussão até nossos dias.

#### PRECURSORES E AUTORIDADES DA "NOVA CIENCIA"

##### a) Platão eugenista ?

"E preciso, segundo os nossos princípios, tornar muito frequentes as relações entre os homens e as mulheres de escol e, ao contrário, muito raras entre os indivíduos inferiores de um e de outro sexo; ademais, é preciso criar os filhos dos primeiros e não os dos segundos, se quisermos que o rebanho atinja a mais alta perfeição; e todas essas medidas devem permanecer ocultas, salvo aos magistrados, para que a tropa dos guardiães se mantenha, na medida do possível, isenta de discórdia". (1)

Este é o trecho mais utilizado pelos modernos defensores da teoria eugenista para fazer de Platão um cúmplice de seus projetos. Na verdade são muitas as passagens de Platão em que encontramos temas próximos da eugenia. Mas Platão não foi certamente o primeiro. Cerca de 400 anos antes dele, a constituição de Licurgo continha medidas como a proibição de permanecer solteiro ou de casar-se numa idade muito avançada; a anulação de casamentos estéreis, ou a obrigação de se atirar do Monte Taigetos as crianças

---

(1) PLATAO, A REPUBLICA, Livro V, p. 21

que fossem tidas com débeis pelos Tribunal dos Anciãos. Estas medidas visavam assegurar a procriação e o aperfeiçoamento das "raças". Práticas que, inclusive, encontravam também formulações mitológicas: Hefestos, o filho que Hera teve sozinha para vingar-se de Zeus, nascera coxo; envergonhada, Hera quis escondê-lo do olhar dos deuses e atirou-o do Olimpo para o mar, o que provoca uma justificativa paradigmática de atitudes semelhantes na Grécia antiga.

Também Hipócrates havia assinalado a ação funesta do álcool para a descendência, e prescrevia para as mulheres grávidas um período de gestação tranquilo, feliz e sem fadigas.

Outra passagem muito "útil" à argumentação dos modernos eugenistas é a fábula da composição dos homens no livro IV da República que vale a pena lembrar:

"Sois todos irmãos na cidade, dir-lhes-emos, continuando esta ficção; mas o deus que vos formou introduziu o ouro na composição daqueles dentre vós que são capazes de comandar: por isso são os mais preciosos. Misturou prata na composição dos auxiliares; ferro e bronze, na dos lavradores e outros artesãos. Comumente, gerais filhos semelhantes a vós mesmos; mas, como sois todos parentes, pode acontecer que, do ouro, nasça um rebento de prata, da prata, um rebento de ouro e que as mesmas transmutações se produzam entre os outros metais. Por isso, antes e acima de tudo, o deus ordena aos magistrados que vigiem atentamente as crianças, que tomem muito cuidado com o metal misturado em suas almas e, caso seus próprios filhos apresentem mistura de bronze ou de ferro, que sejam impiedosos com eles e lhes concedam o gênero de honor devido à respectiva natureza, relegando-os à classe dos artesãos e dos lavradores; mas, se destes últimos nasce um rebento cuja alma contenha ouro ou prata, o deus quer que o honrem, elevando-o à categoria de guardião ou de auxiliar, porque um oráculo afirma que a cidade perecerá quando for guardada pelo ferro ou pelo bronze. Conheces algum meio de fazer acreditar nesta fábula ?

- Nenhum -replicou- ao menos no tocante aos homens de que falas; mas poder-se-á fazer com que nela acreditem os seus filhos, os seus descendentes e as gerações subsequentes".(2)

---

(2) Idem, Ibidem, p. 192/193

Esta fábula propõe um elemento "natural" a diferenciar os homens entre si: uns são inferiores e outros superiores, porque a divindade os fez assim. Mas essa mesma natureza permite o nascimento de filhos diferentes dos pais. Cabe aos magistrados - ao poder - reclassificar os homens, restabelecendo a ordem divina.

Outro ponto fundamental neste trecho é o poder persuasivo e pedagógico da repetição, salientado por Glauco; as gerações posteriores, de tanto ouvirem a mesma história, acabariam por acreditar nela - esta é uma das características do mito. Cabe citar aqui as palavras de Jowett, que comenta este trecho ao pé da página: "Esta nova explicação da origem dos homens não é mais improvável do que a antiga e a antiga não é mais verdadeira do que a nova". (3)

Aristóteles vai retomar esta fábula na *Política*, Livro II cap. 2, para criticar, contudo, o imobilismo social que julga encontrar na teoria platônica: "Mas é evidente que ele se vê obrigado a fazer que as mesmas pessoas governem sempre, porque a mescla de ouro na alma, que procede da divindade, não se confere a uns em um tempo e a outros noutro tempo, mas se encontra sempre nos mesmos homens, e Sócrates disse que no momento de seu nascimento uns receberam uma mescla de ouro, e outros, de prata, e os que hão de ser artesãos e agricultores recebem uma mescla de cobre e ferro".(4)

Na realidade, talvez a cristalização social seja, para nosso tema, uma das consequências de menor importância. O relevante é, como já foi dito, a divisão natural entre homens superiores e inferiores, e este será o ponto chave das teorias eugenistas. No

---

(3) Idem, Ibidem, p. 193

(4) ARISTOTELES, OBRAS, p. 1435 tradução nossa.

entanto, é importante frisar que as tentativas de estabelecer esse elo de ligação entre essa moderna teoria e o pensamento grego, não se restringe aos primeiros eugenistas. Pretensões atuais de revigorar este vínculo aparecem, por exemplo, no livro Platon - Eugéniste et Vitaliste, de Hans F.K. Gunther, editado em 1987.(5)

Um dos pressupostos eugenistas consiste na caracterização da diferença entre os homens como natural. Faz parte da criação de deus homens inteligentes, mais hábeis e aptos, e homens com cosciente de inteligência menor e mais inaptos. Se a sabedoria divina se manifesta na diferença entre os homens, ela deve continuar assim. E agir contra a criação divina mesclar seres diferenciados.

Os eugenistas se dispõem a "ajudar" a divindade continuando sua obra, propondo a estratificação social baseada nas diferenças humanas naturais. Fundamentado nesse argumento, a atitude eugênica não pode ser acusada de anti-natural.

Ao mesmo tempo o objetivo do homem que vive em civilização é obter um desenvolvimento cada vez maior e mais intenso desta civilização. E para atingir esse objetivo o ser humano deve saber detectar o motor do desenvolvimento e proporcionar todas as condições necessárias para que ele possa acontecer. Dentre as várias causas, verificamos que algumas são biológicas e hereditárias - como os traços físicos e as peculiaridades de caráter, o grau de inteligência e criatividade, o talento, o vigor e as habilidades específicas, assim como as patologias.

---

(5) Gunther, Hans F.H., Platon - Eugéniste et Vitaliste, Editions Pardes, Puiseaux, 1987

Ora, no seu trabalho de ajudar na continuidade da obra divina - e ao mesmo tempo propiciar o desenvolvimento da civilização - os homens devem saber agrupar-se de acordo com as características que lhes são comuns e que são possíveis de serem desenvolvidas. Devem ser capazes de isolar-se daqueles que possuem características diferentes que, mescladas, poderiam ter como consequência a degeneração da espécie humana. Agrupamentos entre iguais teriam propiciado o aparecimento de grandes civilizações - situações diversas, pelo contrário, deram lugar a grandes catástrofes, como "comprova" a história.

Se os homens, abandonados a si mesmos, na sua ignorância, não conseguem formar os agrupamentos ideais, alguém deve assumir esse papel. E esta é a função (ou missão) dos teóricos da eugenia. Vejamos a constituição dessa doutrina acompanhando um pouco de sua história.

#### b) Galton, Pearson e a Tecnologia da Seleção

"Eugenia é o estudo dos instrumentos sob o controle social, que podem melhorar ou piorar as qualidades raciais das gerações futuras, quer física ou mentalmente" essa é a definição de Eugenia citada por Galton na capa da Eugenics Review. O próprio termo eugenia é de sua criação e nomeia uma doutrina que reforça o poder das propriedades hereditárias no desenvolvimento das qualidades mentais do indivíduo, colocando num plano secundário as influências sociais e educacionais, o que implica que os destinos históricos de uma sociedade estão primordialmente determinados pelas mudanças nas qualidades hereditárias.

Se a hereditariedade é tão importante a ponto de determinar esses destinos coletivos, o homem deve atuar neste determinante, direcionando corretamente as mudanças na qualidade hereditária através da seleção dos agentes procriadores. Esta atuação consistiria em facilitar as condições de procriação e fecundidade dos melhores - biológica, mental e moralmente - e evitar a procriação dos inaptos e inferiores.

"O mundo está começando a acordar para o fato de que a vida de um individuo é, num certo sentido, um prolongamento da de seus ancestrais. Seu vigor, seu caráter e suas moléstias são, principalmente, derivadas dos ancestrais; mas mais frequentemente eles são como mosaicos, fragmentos de semelhança de um ou de outro aparecendo ora aqui ora ali. A história de vida de nossos parentes são profecias de nosso próprio futuro (...)" (6)

Por ocasião de sua morte Galton deixa em seu testamento um legado para a criação de uma cátedra na University College indicando como seu sucessor o matemático e biólogo Karl Pearson (1857).

A contribuição de Pearson consiste principalmente em seus estudos matemáticos dos fenômenos de hereditariedade do homem. Segundo o autor, a herança dos pais pode ser observada nos traços físicos, psicológicos, patológicos e de caráter.

Em 1911, Pearson escreve um artigo intitulado On the Scope and Importance to the State of the Science of National Eugenics, citando algumas características essenciais como: saúde, vigor, potência, inteligência, sanidade, consciência, responsabilidade, licenciosidade. Essas características aparecem como força ou

---

(6) Galton, Inquiries into Human faculty and its development, Everyman's Library, Edited by Ernest Rhys, New York, 1943

fraqueza de caráter, e precisam ser estudadas, não através de argumentos verbais, mas por meio do microscópio estatístico, que examinaria como as nações aparecem, se desenvolvem e decaem. Surge com Pearson a preocupação (científica, no seu entender) de medir estes valores ou desvalores, através de um instrumento supostamente preciso.

Podemos observar que os eugenistas reproduzem a teoria dos três estágios de desenvolvimento, de origem positivista: Fase Ideológica, Fase Observacional e Fase Métrica do conhecimento. A eugenia estaria na passagem da observacional para a métrica (7). Ora, se a hereditariedade se dá em todos esses traços, a eugenia se propõe a eleger os mais aptos física e moralmente para serem os pais de uma nova geração e assim beneficiar o progresso de todas as formas de vida. Segundo Pearson: "Enquanto negros e brancos estiverem juntos a humanidade não progredirá mais, não haverá nada para conter a fertilidade da estirpe inferior, a implacável lei da hereditariedade não será controlada nem guiada pela seleção natural. O homem estancará e a menos que cesse de multiplicar-se a catástrofe sobrevirá". (8)

Foi a alegada diferença entre as raças que propiciou a Arthur de Gobineau (1816-1882) uma explicação para a decadência das antigas civilizações:

"O fator fundamental do progresso ou decadência de uma sociedade é o fator racial, entendo por decadência ou degeneração de uma nação o fato de que as pessoas não tem tanto valor interior como tiveram antes, isto porque as pessoas não tem o mesmo sangue em suas veias por causa dos sucessivos

(7) Pearson, K., Eugenics Laboratory Lecture Series (1), Cambridge University Press, 1911

(8) Sorokin, P., Teorias Sociológicas Contemporâneas,

cruzamentos, seu valor tem mudado e não têm sido capaz de conservar o sangue de seus fundadores.

Um povo ou civilização desaparecem quando a constituição social fundante do povo muda ou fica engolfada entre outras raças até o grau em que cessa de exercer a influência necessária. Isso sucedeu com os gregos e os romanos.

As raças humanas são desiguais; há raças superiores e inferiores, as primeiras são capazes de progredir, para as segundas não há salvação".(9)

Sorokin, comentando as concepções de Gobineau, destaca a existência de tres raças puras principais: a branca, a amarela e a negra. Naturalmente, das tres a mais inteligente e criadora foi a branca, em seu ramo ariano, responsável pela criação das dez civilizações principais conhecidas. Seis dessas civilizações foram fruto dos arianos: hindú, egípcia, síria, grega e romana. As outras quatro apareceram a partir de mesclas entre os arianos e outras raças; são a chinesa, mexicana, peruana e maia. A época de Cristo marca o fim da forte influência da raça ariana devido a quantidade de mesclas que ela sofreu e, conseqüentemente, sua degeneração; de lá para cá a proporção de mesclas continua aumentando. Os efeitos dessa mescla podem ser notados hoje através de diversas formas de manifestações, uma delas "é o progresso de idéias igualitárias, os movimentos democráticos e a mescla de culturas sem o brilhantismo que caracterizou a antiguidade". (10)

Outro eugenista moderno, Houston Stewart Chamberlain (1855-1926), discorda de Gobineau quanto ao conceito de raça pura, já que para este, qualquer mescla de sangue de uma raça pura e nobre era uma contaminação. Para Chamberlain "uma raça nobre não cai do céu, se enobrece gradualmente, e este processo gradual pode começar a qualquer momento". (11)

---

(9) Idem, ibidem, p.285.

(10) Idem, ibidem, p.245

(11) Idem, ibidem, p.251.

Essa mudança de eixo efetuada por Chamberlain vai se revelar de fundamental importância. Se a raça se enobrece gradualmente a responsabilidade passa do âmbito de deus para o dos homens. Há que se propiciar cruzamentos entre indivíduos especiais do ponto de vista da cor, da inteligência e da saúde com vistas a produção de uma raça especial.

Por que determinada cor é especial em relação as outras ? Por que determinadas características são mais nobres que outras ? G.V. de Lapouge pretende ter respondido a estas questões em três obras: Les sélections sociales (1896), L'aryen, son rôle social (1899), Race et milieu social (1909) onde coloca o papel das três principais raças:

a) *homo europaeus* - a raça ariana - com estatura elevada (mais ou menos 1,70), índice dolicocefálico de 76 para baixo, e loiros. Psicologicamente tem grandes desejos e trabalha para satisfazê-los. Mais capaz de ganhar do que de conservar. E audaz e atrevido, conseguindo êxito por isso. Sua inteligência varia da estupidez ao gênio. Sua necessidade é o progresso. Em religião é protestante e em política exige do Estado que respeite sua atividade.

b) *homo alpinus*: com estatura entre 1,60 e 1,65, índice cefálico de 85 ou mais, cor moreno claro. E psicologicamente considerado como frugal, laborioso e prudente. Ama a terra, principalmente seu lugar de origem. E tradicional, não gosta do progresso, e é católico. Em política anseia do Estado a proteção e intervenção. Raras vezes sua inteligência alcança o grau da nulidade, mas raras vezes consegue ser brilhante;

c) *homo contractus*: é o homem mediterrâneo. Possui baixa estatura, cor escura, índice cefálico por volta de 78. Não é possuidor de nenhuma característica acima da anterior.

A partir desse quadro, Lapouge infere que as descobertas importantes foram feitas pelo *homo europeus* que é a raça criadora e dominadora. As classes superiores estão compostas por esta raça e as inferiores pelas outras ou por sua mescla. Se os elementos raciais nórdicos aumentam a sociedade progride, se sua proporção diminui a sociedade decai.

Para Lapouge a forma mais importante, rápida e eficaz para mudar a composição racial de uma população é a seleção que conduzirá a sobrevivência e multiplicação de um tipo racial e o extermínio de outro. Entre os seres humanos a seleção natural cede cada vez mais espaço à seleção social, isto é, a seleção que se processa sob a influência não tanto do ambiente natural como do social. Vejamos como isso acontece sempre em detrimento da raça ariana :

#### **Seleção Social:**

a) Militar, ou seleção ocasionada pela guerra. São os mais fortes, mais audazes e mais bravos os que participam da guerra, ou seja, os melhores elementos arianos. Com o progresso da civilização há um aumento das guerras e, por consequência, um decréscimo dos melhores elementos raciais.

b) Política: pelos mesmos motivos anteriores verificamos um extermínio da melhor parte da população, já que a política é marcada por revoluções e lutas civis.

c) Religiosa: O maior problema aqui é o celibato se considerarmos que os recrutados pela igreja estão entre os melhores físicos,

moral e mentalmente. O maometismo é mais eugenésico que o cristianismo por ser poligâmico. Os resultados disgenésicos aparecem com a perseguição religiosa, guerras e inquisição, proibição da liberdade sexual, favorecimento do ascetismo e proibição de casamentos entre membros de religiões diferentes.

d) Moral: Extremamente interligada com o item anterior, aparece como oposição e castigo à liberdade sexual através das exigências de decência, como interdição à nudez corporal obrigando o uso de roupas anti-higiênicas que impedem a respiração livre, a influência benéfica do sol e do ar, facilitando o surgimento de doenças. As regras morais facilitam a sobrevivência dos débeis e a procriação dos inferiores.

e) Econômica: As necessidades naturais implicam numa luta em que os melhores elementos raciais saem perdendo já que não se preocupam muito com a acumulação de riquezas. Isto significa que os que tem êxito em fazer dinheiro raramente são homens superiores, porque, geralmente, a riqueza é resultado da sorte e frequentemente da desonestidade ou avareza ou de maquinações e manipulações. Note-se que nas sociedades atuais os judeus concentram a riqueza - alerta o autor.

f) Jurídica: As leis atuam através de penas como execução, prisão, desterro, ostracismo e tortura. Muitos delinquentes são políticos, isto é, gente de caráter superior. As leis civis proíbem matrimônios consanguíneos, bigamia, poligamia. A lei civil evita que gente de talento conserve a pureza do sangue e procriem mais intensamente embora facilitem instituições tão disgenésicas como a prostituição.

g) Ocupacional: As estatísticas demográficas mostram que os grupos ocupacionais mais qualificados têm fecundidade mais baixa. Como as pessoas mais qualificadas são as melhores isto significa que eles tendem a diminuir.

h) Diferenças urbanas e rurais: O crescimento das cidades e a industrialização provocam a emigração do campo. Os emigrantes são mais empreendedores, enérgicos, talentosos e superiores do que os que ficam no campo. Com o tempo, devido aos vícios e enfermidades da cidade esses indivíduos ficam estéreis ou optam por uma restrição a fecundidade para obter promoções sociais.

Todos esses fatores levam ao extermínio dos arianos nas sociedades atuais, seguido de sua degeneração racial e de sua decadência.

Para Lapouge, a educação não seria a via pela qual esse processo poderia ser revertido porque, segundo ele, a educação tem uma eficácia limitada já que não pode mudar traços hereditários, não pode fazer de um estúpido um homem de talento, nem de um idiota um homem de inteligência média, nem de uma mediocridade um gênio. O mais que a educação pode fazer é elevar um pouco o nível mental da mediocridade, mas até neste aspecto suas possibilidades são limitadas. A importância da hereditariedade é demonstrada pelo fato de que a educação não diminui as diferenças entre os indivíduos, mas as aumenta. Se um talento medíocre ganha algo com a educação, o talento hereditário ganha mais, aumentando a diferença. Além disso, a educação é incapaz de mudar o temperamento, caráter e traços morais de um povo. Isto está demonstrado pelo fato do aumento de crimes apesar do aumento de escolas. A capacidade craniana tampouco

tem aumentado mas diminuído nas últimas décadas. Finalmente, os resultados da educação não se herdam, já que seus frutos não podem ser transmitidos e fixados para a posteridade.

Diante desse quadro, a conclusão desalentada de Lapouge é que a raça ariana tem desaparecido rapidamente e no momento presente compõe somente uma pequena parcela da população. Há que se fazer algo. Medidas eugênicas especiais devem ser tomadas, principalmente a "criação de uma aristocracia natural de acordo com as qualidades inatas dos indivíduos. Sua maior procriação e organização em uma nova casta racial dominante, tornará possível retardar o processo de degeneração racial". (12)

Na mesma linha de Lapouge, de ênfase na seleção natural e social, encontramos Otto Ammon que em sua obra Die Gesellschaftsordnung und ihre natürlichen de 1895 aponta como o principal defeito das teorias sociológicas existentes, o fato de centrarem sua análise em considerações puramente econômicas dos problemas sociais. Segundo Ammon, o ser humano é em sua essência um fenômeno biológico. Hereditariedade, variabilidade, luta pela vida, seleção natural devem ser aplicados também para uma interpretação da vida social. Os seres humanos são diferentes física, mental e moralmente como resultado da hereditariedade. Assim como também é hereditário o seu gênio, talento e qualquer habilidade específica. Como cada sociedade necessita de homens de gênio para seu êxito na luta pela existência e como homens de gênio são contados, é de interesse para a sociedade facilitar sua produção.

Se os seres humanos são desiguais, o natural é que não haja igualdade social. Se os homens de gênio são escassos, o razoável é

---

(12) Idem, ibidem, p.266.

que a sociedade facilite sua produção. Este propósito tem sido conseguido mediante a criação de uma estratificação social da população em classes superiores e inferiores e na proibição de casamento entre classes. (13)

Para Ammon, as escolas têm a função de separar os capazes dos incapazes, evitando o ascenso do incapaz e facilitando a promoção social dos capazes. Mas além da escola, a polícia, a justiça criminal, as penas e outras formas desta maquinaria deveriam ser destinadas a exterminar os fracassados morais e sociais e assim efetuar a seleção social, que não é mais que uma forma especial de seleção natural e é inevitável em vista da desigualdade dos indivíduos. É útil para a sociedade porque separa capazes de incapazes e porque situa socialmente a todo mundo conforme suas qualidades. Seu resultado natural é a existência dos estratos sociais. Mas existem outras razões para a organização dos estratos sociais:

a) crianças sem mescla de raças de uma aristocracia natural, impedindo matrimônios entre raças distintas para desta forma aumentar a produção de homens de genio;

b) a separação das classes elevadas e inferiores para evitar que filhos da aristocracia adotem vícios e males das classes inferiores, embora, ao mesmo tempo, ponham obstáculos que impedem a ascensão de classes baixas às superiores. Essas barreiras impedem a ascensão dos incapazes porque os capazes podem saltar esses obstáculos;

c) graças aos seus privilégios as classes elevadas possuem as comodidades materiais indispensáveis para levar a cabo com êxito

---

(13) Idem, Ibidem, pp.270-271

o trabalho intelectual que desenvolvem, como alimento melhor e bom ar e outras comodidades indispensáveis para o cumprimento das funções sociais de responsabilidade que estão a seu cargo. Já as classes inferiores não precisam das mesmas condições uma vez que seus trabalhos não necessitam nenhuma habilidade especial.

d) incentivos eficazes para que os bem dotados das classes inferiores possam ascender aos estratos superiores.

Em resumo: a estratificação social, a desigual distribuição de riquezas são benéficas, úteis e necessárias e estão inteiramente justificadas. (14)

## EUGENIA NO BRASIL

### a) A prática eugênica

Um detalhe interessante a ser discutido nesse particular, é que não parece mera coincidência o fato de o atual Ministério da Educação e Cultura ter sido Ministério da Saúde Educação e Cultura quando de sua formação no começo do século.(15)

A crença na possível coincidência deste fato desaparece se atentarmos para o importante papel político assumido pela

---

(14) Idem, Ibidem, p. 271

(15) Muitas dessas informações foram coletados no Relatório de Qualificação (mestrado -Fe-Unicamp) de Célia Aparecida Martins, denominado "Secretaria dos Negócios da Educação do Estado de São Paulo -uma análise suas reformas no período de 1930 a 1945", UNICAMP, 1986

Secretaria de Educação do Estado de São Paulo no período de 1930 a 1945 na ponte entre a sociedade civil (via rede de escolas públicas e particulares) e o Governo Federal (via Ministério da Educação e Saúde Pública). Vale a pena destacarmos essa importância através de uma rápida olhada na história da legislação educacional e na atuação daqueles que detinham o poder na implantação dessa legislação, alguns deles publicamente participantes de grupos eugênicos.

A Diretoria Geral da Saúde Pública, subordinada à Secretaria do Interior, cria em 21 de janeiro de 1931 o Departamento de Educação Física através do decreto 4.855, considerando que "os esportes aperfeiçoam a raça" e "habitua à disciplina". Em 1933, 4 de fevereiro, é extinto o serviço de educação física através do Decreto 5.828. Em 16 de maio de 1934 é restabelecido o Departamento de Educação Física pelo Decreto 6.440. Em 12 de dezembro de 1938 o departamento de Educação Física é ampliado, para atender à Constituição de 1937, que estabelece como obrigatória a educação física em todos os estabelecimentos de ensino através do Decreto 9.605.

Interessante notar, também, a reorganização da Diretoria do Serviço de Saúde Escolar e a criação neste mesmo ano, a 28 de dezembro, da Seção de Higiene Mental Escolar através do Decreto 9.872.

Podemos perceber pelos atos e contra-atos na legislação da disciplina ou do departamento de Educação Física que ele se revestia de uma singular importância para os educadores da época, embora essa importância não fosse consenso.

Ainda, referente à estruturação da burocracia educacional pode-se destacar o papel de tres diretores do ensino paulista por sua atitudes e Atos que implicam em simpatia, senão em atuação mesmo, das idéias e grupos eugenistas.

No periodo de 24 de novembro de 1931 a 23 de agosto de 1933, o diretor do Ensino Paulista era Sud Mennucci que reorganiza a Instrução Pública, criando, entre outros organismos o Serviço de Antropometria Pedagógica, passando a ser esse controle função da escola até hoje.

O Decreto n. 5.335 de 7 de janeiro de 1932 dispõe o seguinte: "Artigo 5-Fica creado o Serviço de Anthropometria Pedagogica, com um chefe, um technico-adjunto, dois auxiliares e trinta professores em comissão, escolhidos, estes, dentre os que se distinguirem como educadores sanitarios" (16)

Este fato, digno de orgulho para o autor, foi objeto de comentários em seu livro O que eu fiz e pretendia fazer, do qual destacamos alguns trechos que nos pareceram importantes:

"Tenho esta criação, feita exclusivamente por mim, porque nunca existiu no ensino de São Paulo, como um dos meus trabalhos mais uteis. Si eu nada mais houvesse feito por minha terra, essa criação sozinha justificaria minha passagem pela Diretoria Geral do Ensino.

(...) E verdadeiramente extraordinário que enveredando as tendencias modernas para a escola nova, em que a lei biogenetica tem a força de um imperativo categorico e que, embora a neguem alguns geneticistas, tem valor de um dogma na ciencia coeva, se esqueçam os nossos inovadores da parte somatica e abandonem o estudo das qualidades fisicas do ente que vae servir de campo experimental ao novo sistema.

(...) Dia virá em que o fato de haver sido eu o iniciador desse serviço far-me-á incluir entre aqueles administradores honestos que não desprezaram os ensinamentos da ciencia e algo fizeram de positivo e tangivel para que a educação se submetesse, no Brasil, aos ditames das pesquisas e conquistas científicas. Submissão legitima e de verdade e não apenas no papel, nos discursos e nos relatorios oficiais, com o intuito

---

(16) Anuario do Ensino do Estado de São Paulo - periodo de 1935-36

inconfessado de projetar a sua propria figurinha pela historia da pedagogia nacional!" (17)

Sud Mennucci, apesar de citar a escola nova, mantém algumas divergências com os membros do movimento dos Educadores da Escola Nova, grupo orgânico do "setor progressista" da classe dominante que tem uma nova concepção educacional, liberal e democrática, que propõe adequar a educação aos novos tempos. Segundo estes, "a grande tarefa dos nossos dias é preparar o homem novo para o mundo novo, que a máquina e a ciência estão exigindo. Até agora temos um homem ainda antigo, excedido e subjugado pela própria criação".(18)

Na percepção dos escolanovistas, o mundo estava em transição devido ao avanço científico-tecnológico e o homem, ainda não consciente dessas transformações não aproveitava as possibilidades trazidas pela ciência e pela máquina, havia a necessidade de uma educação sensível a essas mudanças e que se propusesse a ser a via de transformação da sociedade. "A chamada educação nova é a tentativa de orientar a escola no sentido do movimento, já acentuado na sociedade, de revisão dos velhos conceitos psicológicos e sociais que ainda há pouco predominavam" (19)

As propostas de mudanças não se restringem ao currículo educacional, mas implicam em transformações radicais principalmente na forma de acesso à educação, que deve ser ampla, abarcando a todas as crianças de 7 a 15 anos, que passariam a ter direito a educação gratuita a cargo do Estado. Uma educação comum e igual

---

(17) Mennucci, Sud - O que fiz e pretendia fazer, Ed. Piratininga, SP, 1932

(18) TEIXEIRA, Anísio, "Educação Progressiva", SP, 1934, p. 135 in CURY, Carlos R. Jamil, Ideologia e Educação Brasileira

(19) Idem, Ibidem, p. 69

para todos onde não se permitissem discriminações, e obrigatória. "Se o problema fundamental das democracias é a educação das massas populares, os melhores e os mais capazes, por selecção, devem formar o vértice de uma pyramide de base imensa". (20)

A preocupação com a criança é manifestada nas Normas referentes à Associação de Pais e Mestres. Vejamos este trecho:

"A Higiene preserva a saúde, revigora o corpo, torna, portanto, a pessoa mais apta e mais forte para o trabalho. E a pessoa que cedo se acostuma aos ditames da Higiene, cedo lhe gosa os proveitos. E a Puericultura ? Capítulo especial de Eugenia, e de tanta importância qual a Higiene, senão assunto que mais atenção merece. Da Puericultura depende o aperfeiçoamento físico da criança; e do aperfeiçoamento físico da criança depende a sua boa disposição psicológica". (21)

Fernando de Azevedo atuou no período de 28 de dezembro de 1932 a 25 de julho de 1933 na direção da educação paulista. Seu interesse pela educação física resultou no livro Da Educação Física: o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser, onde destaca a importância dos exercícios gímnicos para a formação de um povo saudável, enérgico, trabalhador e feliz. Propõe um programa de ginástica para as escolas variando de acordo com a idade e o sexo do educando, preocupando-se, também, com cada aluno individualmente. "E, pois, incontestável que o exercício ginástico deve variar, em quantidade e qualidade, segundo a idade e o sexo, e entre alunos da mesma idade e do mesmo sexo, segundo as variantes típicas, que os diferenciam". (22) E ainda, é fundamental que os

(20) Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, SP., 1932, p.84, in CURY, C.J., Idem, p.89

(21) Bettarello, Antenor Ervéu e Camargo, Lazaro Ferraz, Normas Referentes à Associação de Pais e Mestres, 1931, Diretoria Geral do Ensino, Anuario do Ensino do Estado de São Paulo - 1935 a 1940

(22) AZEVEDO, F., Da Educação Física: o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser, p. 139, grifos do autor.

exercícios sigam num crescendo e se completem resultando na formação de corpos perfeitos e saudáveis:

"A ginástica fisiológica, que, nas suas linhas gerais, deve ser igual para todos os povos, fará indivíduos de perfeita higidez, de equilíbrio de formas e funções, realizará o trabalho primordial de higiene e morfologia, para depois, na segunda fase da educação física, os esportes, que a devem completar realizarem eficazmente o trabalho de modelação segundo as características, necessidades e tendencias nacionais, e concluir, pelas suas reacções incessantes sobre a moralidade e a mentalidade do individuo, a obra educativa, que na infância os jogos recreativos encetaram". (23)

Assim como a adequação dos exercícios é fundamental para o individuo, tão importante quanto, são as condições ambientais em que esses exercícios se desenvolvem, as propostas nesse sentido são exercícios ao ar livre com o uso do menor número de roupas possível (o ideal seria se fosse possível fazer como os gregos que se exercitavam nus, vindo daí "a palavra ginástica, que significa a arte de desenvolver o corpo nu"), banhos de ar e hidroterapia uma completa higiene alimentícia, e horários adequados. Os exames antropométricos devem ser semestrais e devem ser o mais completo possível, controlando a estatura, o peso, o perímetro torácico, o perímetro craniano e a superfície do corpo.

Mas, Fernando de Azevedo não fica restrito aos limites da escola, pensa a nível de toda a sociedade e propõe medidas "de higiene social pela educação física" como:

"1) A criação, fora da cidade, de asilos de reconstituição e escolas ao ar livre (na floresta, no campo ou nas praias de mar) destinadas ao melhoramento da saúde dos meninos e meninas do povo pela estadia demorada num meio saudável;

2) A criação, na cidade, de campos de jogos em cada bairro, (play-grounds) e piscinas públicas de natação, destinadas não somente a propagar o hábito do exercício e do banho frio, como também a atrair para lugares higiênicos a mocidade pobre operária".(24)

(23) Idem, Ibidem, p. 139, grifos do autor.

(24) Idem, Ibidem, p. 208

É importante esclarecer nossa insistência no tema da educação física, que gerou as longas citações da obra de Fernando de Azevedo. Se nos reportássemos à história curricular dessa disciplina, poderíamos esclarecer nossa preocupação. Para tanto, vejamos por exemplo o artigo de Lino Castellani Filho, intitulado "A (Des)caracterização Profissional Filosófica da Educação Física", publicado na Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 4(3), de 1983.

O autor comenta que a história da Educação Física se confunde muito com a dos militares. A Academia Real Militar foi criada pela Carta Régia de 04/12/1810. Em 1860 houve a introdução da ginástica com a nomeação do alferes do Estado Maior de segunda classe, Pedro Guilhermino Meyer, um alemão que teria a função de contra-mestre de ginástica da Escola Militar.

A adoção do método alemão pelos militares perdeu seu caráter oficial após a derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial, sendo substituído pelo método francês.

Rui Barbosa vai protestar veementemente contra a adoção do método alemão nas escolas primárias, através de Parecer no Projeto 224, intitulado "Reforma do Ensino Primário e várias Instituições Complementares da Instrução Pública", de 1882. Sua sugestão é substituir esse método pelo sueco.

No mesmo parecer, Rui Barbosa, propõe a extensão da ginástica a ambos os sexos, como necessidade de oferecer às mulheres atividades ginásticas que atinassem para a "harmonia de suas formas femininas e as exigências da maternidade futura".

---

(25) Castellani Filho, "A (Des)Caracterização Profissional Filosófica da Educação Física" in Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 4(3), 1983.

Castellani comenta este trecho:

"Percebe-se que, mais do que moldar o comportamento feminino, interessava salvaguardar a eugenia da raça brasileira. E nesse particular, à Educação Física, cabia um papel preponderante. O raciocínio era simples, mulheres fortes e sadias teriam mais condições de gerarem filhos fortes e sadios; os quais por sua vez teriam mais condições de defenderem a Pátria, no caso de homens, e de se tornarem mães robustas, nos casos das mulheres".

Revela-se um dos principais papéis da Educação Física, a responsabilidfade pelo aprimoramento das raças, associando-a à Segurança Nacional.

Durante o Estado Novo, essa disciplina foi considerada obrigatória em todas as escolas primárias, normais e secundárias, pelo artigo 131 da Lei Constitucional 01 da Carta Magna de 10 de novembro de 1937. A obrigatoriedade à todos os níveis e ramos de escolarização foi estendida pelo Decreto Lei 705 de 25 de julho de 1969.

Acrescenta-se a essas características da Educação Física, mais uma: a preocupação com a eficiência e produtividade do educando, explicitada na Lei 5.540/68. Esta última característica estava nitidamente voltada para o mercado de trabalho: através de uma melhor capacitação e subsequente preservação e manutenção da força de trabalho.

Ainda no ano de 1968 temos as movimentações estudantis e, "neste cenário coube à Educação Física a função de, em entrando no Ensino Superior, colaborar, através de seu caráter lúdico-desportivo, com o esvaziamento de qualquer tentativa de rearticulação do movimento estudantil".

Em 1971, essa disciplina passou a ser facultativa para os cursos noturnos - Lei 5.664, que acrescenta parágrafo único à Lei

705/69. A intenção implícita nessa nova posição era a de "resguardar a 'condição física' dos alunos que, trabalhando durante o dia, se viam obrigados a 'dispendar energia' em uma atividade não produtiva".

O autor conclui seu artigo sintetizando suas constatações anteriores. Vejamos:

"Evidenciou-se o caráter reprodutivista da Educação Nacional, e nesse particular excelente foi a atuação, ou em linguagem mais peculiar à nossa área, a 'performance' da Educação Física. Nela, o caráter de alienada e de alienante fez-se presente de forma marcante. O reforço à estereotipação do comportamento masculino e feminino, suas implicações com a idéia de Segurança Nacional sentidas nas questões pertinentes à eugenia da raça brasileira, ou no concernente ao adestramento físico necessário tanto à defesa da Pátria quanto na preparação e manutenção da força de trabalho necessária à preservação e reprodução do status quo, bem como os motivos que a levaram até o ensino superior, testemunham tal afirmação". (25)

Além do movimento escolanovista, outra referência importante dessa, época no que respeita a educação é o IDORT, criado em 1931 pelo empresariado paulista e fundamentado no taylorismo. O presidente do Idort, Armando de Salles Oliveira foi o interventor federal no estado de São Paulo, depois governador eleito e candidato a presidência da república, o que realça a importância desse organismo na época.

Na concepção de Armando de Salles Oliveira a educação "deveria criar uma elite cultural e política que pudesse recuperar para São Paulo a posição de liderança nacional perdida após 1930", e a organização educacional deveria "chegar a democracia por meio de um desenvolvimento horizontal e vertical, no qual as elites assumissem sua direção". (26)

---

(26))MARTINS, C. A., Relatório de Qualificação citado acima, p. 43

Essa rápida passagem pelo contexto histórico educacional do princípio do século demonstra a importância das idéias eugenistas e de como foram assumidas na prática escolar. A preocupação dos dirigentes educacionais com a formação dos corpos belos e saudáveis e com o seu controle antropométrico é explicitada nas teorias e reformas educacionais na conjuntura educacional brasileira da época.

b) Os teóricos brasileiros da eugenia

No Brasil, um dos marcos iniciais do movimento eugênico é a Conferência intitulada "Eugenia" proferida por Renato Kehl na Associação Cristã de Moços de São Paulo a 13 de abril de 1917, publicada no Jornal do Commercio de 19 de abril. "Nela, após ligeiro exórdio, estudamos a hereditariedade como fundamento da ciência de Galton, os fatores disgenicos, a doutrina de Malthus, o direito relativamente à Eugenia, concluindo num apelo aos estudiosos para a divulgação e prática das idéias e preceitos eugenicos no nosso país para a melhoria progressiva da nacionalidade brasileira". (27)

Essa conferência leva à formação da Sociedade Eugênica inaugurada a 15 de janeiro de 1918, na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, com cerca de 140 associados, entre eles nomes ilustres como Oscar Freire de Carvalho, Arnaldo Vieira de Carvalho, Renato Kehl, Fernando Azevedo, Arthur Neiva, etc.

A primeira sessão da Sociedade Eugénica foi convocada a 13 de junho de 1919 para a discussão da reforma do Código Civil. Alguns

---

(27) KEHL, R., Sexo e Civilização, p.25

setores da sociedade pretendiam derrubar o impedimento matrimonial criado pelo artigo 183-IV (casamento entre tio e sobrinho) ao que se opôs veementemente a Sociedade, constituindo esta "a primeira vitória no terreno da defesa de uma das medidas de profilaxia matrimonial existente no nosso Código Civil". (28)

Em 1919 realiza-se o primeiro Concurso de Eugenia e em 1926 em comemoração ao centenário de morte da Imperatriz D. Leopoldina premia-se as tres crianças que mais se aproximavam ao tipo eugênico ideal.

Nessa época os eugenistas se empenharam, também, em fazer aprovar pelo Congresso uma Lei que instituia a obrigatoriedade de exames pré-nupciais, denominada por eles de Regulamentação Eugénica do Casamento. De acordo com seu projeto deveria haver impedimento ao matrimônio quando fosse constatados defeitos físicos irremediáveis, ou doença grave transmissível, como: tuberculose, lepra, sífilis contagiosa, blenorragia, cancro venéreo, epilepsia, idiotia, imbecilidade e alienação mental sob qualquer de suas formas.

Por aquele tempo essa reivindicação estava sendo feita pelos eugenistas na Italia, Inglaterra e França; países que colocaram obstáculos à sua aprovação. No entanto, foi aprovada a obrigatoriedade de exame pré-nupcial na Suécia (11-11-1915), Noruega (01-01-1919), Dinamarca (30-06-1922), Iugoslávia (1927) e E.U.A. - Washington em 1919, sendo imitado por outros vinte estados.

---

(28) Idem, Ibidem, p. 28

(29) Kehl, R. Separata do Brasil Médico n. 6, 08-02-1930, Sodré e Editores, 1930.

(30) Castigliani, Teodolindo - A eugenia no direito de família, Livraria Acadêmica, S.Paulo, 1942.

Na Argentina, o Prof. Victor Delfino, faz uma declaração que vai ao encontro do pensamento dos teóricos brasileiros:

"O certificado de saúde pre-nupcial deve impôr-se como medida obrigatória, visto que, qualquer que seja a opinião dos que julgam que a intervenção do Estado em assumptos particulares e pessoas dos subditos constitue um attentado á liberdade, pensamos que o interesse geral deve prevalecer sempre sobre o interesse particular, pelo facto de que a sociedade tem o dever de constituir uma raça forte e sã, capaz de realizar, sem tropeços, seus destinos no mundo e de impedir, por outro lado, que se propague a série espantosa de tarados, idiotas, amoraes, etc., cuja existencia pesa, gravemente sobre os Estados" (29)

Essa luta desemboca no Artigo 145 da Constituição Federal de 1934, que dispõe que "A lei regulará a apresentação pelos nubentes de prova de sanidade física e mental, tendo em atenção as condições do país".

Em 1929 realiza-se o Congresso de Eugenia, inserido nas comemorações do centenário da Academia Nacional de Medicina. N essa ocasião, como parte de um programa profilático de Eugenia, o Dr. Oscar Penna Fontenelle apresentou dois projetos de lei sobre o delito de contágio e das doenças transmissíveis e o ensino da higiene sexual nas escolas secundárias, normais e militares.

A educação era considerada o mais imperioso de todos os problemas nacionais, pelo eugenista Castro Barreto. Dentro da ampla temática que envolve a questão educacional, um ponto em particular preocupava este teórico: a educação das "pequenas mães". Vejamos como ele se expressa num trecho de seu artigo intitulado "A Maternidade Consciente", que apesar de ter sido selecionado por nós, tornou-se difícil fracioná-lo devido a importância que ele adquire para nosso trabalho:

"E pela puberdade que, como os Estados Unidos, começaremos, nas 'escolas de pequenas mães', onde se ensina o suficiente e o útil de um programma singelo e interessante de escola activa. Ahi é que a educação tirando partido das tendencias natas do pendôr femenino, obterá resultados melhores.

O mestre, partindo do simples para o complexo, ensinará demonstrando, dissertará sobre a importancia da maternidade para a especie, sobre os resultados desses cuidados na vida da criança e do adulto. São as 'escolas de pequenas mães' tão simples quanto encantadoras: seleccionadas as meninas de doze a quatorze annos em todas as escolas, collegios e internatos, recebem duas vezes por semana, uma hora de aula, dada por mestre que haja feito a cadeira de puericultura; seis mezes são o suficiente para fornecer ás meninas em periodo de alta impressionabilidade, noções seguras e indelleveis sobre a sua futura e primarcial função na existencia.

(...) Não só fazemos assim hygiene physica mas tambem hygiene mental, que muitos dos estados de angustia communs na adolescencia, provêm das cogitações em torno da sexualidade que é ignoto, o mysterio de que paes e professores timbram em cercal-as como se isso fôra possível. O solido recalçamento do Id, a formação de um bom Super-Ego, são os verdadeiros objectivos de uma educação assim conduzida, cujas vantagens na vida civilisada não é necessario encarecer". (31)

Continuando esse pequeno histórico das atividades eugênicas no Brasil vale lembrar da fundação da Comissão Central Brasileira de Eugenia em 1931 e da participação do Dr. Renato Kehl no Congresso Eugenico de Nova York em 1932 com o trabalho "Medidas para estimular a fecundidade dos tipos Superiores".

As idéias básicas dos eugenistas são as mesmas, sejam eles europeus, americanos ou brasileiros, e consistem na defesa da importância primordial dos fatores hereditários físicos, morais, psicológicos e patológicos em relação aos fatores ambientais e culturais de importância secundária. Na defesa de seus princípios os eugenistas não se cansam de lutar por uma proteção social às famílias de escol no sentido de dar-lhes condições de desenvolvimento e procriação e retirar a proteção às famílias e individuos considerados inferiores para, dessa forma, impedir sua

procriação e consequente degeneração social. Nesse sentido Renato Kehl acusa a sociedade por esforçar-se

"para defender a vida dos mediocres, dos debeis e degenerados; descuida-se, entretanto, de amparar e de estimular os individuos normais e capazes, aos quais falta, muitas vezes, um modesto apoio para progredirem e se tornarem elementos benéficos para a coletividade". (...) "(A sociedade) Descuida-se, infelizmente, dos validos para preocupar-se com os invalidos. Para estes criam-se caixas beneficentes, asilos e hospitais, enquanto nada ou quasi nada é feito em beneficio dos individuos sadios, capazes, os quais por infortunio social mantêm-se deprotegidos, ser um pequenino arrimo ou um simples impulso que os tire do impasse e os torne vencedores como merecem e como é necessário que aconteça em beneficio da sociedade". (32)

Caminhando nesse sentido de proteção às famílias superiores, Octavio Domingues propõe a formação de uma consciência eugênica que seria um "estado mental do cidadão, conhecedor da grande responsabilidade que assume no dia em que se decide a procriar".(33) A consciência eugênica apresenta-se ao autor como mais eficaz do que as leis que "não criam costumes. Muito menos entre brasileiros, povo eminentemente imbuído de uma idéia erronea sobre a liberdade individual". (34)

Octavio Domingues, parte do pressuposto de que o povo brasileiro acredita preconceituosamente no poder do meio como modelador dos seres, quando na realidade os seres já estão geneticamente formados, e a educação despertará e aperfeiçoará o inato. Nesse sentido o autor propõe que se aproveite o tempo que os jovens ficam na caserna durante o periodo que são obrigados a servir o exército para que aprendam o ensino útil e necessário que

---

(31) Barreto, Castro - "Maternidade Consciente", Atas do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, R.Janeiro, 1929.

(32) Idem, Licções de Eugenia, pp.51-2-3.

(33) Domingues, Octavio - Hereditariedade e eugenia, p. 20.

(34) Idem, Ibidem, p. 20

são os princípios que regem a formação de boas proles, e insere o ensino eugênico como complemento da educação sexual. (35)

Já Oliveira Vianna percorre um outro caminho para chegar a conclusões semelhantes. Sua pesquisa envereda sobre as diversas raças que acabaram formando o povo brasileiro, e das diversas raças, duas merecem especialmente sua atenção: o japonês (raça amarela) e o negro. Para analisar o japonês o autor utiliza-se de outras pesquisas realizadas na região do Havaí que concluem surpreendentemente, que o japonês não é inferior a nenhuma das raças européias e "o que mais me supreende - em alguns dos testes se mostraram mesmo superiores!"(36) . Mas, a característica fundamental dos japoneses é sua incapacidade de se deixar absorver por outras raças, o que acaba criando predisposição contra eles por sua tendência de se fecharem em guetos evitando a mestiçagem. "O japonês é como enxôfre: insolúvel".(37)

A raça negra é o calcanhar de Aquiles na teoria de Oliveira Vianna, que, cuidadoso, nega-se a fazer uma afirmação peremptória da inferioridade dessa raça, afirmando somente da sua incapacidade de construir civilizações. Este ponto era tão crucial na sua teoria que nossa sensação é que ele utiliza toda sua pesquisa como uma desculpa científica para justificar conclusões pré-existentes antes mesmo de iniciar o trabalho. Vale a pena transcrever, do capítulo final de seu livro, a seguinte passagem:

"O negro puro, não foi nunca, pelo menos dentro do campo histórico em que o conhecemos, um criador de civilizações. Se, no presente, os vemos sempre subordinados aos povos de raça branca, com os quais entram em contato; se, nos seus grupos mais

---

(35) Idem, Ibidem, p. 57. grifos nossos.

(36) VIANNA, O., Raça e Assimilação, p.154

(37) Idem, Ibidem, p. 155

evoluidos, das regiões das grandes planícies nativas, são os elementos mestiços, são os indivíduos de tipo negroides, aqueles que trazem doses sensíveis de sangue semita, os que ascendem às classes superiores, formam as aristocracias e dirigem a massa dos negros puros; como não o seriam também nestas épocas remotas, em que se assinalam estes grandes focos de civilização?

Que os estudos do passado e as investigações dos arqueólogos assinalam a existência dos grandes centros de cultura nas regiões centrais da África, é o que não ponho em dúvida; mas que estas civilizações sejam criações da raça negra, é o que me parece contestável. Não sei se o negro é realmente inferior, se é igual ou mesmo superior às outras raças; mas julgando pelo que os testemunhos do presente e do passado demonstram, a conclusão a tirar é que, até agora, a civilização tem sido apanágio de outras raças que não a raça negra; e que, para que os negros possam exercer um papel civilizador qualquer, faz-se preciso que eles se caldeiem para outras raças, especialmente com as raças arianas ou semitas, isto é, que percam sua pureza".(38)

Continuando na busca de argumentos que sirvam de embasamento às suas teorias, Renato Kehl num artigo denominado "Hereditariedade, Meio e Educação" publicado na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, n.41 não só enfatiza a inoperância da educação diante de características herdadas das gerações anteriores como utiliza o versículo bíblico que reza: "tôda árvore boa dá bons frutos; e a árvore má dá maus frutos" para reafirmar ainda mais suas teorias.

Para finalizar, e salientar a importância desses teóricos na sociedade brasileira, vale a pena citar na íntegra as propostas da Comissão Brasileira de Eugenia para a nova Constituição, publicadas como apêndice do livro Sexo e Civilização de Renato Kehl:

"1. - As condições somato-psíquicas de todos os indivíduos e do povo em geral dependem essencialmente das suas disposições hereditárias.

2. - O processo bio-social de um povo assenta-se portanto na preponderância das gerações de indivíduos 'bem dotados' sobre as de indivíduos com 'deficit' dos caracteres ótimos transmissíveis por hereditariedade.

3. - A eugenia nestas condições proclama absolutamente necessário envidarem-se todos os esforços tendentes à conservação e à multiplicação das famílias bem constituídas e de prole sadia, de 'bem dotados', combatendo as causas que

---

(38) Idem, Ibidem, p. 206

concorrem para dificultar a sua existencia e a sua função geradora, útil á nacionalidade.

4. - Para assegurar essa conservação e sua multiplicação impõem-se medidas de proteção economica a tais familias.

5. - Auxilio pecuniário aos orfãos de pais que se salientaram pelo seu valor e pelas suas obras quer tenham sido trabalhadores manuais, artisticos ou intellectuais, a critério da Junta que terá em conta o cabedal hereditário otimo dos referidos pais.

6. - Direitos de sucessão que favoreçam os trabalhadores dos campos no sentido de garantir a estabilidade economica das familias sadias e prolificas de agricultores e criadores.

7. - Medidas legais que facultam o casamento, na idade mais favorável e precoce possível para a procriação, de todos os individuos considerados eugenizados e de valor intellectual comprovado.

8. - Seleccção rigorosa para os candidatos a cursos academicos e para os cargos publicos tendo em vista premiar os individuos somato-psiquicamente superiores, de moral reconhecida e de boa linhagem no sentido eugenico.

9. - Impedimento ao casamento dos individuos patentemente degenerados, tarados e dos que pelos seus antepassados provenham evidentemente de ascendentes com cabedaes geno-típicos incompatíveis com a boa progenitura.

10.- Afim de que as proposições acima mencionadas possam ser adotadas, impoem-se immediata instrução e educação eugenica nas escolas primárias e nos ginasios sobre assuntos de biologia humana, hereditariedade e eugenia. Nas escolas normais e superiores será obrigatorio esse ensino acompanhado da organização de arvores genealogicas de individuos são e de individuos degenerados, para provar a necessidade imperiosa da campanha eugenica e evidenciar a responsabilidade inherente ao ato da geração.

11.- O Estado, tendo em consideração os itens acima, empenhar-se-á, desde já, para a defesa das futuras gerações, na preservação e multiplicação das boas linhagens das diversas classes de trabalhadores sadios e uteis, sejam manuais, artisticos ou intellectuais. As medidas sumariamente expostas são indispensáveis para resguarda-las da degeneração, ao mesmo tempo que favorecem o aumento de suas proles. São recursos básicos, ao lado da educação, para elevar o nivel medio, somato-psiquico, da nacionalidade.

A Comissão realça como remate a significação da hereditariedade como fator máximo entre as medidas capazes de melhorar as condições genotípicas bio-sociais do povo, tese esta, aliás, proclamada pela Ciência e considerada indiscutível pelos biologos e sociologos de maior relevo no mundo contemporâneo".E para finalizar: "Estas proposições 'mutatis mutandi' concordam nos seus pontos fundamentais com as sustentadas pela comissão da

Sociedade Alemã de Higiene Racial, instalada a 18 de setembro de 1931"(39). Este fato, num primeiro momento, foi motivo de orgulho para os eugenistas. Entretanto, quando as práticas eugênicas adotadas pela Alemanha Nazista vieram à tona, tornando-se objeto de execração pública, passou-se a calar sobre elas. Tentou-se esquecer sua existência e agir publicamente como se elas nunca houvessem existido, mas isso não significa que foram abandonadas, pelo contrário, continuaram a ser implantadas só que agora sob o manto do silêncio.

#### MULHERES: ENTRE A EUGENIA E A PLASTICA

Uma questão, no mínimo curiosa, levantada por Fernando de Azevedo quando de sua discussão sobre a educação física feminina é a contradição implícita entre o modelo feminino de beleza eugênico e o modelo cultural.

Sem dúvida, levamos em consideração que modelos de beleza surgem e modificam-se com o tempo, o lugar e os critérios da sociedade, e por isso não vamos nos enredar em discussões dos modelos de beleza em geral, mas do atual modelo de beleza feminino ocidental. Se hoje levantássemos o que seria "desejável" numa mulher de acordo com os padrões de misses verificariamos que: beleza, delicadeza das feições, elegância, finura de pulso e tornozelo, cadeiras estreitas, cintura fina, mãos delicadas, pernas esguias, dentes pequenos e regulares, vivacidade, inteligência sem grande profundidade, esta seria o que se poderia considerar uma súmula das características desejáveis numa mulher, que são

---

(39) KEHL, R., Sexo e Civilização, pp. 255-256-257

atributos exatamente opostos ao modelo de mulher do ponto de vista eugênico: a beleza não tem importância, traços vigorosos, inteligência desenvolvida, firmeza de propósitos, constituição robusta, cintura ampla, cadeiras largas, pulso robusto e mãos fortes, pernas vigorosas, tornozelos fortes e pés desenvolvidos.

Fernando de Azevedo tenta diluir essa oposição, louvando a beleza como expressão e complemento da saúde e robustez.

"Esta questão da plástica, além do seu aspecto estético e higiênico, envolve, e daí seu interesse maior, um problema social étnico e econômico. A mulher, diz Fouillée, não está encerrada no seu 'eu' ela é a humanidade visível; e a sua educação, uma obra cujo interesse se projeta além do indivíduo. A eugenia, na sua função primordial, sôbre esculpir numa grande parte dessas criaturinhas, que se acotovelam nas escolas e tressuam nas oficinas, sedutores exemplares de mulheres, faria também com que tôda mocidade, que viesse a florescer, galhardeando gentilezas no equilíbrio da atitude e na elegância do andar, fôsse capaz de ser socialmente útil, de enfrutescer em outros pequeninos espécimes de beleza feminina. A reprodutibilidade é a resultante da nutrilidade e, portanto, da robustez física. O fruto é o transbordamento da seiva, que se desprende para reproduzir-se; e o organismo descelulado produzirá outro igual, mormente se as condições da vida do progenitor permanecerem idênticas para a descendência".(40)

Não vamos nos ater ao estilo e à singularidade dos termos empregados pelo autor - o que até certamente daria interessantes inferências. A questão da plástica engloba um problema social, étnico e econômico porque a mulher não está encerrada no seu eu, ela é a humanidade visível. Em outras palavras, nega-se à mulher a individualidade, a identidade mesmo enquanto mulher que não será na sua vida mais do que um momento de transição. Na verdade sua função é enquanto mãe, estatuto, este sim, que ela deverá carregar durante toda a vida, garantindo-lhe o papel de ser socialmente útil. São os possíveis frutos a serem reproduzidos a partir desta matriz-mãe o

---

(40) AZEVEDO, F., ópus. cit., p.84

que interessa à sociedade e somente quando for de interesse da sociedade, e não do indivíduo/mulher que demonstra sua condição de inferioridade, exatamente por precisar galhardear gentilezas à sua passagem.

E mais adiante:

"A regeneração física da mulher brasileira é certamente o meio mais lógico, mais seguro e mais direto de obter-se de futuro uma geração sadia e robusta, em substituição a esta de hoje, que, em geral, se anquilosa em suas atitudes escolióticas e enfezadas, estirolando-se nos rebentos de uma prole que surge muitas vezes sobre a ruína da saúde da mãe, quando não seja sobre o sacrifício de sua própria vida... Que podemos de fato esperar de meninas fracas, para quem a maternidade seria uma catástrofe, senão uma floração cada vez mais raquítica e doentia? Ademais este problema sobre seu intuito fisiológico de conquistar para a mulher uma esplêndida aparelhagem hígida, funcionando em moldes anatomicamente mais perfeitos, tem também seu ponto de vista estético - a maior harmonia das formas, uma importância capital nas funções de reprodução, como o pode atestar a ginecologia, um papel decisivo, por isso, na regeneração da raça (...)" (41)

Fernando de Azevedo acaba de nos dar um exemplo de como a língua portuguesa se presta a descrever de forma singular e tão intensa, fatos os mais comuns e até mesmo vulgares. Ele acaba de descrever um animal com uma esplêndida aparelhagem hígida capaz de procriar perfeitos espécimes.

Se esta mulher é assim hoje, lânguida, frágil e histérica é por tentar seguir modelos de belezas impostos por homens que a querem frágil. Armam um jogo, a mulher cai na armadilha, e o vencedor sente-se mais forte. Não me parece fácil demonstrar que seja legítimo aos homens abolir um modelo e criar outro ginecológicamente perfeito, e pretender que a mulher se enquadre neste novo estereótipo.

---

(41) Idem, Ibidem, pp.85-86

A ausência do indivíduo, presença marcante em todo o texto de Fernando de Azevedo, foi escamoteada na teoria dos eugenistas anteriores.

### A EDUCAÇÃO DA ABSTINENCIA

#### a) Platão: do prazer maior

Como pudemos observar, a referência básica das teorias eugenistas tem como perspectiva o "interesse social". A preocupação com melhoria das raças, o desenvolvimento da inteligência e capacidades com o objetivo de "reinventar" uma civilização tão corajosa e criativa como a dos povos da antiguidade clássica. A finalidade principal dos eugenistas não é a formação de belos corpos e mentes férteis visando ao bem estar e a felicidade do indivíduo, e a consequente harmonia da sociedade. O objetivo implícito dessa teoria é colocar corpos e mentes perfeitos a serviço de uma maior produtividade econômica e cultural. Uma produção cultural de uma raça branca, considerada superior, que extermine outras culturas avaliadas como não tão superiores e, consequentemente, desimportantes para o homem civilizado. Uma maior produtividade econômica que contribua para o desenvolvimento de um sistema político considerado ideal, como o sistema capitalista. Os belos corpos e férteis mentes não têm sentido em si mesmos, mas somente enquanto engrenagem da máquina produtiva do sistema.

Nosso olhar se desvia neste ponto em busca de respostas para uma questão para nós decisiva: qual o lugar ocupado pelo indivíduo nessas doutrinas ?

Refazendo o percurso anterior, verificamos que uma das questões fundamentais no platonismo é exatamente sua preocupação com o indivíduo. Com a solidez de sua formação, com sua capacidade de dedicar-se à reflexão com profundidade em busca de respostas às questões colocadas ou, ainda, com sua capacidade de colocar questões. A finalidade dessa sólida formação individual é a obtenção da felicidade, o bem supremo almejado por todos, e a consequência imediata de atingir esse objetivo é a harmonia social, isto é, a disposição bem ordenada entre as partes de um todo.

A solidez de sua formação intelectual deve juntar-se a preocupação com o corpo. O cuidado de si, para usar a terminologia foucaultiana. As práticas ginásticas, exercícios, esportes e preparo para a guerra têm como finalidade a constituição de um corpo forte, saudável e vigoroso, complementando sua atividade intelectual, tornando-a menos árida. O desenvolvimento intelectual e corporal caminham juntos, embora não sejam excludentes. A educação do corpo é a condição necessária para o estabelecimento das duas capacidades anteriores, e esta é a outra conotação do cuidado de si.

Vejamos Foucault:

"(...)o que se marca nos textos dos primeiros séculos - mais do que novas interdições sobre os atos - e a insistência sobre a atenção que convém ter para consigo mesmo; é a modalidade, a amplitude, a permanência, a exatidão da vigilância que é solicitada, é a inquietação com todos os distúrbios do corpo e da alma que é preciso evitar por meio de um regime austero: é a importância de se respeitar a si mesmo, não simplesmente em seu próprio ser racional, suportando a privação dos prazeres ou limitando o seu uso ao casamento ou à procriação. Em resumo - e

em primeiríssima aproximação - essa majoração da austeridade sexual na reflexão moral não toma; a forma de um estreitamento de código que define os atos proibidos, mas a de uma intensificação da relação consigo pela qual o sujeito se constitui enquanto sujeito de seus atos".(42)

A questão da temperança presente nas reflexões da antiguidade grega, revisitada por Foucault no texto em destaque é desenvolvida em vários diálogos platônicos. Para Platão a virtude consistiria na coragem de privar-se de toda classe de prazeres referente ao corpo, buscando elevar a alma para contemplar a idéia, este sim, gôzo intenso, prazer singular. Esta concepção fica explícita no Banquete, onde o autor discorre sobre as qualidades do amor - carente do belo e do bom - e da importância da escolha do objeto amado que deve ser sempre o mais belo e o mais nobre. Num discurso ascendente, Diotima explica a Sócrates o movimento do amor que começa quando jovem por dirigir-se a beleza do corpo, para em seguida perceber que esta mesma beleza encontra-se em vários corpos, em seguida nas almas, depois nos ofícios, nas leis, nas ciências e, por fim, numa ciência única, até chegar à contemplação da idéia:

"Eis, com efeito, em que consiste o proceder corretamente nos caminhos do amor ou por outro se deixar conduzir: em começar do que aqui é belo e, em vista daquele belo, subir sempre, como que servindo-se de degraus, de um só para dois e de dois para todos os belos corpos, e dos belos corpos para os belos ofícios, e dos ofícios para as belas ciências até que das ciências acabe naquela ciência que de nada mais é senão daquele próprio belo, e conheça o que em si é belo".(43)

Nenhum prazer da carne pode ter, em intensidade, semelhança com o prazer propiciado pela contemplação da idéia. Nenhum objeto pode ser tão amado, e tão merecedor de amor quanto o saber. Platão

---

(42) FOUCAULT, M., História da Sexualidade III, pp.46-47

(43) PLATÃO, O Banquete, p.174

busca não qualquer prazer, mas o prazer máximo que um homem pode sentir. A erótica, amor aos rapazes é substituída pela filosofia, amor à verdade, como observa José Motta Pessanha:

"O mais belo e mais nobre objeto de amor é encontrado desde que os termos iniciais da relação erótica - homem/rapaz, amante/amado, erasta/erômeno - vão sendo substituídos, numa ascese erótica progressiva, até se transformar afinal na relação entre sujeito (amante) e objeto (amado) de contemplação. Ao longo dessa transformação, o vínculo erótico entre as pessoas é transmutado em relação de amizade: Philia substitui Eros. E que a relação amante/amado passa a se sustentar na relação mais forte, de cada um, com a verdade: a Philia alimenta-se sobretudo na filo-sofia".(44)

A atenção do indivíduo voltada para si mesmo tem como objetivo o preparo para a obtenção de um prazer maior, mais intenso, mais veemente, mais impetuoso que o prazer obtido pelo gozo sexual ou pela satisfação dos reclamos da carne. O que Platão reivindica e propõe é a vivência do prazer em si e não sua diluição em pequeninas doses, como o obtido pelo sexo. Há que se preparar para este prazer maior, e esse preparo é conseguido através da abstenção dos pequeninos prazeres. Não há conotação moral aqui, e essa abstinência não pode ser confundida pela imposição do ascetismo aos jovens visando o casamento monogâmico compulsório.

No Fedro, Platão define o conceito de erótico em dois momentos:

"Quando o desejo, que não é dirigido pela razão, esmaga nossa alma o prazer do bem e se dirige exclusivamente para o prazer que a beleza promete e quando ele se lança, com toda a força que os desejos intemperantes possuem, o seu poder é irresistível. Esta força toda poderosa, irresistível, chama-se Eros ou Amor"(45); ou citando os versos que alguns Homéridas recitam: "Os mortais o chamam de Eros, o deus alado. Os imortais, de 'Pteros', por fornecer asas", trecho interpretado por José Mota Pessanha como "falante e alante, o amor é impulso ascensional, do sentimento e da fala. Conduz do condicionado ao condicionante, do corpóreo ao incorpóreo. Tende ao absoluto:

(44) PESSANHA, J.M., "Platão: as várias faces do amor", in Os Sentidos da Paixão, p. 85

(45) PLATÃO, Fedro, p.206

(re)conduz a alma do contingente e do efêmero ao essencial e ao eterno".(46)

Continuando a buscar o significado do conceito de Eros em Platão vimos que nossa busca aparentemente nos afastava cada vez mais do caminho, Eros foi substituído por Philia, Ptéros nos levava ao incorpóreo, e desta forma adentravamos no mundo das idéias nos afastando do mundo das sensações, inclusive das sensações eróticas. Insistimos e fomos ao Crátilo, onde Platão busca a etimologia das palavras.

Para Platão o termo herói (héros) tem relação com eros (amor) porque

"a causa da nascerença dos heróis foi o amor (...) nasceram do amor entre um deus e uma mortal ou entre um mortal e uma deusa (...) o nome herói significa que eles eram sábios, hábeis oradores e dialéticos, que sabiam interrogar (e falar), visto airen (falar) e légein (dizer) serem sinônimos. Portanto, segundo o que vamos dizendo, os heróis, na língua ática, equivalem a oradores e a interrogadores, transformando-se assim esta casta numa espécie de arengadores e de sofistas".(47)

Quanto a eros,

"esta palavra indica uma corrente que corre do exterior para a alma, não peculiar a quem a experimenta, mas introduzida pelos olhos; por essa causa, antigamente chamava-se esros, de esrhein, com o o em vez de ê; todavia hoje chama-se erós pela troca do o por ê". (48)

E assim verificamos que qualquer caminho que se percorra na tentativa de se decodificar o significado de erotismo para Platão desembocaremos no mundo das idéias, o saber libertador, prazer supremo, em oposição à paixão escravizante, promessa não concretizada de prazer.

---

(46) PESSANHA, J.M., opus cit. p.86

(47) PLATAO, Crátilo, pp.48-49

(48) Idem. Ibidem., p 49

(49) ARISTOTELES, Das Virtudes e dos Vícios, p. 1372

Se a utilização de Platão pelos eugenistas peca por não perceber que a proposta platônica de temperança tem como objetivo alcançar o prazer em si e não de se guardar para a vivência de um prazer permitido e legalizado, peca também por não perceber que as propostas são radicalmente diferentes com relação à sua finalidade, já que a eugenia visa a produtividade, consequência não contemplada na teoria de Platão.

#### B) A Temperança para Aristóteles

O "radicalismo" que vimos em Platão não encontramos em Aristóteles. Para este, alguns desejos são reprováveis, alguns prazeres devem ser evitados, e é diante desses prazeres e desejos que se faz necessário o domínio de si, que a temperança se torna virtude. Em seu texto Das Virtudes e Dos Vícios lemos no capítulo II:

"A temperança e sobriedade é a virtude da parte apetitiva ou concupiscível (da alma) e é a que faz que os homens não desejem os prazeres baixos do gozo sensual. O domínio de si é a virtude da parte apetitiva ou concupiscível que torna capazes aos homens, por meio da razão, de reprimir seus apetites quando estes tem por objeto os prazeres vis".(49)

Em oposição aos prazeres vis, e entre esses estão os prazeres sensuais como podemos perceber acima, estão os prazeres ou o prazer verdadeiro, que deve ser buscado pelo homem, mas este alcança somente resquícios, somente momentos dele. Este prazer vivido continuamente é privilégio do ser divino. Vejamos o livro III da Metafísica :

"A duração e a vida, tão breves para nós, as possui este ser em melhor grau, porque ele sempre é aquele - coisa para nós impossível - e porque também o prazer é seu ato. Por esta razão,

o estado de vigília, a sensação, a intelecção, são algo sumamente agradável, e a esperança e a recordação o são também a causa destas coisas. O pensamento em si é o pensamento do que é melhor, e o pensamento por excelência é o do que é bom por excelência. O entendimento se entende a si mesmo abarcando o inteligível, pois se faz inteligível pelo contato com as coisas e o entende-las, de maneira que o inteligível e o entendimento cheguem a ser o mesmo, porque a faculdade receptora do inteligível e a essência é o entendimento. E a atualidade é a possessão do inteligível. De maneira que isto, mais que outra coisa, parece ser esse algo divino que possui a inteligência, e a contemplação é o prazer supremo e o bem absoluto".(50)

O bem absoluto, o prazer supremo para a divindade é a contemplação, assim como para os homens, sendo que a diferença entre o divino e o humano neste ponto está em que "...o ser divino se encontra sempre nesta felicidade nós somente gozamos breves instantes (...)"(51)

A incorporação do ser divino aristotélico, e o prazer súpero de Platão pelas doutrinas cristãs, é facilmente perceptível quando verificamos que "no princípio era o verbo": palavra, discurso, logos. O deus dos cristãos, onipresente, onisciente, onipotente é logos incorpóreo.

### A Temperança Cristã

O verbo encarnado, Cristo, é, em última instância, a negação da carne. "Cristo, sobre quem o cristão procura modelar sua conduta, não era casado. Ele glorifica, aliás, em Mateus 19,12 os eunucos voluntários. O casamento de José e Maria, que será muito tempo o ideal do casamento cristão, é um casamento sem relações

(50) ARISTOTELES, *Metafísica*, Livro XII cap. 7 p.1057

(51) Idem, *Ibidem*, p. 1057

carneais. E desde as origens se insiste na virgindade de Maria. Paradoxalmente, então, a virgindade parece ser o caminho cristão da fecundidade como a cruz é o caminho da vida. E a palavra que é fecunda, que multiplica a Igreja, não a carne".(52)

Com os protótipos de assexualidade, virgindade e castidade fica evidenciada a hostilidade do cristianismo ao prazer carnal. Aliás, como nota Foucault, a expressão "prazeres da carne" traz em si uma conotação de pecado, oposta ao "prazer do corpo" que não possui esta carga moral. Seguindo a análise de Flandrin verificamos que ancorada na carne do homem depois da queda, essa força intrinsecamente má não pode ser redimida pelo batismo. E ela que subtrai nossos órgãos sexuais ao controle da razão. E na união carnal vem um momento inevitável em que a concupiscência submerge nosso espírito. E exatamente no conceito de concupiscência que Santo Agostinho se apoia para hostilizar o prazer carnal.

Essa aversão do gnosticismo aos prazeres conjugais leva-os a retirar do contexto citações do Evangelho para acentuar sua carga de refutação aos prazeres e as consequências deste. Vê-se, por exemplo, em Mateus 24,19, e em Lucas 21,23: "Desgraça às mulheres grávidas e àquelas que amamentam nesses dias"; ou no Evangelho segundo os Egípcios (a morte reinará) tanto quanto o tempo em que vocês, mulheres, carreguem filhos"; ou no Evangelho de Tomás "Bendito é o ventre que nunca concebeu e os seios que nunca amamentaram".(53)

Essa rigidez vai se tornar mais amena com o passar do tempo, mas durante 18 séculos o cristianismo só admitia tres razões para

(52) FLANDRIN, J.L., O Sexo e o Ocidente, p. 113, grifos nossos.

(53) Idem, Ibidem, p. 113

(54) Idem, ibidem, p. 116

o casamento: propiciar o devido a sua parceira, querer procriar e para evitar a incontinência. Além dessas, nenhuma outra razão era suficiente para justificar essa união.

No correr do século XII era comum os confessores inquirir os fiéis a respeito das práticas sexuais destes. Se se observasse que o marido queria ter relações com sua mulher como se ela não fosse sua mulher ele era acusado de pecado mortal.

Mesmo no casamento permitido com vistas à procriação, as relações sexuais eram proibidas aos domingos e dias santos - sob pena de produzir uma prole deformada ou leprosa - durante a quaresma; durante o período de gestação - para não lesar o feto - e durante a amamentação, período que costumava durar de dois a três anos. Considerando a quase total inexistência de meios contraceptivos até metade de nosso século e o risco de incorrer em grave pecado quem deles fizesse uso, as relações sexuais aconteciam em número diminuto e bastante esparsas.

Mas fora desse espaço as relações sexuais eram proibidas; a vivência da sexualidade - em seu sentido mais estrito e não freudiano - mesmo que em práticas solitárias, também era proibido. O ideal para os que não optaram pelo casamento era a castidade.

A descoberta anterior relativa a Eros-Herói-Amor, propiciada pelo Crátilo, sugere nova busca etimológica. Há um elo de ligação entre castidade e castigar, indiciando a força das palavras, meras representações de fenômenos que servem para camuflar a encruzilhada na qual o homem se encontra.

Essa encruzilhada aparece em dois níveis: em primeiro lugar, o casamento ou o celibato. Se o caminho escolhido for o do casamento, os momentos permitidos para a vivência da sexualidade são exíguos,

restando-lhe longos períodos de abstinência, de exercício da castidade. O outro percurso é o celibato, ou seja, da castidade absoluta.

Num segundo nível, penetrando o universo da linguagem, encontra-se a armadilha sedutora que dá ao homem a potência de criador quando manipula as palavras, passando a desempenhar o papel de seduzido quando manipulado por elas.

A moral cristã, repleta de interdições, utiliza o termo "casto" num sentido muito próximo de recompensa, de "bem". "E o avesso do avesso".

Durante o século XX uma nova concepção das doutrinas cristãs para o casamento vai ocorrer a partir do momento que o conceito de amor passa a ser admitido como justificativa para as uniões entre os casais. "A primeira exigência de Deus, quanto ao ato do amor, é que seja baseado no amor" escreve o cardeal de Suenens em 1956.(54)

Há, sem dúvida, uma mudança na concepção da finalidade do casamento, mas não há lugar ainda para o prazer nesta concepção. O sacramento do matrimônio continua a ser visto como remédio para os incontinentes, o lugar onde as relações são permitidas desde que sua finalidade seja a procriação e não o prazer. Na verdade, ainda hoje não existe lugar para o prazer nestas teorias.

\*\*\*\*\*

Não restaria aos projetos de educação sexual outro destino senão a abstinência e sanitarismo? Estaria a sexualidade educada, assim, inevitavelmente conduzida pelos apelos da produção, do reino da necessidade? Vejamos como isso se coloca nos projetos da CENP.

### CAPITULO III

#### A SEXUALIDADE EDUCADA

##### - A educação sexual na rede oficial de ensino

"Nosso primeiro encontro, no meu apartamento foi uma coisa dantesca. Eu estava louco de desejo e ela me olhava com os olhos arregalados, pasma e ofegante. Tive que tirar sua roupa e colocá-la nua na cama, suntuosa, os cabelos negros e a pele branca luziundo, quando então aconteceu essa coisa formidanda: o meu pênis ficou inerte, encolheu. Desgraça maior não pode acontecer a um homem. Comecei a suar em pânico, beijando-a, acariciando-a de maneira agoniada que só fazia aumentar a minha impotência. Ela tentou me ajudar, mas também ficou nervosa e estava assustada pois pensava, como me disse depois, que havia alguém escondido embaixo da cama. Levantou-se e foi para o banheiro. Fiquei na cama manuseando o meu pau desesperadamente, inutilmente, um longo tempo, até que comecei a chorar. Imagine um homem gordo e nu chorando numa cama, tentando fazer o seu pau levantar. Afinal limpei os olhos, enfiei-me num robe e fui ver o que ela fazia dentro do banheiro.

Estava sentada na tampa do vaso sanitário, pernas cruzadas, desconsolada, olhando as unhas, meio acorcondada, até uma barriguinha adiposa surgira no seu ventre impoluto; a maquiagem em torno dos olhos derreteria, e ela se fitou com um olhar patético. Liguei o gás do aquecedor, talvez pensasse que um banho nos purificaria, nos fizesse esquecer aquele horror, voltasse a encher o meu pênis de sangue. Subitamente o aquecedor explodiu. (...) Atirei-me sobre ela para protegê-la, caímos ao chão e naquele inferno de fogo e fumaça nossos corpos se conciliaram numa cópula excelsa e delirante. Só à noite percebi que o meu corpo estava empolado de queimaduras da explosão. Creio que foi nesse dia que me decidi, ao comprovar a superioridade do tesão sobre a dor, a escrever Bufo & Spallanzani. Mesmo com o corpo lambuzado de picrato de butesin, largando pele nos lençóis, passei a me encontrar com ela todos os dias, mais potente do que Maupassant e Simenon juntos."

(Rubem Fonseca - Bufo & Spallanzani)

### CAPITULO III

## A EDUCAÇÃO SEXUAL NA REDE OFICIAL DE ENSINO

### INTRODUÇÃO

Este capítulo examina documentos da CENP - Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo - referentes aos cursos de educação sexual ministrados na rede oficial de ensino.

O primeiro curso, preparado pelos técnicos da CENP em 1979 e ministrado em 1980, visava atingir alunos do primeiro e segundo graus, sendo selecionadas três escolas de cada nível, localizadas em bairros centrais da Capital.

#### Escolas de Primeiro Grau:

EEPG "Almirante Barroso"

EEPG "José Cândido de Souza"

EEPG "Reynaldo Porchat"

#### Escolas de Segundo Grau:

EESG "Antonio Alves Cruz"

EESG "Alberto Levy"

EESG "Ministro Costa Manso"

#### Número de alunos abrangidos:

Primeiro Grau: 400 aproximadamente

Segundo Grau: 1.100 "

Total: 1.500 "

Este curso contou com a participação de 10 professores de Ciências e Programas de Saúde e 3 Orientadores Educacionais (dois abandonaram o projeto por terem mudado de cargo). O único critério para participação era o voluntariado.

O segundo curso, ministrado em 1984, envolveu 78 professores de Habilitação para o Magistério, 8 Orientadores Educacionais e 18 Assistentes Técnicos de Orientação Educacional.

Para participar do projeto era necessário que o professor fosse efetivo, voluntário e preferencialmente atuasse na área de Biologia, Psicologia ou Didática. A preferência recaía em quem tivesse participação em experiências anteriores no assunto; demonstrasse interesse pela educação sexual na escola e apresentasse um bom relacionamento com os alunos.

Nossa intenção ao analisar os documentos referentes aos cursos não é transformá-los em um estudo de caso, por todas as razões expostas na introdução deste trabalho, mas somente tomá-los como exemplo de um curso de educação sexual que, em linhas gerais, não difere basicamente de outros cursos que conhecemos.

Procuramos evitar o risco de alterar ou mesmo distorcer o conteúdo dos documentos. Levamos em conta ainda que uma análise mais específica - do discurso e dos projetos nele embutidos, das questões levantadas e do motivo dessas escolhas, etc. - seria necessária e extremamente produtiva, mas excederia os limites desta dissertação. Por isso, optamos por apresentar os documentos resumidamente num primeiro momento, utilizando sua linguagem, modificando-a somente quando absolutamente necessário, seguindo sua ordem de exposição e temáticas apresentadas, deixando para apêndices o que não era fundamental no contexto.

Os cursos de educação sexual exibem particularidades que não permitem que sejam tratados como qualquer outra matéria do currículo da instituição educacional. Isso faz com que sejam objeto de numerosas e complexas discussões, preparações, avaliações, integração ou não na unidade escolar.

Considerando que nos referimos à instituição educacional oficial, temos presente que esse fato lhe imprime uma característica ainda mais volátil - eles são inseridos ou retirados de acordo com o desejo do governo do Município, Estado ou Federal.

No entanto, é interessante notar que em determinados momentos a educação sexual passa a ser institucionalizada e destina-se um órgão dentro do aparato oficial, especialmente dedicado a ela. Nestes momentos aciona-se uma equipe para preparar uma equipe, a qual por sua vez terá como função preparar os professores. Foi o que aconteceu nos cursos que analisaremos a seguir.

Este capítulo se divide em duas grandes partes: (A) Descrição dos projetos e (B) Análise e crítica. Para tornar mais clara a sequência deste capítulo, segue um pequeno índice, que pretende facilitar a leitura dos documentos:

#### (A)- DESCRIÇÃO DOS PROJETOS:

##### I. O Plano Piloto (1980-81).

###### I.1. Preparação.

###### I.1.1. Sensibilização.

###### I.1.2. Treinamento:

a) os temas e sua apresentação.

b) Planejamento e avaliação.

###### I.2. Execução nas escolas:

a) Reuniões nas escolas envolvidas.

b) Características dos alunos.

c) Desdobramentos.

I.3. Acompanhamento e avaliação:

a) avaliação nas escolas.

b) avaliação final.

II. Segundo Curso - 1982.

III. 1983 - Avaliações e pesquisas

IV. O Curso de 1984.

IV.1. Sensibilização.

IV.2. Avaliação do treinamento.

IV.3. Execução do curso

IV.4. Avaliação do projeto:

a) resultados imediatos

b) repercussões na comunidade

c) dificuldades encontradas

IV.5. Considerações finais da CENP.

(B) ANALISES E CRITICAS.

\*\*\*      \*\*\*      \*\*\*

#### A. DESCRIÇÃO DOS PROJETOS (1)

##### I. O Plano Piloto (1980-81)

1 Esta primeira parte deste capítulo está baseada nos documentos:  
Sexualidade Humana, uma abordagem curricular com enfoque educativo,  
Vols. I (1984) e II (1985)

Sexualidade Humana - reflexões e proposta em ação, 1986

Proposta Curricular para o Ensino de Ciências e Programas de Saúde  
- Primeiro Grau, Jornal da CENP/301/14-12-73

Pra Começo de Conversa - reflexões sobre a sexualidade na infância  
e na Adolescência, 1985

Governo do Estado de São Paulo, Secretaria do Estado da  
Educação, Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas.

Todos esses documentos foram cedidos gentilmente pela CENP.

Alguns dos fatores apresentados pela CENP como desencadeantes da proposta de cursos de educação sexual na rede oficial de ensino são: a mudança de valores; a liberação do comportamento sexual tanto da mulher quanto dos jovens; a influência dos meios de comunicação de massa; a realização de congressos e seminários sobre o assunto; a medicina criando especialidades que abrem a possibilidade de cura de disfunções e promovem a melhoria das relações sexuais entre as pessoas; a psicologia com profissionais especializados na área, os sexólogos; seções especializadas sobre o assunto que aparecem nos diferentes jornais e revistas de grande circulação; os numerosos livros especializados apresentando o assunto sob diferentes enfoques. A temática sexual é enfatizada não como um simples modismo, mas por retatar novas necessidades surgidas na sociedade.

Em 1980 começam os primeiros estudos sobre a viabilidade de cursos de educação sexual e iniciam-se os preparativos de uma equipe técnica para equacionamento do problema e apresentação de possíveis soluções. Esse estudo inicial foi realizado pelo Serviço de Orientação Educacional com a colaboração da Divisão de Currículos, ambos pertencentes à CENP, através da Equipe de Ciências do Serviço de Ensino do Primeiro Grau e Equipe de Biologia do Serviço de Ensino do Segundo Grau.

O Departamento de Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, também se envolveu nesse estudo, com a participação do Prof. Dr. M. J. B. de Moraes que havia desenvolvido a primeira etapa da necessidade de prioridades educativas de ensino de Sa. e Sa. pública. Além disso, dois pais e professores, uma escola da rede

representado pela Prof. Dr. Nelly Candeias que havia realizado um levantamento de necessidades e prioridades educativas de alunos de 5a. e 6a. séries, de seus pais e professores, numa escola da rede estadual, apontando como problema prioritário dos alunos a necessidade de informação sexual.

O trabalho da equipe consistia em levantamento bibliográfico, leitura de textos, estudo e análise de material audiovisual, contatos com entidades e especialistas e, principalmente, discussão e análise do projeto referente à educação sexual nas escolas da rede estadual de ensino.

As primeiras reuniões com a equipe envolvida no projeto resultou no levantamento dos seguintes considerandos:

- a Lei 5.692/71 propõe a educação como um processo global que visa à formação integral do educando, devendo incluir, portanto, a educação sexual;

- o tema está associado a diferentes valores e a tabus polêmicos na sociedade em geral, sobretudo na escola;

- a forte influência dos meios de comunicação social pode interferir na ação educativa realizada pela escola;

- há pouca divulgação de experiências sistematizadas nesse campo que fundamentem uma atuação;

- há falta de consenso sobre as formas de atuação em virtude da complexidade do assunto;

- há falta de definição e preparo de pessoal a ser envolvido num programa de Orientação Sexual;

- já existem nas escolas de Primeiro Grau da rede oficial de ensino, dentro da programação de Programas de Saúde, tópicos sobre Informação Sexual, e há consenso de que a abordagem da parte

científica deveria ocorrer em um trabalho integrado dos professores dessa disciplina e orientadores educacionais;

- a rede de escolas estaduais é muito extensa e sua clientela muito diversificada;

- há necessidade de elaborar subsídios e recursos didáticos para uma atuação eficiente;

- há necessidade de sensibilizar e envolver a família, pois ela desempenha tarefa fundamental, especialmente no que diz respeito ao posicionamento do educando em termos de moral sexual; a preocupação da escola com a educação sexual não exime a família (ou o grupo familiar) de sua responsabilidade nessa tarefa educativa.

O levantamento desses pontos leva a comissão a propor um projeto piloto que utilizaria as condições existentes nas rede de ensino sem a necessidade de alterações que implicassem em dificultar, ou mesmo inviabilizar, sua realização. A nova disciplina faria parte do curriculum de Programas de Saúde por três motivos:

1. para que não fosse mais uma disciplina a ser inserida nos cursos de primeiro e segundo graus, o que poderia criar problemas com a carga horária estabelecida e lhe daria um caráter artificial;

2. porque o conteúdo curricular das disciplinas Programas de Saúde possibilita e facilita o desenvolvimento de um programa na área de informação sexual;

3. a disciplina Programas de Saúde consta do currículo das diferentes modalidades do segundo grau oferecidas pelas escolas da rede estadual de ensino e, portanto, tem possibilidade de atingir a todos os alunos sem modificação do currículo. Já com relação ao primeiro grau seria necessário um ajuste uma vez que a equipe responsável pelo projeto considerava importante que a programação

fosse desenvolvida a partir da 5a. série, enquanto o guia curricular de Programas de Saúde no primeiro grau prevê o seu desenvolvimento apenas na 8a. série.

A partir desse levantamento a equipe constituída estabelece os objetivos gerais do projeto e a orientação do pessoal - professores de Ciências e Programas de Saúde e os orientadores educacionais - no desenvolvimento do projeto de informação sexual a ser desenvolvido nas unidades escolares envolvidas.

Como objetivos gerais do programa, tanto a médio como a longo prazo, ficaram definidos os seguintes: (2)

- promover a pessoa como um valor em si mesma;
- favorecer o respeito à dignidade humana do homem e da mulher e o reconhecimento de seus direitos iguais na ordem política, legal, sócio-cultural, econômica, familiar e sexual;
- esclarecer o caráter específico da sexualidade humana enquanto não só meio de reprodução, mas também de relação e enriquecimento interpessoais e conseqüentemente instrumento de integração e formação da personalidade;
- integrar harmonicamente a sexualidade à vida da pessoa;
- proporcionar informações adequadas baseadas em fatos cientificamente provados, liberados de preconceitos e tabus.

Objetivava-se propiciar condições para que os professores pudessem ampliar seus conhecimentos sobre o desenvolvimento psicosssexual humano, facilitando assim a execução de um programa de informação sexual aos alunos. As possíveis defasagens de

---

2 Os tres primeiros objetivos foram adaptados os Objetivos Gerais da Educação Sexual da UNESCO. Os dois últimos foram adaptados dos Objetivos Gerais da Educação Sexual apresentados no III Congresso Nacional sobre Educação Sexual nas Escolas.

informações existentes seriam resolvidas durante as reuniões de preparação do projeto como veremos a seguir.

Com relação aos orientadores educacionais, objetivava-se criar condições para que eles pudessem assessorar o professor no conhecimento do desenvolvimento psicosssexual do aluno, refletindo com ele sobre o sexo enquanto dimensão do relacionamento humano, a partir de informações recebidas do professor. Essa reflexão propiciaria ao profissional detectar os problemas mais sérios dos alunos e encaminhá-los a especialistas quando necessário.

Os pais participariam do processo através de informações sobre o desenvolvimento do projeto.

E finalmente - e mais importante - os alunos teriam oportunidade de conhecer aspectos do crescimento e desenvolvimento humano relativo à sexualidade, teriam oportunidade de desenvolver atitudes de responsabilidade em relação a si mesmos e ao outro quanto à sexualidade, além de refletir sobre o sexo enquanto dimensão do relacionamento humano.

### 1.1. Preparação

A preparação dos envolvidos no plano piloto teve início norteadas por esses objetivos e foi dividida em quatro etapas:

- sensibilização: abril/81;
- treinamento: 1 a 5 de junho/81;
- execução (os temas e sua apresentação): agosto-setembro/81;
- avaliação: 17/11/81.

### I.1.1. Sensibilização

A fase de sensibilização consistiu na socialização das informações gerais buscando-se um consenso quanto a conceitos, objetivos e diretrizes do projeto. Traçou um perfil dos envolvidos especialmente os referentes à sua formação acadêmica e experiência anterior em educação sexual, verificando-se que todos os 10 professores envolvidos tinham a formação básica de sua área, a maioria com cursos de especialização e todos com 8 ou mais anos de exercício no magistério e uma professora já havia participado de congressos de educação sexual e de uma experiência de educação sexual com escolares. E, por fim, avaliou a eficiência e eficácia da reunião.

Para obter uma uniformidade de linguagem e dos conceitos relativos ao tema procurou-se definir o que se entendia por educação sexual. Tomou-se de empréstimo a definição do conceito de Maria José Garcia Werebe encontrada em seu livro A Educação Sexual na Escola, que diz o seguinte:

"Educação Sexual, tomada no sentido mais amplo, compreende todas as ações diretas ou indiretas, deliberadas ou não, conscientes ou não, exercidas sobre o indivíduo (ao longo de seu desenvolvimento), que lhe permitem situar-se em relação à sexualidade em geral e a sua vida sexual em particular.

A educação sexual, num sentido mais restrito, distingue-se da primeira, pelo seu caráter de intervenção deliberada e sistemática, com intenções que podem ser mais ou menos explicitadas.

Informação sexual é correntemente utilizada para designar a comunicação de conhecimento sobre a sexualidade".

A partir desse esclarecimento os participantes verificaram a importância do papel da escola na educação sexual dos alunos e concluíram que deveriam os responsáveis pela escola se conscientizar desse papel assumindo-o a partir da definição e delimitação de sua atuação.

O papel da escola na formação sexual dos alunos não é único, e é até pequeno - ponderam os participantes - diante do papel exercido pelos meios de comunicação de massa e pela família. Ele é, no entanto, bastante significativo, não podendo ser desprezado ou ignorado.

Se a escola pretende assumir o encargo da educação sexual, torna-se necessário desempenhar esse papel da forma mais planejada possível, e algumas normas que serviriam para nortear esse novo desempenho foram estabelecidas.

O papel do professor deve ser definido não como o de um propagandista de idéias ou doutrinador, mas como o de um instigador de situações que proporcionem ao aluno informações necessárias e oportunidade de discussão e reflexão. O professor deve respeitar outras posições e valores que não os seus, mesmo porque esse é um assunto dentre outros em que o papel da escola é complementar ao da família.

Supõe-se que a questão das possíveis controvérsias dos valores individuais pode ser resolvida sobrepondo-os os valores universais tais como liberdade e responsabilidade, respeito ao outro e a si mesmo, igualdade social e dignidade de cada pessoa. Da mesma forma, as informações pessoais devem ser subordinadas às informações científicas que contribuem no desenvolvimento da formação de valores. Nesse mesmo eixo encontra-se a questão da linguagem: deve ser compreendida e aceita com naturalidade quando usada em sua

função coloquial pelos alunos, mas deve-se progressivamente ir habituando-os a utilizar os termos corretos.

Nesse contexto, a atitude do professor torna-se tão importante quanto o conteúdo que é transmitido, e essa atitude deve ser de naturalidade no tratamento das questões ligadas à sexualidade.

A comissão definiu, por fim, que o projeto a ser implantado nortear-se-ia por uma linha preventiva, com um caráter informativo e educativo.

Ainda nesta fase de sensibilização foi apresentado aos participantes um conjunto de perguntas sobre o conteúdo específico de biologia, relativo a aspectos do crescimento e desenvolvimento humanos relacionados à sexualidade, à guisa de se saber o nível de atualização sobre o assunto, e um outro conjunto de questões, sobre atitudes frente a alguns aspectos da sexualidade humana como ponto de partida para se conhecer seus pontos de vista a respeito.

Por fim, fez-se uma consulta entre os presentes sobre os assuntos em que se sentiam menos preparados, com a intenção de organizar o treinamento na direção das necessidades apontadas. Vejamos o resultado desta consulta:

1. Os professores não se sentiam suficientemente preparados nos seguintes assuntos:

#### Aborto

- . Definição de tipos de abortos.....63,6%
- . Causas do aborto espontâneo.....45,5%
- . Indicação de aborto terapêutico.....36,4%

#### Sexualidade humana

- . Masturbação.....54,5%
- . Relacionamento homossexual.....63,6%

Fatores que interferem na gravidez e no parto

- . Drogas:bebidas alcoólicas, entorpecentes,  
estimulantes,poluentes,medicamentos..54,5%

Paternidade

- . Família e planejamento familiar:  
relações familiares e direitos da  
criança.....54,5%
- . Métodos anticoncepcionais: aspectos  
legais, valores morais e sociais.....54,5%

Os professores assumiram um preparo parcial sobre os seguintes assuntos:

- Anatomia e Fisiologia dos aparelhos  
reprodutores masculino e feminino.....54,5%
- Papéis sociais do homem e da mulher,  
complementaridade, relações inter-  
pessoais.....72,7%
- relacionamento heterossexual:  
virgindade, namoro, relações  
pré-conjugais, casamento, vida  
familiar.....72,7%
- Sexualidade humana: maturidade e  
imaturidade.....54,5%

- Reprodução humana:
  - . Fecundação.....54,5%
  - . Gravidez: cuidados no período  
pré-natal.....54,5%
  - . Desenvolvimento embrionário  
normal.....54,5%
- Fatores que interferem na gravidez  
e no parto:
  - . Tabagismo.....54,5%
  - . Alimentação.....63,6%
- Paternidade:
  - . Métodos anticoncepcionis: tipos,  
ação, confiabilidade, modo de  
uso, efeitos secundários,  
reversibilidade, mitos.....54,5%

A partir dessas indicações, organizou-se o Encontro de 1 a 5 de junho que teve a seguinte programação:

1/06/81

- Sistemas básicos de valores sexuais em nossa cultura
- Puberdade e adolescência
- Anatomia do aparelho reprodutor masculino e feminino.  
Reprodução humana.
- Papéis sociais do homem e da mulher

2/06/81

- Relacionamento heterossexual
- Higiene sexual e doenças sexualmente transmissíveis

3/06/81

- Relações familiares
- Sexualidade humana: maturidade e imaturidade
- Risco gravídico
- Fatores que interferem na gravidez e no parto
- Gravidez na adolescência

4/06/81

- Planejamento Familiar
- Abortamento
- Masturbação
- Homossexualismo

5/06/81

- Role Playng

#### I.1.2. Treinamento

O treinamento propriamente dito, foi desenvolvido a partir da apresentação, discussão e avaliação dos temas sugeridos pelos participantes na fase anterior, com a participação de especialistas no assunto.

##### (a) Os temas e sua apresentação

O tema Sistemas básicos de valores sexuais em nossa cultura foi apresentado por Regina D'Alva Vianna, estagiária da Faculdade de Saúde Pública da Usp. Este tema objetivava favorecer a reflexão sobre os valores ligados à sexualidade e o posicionamento dos participantes diante deles. Foram apresentados diferentes enfoques da moral sexual, como o cientificista, que privilegia apenas a anatomia e fisiologia; o racionalista, que considera o sexo como expressão puramente corporal, separado dos valores do espírito; o moralista que diz "isto é certo ou errado", e o humanista, que considera o sexo como meio de reprodução e como instrumento de integração e formação da personalidade.

Complementando a temática, foram apresentados os sistemas de valores básicos na cultura ocidental:

- ascetismo tradicional repressivo - considera que o sexo é negativo, sujo e pecaminoso;
- ascetismo esclarecido - considera que o sexo é positivo dentro do casamento e para a procriação;
- humanismo liberal - considera o sexo com responsabilidade, levando em conta o outro e o crescimento mútuo;
- sexo pelo sexo - considera o sexo sem amanhã, sem afeto e sem amor;
- anarquia sexual - considera que no sexo "vale tudo", é o individualismo que vai às últimas consequências.

Os participantes deveriam se posicionar diante do sistema de valores com que mais se identificassem. Em geral, apontaram como tendo sido educados no ascetismo tradicional e se posicionavam entre o ascetismo esclarecido e o humanismo liberal.

O segundo tema, Puberdade e Adolescência, foi desenvolvido por Carmem Lygia Mattoso Salomão e May Shirai Camargo, do Serviço de Orientação Educacional da CENP e teve como objetivos: rever características da puberdade e adolescência; relacionar comportamentos de alunos com relação a aspectos do crescimento e desenvolvimento humanos na puberdade e na adolescência; instrumentar os participantes na obtenção do perfil da classe quanto à problemática da adolescência; vivenciar uma técnica de trabalho em grupo, aplicável aos alunos.

O desenvolvimento desse tema foi feito com o auxílio de alguns textos e com uma lista de características, para que os professores indicassem os comportamentos observáveis em seus alunos.

O terceiro tema, Anatomia e Fisiologia da Reprodução Humana, desenvolvido por Regina Gualtieri, Yae Kimura, Heloisa A.G. Ribeiro, Ghisleine T. Silveira, do Serviço de Currículo do Primeiro e Segundo Graus da CENP, que se utilizaram de alguns textos com o conteúdo básico da matéria a ser desenvolvida em classe.

O tema Papéis Sociais do Homem e da Mulher teve como objetivos: analisar a influência da cultura na determinação dos papéis sociais e compreendê-los como resultantes da interação biopsicossocial; discutir o papel do estereótipo no relacionamento entre os sexos; desenvolver a consciência de que a sexualidade está intimamente ligada ao desenvolvimento da personalidade e à identidade sexual; refletir sobre a possibilidade de uma opção livre no desempenho dos papéis sociais, de acordo com as potencialidades e capacidades de cada um; e, por fim, possibilitar aos participantes uma auto-análise em relação aos papéis sociais.

O tema foi desenvolvido pelas representantes do Serviço de Orientação Educacional da CENP, Dirce de Barros e Elza S. Cardoso,

que distribuíram um material representando bonecos pedagógicos em diversas situações de desempenho de papéis sociais, nos quais os participantes deveriam identificar os sexos. As respostas foram discutidas com o objetivo de que cada participante percebesse em si mesmo maior ou menor estereotipia em relação aos papéis sociais.

A discussão teve por base o texto de Carmem Barroso E Homem ou não é? A Socialização dos Papéis Sexuais, facilmente inteligível, prestando-se à discussão em sala de aula na faixa etária a ser atingida.

Carmem Barroso descreve algumas pesquisas, feitas principalmente nos Estados Unidos, sobre a dificuldade de diferenciação do sexo em crianças de 0 a 3,4 anos de idade. As diferenças entre os sexos surgem numa época mais tardia, graças a atuação da família e outros agentes socializadores no sentido de criar essas diferenças, já que a cultura ocidental insiste em ignorar a natureza bi-sexual do ser humano. O próprio conceito de natureza é diferenciado entre homens e mulheres. Existe uma natureza feminina, comenta a autora, feminilidade é algo a ser aceito e assumido, ao passo que não existe uma natureza masculina, masculinidade é algo a ser conquistado.

O texto termina com um alerta sobre os efeitos danosos dessa dicotomia cultural sexual, mutilando personalidades humanas de forma muitas vezes irreparável.

O tema Relacionamento heterossexual: virgindade, namoro, relações pré-conjugais, casamento e vida familiar, foi desenvolvido por Mary S. Camargo e Noemi S. Wrege do Serviço de Orientação Educacional da CENP. Objetivava: refletir sobre o relacionamento entre os jovens e suas implicações; sobre os valores dos professores e orientadores diante dessa temática e sua postura na

discussão do assunto com os alunos; instrumentar os participantes para a discussão desse tema com os alunos.

O tema foi discutido a partir de seis textos extraídos do livro Sexualidade Humana y Relaciones Personales de René Jaimes e de um Caderno com várias "situações de namoro" elaborado pelo Serviço de Orientação Educacional. As discussões giraram em torno das reflexões do grupo a respeito de seus próprios valores quanto à virgindade, relações sexuais entre os jovens, padrões morais vigentes. Analisando o relacionamento dos jovens de modo geral e de seus alunos em particular. Discutiu-se, por fim, sobre a forma de levar com os alunos a discussão dessa problemática, sem impor os seus próprios valores e sem dar receitas ou conselhos.

O Dr. José Martins Barros, diretor do Serviço de Educação em Saúde Pública do Instituto de Saúde da Secretaria de Saúde do Estado desenvolveu o tema Higiene Sexual e Doenças Sexualmente Transmissíveis através de exposição dialogada e projeção de slides. Tanto o volume 1 quanto o 2 dos Cadernos da CENP que enfocam e avaliam este treinamento não dão nenhuma informação sobre esta passagem além das citadas acima.

Relações Familiares, tema desenvolvido pela Dra. Nelly M.F. Candeias da Faculdade de Saúde Pública da USP, que procurou refletir sobre o papel da família na formação da personalidade dos indivíduos e identificar os fatores que afetam as relações familiares, com o auxílio do artigo "Pesquisa analisa evolução do conceito de família" publicado no jornal O Estado de São Paulo em janeiro/81.

O artigo comenta as modificações da estrutura da família de 1954 até hoje (1981), passando de uma organização monogâmica composta pelo casal e seus filhos para um alto índice de divórcios,

mães solteiras e casais que convivem sem vínculo matrimonial, além de um enorme decréscimo na taxa de natalidade dos países mais desenvolvidos.

A discussão do artigo gerou as seguintes questões: Quais são os ajustamentos necessários ao casamento? Quais as principais causas potenciais de conflitos entre os casais? Quais os tipos de crises familiares? Nas questões discutidas pelo grupo foram levantadas algumas técnicas para apresentação do tema em sala de aula.

Sexualidade Humana, maturidade e imaturidade, apresentado pelo Prof. André F. Pillon, estagiário da Faculdade de Saúde Pública da USP, através da discussão de um texto de sua autoria, intitulado Maturidade e Imaturidade, onde resume as características de uma pessoa social, emocional e moralmente madura, tomando emprestada a definição de Mangus: "capacidade de viver de maneira fácil, confortável e harmoniosa com seus semelhantes, sem a necessidade neurótica de dominar e controlar os outros, ou de ser indevidamente a eles submisso, ou de fugir aos contatos sociais; possibilidade de controlar suas energias, dominar seus temores, ódios, ressentimentos e afetos, vivendo mais em termos de realidades do que em termos de anelos, desejos e prejuízos, tendo segurança própria e saudável respeito por si mesmo; habilidade suficiente para tomar decisões em razão de fatos conhecidos e de princípios comprovados, assumindo a responsabilidade pelas consequências, não escolhendo à base de simples capricho, imaginação ou impulso e nem tampouco de regras e tabus rígidos transmitidos pela tradição".

Segundo o autor, para se alcançar este nível de maturidade é necessário o estabelecer vínculos afetivos que se iniciam no seio da família da qual dependem os demais vínculos sociais. A ausência

total de tais vínculos definiria uma situação de marginalidade psicossocial e de absoluta carência.

No nível da sexualidade, seriam indicadores de imaturidade psicossocial a ocorrência de comportamento promiscuo, a pornografia, a prostituição e perversões, em que se detectam relações fortuitas e provisórias. A impessoalidade, sem envolvimento afetivo serviria à satisfação de desejos unilaterais.

Cabe aos educadores a tarefa de valorizar alternativas genuínas de relacionamento humano, na prática diária com seus alunos, a fim de que, gradualmente, tomem conhecimento de suas circunstâncias e tornem-se conscientes de suas responsabilidades consigo e com os demais.

A leitura do texto, levou a uma ampla listagem de questões, discutidas pelos participantes no treinamento, e que reproduzimos a seguir:

- É possível um adolescente atingir a "maturidade adulta", quando as condições ambientais não lhe são totalmente favoráveis ?

- Como definir maturidade e imaturidade nos diferentes estágios de crescimento ?

- Seria possível enumerar, na ordem crescente de importância, os fatores que influenciam na maturidade ?

- Como podem os educadores ajudar os adolescentes a atingirem a maturidade desejada ?

- Até que ponto a "assistência excessiva" por parte da mãe pode interferir na personalidade e maturidade do adolescente ?

- Até que ponto os valores culturais influenciam na conduta do indivíduo, modificando o seu parecer perante determinada situação? Existe alguma relação com maturidade ?

- O estabelecimento de vínculos afetivos e a importância inicialmente da família e depois da escola.

- A relação de reciprocidade e a maturidade sexual.

- Qual a relação da sexualidade com o relacionamento humano ?

- Será que esta agressividade atual é fruto da imaturidade sexual ?

- Qual a relação entre imaturidade e sexualidade ?

- De que maneira o conhecimento da sexualidade pode ajudar o jovem a se situar no mundo atual ?

- O comportamento "anormal" do imaturo é uma disposição comportamental adquirida (produzida por conflitos sociais) ou relativamente estável frente as influências situacionais que aparecem em determinadas ocasiões (angústias, conflitos)? Considerar a sociedade "imatura" é válido ?

- Devemos forçar o amadurecimento de uma pessoa (já considerada imatura) ou integrá-la às normas das pessoas sãs para reorientação no seu ambiente natural ?

- Hirsche. Esses vínculos são de natureza afetiva e seu fundamento é a reciprocidade, um movimento duplo...

- Há indivíduo que sempre acolhe e valoriza os outros, mas dificilmente toma a iniciativa de estabelecer o vínculo. Esse também é imaturo ?

- O indivíduo pode fugir ao contato social com o desconhecido devido à insegurança ou incerteza de que seu comportamento, tal como é, não recebe o apoio social, devido também ao fato de não ter habilidade para simular sentimento que não possui. É imaturo ou não ?

- Na prática, o que é realmente maturidade e imaturidade ? (deixando de lado ou resumindo todas as teorias)

- É possível uma pessoa ser completamente madura em todos os sentidos ?

- Como não confundir as indecisões e conflitos do adolescente com imaturidade ?

- Quais os padrões de maturidade sexual e emocional ?

- Como a natureza das relações com os outros influencia a forma como alguém se comporta sexualmente ?

Quais as alternativas genuínas de relacionamento humano que devem ser valorizadas pelos mestres na prática diária com seus alunos ?

- O conceito de maturidade, salvo a conceituação de "estar pronto para", segundo a parte fisiológica e idade (ex; andar, correr, escrever), as outras todas envolvem padrões, valores culturais, religiosos, econômicos, sociais, etc, que não podem e nem devem ser generalizados ou mesmo empregados.

Algumas questões que abordavam a maturidade na área da sexualidade e o papel do professor foram destacadas para discussão, que evidenciou a dificuldade de consenso sobre o conceito.

O tema Risco Gravidico desenvolvido pela Profa.Dra. Nelly M.F.Candeias, da Faculdade de Saúde Pública da USP teve como objetivo descrever o conceito de risco gravidico, mostrar o efeito da variável idade sobre o processo de gestação entre mães adolescentes e propiciar aos participantes condições para refletir sobre a ocorrência desse problema entre adolescentes.

Permeou a discussão do tema um texto denominado Risco Gravidico, da Dra. Nelly Candeias que trata dos efeitos das variáveis idade e paridade sobre o processo de gestação, enfatizando especificamente a vulnerabilidade da gravidez na adolescente. Ressaltou-se o fato de que a gravidez, nessa fase de

desenvolvimento, contribui para diminuir a probabilidade de um nascimento normal.

Por meio de exposição dialogada foram desenvolvidos os temas: Gravidez na Adolescência, por Ana Cristina Tanaka, professora do Departamento de Saúde Materno-Infantil da Faculdade de Saúde Pública da USP; Alguns fatores que interferem na gravidez e no parto, apresentado pelo Dr. Antonio P. Mirra, Coordenador Executivo do Registro de Câncer da Faculdade de Saúde Pública da USP; o tema Planejamento Familiar foi apresentado pelo Dr. Fabio F. de Araújo, professor da Faculdade Paulista de Medicina, e o tema Abortamento foi apresentado pela Prof. Ana Cristina Tanaka. Nenhum desses temas é comentado nos dois Cadernos da CENP além do descrito acima.

Problemas relacionados à masturbação, tema desenvolvido por Carmem Lygia M. Salomão e Mariliza G. Teixeira do Serviço de Orientação Educacional da CENP objetivou propiciar reflexões sobre o tema e atualização científica além de preparar o professor para responder às perguntas dos alunos sobre o assunto.

Como auxílio na discussão foram utilizados dois textos: Masturbação de Warrem R. Johnson e Masturbação, pecado ou problema de Elizabete Marangon editado pela Revista Família Cristã.

A seguir foram levantadas perguntas sobre masturbação feitas por vários adolescentes e extraídas de livros sobre o assunto, que os professores tentaram responder como se elas tivessem sido colocadas em sala de aula.

O tema Problemas Relacionados ao homossexualismo, desenvolvido pela Profa. Maria Rosa e Silva, orientadora educacional da rede estadual de ensino, visou propiciar uma reflexão sobre o assunto e preparar os participantes para prováveis questionamentos dos alunos.

Inicialmente, os participantes responderam um questionário sobre o tema; em seguida leram o texto Homossexualismo de Alan P. Bell e compararam as respostas dadas ao questionário com o conteúdo do texto.

Finalizando o treinamento, foi desenvolvida a atividade Role-playing pelo Prof. Silvio Back, orientador educacional da Fundação Carlos Chagas, que visava dar aos participantes uma oportunidade de vivenciar algumas situações relacionadas com os temas abordados e de refletir sobre seus próprios valores manifestados no desempenho dos papéis.

A técnica consistia num rápido aquecimento e na representação de alguns papéis como: uma adolescente, seu namorado, sua amiga, seus pais, os pais do namorado, um padre, o diretor da escola e o professor de biologia dos namorados. Enquanto a representação acontecia, a partir de um texto elaborado pelos próprios participantes, formou-se um grupo de observação que teceu comentários sobre o que foi vivenciado.

#### (b) Planejamento/Avaliação

O objetivo desta etapa do treinamento era a elaboração da programação a ser desenvolvida nas escolas de primeiro e segundo graus, com as adequações necessárias às séries e graus de ensino.

Nesta etapa foram separadas os dois graus e cada grupo reuniu-se com a correspondente equipe de Currículo da CENP e, em conjunto, discutiram objetivos, metodologias e conteúdos a serem desenvolvidos nas salas de aula. Após a discussão, elaborou-se um plano que alterava o roteiro inicial:

\*Unidade 1 - Fases do desenvolvimento humano.

\*Unidade 2 - Identificação das características sexuais primárias e secundárias no homem e na mulher.

\*Unidade 3 - Papéis sociais do homem e da mulher.

\*Unidade 4 - Anatomia e fisiologia dos aparelhos reprodutores masculino e feminino. Cuidados de higiene. O ato sexual.

\*Unidade 5 - Doenças sexualmente transmissíveis.

\*Unidade 6 - Fecundação. Gravidez. Diagnóstico e gravidez e cuidados pré-natais. Desenvolvimento embrionário normal.

\*Unidade 7 - Parto e puerpério. O recém-nascido.

\*Unidade 8 - Fatores que interferem na gravidez e no parto.

Em termos gerais, os participantes gostaram do treinamento, manifestando satisfação com respeito ao desenvolvimento dos temas, participação dos conferencistas e técnicas utilizadas.

## I.2. Execução nas Escolas

### (a) *Reuniões nas escolas envolvidas*

Previamente à execução do projeto, propriamente dita, foram feitas algumas reuniões com a equipe da escola envolvida e os pais, para esclarecer os objetivos e diretrizes, linha de atuação, programa a ser desenvolvido e papel de cada um deles no projeto. Essas reuniões se fizeram necessárias por se tratar de um assunto

polêmico e de ser esta uma primeira experiência. Apenas numa única escola houve uma certa resistência por parte do corpo docente, que decidiu que qualquer fato que ocorresse relativo ao assunto seria encaminhado à professora de ciências.

Nas reuniões com os pais dos alunos das escolas de primeiro grau, estes se manifestaram aliviados pelo fato da escola atuar nessa área, cientes de que a escola só iria se manifestar com relação aos valores universais, respeitando os valores da família. Em uma dessas escolas, os pais pediram a inclusão do tema "tóxicos" na programação geral.

O objetivo das reuniões com os pais era não somente informá-los, esperava-se que atuassem de forma complementar ao trabalho da escola, refletindo com os filhos problemas relativos a valores, religião e aspirações da família.

#### *(b) Caracterização dos alunos*

Através de questionários foi feito um levantamento do perfil dos alunos a serem atingidos pelo projeto. Os dados coletados indicaram que os de primeiro grau do período diurno têm entre 11 a 13 anos e, no período noturno, 15 a 17 anos. Os alunos do segundo grau de ambos os períodos têm entre 16 a 19 anos.

No período diurno de ambos os graus o predomínio é do sexo feminino, e no período noturno, o primeiro grau apresentou o mesmo número de alunos e alunas e no segundo grau o predomínio é de alunos do sexo masculino, e em geral pertencem a uma situação sócio-econômica caracterizada como de renda mais para baixa do que para alta.

Interessante notar que quando os alunos têm dúvidas sobre sexo a primeira pessoa que eles procuram é a mãe, exceção feita aos alunos do segundo grau noturno, que procuram o amigo íntimo. Dizem, também, que a palavra sexo significa para eles um assunto natural, e suas informações diferenciam das fontes: os do primeiro grau diurno tem como fonte de informação os pais e professores; os do período noturno, professores e livros ou revistas. Os alunos do segundo grau diurno tem como fonte de informação amigos e pais, e os do período noturno, livros e revistas ou amigos.

### (c) *Desdobramentos*

Programado inicialmente para durar os meses de agosto e setembro, a grande maioria dos cursos estendeu-se por todo o segundo semestre, devido a dificuldades inerentes à própria dinâmica da escola ou ao grande interesse despertado nos alunos.

Os temas propiciaram oportunidade de discussão de outros assuntos, especialmente os mais polêmicos, relacionados a condutas e valores não universais.

A aplicação do projeto aconteceu de forma diferenciada, atendendo as características típicas da faixa etária. Uma unidade - "Doenças sexualmente transmissíveis" - que não estava programada para o primeiro grau foi desenvolvida numa quinta série do noturno devido ao interesse manifestado pelos alunos.

As principais dificuldades relacionadas pelos professores são: falta de material de apoio, heterogeneidade dos alunos do segundo grau quanto aos conceitos básicos, escassez de tempo e dificuldade para dosar a profundidade e extensão do assunto, especialmente junto às quintas séries.

As unidades foram avaliadas através de provas, questionários, chamada oral, debates, pesquisa e trabalho escritos.

Durante o desenvolvimento do projeto, de modo geral, não ocorreram problemas nas classes, nas escolas e nas famílias.

As perguntas feitas pelos alunos, colocadas na caixinha de perguntas, durante o desenvolvimento do projeto, foram listadas por assunto: por grau e período, conservando-se sua redação original, e fazem parte do Anexo 1 deste capítulo.

### I.3. Acompanhamento e avaliação

A reunião de acompanhamento foi realizada em setembro, com a participação dos professores e da orientadora educacional das escolas envolvidas no projeto, e teve como objetivos: acompanhar a programação em desenvolvimento; identificar a problemática enfrentada pelos professores; prestar assessoria se necessário; possibilitar troca de experiências entre os participantes e, quando for o caso, replanejar a programação.

De forma geral os professores relataram não estar encontrando grandes dificuldades no desenvolvimento do projeto e que a aceitação, da parte dos pais, dos alunos e do pessoal da escola, estava sendo boa.

No primeiro grau, os alunos, especialmente os da quinta série, revelaram um interesse muito grande, utilizando a caixinha de perguntas somente nos primeiros dias, após o que preferiram fazê-las diretamente.

Ainda no primeiro grau, comentou-se que o programa caminhava muito lentamente, entre outros motivos devido a quantidade de

perguntas feitas pelos alunos, o que indica o interesse despertado pelo programa.

No segundo grau a reação dos alunos ao projeto foi positiva e a caixinha de perguntas pouco usada já que os alunos preferiam fazer-las diretamente ao professor. Também nessa série o desenvolvimento da programação exigiu maior número de aulas do que o previsto, devido ao interesse despertado e o grande número de perguntas.

#### (a) *Avaliação nas escolas*

A equipe da CENP, responsável pelo projeto, visitou as escolas envolvidas para verificar seu andamento e registrar os fatos que teriam dificultado ou facilitado a execução e prestar assessoria se necessário.

Esse levantamento pode ser resumido nos seguintes pontos: não houve problemas com nenhuma escola; a equipe de algumas escolas considerou o projeto importante por atender a uma necessidade real; numa única escola os pais consideraram ser muito cedo para que seus filhos recebessem informação sexual, nas outras houve o apoio dos pais; em geral sentiu-se necessidade de que a programação fosse estendida ao longo do ano e a outras séries, considerando um bimestre muito pouco tempo para o bom desenvolvimento do programa; houve boa aceitação por parte dos alunos; sentiu-se a necessidade de livros adequados à idade dos alunos e também uma bibliografia para os pais.

(b) *Avaliação Final*

De modo geral todos disseram que aproveitaram muito o que lhes foi dado e que enriqueceram seus conhecimentos e experiências, encontrando na CENP um ambiente bastante receptivo.

Nos relatos das principais dificuldades houve a sugestão dos professores participantes disporem de um horário para atendimento de casos particulares dos alunos. Entre os problemas apresentados pelos alunos citou-se casos de sífilis, gravidez e homossexualismo. Outro professor ressaltou que os alunos de quinta série "já são prontinhos de cabeça, já vêm com os valores estruturados. Daí a necessidade de se trabalhar também com os pais".

Finalmente, o que se pode observar de tudo o que foi vivenciado nesse período, conclui o Caderno da CENP, é que o projeto atendeu à necessidade de alunos, pais e professores, foi bem recebido, correspondeu às expectativas, despertou grande interesse, foi gratificante para todos os envolvidos, evidenciando, assim, a conveniência de sua continuidade e a ampliação do número de escolas a serem abrangidas.

II. O segundo curso - 1982

Básicamente trata-se do mesmo curso anteriormente oferecido, só que agora ampliado para 14 escolas da Delegacia de Ensino da Capital.

A proposta inicial pretendia abarcar todas as escolas da Delegacia de Ensino da Capital, num total de 18, mas 4 delas não apresentaram disponibilidade para realizar um trabalho na área de educação sexual. O argumento apresentado foi o de temerem se envolver numa experiência inicial numa área tão problemática. A avaliação da CENP é que este dado revela que as mudanças na escola não acompanham o ritmo das mudanças da sociedade, muito mais ágil e rápida. Avalia também que este posicionamento indica que medidas isoladas, como por exemplo atos legais, não são suficientes para garantir realizações na prática e que há necessidade de um conjunto de medidas organizadas para que a idéia se torne uma ação social significativa.

Os dados da avaliação final dos cursos desenvolvidos em 1982 ratificam os de 1981, justificando a continuidade do projeto.

### III. 1983: Avaliações e Pesquisas

1983 foi um ano sem cursos novos de educação sexual devido a dois fatores: a) mudança na administração estadual; b) foi um ano dedicado a avaliação dos projetos em andamento. Nesse ano fez-se apenas um "Levantamento de Atividades Desenvolvidas por Iniciativa própria das Escolas da Rede Estadual de Ensino na Área da Sexualidade Humana". Este é o nome do estudo publicado no Anexo 2 do Caderno Sexualidade Humana - Reflexões e Proposta em Ação, da CENP, de autoria de Naumi A. de Vasconcelos, sob a coordenação de Mariliza Giometti Teixeira e com a colaboração da Equipe Técnica do

SOE. Dada a importância e interesse para nosso trabalho vamos reproduzi-lo na íntegra:

#### "Apresentação e Avaliação do presente levantamento

Como levantamento preliminar, este trabalho se coloca dentro do projeto SOE destinado a analisar a pertinência e as possibilidades de se implantar a Educação Sexual nas escolas, a partir de uma consulta às bases (UEs).

Investiga-se aqui preliminarmente se a Educação Sexual já comparece no âmbito das escolas, por iniciativa das mesmas, inquirindo-se sobre os conteúdos desenvolvidos, os elementos envolvidos, os resultados obtidos, as solicitações e observações apresentadas pelos professores.

Das 18 DREs da rede estadual de ensino, apenas 07 enviaram até o momento informações a respeito (conforme formulários sugeridos pela CENP). Essas 07 DREs enviaram um total de 992 formulários preenchidos por número igual de escolas, o que representa aproximadamente 20,0% do total das UEs da rede, constituindo-se assim numa amostra representativa da mesma, fornecendo dados reais para análise, também realística, da questão da Educação Sexual na escola.

Ressaltamos os seguintes pontos retirados do material recebido e tabulado:

1. A Educação Sexual já é realizada de maneira espontânea em 28,0% das escolas. Isso parece indicar que essa educação vem ao encontro de uma demanda da clientela escolar e que, para satisfazê-la, a escola se vê impelida a mobilizar e improvisar recursos.

2. As atividades de Educação Sexual se concentraram da quinta a oitava séries, que em conjunto perfazem 67.5% das séries atingidas. Logo, a puberdade e a adolescência, que foram precisamente o contingente dessas séries, evidenciam a necessidade de uma orientação sexual como parte da formação global da personalidade, neste período particularmente.

3. Na realização dessas atividades espontâneas de Educação Sexual, as escolas lançaram mão de toda uma gama de elementos humanos, pertencentes ou não ao quadro da escola. Embora a diversidade de abordagem seja positiva, atestando a interdisciplinaridade própria à sexualidade humana, parece-nos, por outro lado, encontrar-se ali uma séria matéria de reflexão. E de se supor que cada abordagem veicule, inevitavelmente, ideologias e valores próprios e variados que são projetados sobre o alunado, de tal modo que é mais a sexualidade do "mestre" que se transmite que a sexualidade do aluno que é apreendida, em muitos casos. Seria preciso que fóruns de debates sobre o assunto clarificassem essas ideologias e valores, muitas vezes passados de um modo implícito. Outra coisa seria a necessidade de um esclarecimento sobre a interdisciplinaridade: ela significa o esforço conjunto de abordagens parciais de um fenômeno e exige que se tenha consciência de que, por ser parcial, nenhuma abordagem esgota a globalidade do fenômeno estudado. Entretanto, frequentemente, aparecem colocações dentro do material recebido, atestando o dogmatismo dos elementos envolvidos: "A educação sexual deve ser dada de maneira fria e objetiva"; "Mostro aos meus alunos que o sexo é um instinto, como comer, ou beber"; "Procuro fazê-los compreender a presença de Deus no corpo humano"; "Procuro adverti-los dos perigos e das aberrações"; etc. Houve mesmo uma escola que considerou como

resultado positivo das atividades desenvolvidas em Educação Sexual o fato de haver feito encaminhamento psiquiátrico para os casos de homossexualidade, evidenciando uma postura ideológica autoritária, que nem sequer se reconhece como tal.

4. Observamos a maciça concentração do conteúdo da Educação Sexual nos aspectos fisiológicos ligados à reprodução humana, e nos aspectos patológicos do exercício da sexualidade (doenças venéreas). Como tais aspectos fazem parte do programa de Ciências, pode-se pensar que mesmo esses aspectos programáticos são omitidos, enquanto informação. Omissão que precisaria ser analisada em suas causas (o que leva o professor a não realizar essa parte do programa) e consequências (não libera a Educação Sexual para os aspectos psíquicos e sociais da mesma).

5. Ao lado da concentração numérica de informações de natureza fisiológica, os formulários enviados demonstram um grande leque de assuntos abordados com os alunos e que revelam preocupação com os aspectos emocionais e culturais da sexualidade, que qualitativamente podem ser vistos como aspectos mais solicitados pelos alunos que os meramente fisiológicos. Felizmente a maioria dos professores parece estar aberta à discussão desses aspectos, embora não se sintam preparados e embora entre eles se encontrem aqueles que considerem negativo o aluno perguntar coisas "fora do assunto", como a masturbação, a homossexualidade e o aborto...

6. A listagem do conteúdo mostra também que a sexualidade da mulher continua, dentro de uma tradição sexista, a ser bem mais objeto de estudos e de exposição que a sexualidade masculina. Chamou-nos a atenção um conteúdo inquietante: "A Eugenia Feminina" (reminiscências nazista?).

7. Os resultados apontam inequivocamente para um grande interesse dos alunos em relação à Educação Sexual, para uma demanda mesma em que o assunto seja dito, possibilitando um diálogo com os professores. Vê-se que houve melhoria nas relações professor-aluno, nas relações entre os colegas e na própria conduta de higiene e de disciplina.

8. Os aspectos negativos (não observados ou não relatados em 56,0% das escolas) se referem sobretudo à falta de material de apoio, à falta de preparo docente para esse tipo de educação e à falta de tempo para abordá-la dentro dos horários existentes na escola.

9. Finalmente, entre as solicitações dos professores destacam-se a que se refere a material de apoio e a referente à introdução da Educação Sexual na escola com toda a retarguarda que ela supõe: cursos de treinamento, convocação de especialistas, etc.

Elementos que desenvolveram algum trabalho de educação sexual nas escolas:

|                                             |     |
|---------------------------------------------|-----|
| Pofessores não especificados.....           | 104 |
| Professores de Ciências e Biologia.....     | 70  |
| Médico.....                                 | 27  |
| Professores de Educação Física.....         | 11  |
| Professores de Educação Moral e Cívica..... | 10  |
| Orientadores de Assistência Escolar.....    | 10  |
| Encarregados da Johnson e Johnson.....      | 8   |
| Monitores de Ciências.....                  | 7   |
| Psicólogos.....                             | 5   |
| Professores de Estudos Sociais.....         | 4   |

|                                            |   |
|--------------------------------------------|---|
| Orientador de Educação Moral e Cívica..... | 3 |
| Orientador Educacional.....                | 2 |
| Professor de Educação Religiosa.....       | 2 |
| Encarregado do Programa de Saúde.....      | 2 |
| Pastor.....                                | 1 |
| Padre.....                                 | 1 |
| Enfermeira.....                            | 1 |
| Educadora de Saúde.....                    | 1 |
| Conselheiro de Classe.....                 | 1 |
| Assistente de diretor.....                 | 1 |
| Diretor.....                               | 1 |
| Coordenador Pedagógico.....                | 1 |
| Coordenador do projeto do noturno.....     | 1 |
| Membro da APM.....                         | 1 |

#### Conteúdo

|                                                  |     |
|--------------------------------------------------|-----|
| Aparelhos reprodutores do homem e da mulher..... | 113 |
| Doenças Venéreas.....                            | 108 |
| Fisiologia da Reprodução Humana.....             | 99  |
| Menstruação.....                                 | 75  |
| Higiene.....                                     | 58  |
| Métodos anticoncepcionais.....                   | 36  |
| De acordo com a solicitação do aluno.....        | 34  |
| Puberdade (aspectos fisiológicos e anatómicos).  | 27  |
| Higiene feminina.....                            | 26  |
| Parto.....                                       | 25  |
| Gravidez.....                                    | 24  |

CAPITULO III - A educação sexual na rede oficial de ensino - página: 38

|                                                                  |    |
|------------------------------------------------------------------|----|
| Aborto .....                                                     | 21 |
| Educação sexual .....                                            | 19 |
| Desenvolvimento sexual (aspectos fisiológicos e anatómicos)..... | 15 |
| Relacionamento entre os sexos.....                               | 14 |
| Relação Sexual.....                                              | 14 |
| Masturbação.....                                                 | 14 |
| Reprodução animal e vegetal.....                                 | 13 |
| Namoro.....                                                      | 13 |
| Aparelho reprodutor feminino.....                                | 12 |
| Homossexualismo.....                                             | 12 |
| Sexo e Amor.....                                                 | 10 |
| Adolescência.....                                                | 10 |
| Maturação sexual.....                                            | 10 |
| Noções de puericultura.....                                      | 10 |
| Moral sexual.....                                                | 8  |
| Hereditariedade.....                                             | 8  |
| Educação sexual familiar .....                                   | 8  |
| Sexualidade na infância .....                                    | 7  |
| Ejaculação .....                                                 | 7  |
| Aberrações Sexuais.....                                          | 6  |
| Sexo e valores.....                                              | 6  |
| Orientação individual.....                                       | 6  |
| Papéis sexuais.....                                              | 6  |
| A família.....                                                   | 6  |
| Sexualidade humana.....                                          | 6  |
| Virgindade.....                                                  | 5  |
| Problemas sexuais.....                                           | 4  |
| O casamento.....                                                 | 4  |

|                                          |   |
|------------------------------------------|---|
| Psicologia sexual.....                   | 4 |
| Orientação sexual geral.....             | 4 |
| Combate aos tabus.....                   | 4 |
| O orgasmo.....                           | 3 |
| As drogas.....                           | 3 |
| O masculino e o feminino.....            | 3 |
| O respeito devido ao outro sexo.....     | 3 |
| O corpo feminino.....                    | 3 |
| Integração indivíduo-ambiente.....       | 3 |
| Valorização da mulher.....               | 2 |
| Câncer ginecológico.....                 | 2 |
| Saúde do homem e da mulher.....          | 2 |
| Sexo e religião.....                     | 2 |
| Orientação aos pais.....                 | 2 |
| Comportamento sexual na escola.....      | 2 |
| Menopausa.....                           | 2 |
| O sexo como instinto.....                | 2 |
| O erotismo.....                          | 2 |
| O id, o ego e o superego.....            | 2 |
| O corpo, instrumento de Deus.....        | 2 |
| O corpo, instrumento de comunicação..... | 1 |
| O busto e o tórax.....                   | 1 |
| Boas maneiras.....                       | 1 |
| Controle da natalidade.....              | 1 |
| Corrimento vaginal.....                  | 1 |
| Conflitos da adolescência.....           | 1 |
| Fimose.....                              | 1 |
| Inseminação artificial.....              | 1 |
| Postura.....                             | 1 |

|                                                           |    |
|-----------------------------------------------------------|----|
| Pornografia.....                                          | 1  |
| Prostituição.....                                         | 1  |
| Vestuário.....                                            | 1  |
| Respeito pela mulher.....                                 | 1  |
| O sexo é algo de normal.....                              | 1  |
| Eugenia feminina.....                                     | 1  |
| O porque de se falar em sexo.....                         | 1  |
| Caracteres sexuais primários e secundários.....           | 1  |
| O nascimento.....                                         | 1  |
| Evolução da espécie e sexo.....                           | 1  |
| Esterilidade masculina e feminina.....                    | 1  |
| Sexo antes do casamento.....                              | 1  |
| A mãe solteira.....                                       | 1  |
| Aspectos psicofamiliares da sexualidade.....              | 1  |
| Aspectos sociais da sexualidade.....                      | 1  |
| Orgãos genitais masculinos.....                           | 1  |
| A finalidade do sexo.....                                 | 1  |
| Abordagem honesta e correta dos problemas<br>sexuais..... | 1  |
| O relacionamento filhos-pais.....                         | 1  |
| O relacionamento entre os irmãos.....                     | 1  |
| A impotência.....                                         | 1" |

(Caderno Sexualidade Humana-Reflexões e Proposta em Ação-CENF)

#### IV. O curso de 1984

O curso desenvolvido em 1984 teve como característica diferenciadora dos anteriores o fato de atuar principalmente junto aos futuros professores, envolvendo o aluno da Habilitação para o Magistério no projeto, para que, adotando atitude positiva e sadia frente à sexualidade, tivesse condições para tratar desse aspecto do desenvolvimento humano quando atuasse junto aos alunos das escolas de primeiro grau.

Neste sentido este curso visava capacitar 66 professores da Habilitação para o Magistério, 23 Orientadores Educacionais, 18 Assistentes Técnicos de Orientação Educacional, permitindo, dessa forma, a implantação de um Projeto de Educação Sexual.

O cronograma foi desenvolvido da seguinte forma: em 28/06 houve reuniões de sensibilização com os Assistentes Técnicos de Orientação Educacional; em julho e agosto, reuniões de sensibilização com Diretores Regionais, Equipes Técnicas, Monitores de Ciências, Delegados e Supervisores de Ensino, Diretores, Orientadores Educacionais e Professores. De 27 a 31 de agosto houve o treinamento propriamente dito; de setembro a novembro, a execução do projeto.

#### IV.1. *Sensibilização*

O período de sensibilização começou com uma explanação de Renata Noely Barbuy Melchior, da CENP, denominada Projeto de Educação Sexual na Rede Estadual de Ensino, em que é relatada a dinâmica dos cursos anteriores e sua avaliação, para servir de base para o curso que se está iniciando.

Em seguida Maria Helena Matarazzo desenvolveu o tema A Nova Moral Sexual, o mesmo apresentado no curso anterior por Regina D'Alva Vianna sob o título Tema Básicos de Valores Sexuais em nossa cultura.

O tema Reprodução Humana foi desenvolvido por Luiz Silveira Menna Barreto, professor do departamento de Fisiologia e Biologia do Instituto de Ciências Biológicas da USP que apresentou uma palestra e um texto que não se reduzia à visão biológica da questão. O Dr. Menna Barreto apresentou os aspectos biológicos da sexualidade humana a partir de uma perspectiva histórica questionando o dualismo entre o biológico como determinante do social ou o social como determinante do biológico; ele próprio declara ter uma visão materialista do comportamento humano e, enquanto materialista, procura fazer um estudo do comportamento a partir das transformações desse comportamento ou seja, da história do comportamento sob duas perspectivas: filogenética - valor adaptativo do comportamento - e ontogenética - como e por que o comportamento aparece no indivíduo.

O tema Anatomia e Fisiologia do aparelho reprodutor - recursos e subsídios para um trabalho com o aluno, foi desenvolvido pelas Equipes Técnicas de Ciências e Biologia da Divisão de Currículo da CENP, e objetivou, principalmente, oferecer recursos didáticos para facilitar o trabalho e a compreensão do aluno. Foi apresentado um filme - "A espera do milagre" - que descreve as etapas da vida intra-uterina. Utilizou-se, também, modelos anatômicos dos aparelhos reprodutores masculino e feminino, do acervo da CENP, que mantem um serviço de empréstimos de audiovisuais, modelos anatômicos, diapositivos e filmes. Foram apresentados alguns roteiros para o trabalho com o tema em sala de

aula e, por fim, discutido um texto extraído de A Nova Terapia do Sexo de Helen Kaplan "As quatro fases da resposta sexual" que relata o envolvimento do organismo durante a relação sexual.

Ainda neste dia foi apresentado um roteiro com sugestões de atividades para trabalhar o tema Características sexuais primárias e secundárias, elaborado pela Equipe Técnica de Ensino do Primeiro Grau da CENP. As atividades consistiam em vários cartazes que retratavam crianças, adolescentes e adultos, em que os alunos deveriam atentar para: a) dificuldade de diferenciação entre os sexos das crianças; b) além da genitália externa não existem diferenciações entre meninos e meninas a não ser culturais; c) apontar características sexuais secundárias do homem e da mulher; d) salientar as diferenças entre os sexos.

No tema Anatomia e Fisiologia humanas foram utilizados desenhos de aparelhos reprodutores e dos genitais para que fossem estudados e identificadas suas características.

Manuel Fernandes Queiroz dos Santos Jr., médico dermatologista e Docente da Faculdade de Saúde Pública da USP apresentou o tema Doenças Sexualmente Transmissíveis, destacando a necessidade de ação preventiva com relação a essas moléstias através de informações corretas acerca do contágio, diagnósticos e tratamento adequados.

O texto do Dr. Manuel enfatiza a incidência das moléstias sexualmente transmissíveis na atualidade, as lesões provocadas por essas doenças bem como o seu recrudesimento, ocasionado, muitas vezes, por um tratamento inadequado ou devido à falta de informação. O texto apresentado relata que os tipos de doenças e as possibilidades de contato estão num crescendo assustador, além do enorme número de agentes patógenos.

O tema Projeto-Educação Sexual/84, desenvolvido pelo Serviço de Orientação Educacional da CENP teve uma proposta interessante: discutir temas polêmicos que poderiam envolver valores divergentes como: a) o aborto voluntário deveria ser um direito da mulher; b) considero perigoso que meu filho tenha amigos homossexuais; c) em matéria de infidelidade, a tolerância social deveria ser a mesma para homens e mulheres; d) a masturbação leva a uma preferência por atividade auto-erótica ao invés de uma relação sexual com outra pessoa; e) o impulso sexual é mais forte nos homens do que nas mulheres; f) eu acho aceitável que minha filha tenha relações sexuais pré-matrimoniais. Essa discussão visava reexaminar as ditretrizes do projeto no que tange a variação do conceito de valor de pessoa para pessoa; a necessidade de valores divergentes; a importância de sobrepor os valores universais aos pessoais, e a consciência de seus valores pessoais para não transmiti-los como únicos certos e imutáveis.

Por uma infelicidade lamentável não foram transcritas as palestras sobre o tema Homossexualismo e Transexualismo proferidas por Marcio Barbosa, médico ginecologista e Chefe do Departamento de Sexologia do Hospital do Servidor Público, e Marcio Ernesto René Schweriner, psicólogo. As únicas informações disponíveis no Caderno da CENP é que esta palestra teve como objetivo demonstrar a complexidade do assunto, através de uma abordagem sob os aspectos genético, psicológico e social, responsáveis pela existência de uma ampla gama de tipos entre o heterossexual puro e o homossexual.

Moacir Martins da Costa, psiquiatra com especialização em Sexualidade Humana pela Universidade de Cornell N.York, desenvolveu o tema Adolescência e Dilemas Sexuais. Constata mudanças da sociedade com relação ao afeto e à sexualidade o que, ao mesmo

tempo, faz com que o adolescente tenha o seu despertar sexual adiantado e os pais se sintam desnorteados entre o conflito de sua educação sexual repressiva e a liberalidade social. No sentido de ajudar o adolescente nesse processo importante de sua vida presente, com reflexos em sua vida futura, há a necessidade de criação de mecanismos solidários entre a família, a escola e setores como o médico, por exemplo, a fim de proporcionar ao jovem um melhor preparo emocional e intelectual, quanto às questões que possam lhe trazer conflitos no início da adolescência.

O tema Desenvolvimento e Higiene Feminina foi apresentado por Terezinha Garcia Oliveira, psicóloga do Departamento de Serviços Educacionais da Unidade de Produtos Pessoais da Johnson & Johnson, por meio de uma palestra sobre higiene menstrual, anatomia e desenvolvimento feminino na adolescência. A expositora utilizou folhetos e cartazes ilustrativos, fornecidos pela Johnson & Johnson que presta informações e doa material para educadores interessados em desenvolver, junto a alunos, trabalhos sobre o tema.

O tema Sexualidade na Infância desenvolvido pela psicóloga e psicoterapeuta Ana Perwin Fraiman teve como objetivo analisar a sexualidade infantil segundo a teoria freudiana, que considera a sexualidade como parte integrante do desenvolvimento da personalidade.

Nelson Vitiello, médico ginecologista presidente do Instituto de Assistência Médica e Psicossocial à Adolescência (IAMPA) e Isméri Seixas C. Conceição, médica ginecologista, desenvolveram o tema Sexualidade na Adolescência apresentando dados da Fundação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) segundo o qual 50,7% da população brasileira tem menos de 20 anos de idade,

entre 10 e 19 anos encontra-se 24,5% do total de 122 milhões de brasileiros em 1980, o que dá cerca de 30 milhões na faixa etária da adolescência. Segundo os autores, "quer aprovemos, quer não, grande parcela dessa população de adolescentes mantém vida sexual ativa".

São vários os fatores que podem explicar isso, como por exemplo, a revolução de costumes iniciada na década de 60 que derruba velhos valores substituindo-os por outros diametralmente opostos. Dessas mudanças comportamentais uma das que ocasionou maior repercursão foi a que envolveu os padrões da atividade sexual. Outro fator apontado seria a erotização encontrada nas mensagens publicitárias veiculada pelos meios de comunicação de massa. Vários produtos se utilizam de mensagens de fundo erótico, bem como a imagem da *jovem liberada* que faz sexo quando e com quem quiser. Outro fator a estimular o relacionamento sexual pré-conjugal é a tendência a ser cada vez mais elevada a idade do casamento que, hoje, acontece depois que o jovem, de ambos os sexos, se integra no mercado de trabalho. Aliam-se a isso as facilidades atuais para encontros amorosos em locais como automóveis, drive-in, motéis, etc., além do amadurecimento sexual cada vez mais precoce da mulher que, segundo vários autores, tem baixado cerca de 10 meses a cada geração a idade em que ocorre a primeira menstruação.

Interessante notar uma característica, muito pouco abordada até agora, e levantada pelos expositores: "sempre que se fala em sexo na adolescência, habitualmente nos referimos aos aspectos negativos da questão, (...) jamais dizem também que sexo é bom, que sexo é gostoso e que sexo, praticado sob certas condições, traz intensa gratificação emocional".

O tema Masturbação apresentado por Isméri Seixas C. Conceição que reforça a idéia de que a masturbação, quando ocorre sem sentimento de culpa, traz ao adolescente alívio da tensão sexual e propicia o conhecimento da sua sexualidade, ajuda no desenvolvimento e equilíbrio do indivíduo, além de minimizar os malefícios da abstinência.

O tema Trabalho com comunidade: uma experiência em educação sexual, desenvolvido pelo psicólogo José Carlos Victor Gomes, relatou uma experiência com educação sexual na EMPG Padre Melico Cândido Barbosa, da rede municipal de educação em Campinas realizada, segundo o autor, pelas e com as crianças. O método utilizado foi o de Paulo Freire, de levantamento das palavras geradoras e das hipóteses, baseado na realidade do grupo. Segundo José Carlos o trabalho mostrou estar no caminho certo a tal ponto que o Secretário Municipal da Educação de Campinas resolveu levá-lo para toda a rede municipal de ensino.

A professora de Psiocologia Educacional do Curso de Pós-Graduação da FUC de São Paulo e representante da Secretaria da Educação no Conselho da Condição Feminina, Maria Amélia Azevedo Goldberg, desenvolveu o tema Papéis sociais do homem e da mulher, onde demonstra historicamente, através de culturas diferentes, a discriminação e submissão da mulher, para em seguida indicar que a educação diferenciada de meninos e meninas reproduz este estereótipo cultural.

O tema Sexualidade Humana, desenvolvido por Rogerio Garros Sawaya, médico ginecologista e obstetra, teve como objetivo apresentar uma visão panorâmica da sexualidade ao longo do ciclo da vida, palestra que também não foi reproduzida pelos Cadernos da CENP.

O tema seguinte, Planejamento em Educação e Saúde, é extremamente técnico e se presta a apresentar um modelo, denominado PRECEDE, para traçar o Diagnóstico Epidemiológico Social da população alvo, isto é, os problemas que aparecem com mais frequência, e delinear o Diagnóstico Educativo, que consiste no estabelecimento de alterações de comportamento. O tema foi desenvolvido por Nelly Martins Ferreira Candeias, Profa. do Departamento de Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da USP.

O tema Planejamento - Projeto - Educação Sexual/84 foi coordenado pelo Serviço de Orientação Educacional da CENP e teve como objetivo criar um momento de reflexão conjunta para a elaboração de uma proposta de trabalho a ser desenvolvida nas unidades escolares.

#### IV.2. Avaliação do treinamento

A avaliação evidenciou que o treinamento foi considerado totalmente satisfatório quanto à seleção dos temas, à atuação dos organizadores e ao conteúdo desenvolvido. Quanto às condições, recursos ambientais, horário e recursos didáticos, foi apenas em parte satisfatório. Insatisfatório quanto ao tempo de duração, época de realização, condições e recursos ambientais.

A maioria dos participantes achou que o treinamento os ajudou quanto às informações recebidas e quanto ao espaço para a revisão de valores.

#### IV.3. Execução do curso

O projeto foi desenvolvido em 70 escolas do Estado de São Paulo, sob a supervisão, a nível regional, do Assistente Técnico de Orientação Educacional e, a nível de unidade escolar, do Orientador Educacional ou do Professor já treinados. Dentre as escolas envolvidas predominaram as de Segundo Grau com Habilitação ao Magistério cujos professores lecionavam, em sua grande maioria, Biologia, Psicologia, Programas de Saúde, Ciências ou Didática. Foram envolvidos no projeto 11.208 jovens, sendo 82,5% do segundo grau e 9% do primeiro grau, 5 a 8 séries.

Além dos professores treinados, participaram do projeto outros segmentos da escola: diretor, outros professores, funcionários e elementos da comunidade como pais, médicos, psicólogos, advogados, etc.

Houve por parte dos alunos grande interesse, receptividade e participação durante o desenvolvimento do projeto, que foi encarado por eles com seriedade, pois colaboraram fazendo pesquisas, trazendo recortes de revistas e de jornais a respeito do assunto e realizando entrevistas com especialistas. A partir desse trabalho, verificou-se a necessidade de se prestar maiores esclarecimentos sobre a sexualidade humana, dado o teor simples das perguntas formuladas, que evidenciaram não terem os jovens do segundo grau domínio sobre o tema, nos seus aspectos mais elementares.

Ocorreu, ainda, interesse de participação por parte de alunos de classes não envolvidas no trabalho, demonstrado por reivindicação feita junto aos responsáveis.

No que diz respeito aos pais, as informações recebidas revelaram boa aceitação e grande interesse em participar de programações nessa área, especialmente elaboradas para eles.

#### IV.4. Avaliação do Projeto

Houve uma reunião em dezembro/84 com os Assistentes Técnicos de Orientação Educacional responsáveis pelo projeto a nível regional, que consideraram muito positivo:

- \* o envolvimento dos supervisores e diretores das escolas participantes do projeto, para o desencadeamento de atitudes favoráveis à proposta a ser implantada;
- \* a participação dos Monitores de Ciências em algumas DEs;
- \* a participação de médicos, psicólogos, advogados em palestras realizadas para alunos, professores e demais pessoas da escola;
- \* o entusiasmo dos professores treinados na execução do projeto;
- \* o interesse enorme dos alunos, demonstrado pelas perguntas formuladas, assiduidade, pesquisas efetuadas e participação em aulas;
- \* a grande receptividade da comunidade e a ausência de reações negativas por parte dos pais, durante o desenvolvimento do projeto nas UEs.

#### *Resultados imediatos*

- grande interesse dos alunos;
- envolvimento intenso dos professores treinados;
- aceitação do projeto pela maioria dos diretores das escolas;
- interesse de outras escolas em participar do projeto;
- encaminhamento de alunos à médicos e psicólogos;

- produção de materiais didáticos: slides, transparências, cartazes, cartilha, apostilas, subsídios;
- melhoria no relacionamento professor-aluno;
- melhoria no relacionamento entre professores;
- mudança de atitudes de professores em relação à sexualidade;
- interesse dos professores em ampliar os conhecimentos por meio de leituras, reuniões, treinamentos, troca de experiências;
- interesse dos professores em serem informados a respeito dos locais para encaminhamento de alunos, quando necessário.

#### *Repercussões na comunidade*

- receio de alguns diretores, professores e pais quanto ao êxito dos trabalhos;
- aprovação do projeto e incentivo à sua continuidade e ampliação;
- avaliação do trabalho considerada boa por parte de algumas Divisões Regionais de Ensino que envolveram a comunidade no processo.

#### *Dificuldades Encontradas*

- época inoportuna para realização do treinamento (2o. semestre);
- pouco tempo para o desenvolvimento do projeto;
- entrave de alguns diretores e professores, em algumas DREs;
- poucos recursos humanos e materiais;
- insegurança de alguns professores;
- excesso de "moralismo";
- falta de infra-estrutura, de material e de recursos didáticos;
- sobrecarga ao trabalho do professor;

- postura "fechada" por parte de alguns professores de Biologia;
- ausência de orientadores educacionais ou de outro profissional formado em Ciências Humanas;
- a não participação no treinamento dos supervisores de ensino das escolas que desenvolveram o projeto.

#### IV.5. Considerações finais da CENP

Este item será transcrito na íntegra do Caderno da Cenp:

"O desenvolvimento do projeto - Educação Sexual/84 veio confirmar os resultados positivos de 81 e 82 e evidenciar a conveniência de continuidade e a necessidade de ampliação do número de escolas a serem envolvidas.

A partir da avaliação realizada verificou-se que:

- o projeto despertou grande interesse, correspondendo às necessidades e expectativas de alunos, pais e professores;
- para um trabalho na área da sexualidade humana com alunos, é essencial a preparação e a reciclagem dos professores uma vez que esses temas não são abordados nos cursos para formação de docentes;
- os cursos de graduação deveriam incluir, em seu currículo, a análise da sexualidade em seus aspectos históricos e biopsicossociais. Dessa forma, os professores das várias áreas curriculares estariam preparados para uma abordagem do tema em seus múltiplos aspectos, não ficando a discussão do tema restrita à área das Ciências Biológicas;
- a importância da participação do Assistente Técnico de Orientação Educacional para, a nível regional, assessorar e dinamizar o desenvolvimento dos projetos, aproveitando recursos e especialistas locais e integrando experiências de outros grupos.

As características essenciais do projeto, mais uma vez, revelaram-se altamente positivas. Dentre elas se destacam:

- inserido na programação curricular, a fim de garantir a naturalidade necessária na abordagem desse aspecto do desenvolvimento humano;
- coordenado por um professor em exercício na escola, que, por conviver com o aluno, tem condições de atuar levando em consideração os níveis de maturidade, os interesses e os valores dos mesmos;
- envolvendo toda a equipe escolar e as famílias dos alunos na busca de uma ação conjunta e coerente;
- apresentando uma linha de ação preventiva, que visa, além da informação científica, os valores, ou seja, à formação do educando.

As perguntas formuladas pelos alunos que participaram desse curso compõem o Anexo 2 deste capítulo.

\*\*\*\*\* \* \*\*\*\*\*

## B. ANALISES E CRITICAS

Talvez até a década de 80 as questões relativas à sexualidade pudessem ser ignoradas pela escola. Agora elas tem que deixar de ser, não porque a estrutura escolar tenha mudado, mas porque a sociedade mudou, o jovem mudou, e a escola se vê obrigada a mudar. E impossível ficar indiferente ao falar sobre o sexo. Passou-se a

falar dele dentro dos muros da escola, dentro da sala de aula. A escola não pode mais ficar indiferente, e busca frestas na lei para justificar sua nova posição, ou seja, a nova posição precisa ser justificada. O aparato legal vem a calhar .

Nesse sentido a amplitude da Lei 5.692/71 que propõe a educação global visando à formação integral do educando é o primeiro ponto levantado pela comissão encarregada de pensar um projeto de educação sexual. Através dela encontra-se a fresta necessária para a introdução dessa matéria sem que isso significasse subverter a ordem da educação sexual.

Mas aqui surge a pergunta: a quem e por que deveriam os planejadores justificar a iniciativa ? Não apenas para a sociedade, para o poder constituído, para a estrutura interna à escolar. Mas para si mesmo, professor, indivíduo, sujeito. Isso porque se evendencia que a questão da sexualidade não é vivenciada como "natural". Se o fosse poder-se-ia falar dela "naturalmente" como mais uma matéria informativa, como qualquer outra, sem necessidade de justificativas e "brechas".

Além, deste particular poder-se-ia mesmo lançar mão da resposta de um pai à pergunta: por que ele achava que cabia à escola desenvolver um trabalho nesta área. Ele dizia: "Porque nossos filhos vão à escola justamente para aprender coisas que lhes serão úteis na vida".

A falta de naturalidade e o embaraço aparecem quando por ocasião da avaliação do curso feita com os professores. Diante da pergunta "como você se sentiu desenvolvendo o projeto?" temos as seguintes respostas: "40% dos docentes do primeiro grau responderam que se sentiram 'como sempre'; 40% declararam terem se sentido 'otimamente', 'muito bem', enquanto 20% declararam terem se sentido

'preocupados no início, tranquilos no decorrer e gratificados no final do projeto'." (Caderno 2 CENP,p.38) Parece que só os primeiros 40% consideravam naturalmente a questão. O que se pode sugerir é que é realmente muito difícil ter uma atitude "natural" diante de algo considerado socialmente como um "problema".

A estrutura escolar demonstra estar na retaguarda das mudanças sociais, quando seu papel poderia ser o de estimular essas mudanças. Os meios de comunicação de massa informam a escola, quando a escola é que poderia informá-los. Estas afirmações merecem reflexão. Os meios de comunicação de massa talvez se limitem a captar o que já está no social. Isto implica refletir e refratar, mas, como num espelho, pode-se distorcer a imagem. Se suas mensagens são carregadas de erotismo é porque o social está erotizado. Mas a forma de lidar com este quadro seria através de análises, informações, e estudo e,ou crítica; construindo, dessa forma, o anteparo das possíveis manipulações. E esta poderia (ou deveria) ser função da escola.

Os considerandos apresentados pela equipe responsável, e que atuaram no sentido de decidir a implantação dos cursos, merecem também alguns comentários:

O segundo considerando observa que o tema está associado a diferentes valores e a tabus polêmicos na sociedade em geral. Este é um dado facilmente perceptível: o que não fica tão claro é o final: sobretudo na escola. Por quê ?

O terceiro afirma que a forte influência dos meios de comunicação social pode interferir na ação educativa da escola. Para que haja intervenção é necessário haver uma ação que pode ser ou não desvirtuada por elementos exteriores. Se não há ação, os meios de comunicação social não poderiam interferir, mas sim, fazer

com que a ação aconteça, ou ocupar o espaço vazio. Nesse caso, o exercício da educação deixa o âmbito da escola e passa para o dos meios de comunicação que, senhores desse campo, adquirem o direito de dispor dele a seu bel prazer.

O quarto considerando queixa-se da *pouca divulgação de experiências sistematizadas nesse campo que fundamentem uma atuação*. Experiências anteriores, sistematizadas ou não, não trariam, em si e necessariamente, a função de fundamentar qualquer atuação posterior. Poder-se-ia pensar, que pode ser interessante o desbravar de novos caminhos, ao invés de se limitar a sempre percorrer trilhas abertas por outros. Se é imprescindível levar em conta experiências anteriores, não há nesse considerando o medo de ousar? E talvez por temer as possíveis críticas, o que por si só já revela a expectativa de fracasso omitida (mas presente) no argumento.

O décimo considerando invoca a necessidade de envolvimento da família no processo, ressaltando sua responsabilidade na tarefa educativa. Aqui, além da necessidade de divisão das responsabilidades, chama-nos a atenção o populismo. Sabe-se do despreparo, desinformação e inibição de grande parte das famílias desses jovens para lidar com este assunto especificamente. Neste ponto gostaríamos de remeter ao final do primeiro capítulo deste trabalho, ao trecho de Freud concernente à educação sexual das crianças.

Por fim, a grande maioria dos considerandos parecia reforçar as dificuldades de implantação dos cursos e, apesar dessa expectativa, os cursos aconteceram e foram muito bem avaliados por todos os integrantes.

A informação sexual faz parte do currículo de Programas de Saúde. Isso demonstra que as dificuldades foram superadas; que a inclusão desse tema atendia às necessidades existentes; que as aulas podiam ser ministradas sem ferir suscetibilidades e sem a necessidade de se justificar sua existência ou buscar frestas na Lei.

Se a informação sexual já existia inserida no conteúdo curricular de Programas de Saúde, por que causou tanto impacto quando da implantação do Projeto Educação Sexual ?

Para não subverter a ordem da estrutura dos cursos, a informação sexual passaria a fazer parte do conteúdo curricular da disciplina Programas de Saúde o que pode dar margem à interpretações de que o sexo pode ser abordado sob dois prismas: o da saúde ou doença. Para não passarmos por tendenciosos é interessante verificarmos o curriculum dessa disciplina no que concerne a este tópico, e que faz parte do Anexo 3 deste capítulo.

Pelo programa podemos perceber que o item atração sexual só se refere aos animais; age-se como se esta característica não fosse também humana, e quando o tema é, especificamente, as características sexuais do homem a discussão gira em torno das doenças dos órgãos genitais e da higiene adequada que deve ser dispensada a esses órgãos que, destacado assim do seu contexto, corre o risco de ser interpretado como o lugar de sujeira.

Um dos objetivos gerais do programa de educação sexual merece destaque: "esclarecer o caráter específico da sexualidade humana enquanto não só como meio de reprodução, mas também de relação e enriquecimento interpessoais e conseqüentemente instrumento de integração e formação da personalidade". Sem dúvida caberia aqui, mais que em qualquer outro lugar, alguma menção sobre a sexualidade

enquanto prazer, mas isso não acontece, nem aqui nem em nenhuma outra parte do programa.

Se um dos objetivos previa que a sexualidade humana não deveria ser tratada única e exclusivamente como meio de reprodução, verificamos que o programa a ser implantado nas escolas não respeita o objetivo proposto: a sexualidade está permanentemente ligada a reprodução. E mais: esta relação é, ao que parece, uma consequência lógica da formação e dos valores do pessoal técnico envolvido. Isso pode ser observado quando, logo no início do treinamento, foi solicitado que os participantes se posicionassem perante o sistema básico de valores da cultura ocidental. A identificação se deu, majoritariamente, entre o ascetismo esclarecido e o humanismo liberal; o primeiro considera que o sexo é positivo dentro do casamento e para a procriação.

Da mesma forma os estigmas de doença e sujeira percorrem o tratamento da questão. Na unidade 4, o tema "anatomia e fisiologia do aparelho reprodutor" é complementado pelo item "cuidados de higiene". Na sequência imediatamente posterior ao tema "o ato sexual", insere-se o tema "doenças sexualmente transmissíveis". Pode-se perguntar se essas ligações são gratuitas. No nível consciente ou inconsciente, revelam ou induzem a uma certa concepção do sexo. Possivelmente -no discurso dos transmissores ou na percepção dos receptores das informações- pode-se amedrontar e bloquear no adolescente a vivência da sexualidade.

E propício neste momento esclarecer que não nos colocamos contra a inclusão desses itens no plano geral. Não cabe dúvida sobre a importância de serem ministrados até com detalhes, para que o jovem, consciente da incidência e do risco que representam a falta de higiene e as doenças sexualmente transmissíveis, possa,

devidamente orientado, evitá-las ou lidar com elas em caso de necessidade. O problema está na vinculação estreita e quase estrita de sexo/sujeira ou sexo/doença que a proximidade dos temas tende a sugerir.

As unidades 6 (fecundação, gravidez, diagnósticos de gravidez e cuidados pré-natais, desenvolvimento embrionário normal); 7 (parto e puerpério, o recém-nascido) e 8 (fatores que interferem na gravidez e no parto) estão voltados exclusivamente para a reprodução. Isso indica um detalhamento de discutível necessidade para a faixa etária atingida, além de serem temas que se encontram aquém da curiosidade manifestada pelas questões levantadas, como se pode ver nos Anexos deste capítulo. Apenas como exemplo: na relação de perguntas formuladas pelos alunos de primeiro e segundo graus do curso de 1981, 40 são pertinentes à gravidez e parto num total de 301 perguntas. Destas 10 são relativas a ação das drogas no organismo da gestante, ou seja, estão indiretamente relacionadas com gravidez.

Já no curso de 1984, onde o tema é absolutamente pertinente, uma vez que se procura formar futuros professores, que irão assumir a responsabilidade de transmissão desses conhecimentos aos seus alunos, e que, exatamente por isso, devem receber informações completas e pomenorizadas sobre sexualidade humana. O tema aparece em doze perguntas de um total de 158.

Poder-se-ia argumentar que foi por ter merecido um tempo maior e, conseqüente detalhamento, o que propiciou o baixo número de perguntas. A isso se pode contra-argumentar com o teor das questões, muitas delas absolutamente primárias.

O vínculo sexualidade-procriação é transparente na formulação do programa - três unidades em oito. Entretanto um tema como o

aborto, vinculado à questão da gravidez não aparece no conteúdo programático. Trata-se de questão séria, pois os educadores sabem ser esta uma prática comum entre as adolescentes. Se o leitor me permite, para verificarmos a importância desse tema vamos lançar mão de alguns dados que já utilizei no livro Aborto: um direito ou um crime? : "O professor Elias Darzé, da Universidade Federal da Bahia (relata) que de seis abortos praticados um era de meninas abaixo dos 19 anos. Na faixa etária dos 11 aos 16 anos existe uma tendência enorme para abortar". (3) Essa informação assume um caráter alarmante quando se constata que o número de abortos no Brasil é hoje de 5 milhões, provocando a morte de 500 mil mulheres por ano, conforme editorial publicado no jornal Folha de São Paulo de 30 de abril de 1989.

Estranhamos também que, numa programação dirigida aos adolescentes, não constem temas relativos a masturbação e homossexualidade, que estão presentes na curiosidade do jovem: basta um golpe de olhos na relação de perguntas para verificar a incidência desses assuntos.

Juntando-se aos nossos argumentos, para corroborá-los, temos a avaliação dos cursos feita pelos alunos: "Elas (as avaliações) permitem afirmar que esse programa de educação sexual foi ao encontro de uma necessidade dos alunos, que os itens do programa foram adequados para atingir os objetivos propostos", aqui acrescentou-se uma nota: "O segundo grau solicita aprofundamentos nos temas referentes a 'aborto, masturbação, homossexualismo' especialmente assuntos que não faziam parte do temário inicial mas que não foi possível se furtar a falar sobre eles devido ao

---

(3) Verardo, M.Tereza - Aborto: um direito ou um crime? Editora Moderna, SP, 1985, pp.37-38

interesse e questionamento dos alunos". Infelizmente esses assuntos continuaram à margem no curso de 1984.

Outro ponto que merece destaque aparece no levantamento efetuado com o sentido de aferir o preparo dos técnicos sobre os assuntos a serem tratados com os alunos. Observa-se que aqueles em que os participantes se sentiam mais bem preparados - "papéis sociais do homem e da mulher, complementaridade, relações interpessoais" e "relacionamento heterossexual: virgindade, namoro, relações pré-conjugais, casamento, vida familiar", com 72,7% cada um deles- são exatamente aqueles que envolvem valores, e por isso mesmo, são os mais complexos. Era de se esperar portanto que recebesse as menores taxas percentuais. Vale perguntar pelos motivos dos técnicos se sentirem tão preparados precisamente nos itens que implicam valores. Até que ponto está implícita aí a concepção de que seus valores pessoais são absolutamente corretos e verdadeiros? Se a resposta for positiva, como lidar com os valores individuais do aluno e/ou seu grupo familiar que podem ser antagônicos, sendo por eles também considerados corretos e verdadeiros? Como lidar com a confiança que os pais depositaram nos técnicos, nas reuniões efetuadas pelas escolas no início da execução do projeto, quando "os pais se manifestaram aliviados pelos fato da escola atuar nessa área cientes de que a escola só iria se manifestar com relação aos valores universais, respeitando os valores da família" . (Caderno 2,p.8, grifos nossos) Como dar essa garantia se os técnicos têm tanta confiança nos seus valores pessoais e desconhecem os valores das famílias ?

A profissão de fé de adoção dos valores universais - liberdade e responsabilidade, respeito ao outros e a si mesmo, igualdade social e dignidade de cada pessoa - sobrepondo-os aos

valores pessoais, não confere isenção nem garante a "objetividade científica", já, que esses valores universais são, afinal, passíveis de interpretações pessoais.

Se, por outro lado, não se trata de auto-confiança, aí sim torna-se ainda mais difícil lidar com temas que implicam em valores, não justificando, mais uma vez, porcentagens tão altas.

Um aspecto interessante, e que por si só justifica a inserção de informações sexuais no currículo escolar, aparece na fonte de informação do adolescente para esclarecimento de suas dúvidas com relação à sexualidade; a figura do professor é imprescindível. O adolescente confia na sua fonte de informação - seguido pela mãe. Esta deposita no professor a responsabilidade, devido a sua desinformação ou inibição. Se outras razões não houvessem esta seria suficiente. E curioso notar a ausência do pai.

O nível de confiabilidade e a relação de intimidade que se estabelece, não fossem os relatos dos próprios alunos, poderia ser percebido nas listas de perguntas, tanto no primeiro quanto no segundo cursos. Questões que apontam absoluta ingenuidade - "O que é sexo oposto?" ou "O que é pênis?" - desinformação total - "Na relação sexual o pênis do homem entra em contato com a vagina da mulher? Como isso acontece?" - falta de elaboração mental das informações - "Por que no ovo galado o pintinho não come a clara?" - produto de ansiedade pessoal velada - "Se a menstruação não vier depois de 30 dias é possível a gravidez sem haver relação entre homem e mulher?" - produto de ansiedade pessoal explícita - "A minha menstruação atrasou dois meses. Agora veio demais mesmo. Pode ser aborto?" - resultante de curiosidade científica - "O que é a palavra sexo?" - que denotam preconceito "Os homossexuais são desequilibrados emocional ou biologicamente?" - que tentam entender

o preconceito - "Por que os homens encaram a mulher como objeto?" - resultante de confusão causadas pelos meios de comunicação - "No Fantástico foi dito que o homem pode engravidar, como é que isso acontece?" - de cunho moral - "Nos dias atuais, o que é considerado normal em um namoro, falando moralmente" - que checam a moral - "É imoral a mulher fazer sexo antes do casamento? E na opinião dos homens?" - e as confissões - "Sou 'bicha' como eles dizem. Quero dizer se isso é doença. 'Me ajude'."

Ainda com relação a este aspecto, pudemos observar que, com o correr do curso, a caixinha de perguntas deixou de ser utilizada, o que indica uma desinibição crescente dos alunos com relação à figura do professor. Algumas dúvidas revelavam como a falta de conhecimento pode ocasionar, em adolescentes e pré-adolescentes, conflitos e ansiedades. E o caso do aluno que queria saber se quem operou a fimose ainda poderia ter filhos; e o da garota que perguntou: "afinal a mulher tem ou não tem pênis?" já, que a mãe havia dito que ela operara do "pênis" (apêndice) quando pequena.

Percebe-se ainda a importância desse tipo de curso quando se verifica que, programado para dois meses, em sua grande maioria duram todo o semestre. Tanto no primeiro como no segundo curso, o interesse dos alunos foi uma das causas principais do prolongamento. Interesse perfeitamente compreensível quando percebemos que fala-se daquilo que está ocorrendo diretamente com o corpo e a cabeça do aluno. Fala-se, finalmente, dele mesmo. Fala-se sem tabus (espera-se), sem receios. Porque ele sente o que está ocorrendo com ele. E se acontece com ele e com o outro só pode ser "natural". E se é natural, pode-se falar naturalmente.

E interessante observar a declaração de uma professora, afirmando ter se sentido extremamente tensa e ansiosa no princípio do curso, sensações que foram se diluindo no decorrer do programa.

Vale a pena relembrar a definição adotada pelos técnicos e tomada de empréstimo de M. José Werebe: "Educação Sexual, tomada no sentido mais amplo, compreende todas as ações diretas ou indiretas, deliberadas ou não, conscientes ou não, exercidas sobre o indivíduo (ao longo de seu desenvolvimento), que lhe permite situar-se em relação à sexualidade em geral e a sua vida sexual em particular".

Em outras palavras, a educação sexual passa através de todas as nossas atitudes e comportamentos. Através de gestos, olhares, movimentos do corpo. Através da forma como nos vestimos, sentamos, andamos, nos penteamos.

A tensão da professora é percebida pelos alunos que podem deduzir que é devida ao fato de se falar de um assunto tenso, tabu, pecado, do qual não se deve falar sob pena de sofrer punições. Algo que não deve ser feito sob pena de transgredir normas e leis, ou que deve ser feito para transgredir normas e leis, atitude tida como típica dos adolescentes.

Ainda cabe uma observação sobre a resposta de um professor, quando foi pedido um levantamento dos problemas ocorridos ou apresentados pelos alunos durante o curso: o professor relacionou três problemas, "sífilis, gravidez e homossexualismo". (Carderno 1 p. 49)

Apresentar homossexualismo como um problema é talvez, uma mera questão de desinformação que contudo se torna grave dependendo de como o professor vai lidar com esse "problema": encaminhamento médico? psicológico? tentar dissuadir o aluno de sua preferência sexual e adaptá-lo aos padrões vigentes? Marginalizar o aluno já

que ele é portador de um problema que o professor não sabe como "resolver"?

Parece-me oportuno nesse momento, a reprodução de um artigo publicado no jornal Folha de São Paulo de 29/01/1989 sobre uma carta de Freud a uma mãe a respeito da homossexualidade: "Prezada Sra. Deduzo por sua carta que seu filho é homossexual. Estou muito impressionado com o fato de a senhora não mencionar este termo nas informações sobre ele. Posso perguntar-lhe porque evita fazê-lo? O homossexualismo, seguramente, não é nenhuma vantagem, mas não é nada para se envergonhar; não é vício nem degradação, não pode ser classificado como doença; nós a consideramos uma variação da função sexual, produzida por uma certa parada do desenvolvimento sexual. Muitos indivíduos altamente respeitados do passado e dos tempos modernos, inclusive muitos dos maiores homens (Platão, Michelângelo, Leonardo da Vinci, etc.), foram homossexuais. É uma grande injustiça, e também crueldade, perseguir a homossexualidade como um crime. Se a senhora não acredita em mim, leia os livros de Havelock Ellis.

Perguntando-me se posso ajudar, a senhora quer saber, suponho, se eu posso abolir a homossexualidade e fazer a heterossexualidade normal tomar seu lugar. A resposta é que de um modo geral, não podemos prometer isso. Num certo número de casos conseguimos desenvolver os germes inibidos de tendências heterossexuais que estão presentes em todo homossexual; na maioria dos casos isto não é mais possível. É uma questão do tipo e da idade do indivíduo. O resultado do tratamento não pode ser previsto.

O que a análise pode fazer por seu filho é outra coisa. Se ele é infeliz, neurótico, lacerado por conflitos, inibido em sua vida social, a análise pode trazer-lhe harmonia, paz de espírito, plena

eficiência, quer ele continue homossexual, quer mude. Se a senhora decidir que ele deve fazer análise comigo - eu não espero que sim - ele tem que vir a Viena. Não tenho intenção de sair daqui. Mas não esqueça de me dar sua resposta.

Com meus melhores votos, Freud".

As deficiências da temática do primeiro curso não foram sanadas no segundo curso e, levando em consideração que todo o ano de 1983 foi destinado à avaliação dos programas anteriores e à formulação dos novos programas, tempo houve o suficiente para adequar o novo curso às suas reais necessidades.

Assim como o curso anterior, este também tinha como definição "nortear-se por uma linha preventiva com um caráter informativo e educativo". Em nenhum momento se define o que é "linha preventiva". Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis? de gravidez indesejada e na adolescência? de relações sexuais antes do casamento ou entre os jovens? de homossexualidade?

Com relação à preparação dos técnicos cabem também alguns comentários, dúvidas e questões.

O desenvolvimento do tema Puberdade e Adolescência foi feito com o auxílio de alguns textos e com uma lista de características, para que os professores indicassem os comportamentos observáveis em seus alunos.

Quanto aos textos, nenhum comentário mais detalhado a fazer. Nenhum se caracterizou ou pretendeu ser original ou com análises profundas sobre o tema. Na listagem de características, chamou-nos a atenção, especialmente, a última questão, que pedia: "Liste comportamentos que demonstram o respeito ao outro num relacionamento heterossexual". O fato de frisar o "relacionamento

heterossexual" implica em não ignorar a existência de relacionamentos que não sejam heterossexuais que: a) ou é ponto pacífico que são respeitosos e por isso não se precisa chamar a atenção sobre eles ou; b) o contrário, e também por isso, não é preciso destacá-los. As outras questões não são nem originais nem polêmicas.

O tema Risco Gravidico, apresentado com o auxílio de um texto com o mesmo título, é um extrato da tese de doutoramento da Dra. Nelly Candeias, e foi apresentado como estava originalmente, ou seja, com uma grande quantidade de termos técnicos de fácil acesso a especialistas, mas de difícil intelecção para leigos.

O texto enfatiza os problemas resultantes de gravidez anterior ou posterior aos 20-29 anos, ficando no nível de pura constatação, não arriscando maior análise. O único trecho que pode apontar um ensaio de interpretação sobre o assunto é o que destacamos a seguir:

"A gravidez adolescente é uma gravidez de risco em consequência de um conjunto de fatores de vulnerabilidade, que contribuem para diminuir a probabilidade de um nascimento normal: a pouca idade da mãe, o fato de se tratar de uma primeira gravidez, a maior incidência de ilegitimidade e o ambiente social desfavorável. Este último fator assume particular importância, ao considerar-se que adolescentes de nível econômico mais elevado correm menos risco de engravidar ou dar à luz do que adolescentes de famílias pobres. Acrescentem-se a isto problemas de caráter nutricional, pois às necessidades alimentares da adolescente juntam-se as necessidades do feto em desenvolvimento. Este conjunto clássico de fatores adversos aumenta o risco do feto, afetando seu cérebro e comprometendo, portanto, a potencialidade mental do indivíduo"

Não houve discussão, por exemplo, sobre o fato de nas classes de renda mais elevada, a incidência de adolescentes grávidas ser menor; ou do porque a ilegitimidade ser maior na classe oposta, etc. Parece-nos que o fato do texto não pretender ser mais analítico, acabou por não propiciar este tipo de discussão. O eixo dos debates entre os técnicos foi o papel do professor quanto a problemática da gravidez da adolescente.

Os temas Planejamento Familiar e Abortamento não são objeto de comentários nos Cadernos da CENP. Lamentamos este fato, devido ao caráter polêmico desses assuntos, conforme apontamos no capítulo quatro deste trabalho.

O tema Problemas Relacionados ao Homossexualismo chamou-nos a atenção, a partir do título, para a tendência repetitiva de tratar a homossexualidade enquanto problema.

Na preparação para o curso de 1984, a palestra sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis despertou nosso interesse por dois motivos: a forma como o tema foi tratado. O texto fornecido pelo Dr. Manoel F.Q.dos Santos Jr., chega a causar uma certa "repulsa ao sexo" pela ênfase dada às doenças venéreas, quase como resultantes fatais de qualquer relação sexual. Outro ponto interessante, é não encontrarmos nele uma única referência a AIDS, quando, na época, ela já estava bastante divulgada.

Queremos destacar as abordagens do Prof. Luiz S.Menna Barreto -Reprodução Humana- e Isméri Seixas C.Conceição -Masturbação- atípicas no conjunto geral, pela forma com que encaram a sexualidade. Ambos procuraram enfatizar os aspectos positivos de seus temas, reforçando a sexualidade como algo que pode ser vivida de forma gratificante e enriquecedora.

Maria Amélia Goldberg levanta, em sua exposição sobre o Papéis Sociais do homem e da mulher, uma questão de suma importância: a visão estereotipada dos sexos. Para isso destaca algumas passagens preconceituosas com relação à mulher, que aparecem em livros didáticos de grande aceitação nas escolas. O que a Prof. M. Amélia procurou demonstrar é que "se a família, desde que a criança nasce, a condiciona ou se utiliza de atitudes de discriminação cognitiva de contínuo reforço, estará encaminhando esse ser em formação para estes estereótipos, que, absolutamente, não servem mais para nós. Por outro lado temos todo um processo escolar em que a professora e o professor carregam todo o peso desta educação diferenciada. (...) Desde os tempos mais remotos, a mulher teve a sua vida controlada porque é ela que pode reproduzir a vida humana e isso continua a ser verdade, hoje. E verdade, porque as coisas do sistema continuam tendo esta vida útil alimentando mitos como o da ave do paraíso, do homem atleta que canta as jovens casadouras e da moça boneca, vitoriana, que faz olhares dengosos para ver se não fica sem lances no mercado matrimonial.

Isso ainda continua entre nós e, se não o discutirmos, estaremos discutindo muito mal o problema da educação sexual, porque a problemática do erótico se insere no bojo da discussão das relações entre os sexos (...)"

Na avaliação final houve a sugestão dos professores participantes dispor de um horário para atendimento de casos particulares dos alunos. Sem dúvida esse fato demonstra a necessidade de pessoal especializado para lidar com jovens numa faixa etária em que a sexualidade e o sexo se fazem tão presentes. No entanto, nos perguntamos: será o professor, ou pelo menos este professor, a pessoa indicada para exercer esta função?

Finalizando, gostaríamos de tecer alguns comentários sobre a pesquisa efetuada em 1983 sob a coordenação de Naomi Vasconcelos intitulada "Levantamento de Atividades Desenvolvidas por iniciativa própria das Escolas da Rede Estadual de Ensino na Área da Sexualidade Humana". A pesquisa mostra que este tema é objeto de discussões em várias escolas, suprimindo necessidade dos professores e alunos de esclarecimento do assunto. Como a iniciativa é particular e individual, o enfoque também o é, podendo aparecer o que as autoras denominam de "postura ideológica autoritária que nem sequer se reconhece como tal". Risco que um organismo como a CENP decididamente não pode correr.

As autoras apontam uma característica interessante desses cursos individuais, que elas denominam de "tradição sexista": o fato de a sexualidade da mulher continuar a ser bem mais objeto de estudos e de exposição do que a sexualidade masculina. Sexista porque a sexualidade feminina é constituída enquanto um problema, e a sexualidade masculina, que não é constituída enquanto problema, não precisa ser objeto de estudos tão detalhados. Aqui se poderia inserir a mesma crítica com relação à preparação dos técnicos, feita pela própria CENP, quando inclui o item "Desenvolvimento e Higiene Feminina", apresentado por representantes da Johnson & Johnson, e não discute "Desenvolvimento e Higiene Masculina". Será que não é "sexista" também essa mensagem implícita: o corpo feminino como o lugar da sujeira em oposição, ao corpo masculino?

Das pessoas apresentadas como estando desenvolvendo um trabalho de educação sexual nessas escolas temos: professores e/ou orientadores de educação moral e cívica; professor de educação religiosa; pastor e padre. Por esses dados ficamos a indagar se não é "menos ruim" o silêncio sobre a sexualidade do que a educação

sexual via o prisma moral que deve perpassar o discurso desses colaboradores. Consequência dessa ótica devem ser os temas desenvolvidos nas escolas: "Moral sexual", "Aberrações sexuais", "Problemas sexuais", "Sexo e Religião", "Sexo como instinto", "O corpo, instrumento de Deus", "Boas maneiras", "Postura", "Pornografia", "Prostituição", "Vestuário", "Eugenia Feminina", "A mãe solteira", "Abordagem honesta e correta dos problemas sexuais".

Todos os temas, listados e os que não foram destacados, mereceriam mais análise. Mas um especialmente: "Eugenia Feminina". As autoras se perguntaram se estavam aí "reminiscências nazistas". Na verdade todo o segundo capítulo deste trabalho levanta a problemática da eugenia, perguntando-se e alertando para a facilidade com que esta questão poderia ser inserida subrepticiamente numa disciplina como educação sexual. É original e corajosa a utilização do termo eugenia pelos componentes desta escola, já que o termo foi colocado em desuso devido a carga negativa que ele acabou por adquirir, exatamente devido as experiências ultra conservadoras ou, mais exatamente, nazistas, como se referem as autoras. E também extremamente perigosa essa ressurreição do termo, já que a prática nunca deixou de existir, principalmente no Brasil através das políticas que visam o controle da natalidade de famílias pobres e/ou negras através do incentivo do controle da prole e da esterilização compulsória das mulheres pertencentes a este grupo econômico e étnico.

Por último, vale a pena comentar os argumentos dos que se opõem à inserção de educação sexual no currículo das escolas de primeiro e segundo graus. O primeiro argumento e em geral mais contundente, é o de que a curiosidade da criança pode ser despertada para um tema que ainda não faz parte de seu universo.

Ora, se estas informações não vão ao encontro do interesse da criança não serão registradas por ela, podem portanto se tranquilizar os críticos. Isso significa dizer que dificilmente a curiosidade seria "despertada". Se esta se aguçar em determinados pontos é porque já existia e no curso pode ser esclarecida. Se a curiosidade não existia, as informações "a mais" serão relegadas a plano secundário.

Por outro lado, basta um exemplo concreto para demonstrar as consequências da desinformação sexual, e este exemplo é retirado da relação de perguntas dos alunos do curso de 1981: "Quando a mulher já está na fase da adolescência, mas naquele dia não está menstruada e tem relação sexual, ela tem filhos?" Percebe-se que a garota - deve ser uma mulher - sempre pensou que a gravidez só poderia ocorrer como resultado de relações sexuais mantidas durante a menstruação. A menstruação seria a condição necessária para a gravidez. Imagina-se o susto que deve ter levado ao ser informada do risco que ela correu com esta informação enviezada. Esta poderia ser mais uma adolescente a engrossar os números das estatísticas sobre gravidez na adolescência, sem entender o porquê: afinal ela tinha feito tudo tão certinho, só mantendo relações sexuais fora do período menstrual para não engravidar!

Outra objeção comumente reiterada é que "educação sexual é perigosa porque o professor pode transmitir seus valores aos alunos, além de que os professores não estão preparados". Sem dúvida nenhuma esta é uma questão muito pertinente. Mas exatamente para evitar a transmissão de valores pessoais e individuais - como ocorreu nos cursos espontâneos pesquisados pela CENP - é que a ação deve ser pensada e reconsiderada sob a coordenação de um organismo maior e (pelo menos em princípio) menos localista do que a escola.

No caso a própria CENP, incumbida de homogeneizar a informação e didática dos cursos. A falta de preparo do professor pode ser superada com cursos. A coordenação e os cursos preparatórios evitam problemas que os cursos espontâneos não conseguem evitar. Quanto à omissão total do assunto, como se pode ver em todos os relatórios analisados aqui, é impossível.

Os cursos da CENP foram uma tentativa pioneira de implantar organizadamente a temática sexual nas escolas. Por serem pioneiras serão também objeto de inúmeras avaliações, estudos e críticas, como a nossa.

A crítica pode-se responder que nem sempre se faz o que se quer mas o que se pode. O problema é delimitar as fronteiras entre o possibilismo e o conformismo. Observações a respeito de uma iniciativa ousada - feita pelo lado da própria ousadia, ou da exigência de mais audácia - antes que enfraquecer significa reforçar os mentores do projeto. Significa que o trabalho da CENP tornou-se importante, veio à público, se impôs e se transformou em modelo. O primeiro sentido da crítica é, simplesmente, o reconhecimento do trabalho e da sua importância, do contrário seriam simplesmente ignorados. Mas as críticas terão sempre um peso menor do que a tentativa em si de enfrentar frontalmente um problema que existia e precisava ser resolvido. Muito mais honesta esta atitude do que a se vinha seguindo até então: fingir que nada estava acontecendo. Pela validade dos cursos, pela coragem e honestidade da CENP e da equipe encarregada é que fazemos duas perguntas que nos parecem pertinentes: em primeiro lugar, com tantas avaliações positivas por que os cursos não tiveram continuidade? E, em segundo lugar transcrevemos uma pergunta de um

## CAPITULO IV

### A SEXUALIDADE REPENSADA

"Como era grande aquele homem! Como era alto! Sua voz era dura. Sêca como a terra mais sêca. Sua figura era imprecisa, ou se tornou imprecisa depois? Como se entre ela e ele se interpusesse a chuva. "Que dissera? Florêncio? De qual Florêncio falava? Do meu? Oh! por que não chorei e me afoguei então em lágrimas para lavar minha angústia? Senhor, tu não existes! Pedi tua proteção para ele. Para que o protegesses. Isso eu te pedi. Mas tu te ocupas somente das almas e o que eu quero dele é o seu corpo. Despido e quente de amor, fervendo de desejos, esgotando o tremor de meus seios e de meus braços. Meu corpo transparente suspenso do seu. Meu corpo leve sustentado e liberto às suas forças. Que farei agora com meus lábios sem sua boca para completá-los? Que farei agora de meus doloridos lábios?

(Juan Rulfo, Pedro Páramo)

As reflexões contemporâneas sobre o homem enquanto possuidor de um corpo não podem ignorar as análises de Foucault, que focalizam esse tema revendo sua história e repensando as teorias que procuram enquadrá-lo. Seguiremos Foucault em alguns momentos de sua trajetória, aproveitando seu reportar teórico para também reconsiderar os temas colocados nos capítulos anteriores, reafirmando o elo de ligação entre eles.

Foucault define o conceito de sexualidade em vários pontos de sua obra, especialmente nos volumes da História da Sexualidade e na Microfísica do Poder, insistência que se faz importante exatamente por conter diferenças ou mesmo divergências com relação à Freud. Segundo Foucault:

"A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação do discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder"(1) ,

ou ainda:

"O dispositivo da sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global (...) a sexualidade está ligada a dispositivos recentes de poder; esteve em expansão crescente a partir do século

---

(1) FOUCAULT, M - História da Sexualidade I - A vontade de Saber, p. 100

XVII; a articulação que a tem sustentado, desde então, não se ordena em função da reprodução; esta articulação, desde a origem, vinculou-se a uma intensificação do corpo, à sua valorização como objeto de saber e como elemento nas relação de poder".(2)

Aqui, Foucault utiliza um novo termo, o de dispositivo. E, exatamente por ser novo e típico de sua teoria, cabe a pergunta, a mesma formulada por seus entrevistadores em A Microfísica do Poder: qual é o sentido e a função metodológica do termo dispositivo?

"Através desse termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos.

Em segundo lugar, gostaria de demarcar a natureza da relação que pode existir entre estes elementos heterogêneos. Sendo assim, tal discurso pode aparecer como um programa de uma instituição ou, ao contrário, como elemento que permite justificar e mascarar uma prática que permanece muda; pode funcionar como reinterpretação desta prática, dando-lhe acesso a um novo campo de racionalidade. Em suma, entre estes elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes.

Em terceiro lugar, entendo dispositivo como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante. Este foi o caso, por exemplo, da absorção de uma massa de população flutuante que uma economia de tipo essencialmente mercantilista achava incômoda: existe aí um imperativo estratégico funcionando como matriz de um dispositivo, que pouco a pouco tornou-se o dispositivo de controle-dominação da loucura, da doença mental, da neurose."(3)

Definidos os termos, podemos dizer que a sexualidade é o saber que se apropria do sexo, sexo que passa a ser observado e analisado. Convertido em objeto de estudo, o sexo passaria a ser

(2) Idem, ibidem, pp.101-102

(3) Idem, Microfísica do Poder, p. 244

classificado de acordo com as categorias do certo e do errado, do permitido e do proibido.

Foucault descreve os vários momentos em que a sexualidade passou a ser o campo de estudo de especialistas que ditam normas ao indivíduo: da Igreja através da pastoral católica e do sacramento da confissão. Com a confissão se é obrigado a falar de sexo: "para que a confissão fosse completa era indispensável que se relatasse a posição respectiva dos parceiros, atitudes tomadas, gestos, toques, o momento exato do prazer - um exame minucioso do ato sexual em sua própria execução". (4) As informações recebidas durante a confissão formam um campo repertorial que possibilita ao ouvinte um domínio sobre o sexo que será exercido através da culpa ou do pecado, dos excessos ou da transgressão. Aquele que escuta está investido do poder de perdoar ou não, de prescrever penitências ou simplesmente condenar, negando a absolvição. Mas, além desse domínio, aquele que escuta possui ainda um outro mais importante: a verdade. Do século XII até hoje, a Igreja passa das práticas confessionais ao silencioso exame de si.

Da pastoral católica e do sacramento da confissão nasce uma nova incitação ao discurso sobre o sexo através da medicina. Ou seja: o sexo passa a ser medicalizado. Aqui o domínio do sexo passa pelos conceitos de normal e patológico. A confissão passa a ser a condição de possibilidade para se tecer um diagnóstico e possibilitar a cura. "A verdade cura quando é dita a tempo, quando dita a quem é devido e por quem é, ao mesmo tempo seu detentor e responsável", (5) ou seja, há uma adequação da confissão às regras do discurso científico. A partir do discurso médico sobre o sexo não é somente o indivíduo ali presente que

interessa enquanto objeto de estudo, mas toda sua árvore genealógica que deve ser analisada na busca de "degenerescências" que se vasculhavam intensamente num processo interminável.

O século XVIII traz consigo uma nova problemática: o equilíbrio da população. A preocupação agora é com o controle populacional e sua distribuição nos centros mais carentes: a população, no sentido amplo, que fornece mão-de-obra para o trabalho. E ela que produz riquezas e, por isso, deve ser capacitada para tanto. "No cerne deste problema econômico e político da população está o sexo". (6)

A conduta sexual da população é tomada, ao mesmo tempo, como objeto de análise e alvo de intervenção; passa-se das teses maciçamente populistas da época mercantilista, às tentativas de regulação mais finas e calculadas, que oscilarão, segundo os objetivos e as urgências, em direção natalista ou antinatalista, diz Foucault.

Entre o Estado e o indivíduo o sexo tornou-se objeto de disputa pública: toda uma teia de discursos, de saberes, de análise e de injunções investiram-no.

A intervenção dos organismos de poder na sexualidade dos indivíduos não apresenta nenhuma grande diferença entre o século XVIII e o século XX. E quase impossível não pensar no momento em que vivemos, quando nos encontramos diante dessas passagens de Foucault. Afinal, as recentes discussões públicas entre órgãos do governo e as feministas sobre a política de controle da natalidade ou planejamento familiar levaram à público a sexualidade dos indivíduos.

A nova incitação a falar do sexo aparece com a psiquiatria e a psicanálise. Com a primeira buscava-se na fala elementos

semelhantes aos da medicina. Através das doenças dos nervos, das "extravagâncias", do onanismo, da insatisfação, da etiologia das doenças mentais, das perversões sexuais, viam-se "problemas" com o sexo que precisavam passar pelo crivo da palavra para serem curados.

No entanto, Foucault faz uma distinção nítida entre a psiquiatria e a psicanálise ao atribuir a esta um papel absolutamente distinto no jogo dos poderes quando promove uma ruptura com as idéias dos eugenistas.

Mas, se apenas a psicanálise se opôs aos efeitos políticos e institucionais do sistema perversão-hereditariedade-degenerêscência, este não é seu único mérito: ela é uma "teoria da mútua implicação essencial entre lei e desejo e, ao mesmo tempo, técnica de eliminar os efeitos da interdição lá onde o seu rigor a torne patogênica". (7) E mais, para aqueles que têm a oportunidade de recorrer a ela há a permissão, antes negada, de falar de sexo sem a necessidade de absolvição, medicalização ou julgamento. As mulheres falam de suas opressões, as crianças de seus desejos, os adolescentes de sua latência e os homens de suas frustrações, por exemplo.

Em síntese, a sexualidade, palavra pincelada com um verniz de ciência, passa a fazer parte da medicina nos séculos XVIII e XIX, das ciências humanas no século XX e do que hoje aparece sob o nome de sexologia. Torna-se clara aqui a relação entre poder-saber e sexualidade.

Foucault localiza criticamente o momento em que a sexualidade foi situada como entidade metafísica e o sexo como entidade física. E, nesse sentido é a sexualidade que suscita a noção de sexo. E sexo aquilo que é nomeado pela sexualidade. A

sexualidade é convertida em saber e valorizada como essência e resposta a todos os problemas que brotam do sexo, e consequentemente, do homem. Seu efeito de poder é a domesticação. Não se pode acreditar que, dizendo-se sim ao sexo, se estará dizendo não à sexualidade, ao poder. Para se opor à sexualidade o contra-ataque não deve ser o sexo-desejo, mas os corpos e os prazeres. (8)

Até agora, quando nos referimos à sexualidade, nos referimos a uma sexualidade modelo - a masculina - sendo as outras decorrência desta, a tal ponto que, ao falarmos delas, precisamos adjetivá-las: a sexualidade das crianças, das mulheres, dos homossexuais, dos índios.

No século XIX ter-se-ia descoberto a sexualidade feminina, que imediatamente será apropriada pelo saber médico. Observando, analisando e comparando com a sexualidade "normal" - a masculina - constata-se diferenças, ou desvios. A ciência rotula as diferenças como histeria.

"Durante muito tempo se tentou fixar as mulheres à sua sexualidade. 'Vocês são seu sexo', dizia-se a elas há séculos. E este sexo, acrescentaram os médicos, é frágil, quase sempre doente e sempre indutor de doença. 'Vocês são a doença do homem'." (9)

Esse sexo tinha uma função, procriar, e por isso tinha sentido sua existência. Um sexo que deveria estar a serviço de

(4) Idem, História da Sexualidade I, p. 22

(5) Idem, Ibidem, p.66

(6) Idem, Ibidem, p.28

(7) Idem, Microfísica do Poder, p. 121

(8) Idem, A História da Sexualidade I, p.147

(9) Idem, Microfísica do Poder, p. 234

(10) Idem, História da Sexualidade III - O cuidado de si, p.113

(11) Idem, História da Sexualidade II - O uso dos prazeres, p.116

outras vidas. Nele não cabe prazer ou gozo: isso é conspurcar o que de sublime existe no ato de geração.

E aqui se coloca outro elemento de fundamental importância para os gregos. A descendência não se restringe à função de transmissão de herança, ou seja de acumulação e garantia de que esta continue fazendo parte do patrimônio da família, mas abrange a preocupação metafísica da imortalidade. Um homem garante a perpetuação de sua vida através da prole, e/ou, também, através das marcas que imprime na alma de um rapaz durante suas relações amorosas.

A teoria grega sobre os cuidados do corpo é diferenciada para homens e mulheres, uma vez que a atuação dos humores nesses corpos se dá de maneira característica a cada um. As mulheres são em geral frias e úmidas enquanto o homem é quente e seco. Para seres tão opostos a dietética tem que ser diferente e não somente no que se refere a alimentação, banhos, exercícios, purgações, evacuações e vomitórios, mas também ao período de uso ou abstinência sexual. No inverno as relações sexuais podem ser mais frequentes, a quantidade de relações sexuais devem ser diminuídas na primavera e no verão mais ainda, chegando quase à abstinência; nada é referido com relação à prática sexual no período de outono.

Foucault observa que Aristóteles foi o único a inferir o descompasso dessa economia sexual que traz como consequência o fato de que o período adequado para a prática sexual não é a mesma nos dois sexos.

A diferenciação dos humores entre os dois sexos acontece durante a gestação e tem consequências no prazer sexual. Galeno descreve esse processo da seguinte forma:

"(...) Deve-se também levar em conta o calor, que é particularmente vivido na parte inferior, e singularmente na metade direita, por causa da proximidade com o fígado e com a multiplicidade dos vasos que dele provêm. Essa dissemetria no calor explica porque os meninos se formam mais na matriz direita e as meninas na esquerda. Ela explica também que as partes direitas são mais naturalmente a sede do prazer intenso". (10)

Interessante notar, também, a descrição feita por Hipócrates do processo fisiológico do ato sexual e suas implicações na saúde global do organismo:

"O processo é o mesmo, salvo que no caso da mulher o ponto de partida do aquecimento é a matriz estimulada pelo sexo masculino durante o coito: 'Nas mulheres, o sexo sendo friccionado no coito e a matriz em movimento, digo que esta última é tomada como que de uma comichão que dá prazer e calor ao resto do corpo. Também a mulher ejacula a partir do corpo, às vezes na matriz, às vezes fora'. Mesmo tipo de substância e mesma formação (um esperma que surge do sangue por aquecimento e separação); mesmo mecanismo e mesmo ato terminal de ejaculação". (11)

Podemos perceber na teoria de Hipócrates a existência de um isomorfismo na reação orgânica ao prazer nos corpos feminino e masculino, mas com uma diferença nítida, o organismo da mulher depende do homem para acionar a mecânica fisiológica responsável pelas respostas prazerosas.

Esta similitude de funcionamento não tem, no entanto, a mesma intensidade:

"(...) No próprio ato, o prazer da mulher é muito menos intenso do que o do homem porque neste a excreção do humor se faz de maneira brusca e com muito mais violência. Em compensação, na mulher, o prazer começa no início do ato e dura tanto quanto o próprio coito. Seu prazer, ao longo de toda a relação, é dependente do homem; e só cessa quando 'o homem libera a mulher'; e se acontece dela chegar ao orgasmo antes dele, não é por isso que o prazer desaparece; ele é apenas experimentado de outra forma".

Segundo Foucault:

"Entre esses dois atos isomorfos no homem e na mulher, o texto hipocrático coloca uma relação que é, ao mesmo tempo, de causalidade e de rivalidade: de certa forma uma justa em que o macho desempenha um papel incitador e deve obter a vitória

final. Para explicar os efeitos do prazer do homem sobre o da mulher, o texto recorre (...) aos dois elementos da água e do fogo e aos efeitos recíprocos do quente e do frio; o licor masculino desempenha tanto um papel estimulante quanto o de resfriamento; quanto ao elemento feminino, sempre quente, é às vezes representado pela chama e às vezes por um líquido. Se o prazer da mulher se intensifica 'no momento em que o esperma cai na matriz' é à maneira da chama, que de repente aumenta quando se derrama vinho sobre ela; se, ao contrário, a ejaculação do homem leva ao fim do prazer da mulher, é como se fosse um líquido frio que se derrama na água muito quente: a ebulição logo cessaria. (...) Mas de toda maneira é o ato masculino que determina, regula, atíça, domina. É ele que determina o início e o fim do prazer. É ele também que garante a saúde dos órgãos femininos assegurando seu bom funcionamento: 'Se as mulheres têm relações com os homens elas ficam de boa forma; se não, o ficam menos. (...) o coito, ao esquentar e umedecer o sangue, torna a passagem mais fácil para as regras; ora, quando as regras não escorrem, o corpo das mulheres torna-se doente'. A penetração pelo homem e a absorção do esperma são para o corpo da mulher o princípio do equilíbrio de suas qualidades e a chave para o escoamento necessário de seus humores". (12)

A partir dessa descrição torna-se fácil perceber a importância do coito para o organismo feminino, e a importância do homem para a sexualidade feminina: é ele quem determina o início, duração e término de seu prazer além de contribuir com o sêmen para o bom funcionamento desse organismo. Torna-se muito fácil perceber, também, porque a histeria ficou associada à abstinência sexual feminina.

As concepções modernas que retratam a mulher como um ser inferior e dependente do homem têm suas bases nesses primeiros tratados médicos e nas teorias filosóficas gregas. A submissão feminina tem, conseqüentemente, bases históricas. Por isso quando Foucault diz "a mulher é o seu corpo" refere-se a um corpo que se faz continuamente presente e objeto de cuidados. Um corpo que carrega em si o útero, um animal perigoso porque auto-suficiente, que precisa ser domado, o que implica no desgaste de uma enorme

(12) Idem, ibidem, pp.116-117

(13) Romano, R., Lux in Tenebris, p. 126

energia. Utero que produz vapores e humores que precisam ser dominados sob pena de graves consequências. "A essência da mulher seria uterina", afirma Roberto Romano, numa outra vertente de análise. (13)

Absorvida no domínio de seu próprio corpo a mulher não consegue produzir nem refletir. E mesmo na única tarefa que lhe coube -o domínio de si- ela se mostra, muitas vezes, ineficiente, precisando do auxílio masculino para obter êxito.

O homem carrega, então, um múltiplo fardo: o de dominar o mundo e o de auxiliar sua companheira no domínio de si. Fardo esse só compatível com um ser naturalmente superior que possui um corpo equilibrado que dispensa cuidados, sobrando-lhe tempo e energia para dedicar-se a atividades compatíveis com sua condição. Segundo Roberto Romano,

"o macho possui o princípio (arché) do movimento e da geração. A fêmea, o princípio da matéria (hylé). O macho gera em outro (allo genon) a fêmea, em si mesma (eis auto). Assim, macho e fêmea diferem segundo seu próprio logos. Na fêmea, a parte especial é o útero e, no macho, os testículos e o pênis. Dedução política desta taxionomia: o homem é superior à mulher pelo uso do logos". (14)

O papel assumido pelo homem, e que acabou se revelando de fundamental importância para a fisiologia da mulher, assim como a constatação da superioridade masculina, acabam por determinar a posição dos parceiros durante a relação sexual, reafirmando a natural submissão feminina.

"Deve-se entender por esse princípio (de isomorfismo entre a relação sexual e relação social) que a relação sexual - sempre pensada a partir do modelo da penetração e de uma polaridade que opõe atividade e passividade - é percebida como do mesmo tipo que a relação entre superior e inferior, aquele que domina e aquele que é dominado, o que submete e o que é submetido, o que vence e o que é vencido.(...) E pode-se compreender, a partir daí, que há, no comportamento sexual, um papel que é intrinsecamente honroso e que é valorizado de

pleno direito: é o que consiste em ser ativo, em dominar, em penetrar e em exercer, assim, a sua superioridade"(15).

Mesmo porque a passividade feminina está de acordo com sua natureza inferior:

"No que diz respeito à passividade da mulher, ela marca muito bem uma inferioridade de natureza e de condição; mas ela não deve ser reprovada como conduta posto que é , precisamente, conforme ao que a natureza quis e ao que o *status* impõe". (16)

Artemidoro também dispõe, em suas teorias, sobre a natureza das posições na relação sexual: "(...) Do mesmo modo os humanos receberam da natureza uma forma bem precisa de conjunção: o face a face, ficando o homem estendido sobre a mulher. Dessa maneira o comércio sexual é um ato de posse plena: na medida em que 'obedece' e que 'consente', então se é mestre 'de todo o corpo da companheira". (17)

A mulher se diferencia do homem não somente por sua fisiologia - já que na verdade esta é uma diferença muito pequena para ser realmente levada em consideração. Galeno afirmava o isomorfismo entre a fisiologia masculina e feminina "Vire para fora as partes da mulher, vire e volte para dentro as do homem, e encontrareis a ambas muito semelhantes"- (18), mas também por sua atuação social, suas funções e finalidades enquanto ser. Sua educação (ou ausência de) deve levar em conta essa especificidade de sua atividade na vida.

Os gregos afirmaram claramente a diferença de finalidades entre o homem e a mulher e o fato da mulher não ser um indivíduo em si, por incapacidade mesmo. Exatamente por isso se revela a

---

(14) Idem, *ibidem*, p. 127

(15) Foucault, M., *História da Sexualidade II*, p.190

(16) Idem, *ibidem*, p. 191

(17) Idem, *História da Sexualidade III*, p.31

(18) Idem, *História da Sexualidade II*, p. 112

necessidade dela ser propriedade de alguém, do pai e mais tarde do marido, que a educa para continuar exercendo esse papel.

A condição da mulher - propriedade de alguém - implica numa série de consequências observáveis até hoje, como por exemplo nas legislações sobre o estupro e sedução sexual. Foucault vasculha os textos gregos e suas reflexões nos permitem esclarecer esse aspecto da subjugação feminina:

"E verdade que todo homem, qualquer que seja ele, casado ou não, deve respeitar uma mulher casada (ou jovem sob o poder paterno); mas é porque ela está sob o poder de um outro: não é seu próprio status que o detém, mas o da jovem ou da mulher contra a qual ele atenta; sua falta é essencialmente contra o homem que tem poder sobre a mulher; é por isso que ele deverá ser menos gravemente punido, sendo ateniense, se violar, arrebatado por um momento pela voracidade de seu desejo, do que se seduzir por vontade deliberada e ardilosa; como diz Lisias no Contra Eratósteles, os sedutores 'corroem as almas, a ponto que as mulheres dos outros lhes pertencerem mais intimamente do que aos maridos; eles se tornam os senhores da casa, e não se sabe mais de quem são os filhos'. O violador atenta somente contra o corpo da mulher; o sedutor, contra o poder do marido". (19)

Em suma, é contra um outro homem que o violador ou sedutor está atentando, contra a sua propriedade. É um desrespeito contra alguém igual a si, falta mais ou menos grave dependendo do status dos envolvidos.

Ao se casar, a mulher passa do domínio do pai ao domínio do marido, que estabelece suas funções, restritas aos limites da casa. Ela fica encarregada da organização da economia doméstica, enquanto o homem é encarregado dos negócios públicos e da formação e direção da esposa. No nível conceitual não se estabelecem diferenças entre o público e o privado: "A arte doméstica é da mesma natureza que a arte política ou a arte

---

(19) Idem, ibidem, pp. 131-132

militar, pelo menos na medida em que se trata, lá como aqui, de governar os outros". (20)

E a atuação eficiente das mulheres na gestão da economia doméstica é de fundamental importância para que o homem tenha a tranquilidade necessária para fazer uma boa gestão nos negócios públicos. Em outras palavras, a função histórica da mulher consiste em criar as condições necessárias para a participação, atuação e intervenção do homem na sociedade, é organizar a economia doméstica com tal eficácia que ele não precise ocupar seu tempo e energia com o privado e possa dispendê-lo em grandes realizações.

No entanto, essa concepção da mulher voltada para as tarefas do lar não é partilhada por todos os pensadores gregos, e

(20) Idem, ibidem, p. 139

(21) Werner, J., Paidéia, p. 560

(22) Idem, ibidem, p. 18

(23) Idem, ibidem, pp. 32-33

(24) Foucault, M., Vigiar e Punir, p. 24

(25) Idem, Microfísica do Poder, p. 146

(26) Idem, ibidem, p. 147

(27) Ferreira, A.C., "O corpo, da natureza à Sociedade" in Folhetim (suplemento cultural da Folha de São Paulo) de 17/01/1982

(28) Lhosa, M.V., Elogio à Madrastra, pp. 70-71

(29) Foucault, M., Microfísica do Poder, p. 235

(30) Idem, História da Sexualidade I, p. 10

(31) Idem, Vigiar e Punir, p. 134

(32) Idem, Microfísica do Poder, p. 218

(33) Idem, Vigiar e Punir, p. 156

(34) Idem, História da Sexualidade I, pp. 111-112

(35) Dados recolhidos nas seguintes publicações: Homem-Mulher: Crises e Conquistas, vários autores, pp. 61 a 76 - Novos Estudos Cebrap vol I, no. 3, julho/82, pp. 46 a 49 - Textos NEPO 6 - Sobre o Declínio da Fecundidade Humana e a anticoncepção em São Paulo (análise preliminar), Elza Berquó - Clínicas de Esterilização: A quem servem? Cadernos 2, Conselho Estadual da Condição Feminina.

(36) Foucault, M., História da Sexualidade I, p. 112

(37) Verissimo, Erico, O Tempo e o Vento - O Retrato 2, pp. 304-305

(38) Foucault, M., História da Sexualidade I, pp. 112-113

(39) Idem, Microfísica do Poder, p. 113

(40) Olivier, C., Os filhos de Jocasta, p. 52

(41) Idem, ibidem, p. 41

(42) Idem, ibidem, p. 60

(43) Idem, ibidem, p. 62

não o é, por exemplo, por Platão que imagina uma igual participação na construção do Estado por homens e mulheres. "Platão acredita na capacidade da mulher para cooperar criadoramente na vida da comunidade, mas é onde parece que devia buscá-la, na família, que ele procura esta cooperação. Não partilha da opinião dominante no seu país, segundo a qual a mulher é destinada pela natureza exclusivamente a conceber e a criar filhos e a governar a casa. E certo que reconhece que a mulher é em geral mais fraca do que o homem, mas não crê que isto seja obstáculo para ela participar nas funções e nos deveres de 'guardiões'. E se participa da profissão do homem, é indubitável que precisa da mesma alimentação e da mesma cultura que ele. Por conseguinte, a mulher da classe dominante deverá ser educada na música e na ginástica, tal como o homem, e como ele se deverá formar para a guerra". (21) Mas, como vimos, Platão é uma exceção no conjunto do pensamento grego - o corrente é a concepção da inferioridade feminina.

\*\*\*\*

Esta longa reconstituição dos argumentos de Foucault tem como objetivo refletir sobre algumas questões importantes. Ao se pensar num projeto de educação sexual, é preciso levar em conta toda essa concepção da mulher, que nos acompanha desde os gregos: comparada com o homem, a mulher é o seu oposto e não necessariamente seu complemento. A ausência de uma educação nos moldes cultos a teria tornado inferior intelectualmente, despreparada para tomar decisões, circunscrita aos limites do privado e tendo que assumir uma posição passiva na atividade sexual.

A partir da década de 60 os movimentos de mulheres deram um grande impulso ao ensaio de liberação que vinha acontecendo há tempo. Atualmente se costuma afirmar que a mulher já não se enquadra nesse quadro descrito por Foucault. No entanto, sabemos que se ela mudou - já penetrou no domínio público atuando lado a lado com o homem; entrou no mercado de trabalho disputando profissões até então ditas masculinas; ocupa as cadeiras e as cátedras das Universidades; desponta nos círculos intelectuais mostrando-se grávida de idéias; dispõe sobre seu próprio corpo e sobre sua prole; desfruta do prazer no sexo decidindo sobre os parceiros, o momento e as posições - essa mulher ainda é, em grande medida, a mesma educada nos padrões tradicionais e retrógrados da moral cristã. Talvez ela abra caminhos, rompa amarras e tente dar uma educação mais liberada aos seus filhos, mesmo numa sociedade tradicional e retrógrada.

Há que se pensar se, com essa carga histórica a educação sexual feminina poderia ser a mesma, nos mesmos moldes e padrões que a educação sexual masculina. Será que - além do aparelho reprodutor - essa mulher não precisa discutir sua história e o papel que lhe foi destinado durante séculos e que ela ainda está rompendo? Será que além do aparelho reprodutor o homem não precisa discutir o seu novo *status* diante da nova mulher?

## OS CORPOS DISCIPLINADOS

Na pequena remissão que fizemos (no capítulo II deste trabalho) aos teóricos da educação brasileira do começo deste século (Sud Menucci, Fernando de Azevedo, Armando de Salles Oliveira) constatamos a polêmica gerada em torno da disciplina de "educação física" e verificamos também a quantidade de atos revogados, retificados e ratificados para, finalmente, ser formulada uma legislação implantando esta disciplina definitivamente. Fernando de Azevedo, na oportunidade, escreve o livro Da Educação Física: o que ela é; o que tem sido e o que deveria ser, onde defende a inclusão desta disciplina no currículo escolar a partir de uma descrição detalhada dos benefícios que fariam ao corpo do(a) jovem aluno(a) e de toda a sociedade, a ginástica e os esportes.

Sabemos que esta não é uma concepção nova. Vamos encontrar, já e ainda uma vez entre os gregos, a preocupação com o fortalecimento do corpo como condição necessária à facilidade e agilidade das atividades mentais, sendo que aqui o que se privilegia é o segundo: o corpo serve de instrumento às atividades mentais, e para que isso ocorra ele deve ser educado com base na temperança, como vimos anteriormente.

A educação dos jovens nesse momento histórico é diferenciada para os sexos, isto porque a *arete* masculina é diferente da feminina. Para tornar um pouco mais claro o sentido no qual são empregados esses termos, vamos revisitar o conceito de *arete* a partir da PAIDEIA de Werner Jaeger:

"O tema essencial da história da formação grega é antes o conceito de *arete*, que remonta aos tempos mais antigos. Não temos na língua portuguesa um equivalente exato para este termo; mas a palavra 'virtude', na sua acepção não atenuada pelo uso puramente moral, e como expressão do mais alto ideal cavaleiresco unido a uma conduta cortês e distinta e ao heroísmo guerreiro, talvez pudesse exprimir o sentido da

palavra grega (...). Na sua forma mais pura é no conceito de arete que se concentra o ideal da educação dessa época". (22)

Percebe-se que o conceito é definido de um ponto de vista masculino, o que seria a virtude no homem, mas a mulher tem uma arete própria.

"A arete própria da mulher é a formosura. Isto é tão evidente como a valorização do homem pelos seus méritos corporais e espirituais. O culto da beleza feminina corresponde ao tipo de formação cortesã de todas as idades cavaleirescas. A mulher, todavia, não surge como objeto da solicitação erótica do homem, como Helena ou Penélope, mas também na sua firme posição social e jurídica de dona-de-casa. As suas virtudes são, a este respeito, o sentido da modéstia e o desembaraço no governo do lar". (23)

Sabemos também que os corpos fortes e saudáveis, com uma postura perfeita, constituiu o ideal do soldado, preocupação que Foucault localiza como tendo surgido no século XVII, e sendo estes corpos fabricados no século XVIII para servir à finalidade proposta. Qualquer corpo, por mais inadequado que seja, é passível de modelagem. A originalidade das reflexões foucaultianas está em destacar que nos novos corpos manifestam-se as marcas da vitalidade e da coragem e, paradoxalmente, as da docilidade e submissão.

A educação física modela os corpos de acordo com um padrão ideal de saúde aliada à estética:

"O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma 'anatomia política' que é também igualmente uma 'mecânica do poder', está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros não simplesmente para que façam o que se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos 'dóceis'. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma 'aptidão', uma 'capacidade' que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia

resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita". (24)

Corpos fortes e saudáveis, moldados e adestrados, obedientes às ordens que são ditadas sobre eles, corpos frágeis impregnados de poder.

"O domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isso conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio. Mas a partir do momento em que o poder produziu este efeito, como consequência direta de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reivindicação de seu próprio corpo contra o poder, a saúde contra a economia, o prazer contra as normas morais da sexualidade, do casamento, do pudor. E assim, o que tornava forte o poder passa a ser aquilo porque ele é atacado... O poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo... Lembrem-se do pânico das instituições do corpo social (médicos, políticos) com a idéia da união livre ou do aborto... Na realidade a impressão de que o poder vacila é falsa, porque ele pode recuar, se deslocar, investir em outros lugares... e a batalha continua". (25)

Como outro lugares, do investimento do poder podemos citar dois exemplos: o primeiro seria o que Foucault chama como o investimento que não tem mais a forma do controle-repressão mas sim a do controle-estimulação exercido através da imposição de uma estética "Fique nu...mas seja magro, bonito, bronzado". (26) Essa obrigatoriedade na adoção de um padrão estético é válida para os dois sexos mas é, sem dúvida muito mais direcionada - e assumida - pelo sexo feminino. Em segundo lugar, o investimento do poder ocorreria - hipótese levantada por nós - na fragmentação dos corpos e, conseqüentemente, do sujeito, tão típica da nossa sociedade. A mulher é composta de útero, trompas e ovários. Vive intensamente num mundo subjetivo composto de intuições e emoções.

Deve ser doce e dócil. Seu lugar de atuação é o privado. O homem, composto de pênis e testículos, não deve viver as emoções porque tem que ser forte, dinâmico, arrojado, desafiador e agressivo socialmente. Seu espaço de atuação é o público.

A educação formal, através de disciplinas como biologia, psicologia e informação sexual, atua de forma a reforçar os fragmentos. Temas como: aparelho respiratório, circulatório e reprodutor, são examinados como se não tivessem nada uns com os outros a não ser uma justaposição quase mecânica. Esse ser fragmentado não se integra num todo, não é visto como um indivíduo. Esta colocação é justificada e reforçada a partir do capítulo "A Sexualidade Educada".

Além disso, há que se levar em conta que a preocupação com os corpos fortes e adestrados é muito presente num sistema econômico e político como o capitalista com seu imperativo do trabalho e da produção.

Para transformar o trabalhador num eficiente produtor houve um investimento nos corpos e músculos, com a finalidade de aumentar o ritmo do trabalho e da produção. Aproveitando a moda do corpo a partir do final da década de 60, por exemplo, alguns empresários mostraram-se atualizados, montando nas empresas programas de ginástica, com a finalidade de prevenir e corrigir más posturas, resultantes de esforços concentrados e repetitivos em determinadas partes do corpo. Isto propiciaria bem estar físico e, conseqüentemente, uma disposição maior para o trabalho.

"Roberto Smitue, 29 anos, ferramenteiro, faz ginástica na própria sede da empresa, após jornadas de trabalho que podem chegar a 12 horas diárias. Ele e mais 20 companheiros da ferramentaria da fábrica correm, pulam, esticam os músculos das 19h30 às 20h30, duas vezes por semana. A ginástica é principalmente de compensação. Ou seja: vai mexer com as partes do corpo que não se movimentam na atividade diária e mover músculos no sentido contrário dos movimentos usuais.

O ferramenteiro Roberto está satisfeito com a ginástica. "A gente acorda mais disposto" diz ele. "E o reflexo do pessoal fica mais apurado", diz o instrutor do SESC, Edson Yamasaki, que coordena o programa. A ginástica vai ajudar a amenizar os males da coluna, que são doenças do trabalho". (27)

Corpos móveis, ágeis, dispostos, reflexos rápidos e alertas têm como consequência maior capacidade de trabalho e mais produtividade.

Sob outro prisma, um exemplo da fragmentação dos corpos nos é dado de forma magnífica por Mario Vargas Llosa em Elogio à Madrastra. A personagem D. Rigoberto alcança a perfeição e a felicidade em trinta minutos diários que dedicava ao cuidado de si. Cada dia da semana estava destinado a limpeza e cuidado de determinado órgão e membros:

"Segunda-feira, mãos; terça-feira, pés; quarta-feira, orelhas; quinta-feira, nariz; sexta-feira, cabelos; sábado, olhos e domingo, pele. Era o elemento variável do noturno ritual, o que lhe conferia um ar variado e reformista. Concentrar-se cada noite numa região do corpo permitia-lhe realizar mais obsequiosamente seu asseio e preservação; e, deste modo, conhecê-la e querê-la mais. Dono cada órgão ou setor de um dia de seus cuidados, ficava garantida a perfeita equidade no cuidado do conjunto: não havia favoritismos, preterições, nada de odiosas hierarquias no trato e consideração da parte e do todo. Pensou: 'Meu corpo é aquele impossível: a sociedade igualitária'." (28)

Em suma, o corpo foi penetrado pelo poder com objetivos bem precisos. Incentivando-se a ginástica canaliza-se boa parte de energia nos exercícios físicos impedindo-se que essa energia seja utilizada sexualmente. Ao mesmo tempo são fabricados corpos com maior capacidade produtiva. Corpos jovens, musculosos e belos, ou seja, desejáveis, são a consequência direta desses exercícios.

O corpo foi penetrado pelo poder, condição necessária para que os indivíduos pudessem tomar consciência de seu próprio corpo

como algo desejável. E a partir daí, passariam a reivindicar por seu próprio corpo, contra o poder.

Nessa tentativa de expulsar o poder do corpo, exorcizando-o, acaba-se por acionar um novo dispositivo do poder. O investimento se dá agora através de uma exploração econômica e ideológica.

Talvez, esta luta sem tréguas esteja assumindo novos matizes com o aparecimento dos grupos feministas e homossexuais, que se organizaram a partir da década de 60 para retirar o discurso sobre o sexo do monopólio de especialistas e devolvê-lo para aqueles que, simplesmente querem viver esse sexo.

Parece que viveremos ainda muito tempo nesta luta contra os especialistas do sexo, contra o poder que se aloja nas sexualidades individuais antes de alcançarmos o movimento vislumbrado - ou será melhor dizer desejado - por Foucault: "fabricar outras formas de prazer, de relações, de coexistências, de laços, de amores, de intensidades". (29)

## O DISCURSO DO SILENCIO

Além dos discursos claros, distintos, explícitos, audíveis existem outros discursos sobre o sexo. Há um discurso silente e que impõe mudez sobre a sexualidade das crianças. Há um discurso do olhar que vigia e controla a manifestação da sexualidade adolescente. Há um discurso de controle do sexo na arquitetura, no mobiliário e nos uniformes escolares. Discursos silenciosos e

que impõem o silêncio. Em todos esses silenciosos discursos fala-se de sexo, denuncia Foucault.

Durante longo tempo, até o aparecimento da teoria de Freud, as crianças não tinham sexo. E se não o tinham não havia necessidade de se falar dele. "As crianças, por exemplo, sabe-se muito bem que não têm sexo: boa razão para interditá-lo, razão para proibi-las de falarem dele, razão para fechar os olhos e tapar os ouvidos onde quer que venham a manifestá-lo, razão para impor um silêncio geral e aplicado". (30)

A partir de Freud teria havido uma necessidade de mudança de atitude: a sexualidade infantil teve de ser admitida e a nova atitude diante dessa constatação é de educá-la de forma a atender as exigências dos adultos. Disciplinou-se a sexualidade infantil.

Essa criança, ainda na tenra infância (e cada vez mais precocemente) passa a frequentar a instituição escolar. Nesse novo meio utilizam-se velhas fórmulas de controle de sua sexualidade, não através da repressão explícita - as modernas pedagogias aboliram o imperativo negativo dos verbos - mas através da disposição arquitetônica e serial das salas de aula, dos pátios de recreios e dos sanitários.

"A organização de um espaço serial foi uma das modificações técnicas do ensino elementar. (...) Determinando lugares individuais, tornou possível o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos. Organizou uma nova economia de tempo de aprendizagem. Fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar". (31)

O discurso sobre o sexo na arquitetura dos colégios, aparece, segundo Foucault, no século XVII, mas percebemos que mesmo as escolas modernas não perderam essas características. As escolas possuem um modelo arquitetônico construído de tal forma a evitar os contatos, as proximidades. Os corredores, todos os

lugares de circulação e ajuntamento devem ser amplos e espaçosos, de tal forma que as pessoas possam ficar distantes umas das outras. E preciso garantir a ventilação e deixar o espaço aberto, de modo que se assegure uma vigilância ao mesmo tempo global e individualizante.

O espaço das salas, a forma das mesas, o arranjo dos pátios de recreio, a distribuição dos dormitórios (se houver) e principalmente a construção arquitetônica dos banheiros, tudo fala de sexo. Cada detalhe dessa estrutura foi projetada tendo sempre presente a melhor forma de vigiar e evitar o sexo. Os construtores pensaram nisso, e explicitamente, como alerta o autor.

Mas não só na arquitetura encontramos o discurso silencioso sobre o sexo: também nos regulamentos internos, na organização da disciplina, na eficiência dos bedéis, inspetores e professores.

A competência está em vigiar sem precisar utilizar violências físicas ou coações materiais. "Apenas um olhar. Um olhar que vigia e que cada um, sentindo-o pesar sobre si, acabará por interiorizar, a ponto de observar a si mesmo; sendo assim cada um exercerá esta vigilância sobre e contra si mesmo". (32)

Esta é uma descrição da instituição escolar do século XVII que cabe perfeitamente às instituições modernas porque não perdeu sua atualidade, e se algo mudou foi para permitir uma maior facilidade da vigilância. As carteiras antigamente eram pequenas mesas fechadas em cima e na frente, dispostas aos pares na sala de aula. Hoje as carteiras são individuais, impedindo o contato com o corpo do outro indivíduo, abertas de todos os lados, possuindo apenas um pequeno pedaço de madeira suficiente para

conter o caderno em uso. Dessa forma pode-se olhar todo o corpo do aluno e controlar seus gestos.

"O aparelho disciplinar perfeito capacitaria um único olhar tudo ver permanentemente. Um ponto central seria ao mesmo tempo fonte de luz que iluminasse todas as coisas, e lugar de convergência para tudo o que deve ser sabido: olho perfeito a que nada escapa e centro em direção ao qual todos os olhares convergem". (33)

Mas além do discurso arquitetônico, do mobiliário e do olhar encontramos um discurso sobre o sexo quando se proíbe que as pessoas falem dele. A imposição do silêncio é outra forma de discurso do sexo.

Nesse contexto cabem algumas reflexões sobre a experiência desenvolvida há dezessete anos pelo Colégio Pio XII de São Paulo, e tornadas públicas em reportagens da Folha de São Paulo e Revista Leia n.126. A orientação sexual é desenvolvida da quinta série ao primeiro ano do segundo grau em duas aulas semanais. Há um projeto de inclusão das quatro primeiras séries do primeiro grau. Para tornar o ambiente de discussão mais descontraído os alunos saem de suas salas de aula normais e passam para uma sala sem móveis, com almofadas no chão onde todos se sentam, professores e alunos. Não há um ritmo de aula normal, mas uma discussão sobre temas relativos à sexualidade.

A mudança de sala visa retirar o aluno do ambiente repressor que caracteriza a sala de aula, transferindo-o para um local menos repressivo. A mudança de postura do professor, sentado junto com os alunos no chão, pretende retirar dele a autoridade e o poder de que está investido, transformando-o em alguém igual ao restante do grupo.

Transferir os alunos de uma sala para outra e tentar eliminar a postura tradicional do professor só consegue tornar evidente a presença da repressão. Quando se "faz de conta" que se

está num espaço libertário porque mudou-se de lugar ou porque eliminou-se, aparentemente a figura do professor, evidencia-se, por outras vias, a existência da repressão. Houve a necessidade de criação de um espaço artificial para ser possível falar de sexo.

Ora, sabemos que a única forma realmente eficaz de romper ou promover mudanças nas tradições, é através do profundo conhecimento do que se quer modificar. A ignorância ou a supressão de informações só conseguem perpetuar o *status-quo*. No entanto, sabemos que falar abertamente sobre a repressão é problemático, exatamente por ser essa uma questão explosiva porque leva à discussão da construção da sociedade, sua inserção num determinado modelo político e a função da família no interior desse modelo. Para não torná-la explosiva, passa-se a fingir que a repressão não existe e cria-se um espaço agradável e artificial.

Há, ainda, a concepção pasteurizada do sexo - outro lado da mesma questão. Essa atitude é, em geral, assumida por médicos, biólogos, psicoterapeutas, sexólogos, professores, e implica não só no distanciamento científico do objeto de estudo, mas também, na própria eliminação em si mesmo - e nos envolvidos - da existência desse objeto. Ou seja, durante a discussão sobre sexualidade todos são assexuados. E de sexo que se está falando, mas dos sexos dos outros, nós não temos nada a ver com ele. Nada diferencia esta discussão de outra qualquer.

Nossas reflexões visam questionar a artificialidade dessa situação. Será que não seria mais eficiente e honesto expor ao jovem como a repressão ao sexo se exerce através de discursos

silenciosos do que "fingir" que a repressão não existe só porque mudaram de sala e de postura ?

## A TECNOLOGIA DO SEXO

Na segunda metade do século XVII surgem duas grandes inovações na tecnologia do sexo: a medicina das perversões e os programas de eugenia. Continuando com as análises de Foucault: "...a análise da hereditariedade colocava o sexo (as relações sexuais, as doenças venéreas, as alianças matrimoniais, as perversões) em posição de 'responsabilidade biológica' com relação à espécie; não somente o sexo podia ser afetado por suas próprias doenças mas, se não fosse controlado, podia transmitir doenças ou criá-las para as gerações futuras; ele aparecia, assim, na origem de todo um capital patológico da espécie. Dai o projeto médico, mas também político, de organizar uma gestão estatal dos casamentos, nascimentos e sobrevivências; o sexo e sua fecundidade devem ser administrados". (34)

A administração do sexo pode seguir dois caminhos: o primeiro seria a negativa de incentivos às famílias de classes inferiores e a adoção de impedimentos de procriação e de elevação social dessas classes ou, o segundo caminho, a formação de uma consciência eugênica.

A primeira vertente é defendida por grande parte dos teóricos da eugenia, objeto de estudo e levantamento de questões no capítulo II deste trabalho. A intervenção do Estado torna-se necessária diante da constatação da decadência da civilização, devido às mesclas de raças. Essa intervenção pode acontecer de forma velada através da retirada de benefícios - caixas beneficentes, asilos, hospitais, postos de saúde, seguros sociais, etc. - das famílias não desejáveis e da transferência desses benefícios e amparo às famílias de escol.

Outra forma de intervenção eugenista do Estado são as práticas de esterilização adotadas, por exemplo, no Brasil.

A demógrafa Elza Berquó empenhou-se em estudar esta questão. Os dados de suas pesquisas chegam a ser alarmantes.

Em cinco municípios de São Paulo, 50% das mulheres já estavam esterilizadas antes dos 30 anos de idade. O grande contingente de laqueaduras foi realizado em parto por cesárias, que tiveram sua prevalência aumentada nos últimos anos, chegando em algumas regiões do país, à casa dos 45% de todos os partos. São Paulo teve um aumento de 106%, desta prática, nos últimos oito anos, atingindo 31% das mulheres em 1986. O nordeste, em seis anos, registrou um aumento de 78%, o que significa dizer que 25% das nordestinas casadas ou unidas, em idade fértil, já têm encerrada sua vida reprodutiva.

Em 1980, no Rio Grande do Norte, 17% das mulheres casadas entre 15 e 44 anos, já estavam esterilizadas; em Pernambuco, 19%.

A prática de esterilização começou a ser implantada no país por volta de 1965, crescendo enormemente na década de 80. Entre 1965 à 1978 passa de 7% à 14% o contingente femininino estudado

que havia se submetido à cirurgia em São Paulo. Em Pernambuco, 9% antes de 1971, 27% entre 1971 a 1975, e 65% entre 76 e 80.

Sabemos que um projeto desse teor não é barato, mas recursos não não constitui problema, sendo conseguidos em sua quase totalidade, de entidades internacionais que possuem um trabalho voltado à planejamento familiar, conforme reportamos em documentos anexos a este capítulo.

Dados como esses explicam por si só nossas afirmações de vislumbrar uma prática eugênica no aparelho de Estado e, justificam a conclusão de Elza Berquó quando diz que a esterilização se constituiu em algo definitivo para deter a pobreza. (35)

E aconselhável a não transparência de uma intervenção estatal nesse sentido porque isso poderia gerar atitudes de oposição das massas, debates públicos, rebeldias. Afinal não podemos esquecer que os movimentos democráticos e as idéias igualitárias são efeitos das mesclas de raças como apontou Gobineau.

Para os adéptos da primeira vertente, a educação não tem muito poder para atuar eugenicamente. Sendo assim, pensar no processo educativo visando conscientizar os jovens de raça superior a não mesclar seu sangue com raças inferiores é superestimar o papel educacional. Mais eficiente é separar estes indivíduos a partir de intevenções estatais. Esforços no sentido de democratizar as informações para que as pessoas, conscientes, possam agir segundo seus próprios princípios, parece inútil perda de tempo. Mais fácil, e talvez mais eficiente, é esconder as informações e agir de forma a impor um comportamento sem que seus pressupostos e seus objetivos sejam conhecidos.

A primeira atitude de um Estado preocupado com a melhoria da qualidade de seu povo é detectar quais são os elementos arianos da população para, num segundo momento, dar-lhes os meios de ascensão social. A instituição mais eficaz para classificar e separar os melhores elementos é a escola. Por um lado essa é uma tarefa simples, quando verificamos que esses indivíduos têm características facilmente observáveis: tez branca, altura elevada e cabelos loiros. Por outro lado, para aquelas características não tão evidentes, criou-se mecanismos que pudessem detectá-las: os exames antropométricos, através dos quais pode-se verificar se o indivíduo está se desenvolvendo fisicamente e se o índice dolicocéfalo corresponde aos padrões esperados a partir do modelo ideal de sua raça.

A escola se apresenta como o local ideal de classificação desses elementos. Nesse contexto, a adoção de exames antropométricos na escola pode ter como objetivo escuso classificar, agrupar e separar os que se enquadram na raça superior. E nesse contexto que retomamos a fábula da composição dos homens de Platão, que partia do pressuposto da diferença natural do homens, constituídos de ouro, prata, ferro ou bronze; e da necessidade de receberem uma educação condizente com sua natureza e funções que lhes eram destinadas.

Atualmente, a classificação dos jovens estudantes, de acordo com instrumentos científicos de extrema precisão, poderia estar visando seu agrupamento em classes especiais, com uma formação direcionada para atender a expectativa da sociedade: o comando para os "superiores" -os que tivessem na sua composição, ouro e prata -; ou a educação para a submissão, para os compostos de ferro e bronze, os "inferiores", que não necessitam das mesmas

condições já que seu trabalho não exige nenhuma habilidade especial, como concluiu, por exemplo, Otto Ammon.

Para outros eugenistas a escola seria, também, o lugar ideal para a difusão de suas idéias. A inclusão de disciplinas como higiene sexual, biologia genética e educação sexual nos cursos secundários, normais e militares pode estar visando a transmissão de suas idéias e ideais. Esta é a proposta de alguns teóricos como Lapouge, para quem a caserna é o lugar onde se encontram os melhores elementos arianos. Conscientizá-los da reponsabilidade para com sua raça, é uma das funções dos educadores do exército.

E nesse contexto que as propostas de Octávio Domingues encontram eco. Para o autor a formação de uma consciência eugênica é mais eficaz que a imposição de leis que não criam costumes". Nesse sentido, sua proposta vai ao encontro a do Dr. Oscar Penna Fontenelle: aproveitar o tempo da caserna para educar sexualmente o jovem e os princípios eugênicos fariam parte desse currículo.

Sem dúvida, a educação sexual pode aparecer como o espaço privilegiado para a transmissão das idéias eugenistas. Uma discussão biologizante com ênfase nos caracteres hereditários físicos, psíquicos, de caráter, tendências e patologias pode mostrar-se eficiente sem que a teoria precise ser explicitada.

Uma educação sexual psicologizante, com ênfase no papel hereditário das perversões sexuais e sua atuação na degenerescência da espécie - legado transmitido pela psiquiatria do século XIX- pode atuar decisivamente, sem a necessidade de referência à eugenia. Foucault afirma que os programas de eugenia produziram

"Inovações que se articulam facilmente, pois a teoria de 'degenerescência' permitia-lhes referirem-se mutuamente num processo sem fim; ela explicava de que maneira uma hereditariedade carregada de doenças diversas -orgânicas, funcionais ou psíquicas, pouco importa- produzia, no final das contas, um perverso sexual (faça-se uma busca na genealogia de um exibicionista ou de um homossexual e se encontrará um ancestral hemiplégico, um genitor tísico ou um tio com demência senil): mas explicava, também, de que modo uma perversão sexual induzia um esgotamento da descendência - raquitismo dos filhos, esterilidade das gerações futuras. O conjunto perversão-hereditariedade-degenerescência constitui o núcleo sólido das novas tecnologias do sexo. E não se imagine que se tratava apenas de uma teoria médica cientificamente insuficiente e abusivamente moralizadora. Sua superfície de dispersão foi ampla e profunda a sua implantação. A psiquiatria, mais a jurisprudência, a medicina legal, as instâncias de controle social, a vigilância das crianças perigosas, ou em perigo, funcionaram durante muito tempo 'pela degenerescência', pelo sistema hereditariedade-perversão. Toda uma prática sexual, cuja forma ao mesmo tempo exagerada e coerente foi o racismo de Estado, deu a essa tecnologia do sexo um poder terrível e longínquos efeitos". (36)

Podemos perceber que tanto o enfoque a partir da biologia genética quanto o da psicologia das perversões podem atuar como propagadores das teorias eugenistas, sem a necessidade de discussão de valores, este sim o campo explicitamente propício para a pregação dessas teorias. Desse modo é mais fácil compreender aquilo que vimos no final do capítulo III de nosso trabalho: uma escola apresenta como integrante do programa do currículo de educação sexual o tema eugenia, e isto é alvo de comentários apaixonados dos técnicos da CENP.

Não nos parece exagerado, portanto, alertar para os riscos que a disciplina educação sexual oferece como espaço privilegiado de discussão (ou difusão?) dessas teorias.

E interessante mencionar, ainda que as idéias eugenistas não estavam circunscritas aos teóricos educacionais. Elas eram discutidas, por exemplo, na literatura da época. Erico Verissimo

as coloca em debate nos terceiro e quarto volumes da obra O Tempo e o Vento (O Retrato 1 e 2). Vejamos um único exemplo:

"Rubim sacudia a cabeça. Achava que o progresso não pode ser nunca o resultado do esforço coletivo, mas sim a obra magnífica duma casta superior, a qual só poderá existir à custa do trabalho escravo das massas, cuja missão é mourejar a fim de que os super-homens se possam entregar ao cultivo do espírito, das artes e da ciência. (...) Só o Estado militar é que poderá consolidar o domínio da casta superior, usando da força para organizar disciplinarmente todos os recursos sociais. (...) Esta casta superior -prosseguiu Rubim, cruzando as pernas- não deverá de maneira nenhuma preocupar-se com a educação das classes populares. O cultivo das massas pode prejudicar os objetivos mais altos do Estado, isto é, a formação da aristocracia...(...) Produzir a raça superior, o super-homem, que está para o homem atual assim como este para os animais". (37)

Esta obra foi publicada pela primeira vez em 1951.

#### JOCASTA: A MAE ARQUETIPICA

A tecnologia do sexo - segundo o modelo da medicina das perversões e dos programas de eugenia - encontra uma ruptura com o surgimento da psicanálise. Segundo Foucault: "E a posição singular da psicanálise no fim do século XIX não seria bem compreendida se desconhecêssemos a ruptura que operou relativamente ao grande sistema da degenerescência: ela retomou o projeto de uma tecnologia médica própria do instinto sexual, mas procurou liberá-la de suas correlações com a hereditariedade e, portanto, com todos os racismos e eugenismos". (38) A psicanálise opera uma ruptura quando "retomou o projeto de uma tecnologia médica própria do instinto sexual, mas procurou liberá-la de suas correlações com a hereditariedade e, portanto, com todos os racismos e eugenismos". (39)

Ou seja, com todas as críticas que possam ser feitas a Freud, seu sistema analítico rompe com as cargas da

hereditariedade e, conseqüentemente, com as culpas frente à geração posterior.

Se outros não houvessem, este seria por si só um grande mérito da teoria freudiana: retirar a imensa responsabilidade que se abateu sobre os indivíduos com as gerações futuras, do ponto de vista da ausência do cuidado de si. Mas se a responsabilidade com a degenerescência da espécie foi minorada por Freud, o indivíduo passou a arcar com a responsabilidade das doenças psíquicas de sua prole. Conhecendo já as reflexões deste autor, a respeito do assunto, apresentadas no primeiro capítulo deste trabalho, gostaríamos de introduzir outro tipo de reflexão sobre a mesma temática mas com um ponto de partida diferente: Edipo encarado como o modelo universal do homem, será deslocado por Jocasta: o mito eterno da mulher-mãe.

A psicanalista Christiane Olivier, resolveu repensar a teoria de Freud a partir de uma ótica feminina. Suas observações levaram a conclusão de que Freud enquadra a sexualidade feminina a partir do modelo de sexualidade masculina. A proposta da autora é escrever outra psicanálise, tomando Freud como ponto de partida, mesmo que isso signifique se afastar de suas conclusões. A autora refaz a trajetória freudiana, no tocante à sexualidade da mulher, verificando o desenvolvimento sexual da menina para examiná-la sob outro prisma.

Na psicanálise encontra-se uma concepção de mulher imaginada pelo homem - uma mulher como muito homens gostariam que fosse - mas talvez sem relação com o que a mulher realmente é. Freud tomou o desenvolvimento da menina como simétrico ao do menino, tecendo vários argumentos sobre a menina, sem considerar

o estabelecimento de simetrias em relação a uma dissemetria fundamental: a dos sexos.

No entanto, apesar de em muitos pontos tentar igualar o desenvolvimento dos sexos, Freud admite que a mulher não se encaixa em nenhum dos axiomas em que o menino se enquadra. A primeira escolha de objeto feita pela criança é uma escolha incestuosa, não se aplica à menina criada por uma mãe do mesmo sexo. Edipo é o cruzamento incestuoso dos sexos. Este cruzamento inexistente com a menina pois ela não é desejada pela mãe e a consequência disto é que ela não encontra satisfação. Dai o vazio e o pleno da mulher (anorexia e bulimia), e a sua necessidade de ser desejada pelo homem. A mãe é uma iniciadora do prazer da criança e este prazer é uma resposta do prazer da mãe, mas Freud não se preocupou com a vida sexual da mãe. E mais: para Freud a menina se debate com a dificuldade de 'trocar de objeto sexual', passando da mãe para o pai; no entanto, ela não precisa trocar de objeto, pois não o teve.

O fato de ser a mãe quem se ocupa do menino e da menina é suficiente para gerar uma assimetria entre os sexos. O sexo masculino tem um objeto sexual adequado desde seu nascimento; o sexo feminino não o tem e deve esperar o encontro com o homem para descobrir a satisfação. Indubitavelmente, a insatisfação é a marca profunda do caráter da mulher. Se mais tarde a menina se volta para o pai é porque não tem despertar possível junto à mãe. "A menina não pode se estruturar dentro da teoria freudiana do Edipo estruturante da pessoa, ela só o pode fazer de uma outra maneira, sem recorrer à fixação no sexo oposto. Num primeiro momento, o corpo, o sexo da menina, não é desejado por ninguém"

Ao contrário, o menino vive plenamente seu Edipo. Seu objeto incestuoso está sempre presente. Ele se sente desejado pela mãe, e esta também o deseja, e tem dificuldade em renunciar ao único homem que ela teve junto de si. O menino deve escapar do Edipo contra a vontade da mãe. Talvez seja esta a razão do menino amadurecer mais lentamente que a menina, e o primeiro objeto da guerra masculina contra a mulher será manter a mulher longe dele, em lugares reservados para ela (família, educação, casa).

Esta "saída do Edipo", nem sempre é conseguida, o que pode gerar neuroses para os meninos nesta faixa etária, levando-os ao psicoterapeuta em número tres vezes maior do que as meninas.

Neste conflito, o pai se coloca deliberadamente longe. Ele sabe que o conflito acontece já que ele também o vivenciou quando estava nesta faixa etária. Entretanto, ele não ousa intervir. Enquanto o problema do menino é se desvencilhar de um objeto "demasiado adequado", a menina vive o problema oposto, de não conseguir encontrar um objeto adequado e ficar "fora do Edipo" até bem tarde. Objeto não-edipiano para a mãe, a menina vai se sentir insatisfatória, primeiro resultado do não-desejo de sua mãe. Consequência disto, é que a menina, depois a mulher, nunca está satisfeita com o que tem, com o que é. "O drama da menina é que seu corpo não é como o de ninguém. Ela não tem o sexo do pai, nem as formas da mãe (seios, cintura fina, quadris, pêlos pubianos). A menina se vê nua, reta e fendida, parecida com essas bonecas assexuadas expostas nas vitrines" (41)

A inveja da menina não se dá com o corpo do homem - a inveja do pênis - como pensou Freud, mas sim com relação ao corpo da mulher-mãe quando se estabelece a comparação entre os corpos.

A menina não tem sexo (ninguém reconhece a presença de seu clitóris) e não é objeto sexual (pai ausente), não vai recalcar sua sexualidade como acreditava Freud, mas vai desloca-la, sexualizando tudo, seu corpo, seus atos, sua linguagem. "Se o sexual não está no sexo estará por toda parte (...) A mulher sexualizará tudo o que o outro possa enxergar nela. Por não ter sido reconhecida no seu sexo de menina, saberá se fazer reconhecer em todo o resto de seu corpo, de modo que às vezes o tomará inteiro como signo sexual e terá, então, vergonha de exibi-lo" (42)

Durante sua infância, a mulher aprende a se servir de seu exterior para significar seu sexo interior, isto é, ela fornece provas exteriores de sua feminilidade. Apela continuamente ao olhar do outro, procurando uma resposta para sua identidade sexual, já que não teve o olhar do pai na infância.

A desconfiança saiu vitoriosa na guerra com Jocasta. Por isso as mulheres não confiam umas nas outras quando se trata de reconhecimento. O motivo está centrado no medo de reencontrar a antiga rivalidade com a mãe.

Na mulher existe uma antinomia entre o físico e o moral - isso começa na adolescência quando o corpo adquire as formas sexuais e ela passa a perceber o olhar masculino. Algumas jovens sentem esta passagem como perda de sua identidade, que dá lugar a uma identidade concedida pelo olhar do outro. Tentarão camuflar seu corpo para evitar esse olhar. Vivenciam a escolha entre ser mulher "para si" ou "para os outros". "E renunciando deliberadamente a 'agradar' que as mulheres começam a falar, escrever, desenhar, cantar (...) Haveria, então, uma relação de

forças invertidas entre o 'agradar' e o 'saber', entre a 'mulher objeto' e a 'mulher intelectual'." (43)

Resumindo: deste Edipo em que o pai recuou em benefício da mãe saem todos prejudicados, trazendo a marca da Mãe ou sonhando com o Pai. No homem isto toma a forma de ressentimento contra a mulher" a sua identidade, é marcada pela recusa de igualdade com a mulher. Para esta, começa a corrida desenfreada em direção ao desejo masculino, corrida que a tornará escrava da lei do homem e desconfiada das outras mulheres. A identidade da mulher é marcada pelo desejo de encontrar o homem tanto tempo ausente de sua vida.

Nesta sua leitura da teoria freudiana, Christiane Olivier apresenta aspectos novos e interessantes que servem para repensar a manifestação da sexualidade feminina -e a masculina também- e as atitudes adolescentes. Não vamos nos alongar nesse rumo - o que seria desejável mas não cabe nas dimensões desse trabalho nem nas competências da autora.

\*\*\*\*\*

Este é o momento de retomarmos alguns pontos colocados no primeiro capítulo de nosso trabalho para repensá-los à luz destas novas reflexões:

. Se, como afirmou Freud, a repressão sexual na adolescência encontra eco na repressão já ocorrida na infância (ver capítulo 1) é desde a mais tenra infância que se deveria

iniciar o processo de educação sexual. Assim, a criança consciente do que acontece com seu organismo, poderia entender suas sensações e emoções, compreender o que está acontecendo consigo, impedindo a atuação secundária e repressora do processo educativo. Isto é, impedir-se-ia a ocorrência dessas neuroses.

. A impossibilidade dos pais de lidarem com a sexualidade da criança pode ser resolvida através de professores treinados para trabalhar com essa questão. Essa atitude, a longo prazo, através das informações fornecidas pela escola àqueles que serão os futuros pais, poderia produzir proles menos neuróticas e psiquicamente mais sadias. Atitude que poderia ser conseguida com a formação de fato de futuros educadores sexuais.

. A proposta de Reich (capítulo 1) revela-se impossível de ser adotada numa sociedade capitalista, mas a informação sexual poderia se constituir como uma forma possível e socialmente aceitável, capaz de produzir efeitos mais saudáveis para a economia sexual do indivíduo do que aquilo que a repressão produziu até hoje.

. Se Reich tiver razão e as atitudes de perversão forem consequência de repressão sexual na infância, a informação sexual teria um caráter profilático.

. Freud diz que após os vinte anos de idade a abstinência sexual teria como consequência menor o consumo de toda a energia do jovem para conter sua sexualidade. Nesse sentido, talvez as propostas de Reich possam encontrar maior ressonância, quando diz que um indivíduo satisfeito sexualmente é um indivíduo mais produtivo isso porque ele não

precisaria recorrer a dois esforços, conter sua sexualidade e sublimar o restante na produção, mas ocuparia a energia adequada em cada uma de suas atividades.

. A mulher é mais reprimida sexualmente do que o homem porque sua repressão ocorre nos atos, fala e também no nível do pensamento. Se assim é, não só a manifestação dessa repressão é diferente como a forma de se lidar com essa repressão deve ser diferenciada, ou seja: necessariamente a educação feminina deve ser distinta.

. Subtrai-se o exercício do sexo antes do casamento. Subtrai-se o prazer com o sexo após o casamento. Por que se pretende a infelicidade dos indivíduos ? Que mente perversa pretende torturar lentamente as pessoas no decorrer de toda a sua existência tornando-os pessoas doentes, infelizes, angustiadas, fracas e manipuláveis ? A que propósito serve essa educação ?

Estas questões, hipóteses e enunciados colocam em perspectiva - por si sós - a necessidade, possibilidade e sentido de uma nova investigação.

O mesmo se pode dizer com respeito aos teóricos da eugenia e seus supostos (e pretendidos) ancestrais gregos, tratados no capítulo II desta dissertação.

Quanto aos documentos da CENP, um quase-programa de pesquisa está embutido nas questões que sugerimos nas páginas 11-12 da "Introdução", referindo-nos ao capítulo III.

Como se percebe, portanto, este IV capítulo, que prometia alinhar os anteriores e inferir conclusões, acaba por sintetizar ambiguidades, lacunas e interrogações, quase

inevitáveis num primeiro ensaio como este, e dirigindo nosso olhar para trabalhos futuros - nossos e de outros pesquisadores. Se assim for, e se além disso tivermos tocado em problemas que permitam repensar a prática dos educadores sexuais, então este nosso escrito terá cumprido seu papel.

Mas o seu papel -relido agora- revela-se apenas parte do papel que julgo ser meu. Felizmente ele não me preenche.

## ANEXOS

### Anexos ao capítulo III:

- Questões formuladas pelos alunos de cursos de educação sexual ministrados pela CENP em 1980-84.
- "Proposta curricular para o ensino de Ciências e Programas de Saúde - Primeiro Grau - CENP"

### Anexos ao capítulo IV:

- Relação de entidades que financiaram programas de planejamento familiar no período 1965-86
-

## ANEXOS AO CAPITULO III

### Anexo 1

Questões formuladas pelos alunos do curso de educação sexual, ministrado pela CENP em 1980. Conservamos a forma original de redação.

#### Anatomia e Fisiologia dos Aparelhos Reprodutores

- 1 Mais explicações sobre o aparelho reprodutor masculino e feminino. (N)
- 2 Com quantos anos começa-se a ter espermatozóides?
- 3 Por que algumas pessoas têm órgãos mais "avançados" que outras ?
- 4 Quando uma mulher toma um remédio para emagrecer e as trompas estão cortadas, isso afeta alguma coisa?
- 5 O útero é como um saco que protege o nenê?
- 6 Os espermatozóides podem acabar depois de muitas relações sexuais ?
- 7 Como é que desce o testículo ?
- 8 O que quer dizer sexo oposto ?
- 9 Como passam os espermatozóides ? Há caso de que encontre na saída do útero ?
- 10 Qual é a causa de um homem estéril não poder ter filhos ? E por causa dos espermatozóides ?
- 11 Por que muitos homens não podem ter filhos ?
- 12 O que é vesícula seminal ?
- 13 Com que idade os espermatozóides se formam ?

#### Ato Sexual

- 1 Por que existem mulheres frias em relação ao sexo - quer dizer na hora da relação sexual ? (N)
- 2 Gostaríamos de saber a partir de que idade pode-se ter relação sexual ? (N)
- 3 É possível espermatozóide nadar do lado direito ? (acompanhada de um desenho do aparelho reprodutor feminino) (2x)
- 4 O que é relação sexual ?
- 5 Por que, quando a mulher tem relação sexual pela primeira vez, sangra ?
- 6 Para fazer relação sexual precisa a mulher e o homem estarem no tempo em que a menstruação e o espermatozóide saem ?
- 7 Na relação sexual o pênis do homem entra em contato com a vagina da mulher ? Como é que isso acontece ?

#### Métodos Anticoncepcionais

- 1 Qual é a função da pílula no organismo feminino ?
- 2 Evita-se ter filhos só com pílulas ?

## Gravidez e Parto

- 1 Queríamos que as aulas de gravidez e parto fossem mais esclarecedoras. (N)
- 2 Sabemos que o parto e a gravidez só podem ser feitos a partir dos 20 anos. Por que ? (N)
- 3 Como surge o embrião ? (N)
- 4 Há possibilidade da mulher ficar grávida na primeira relação sexual durante a menstruação ? (N)
- 5 Se a menstruação não vier depois de 30 dias é possível a gravidez, sem haver relação entre homem e mulher ? (N)
- 6 Se não houver introdução do pênis, só havendo ejaculação, sem rompimento do hímen, há risco de engravidar ? (N)
- 7 Por que os gêmeos idênticos sentem a mesma coisa ?
- 8 A mulher, para ficar grávida, precisa ter relação sexual direta ? (2x)
- 9 A fecundação pode ocorrer mesmo na presença de óvulos e espermatozóides ?
- 10 Gêmeos são fracos porque vêm de uma célula só ?
- 11 Quando o nenê está morto e o médico o retira, ele quebra a bolsa de água ?
- 12 É verdade que o beijo faz uma mulher engravidar ?
- 13 Como é o parto normal ? E a cesariana ?
- 14 A cesariana pode ser usada para o nenê vivo ?
- 15 Como é que percebe quando a mulher não pode ter filhos ?
- 16 Por que uma mulher anã não pode ter filhos ?
- 17 O homem pode ter filhos ?
- 18 Os gêmeos podem também nascer de cesariana ?
- 19 Por que, quando a mulher grávida não sente dores na hora do bebê sair da barriga, a mãe tem que tomar injeção para sentir dores ?
- 20 É melhor ter o filho deitada ou sentada em cadeiras próprias ?
- 21 Como é que o bebê, em parto debaixo d'água, consegue respirar ?
- 22 Por que, quando a bolsa do nenê estoura, sai água ?
- 23 Como a mulher sente que arrebentou a bolsa ?
- 24 Uma mulher pode saber quantos filhos pode ter ?
- 25 Existe algum limite para ter filhos ?
- 26 Quando nascem os gêmeos são menores ou do mesmo tamanho ?
- 27 O que acontece com o nenê quando estoura a bolsa ?
- 28 Por que existem pessoas que não podem ter filhos ?
- 29 No Fantástico foi dito que o homem pode engravidar. Como é que isso acontece ?
- 30 Quando se sabe quando os gêmeos não são produzidos por um óvulo ?
- 31 Pode nascer mais de dois bebês em uma só placenta ?
- 32 Como é que a mulher tem nenê - precisa do espermatozóide do pai ou não ?
- 33 Por que existem nenês que nascem por baixo e por cima ? Como nascem os trigêmeos ?
- 34 O feto é alimentado só com plasma ?
- 35 Por que não se deve fumar quando a mulher está

grávida ?

- 36 No ovo galado, o pintinho não come a clara ?
- 37 O que o homem faz para a mulher ter filho ?
- 38 Como uma pessoa nasce aleijada ou retardada ?
- 40 Quando a mulher já está na fase da adolescência, mas naquele dia não está menstruada e tem relação sexual, ela tem filhos ?
- 41 Por que, se a pessoa se descuidar, mesmo no período em que ainda amamenta o bebê, fica de novo grávida ?
- 42 O sangue da pessoa que vai dar à luz, influi ?
- 43 Pode-se ter filho em qualquer idade ?
- 44 Pode a mãe morrer na hora do parto ?

#### Aborto

- 1 Como o aborto pode acontecer ?
- 2 A minha empregada estava grávida e quando foi ao banheiro saiu o nenê junto com a urina. Por que ? (acompanhada da observação: "Ela guardou no vidro com álcool").

#### Orientação

- 1 E verdade que só se perde a virgindade quando se rompe o hímen ?
- 2 Gostaria de saber mais sobre a vida íntima.

#### Menstruação

- 1 Pode acontecer de uma mulher nunca ter menstruação?
- 2 A menstruação é o resultado da saída do óvulo ?
- 3 Na mulher, há a menstruação, e no homem ?
- 4 Como a pessoa sabe que vai ter menstruação pela primeira vez ?
- 5 Um minuto antes de sair o sangue da menstruação tem algum aviso ?
- 6 O que é menstruação ?
- 7 Por que a mulher não menstrua na gravidez ?
- 8 A mulher grávida menstrua na gravidez ?
- 9 Por que as mulheres idosas não tem mais menstruação e não ficam grávidas ?
- 10 Uma pessoa que não tem menstruação é ruim ?

#### Recém-nascido

- 1 Por que muitas vezes o nenê cresce mais do que o normal ?
- 2 O que é icterícia ? Por que ele nasce com isso ? Se ele não ficar no banho de luz, ele pode morrer ? Isso é perigoso ?

#### PERGUNTAS FORMULADAS POR ALUNOS DO SEGUNDO GRAU

#### Anatomia e Fisiologia do Aparelho Reprodutor

- 1 Qual a importância dos pêlos nos órgãos genitais ?
- 2 Gostaria de saber sobre a fimose - pode ser hereditária ?
- 3 Existem casos fáceis e difíceis do rompimento do hímen, sendo dolorosos ou não ? Explique.
- 4 Quanto tempo o homem pode ficar sem ejacular ?
- 5 O que é a palavra sexo ?
- 6 A partir de que momento o seio da garota começa a sofrer modificação ?
- 7 Se é verdade que, quando se rompe o hímen, a mulher perde a virgindade, em caso de acidente, carro por exemplo, sem ter qualquer relação sexual, ele pode romper-se ? E em criança ?
- 8 Qual a menopausa pior - a do homem ou a da mulher?
- 9 É verdade que o velho não consegue a ereção do pênis após uma certa idade ? Por que ?
- 10 Quando o homem ejacula, é eliminado primeiramente um líquido esbranquiçado e posteriormente, é eliminado o esperma. Que líquido é esse e de onde provém ?
- 11 O que faz o pênis crescer ?
- 12 Qual a diferença entre vulva e aparelho genital ?
- 13 Qual é o tamanho normal do pênis ? A que tamanho pode chegar ?
- 14 O que é zona erógena ?
- 15 Há a perda de virgindade no homem ? Como isso acontece ?
- 16 Qual é a idade indicada para que uma moça possa começar sua vida sexual - fisiologicamente, não moralmente ?
- 17 Existe no homem, periodicamente ou não, algum processo correspondente à menstruação na mulher?
- 18 Por que há tanta ejaculação precoce nos homens de hoje ?
- 19 Quando a pessoa nasce com os dois sexos, como ela fica - homem ou mulher ?
- 20 Como é feita a ejaculação fora do ato sexual ?
- 21 A ejaculação pode ser provocada por estímulo visual ?
- 22 O clitóris pode ser grande, não em período de excitação chegando até fora dos grandes lábios ?
- 23 Quais são os problemas que podem ocorrer com um padre casto e que não se masturba ? Os espermatozoides produzidos por ele não trarão problemas ?
- 24 Existe algum processo no homem, correspondente a menstruação que lhe assegura a condição de ser pai ?
- 25 O gozo na mulher é igual ao do homem ? O líquido masculino é o mesmo do feminino ? Por onde sai ? Onde é fabricado ?
- 26 O que é a excitação masculina ? Como ocorre ?
- 27 O homem sabe se a mulher é virgem ou não ? Ele pode ter certeza ?
- 28 Qual é a porcentagem de mulheres com hímen elástico ? E a daquelas com hímen rompido de nascença ?
- 29 A mulher sente prazer na menopausa ? Tem orgasmo ? E ovulação ?
- 30 É possível identificar se um homem é virgem ? Como

podemos descobrir ?

- 31 O corrimento poderia ser revestimento do útero que não foi expelido durante a menstruação ?
- 32 Quem é mais potente - o homem ou a mulher ?
- 33 O homem elimina espermatozóides só na ejaculação ?

#### Ato Sexual

- 1 Na primeira relação sexual leva-se em conta tudo - o ambiente, o sexo oposto, etc. ?
- 2 A atividade mental (QI) influi na atividade sexual?
- 3 O que é cunilingua ?
- 4 O que é felação ?
- 5 Quais os problemas que podem ocorrer diretamente no ato sexual ?
- 6 Qual a posição de maior excitação - tanto para o homem quanto para a mulher ?
- 7 Só com o contato pênis - vagina, é possível engravidar ?
- 8 É verdade que pode ocorrer um "rasgamento" anal, se for feito com muita força e pressa ?
- 9 O que acontece quando há relações sexuais na gravidez ?
- 10 Por que há sangramento na primeira relação ?
- 11 A relação anal causa algum problema ? Por exemplo, em relação à gravidez ?
- 12 Gostaria que fizesse um comentário sobre sexo oral. (2x)
- 13 Quais os meios de excitar uma mulher ?
- 14 Que problemas pode trazer o sexo anal ?
- 15 É natural que a mulher, após atingir o orgasmo, fique fria às carícias, mesmo que seu companheiro a redobre de carinhos ?
- 16 O que significa, após a mulher ter atingido o orgasmo, soltar uma espécie de bolhas estourando ?
- 17 Por que as relações anais são prejudiciais a mulher? E para o homem também é ?
- 18 Caso uma garota ingira esperma, isso lhe causará algum mal ?
- 19 Qual seria o comportamento mais certo antes e depois de uma relação sexual ?
- 20 O que é orgasmo ?
- 21 O que é orgasmo duplo ?
- 22 O que é bater o pênis na coxa ?
- 23 Como é feita a relação que é conhecida como "bater na coxa" ?
- 24 Dói muito na primeira vez ?
- 25 Por que várias pessoas dizem que dói e sangra na primeira relação ?
- 26 O que é coito ?
- 27 Até onde uma simples carícia pode chegar sem efeitos colaterais e o que pode haver de prejudicial ?
- 28 O homem pode gozar sem ejacular ?
- 29 O que é uma relação incompleta ?
- 30 O que é penetração ?
- 31 O homem sente o mesmo prazer quando está com a camisinha ?

- 32 É fácil ficar grávida na primeira relação ?
  - 33 De que maneira a relação sexual faz bem à saúde?
  - 34 É verdade que o homem fica mais excitado no coito anal ?
  - 35 Por que o orgasmo não é atingido na primeira relação ?
  - 36 A mulher pode chegar ao clímax só com carícias do companheiro, sem relação alguma ?
  - 37 É verdade que o homem chega ao orgasmo primeiro que a mulher ? Qual a explicação científica para este fato ?
  - 38 Por que dói a cada relação sexual ?
  - 39 Se uma garota mantiver relação sexual por uma vez, conseguirá controlar sua vontade ?
  - 40 Quantas relações sexuais o homem e a mulher podem ter por dia ?
  - 41 Como o homem sabe quando a mulher atinge o orgasmo ?
  - 42 Numa relação entre homem e mulher as sensações são as mesmas ? Por que o homem não consegue controlar-- se tanto quanto a mulher ?
- Como deve agir a mulher se ela não quer nada ?
- 43 O que acontece depois do ato sexual ? O que os dois devem fazer ? Como ficar ?
  - 44 O que é fetichismo ?
  - 45 O bêbado fica impotente ?
  - 46 As drogas geram impotência ?

#### Métodos Anticoncepcionais

- 1 Por que o senhor deu o nome de "camisinha" se o nome é preservativo ? (seguida da observação "estou curioso")
- 2 Existem médicos grátis para a tomada de pílulas ?
- 3 Gostaria de saber como se faz para uma mulher não engravidar num ato sexual ?
- 4 Eu sinto enjoô, dor de cabeça, canseira. Pode ser da pílula ? (seguida da observação "Comecei a tomar por conta própria")
- 5 Gostaria de uma aula em que fosse debatido anticoncepcionais.
- 6 Como funciona o DIU ? Como se prende ?
- 7 Qual é o modo mais fácil da pessoa ter relações sem engravidar ?
- 8 Como se evita filho sem tomar remédio ?
- 9 Como é feita a tabelinha ?
- 10 Anticoncepcionais provocam corrimento ?
- 11 A pílula pode ser usada para regular o ciclo menstrual ?
- 12 Métodos naturais de anticoncepção dão certo, sempre ?
- 13 O que se pode esperar se uma mulher engravidar com o DIU ?
- 14 O DIU pode penetrar em alguma parte da criança ?
- 15 O diafragma pode ser usado só numa relação ?

- 16 Por que o diafragma tem que ser colocado meia hora antes da relação ?
- 17 Há algum método de anticoncepção que leve em conta a temperatura ?
- 18 O que acontece, na vasectomia, com os espermatozóides ?
- 19 Quanto custa uma operação de vasectomia ? E reversível ?
- 20 Há pílula para o homem ?
- 21 Há limites de idade para tomar a pílula ?
- 22 A pílula pode chegar a esterilizar ?
- 23 São todas as mulheres que têm problemas com a pílula ?
- 24 O DIU pode ser considerado como abortivo ? Como funciona ?
- 25 O DIU pode alterar a parede do útero ?
- 26 Por quanto tempo se pode ficar com o DIU ?
- 27 Por que o CONDOM tira a sensibilidade ?
- 28 Mesmo tomando pílulas há risco de engravidar ?
- 29 O que pode acontecer se as trompas só estiverem amarradas e se soltarem ?
- 30 Depois de uma relação sexual, urinando, não fica grávida ?
- 31 É possível haver gravidez sem ter havido ato sexual e a ejaculação ? (4x)
- 32 Quando o esperma é ejaculado fora da vagina, há possibilidade de gravidez ? (2x)
- 33 A partir de quantos dias antes e depois é possível haver relação sexual sem perigo de gravidez ?
- 34 Qual o risco de engravidar no período menstrual ?

#### Gravidez e Parto

- 1 Quando uma garota está grávida, a partir de quanto tempo dá para se perceber isso ?
- 2 Pode-se ter atos sexuais no período da gravidez ?
- 3 Como é o exame pré-nupcial e qual a vantagem ?
- 4 O que são bancos de sêmen ?
- 5 Até que ponto uma infecção pode afetar uma gravidez ?
- 6 O que pode causar a extirpação do corpo amarelo ?
- 7 Como é a respiração do feto ?
- 8 Por quanto tempo o feto é muito sensível à radiação ?
- 9 O que é síndrome de Klinefelter ? Só ocorre no sexo masculino ?
- 10 É muito forte o efeito da radiação da TV ?
- 11 Quando o feto não está formado é mais fácil haver alterações numéricas de cromossomo ?
- 12 Uma grande dose de radiação, antes da gravidez, pode prejudicar naquele período ?
- 13 O câncer influi na gravidez ?
- 14 Diabetes causa defeito físico no feto ? É hereditária ?
- 15 É permitido o aborto em mulheres grávidas que contraem a rubéola ? O risco é menor nos últimos meses ?

- 16 Nos últimos meses de gravidez dá para fazer aborto ?
- 17 Por que a mulher com cirrose não engravida ?
- 18 Uma criança desnutrida ao nascer tem condições de passar a ser nutrida ?
- 19 O álcool afeta a lactação, o leite materno ?  
E se o pai for alcóolatra ?
- 20 A criança nasce com síndrome de abstinência ?
- 21 A morfina não modifica em nada a estrutura do leite materno ?
- 22 O nitrato de prata é usado em todas as crianças recém-nascidas ?
- 23 O coração da mulher grávida trabalha mais ?
- 24 A mulher cardíaca precisa repousar durante a gravidez ?
- 25 Com o fumo, a criança pode nascer defeituosa ?  
Dez cigarros ao dia podem influenciar o feto ?
- 26 O filho de uma dependente de ópio nasce com síndrome de abstinência ?
- 27 Se a mãe grávida for amamentar, há perigo da droga passar para o leite materno ?
- 28 Drogas podem causar aborto ?
- 29 Se o pai fuma e a mãe não, há possibilidade de causar algum problema no feto ?
- 30 Não fumar na gravidez pode causar algum problema ?
- 31 O sarampo pode ocasionar aborto ?
- 32 A mulher menstrua na gravidez ?
- 33 Quando o parto ocorre no sétimo mês, o desenvolvimento do feto ocorreu antes do nono mês ?
- 34 O parto de sete meses é mais fácil do que o de oito ou nove ?
- 35 A cesariana não faz mal ao bebê ?
- 36 Por que ocorre eclâmpsia ? Por que ela se manifesta só na gravidez ? Só se pode descobri-la na hora do parto ? Pode ter outra ?
- 37 Mulheres diabéticas podem ter filhos normalmente ?  
Estes podem ser diabéticos ?
- 38 Gestante diabética pode fazer cesariana ?
- 39 O que é natimortalidade ?
- 40 O que é mortalidade perinatal ?

#### Orientação

- 1 O que você acha do "menage a trois" ?
- 2 Por que todo homem tem mais necessidade da prática do amor do que a mulher ?
- 3 É imoral para a mulher fazer sexo antes do casamento ? E na opinião dos homens ?
- 4 Até que ponto deve-se chegar num namoro ?
- 5 Por que os homens encaram a mulher como objeto ?
- 6 Qual a diferença entre prostituta e homossexual ?
- 7 Sou "bicha" como eles dizem. Quero dizer se isso é doença ? (seguida da observação "Me ajude" e da respectiva assinatura)

- 8 Eu gostaria de falar com a senhora pois eu não aguento mais a pressão de meu namorado para mantermos relações. Eu não sei o que fazer. (Seguida da observação "Não precisa me dizer faça ou não, eu preciso de orientação para poder analisar e me decidir").
- 9 O que pode um rapaz pensar de uma menina que se entregou e continua se entregando a ele ? Pode uma relação dessas continuar naturalmente, como se nada tivesse acontecido ?
- 10 Atualmente a adolescente considera mais um rapaz de boa aparência ou ela considera também um rapaz sem aparência física ?
- 11 Qual é a diferença entre os tabus e preconceitos sociais em relação ao homossexualismo e prostituição ?
- 12 Há pais que assumem uma atitude liberal, no sentido sexual, em relação aos filhos, chegando mesmo a permitir relações sexuais entre a mãe e o filho pequeno. O que essa atitude poderia causar de positivo e negativo no desenvolvimento dos filhos?

#### Menstruação

- 1 Eu gostaria de saber mais sobre o ciclo da mulher, pois não entendi.
- 2 A minha menstruação atrasou dois meses. Agora veio demais mesmo. Pode ser aborto ?
- 3 A mulher estéril pode ter menstruação ? Por que ?
- 4 Por que a mulher muda sensivelmente seu comportamento quando está no período de menstruação ?
- 5 Como funciona o ciclo menstrual ? Qual o período fértil ? (4x)
- 6 Pode engravidar após a menstruação ?
- 7 É verdade que na menstruação não se pode lavar a cabeça ?
- 8 Por que as mulheres sentem dores de cabeça e cólicas na menstruação ?
- 9 O que é menstruação ? Quando se dá a fecundação ?
- 10 Como dizer a uma menina que está começando a primeira menstruação ?
- 11 Por que ocorrem as dores (cólicas) menstruais ?
- 12 Pode-se fazer Educação Física mesmo menstruada ?
- 13 É aconselhável ter relação sexual durante a menstruação ? Isso pode acarretar algum problema ?
- 14 É verdade que as mulheres que tinham cólicas menstruais, quando solteiras, não terão mais cólicas depois do casamento ?

#### Masturbação

- 1 É verdade que a mulher se excita na masturbação mais rápido que o homem ?
- 2 A masturbação faz mal ? Ela representa o quê para as pessoas ?
- 3 A masturbação faz mal ou não ?

- 4 Como as pessoas se masturbam ? (2x)
- 5 A masturbação é prejudicial daqui a algum tempo ?
- 6 Quais as formas de masturbação da mulher ? (2x)
- 7 A masturbação excessiva causa algum problema no homem ? (2x)
- 8 Como se sabe quando uma pessoa está se masturbando?
- 9 É normal masturbar-se durante sonhos eróticos ? e a frequência deles indica algum problema ?
- 10 É normal um adolescente masturbar-se em sala de aula em meio a uma aula ?
- 11 Como é caracterizada a masturbação ?
- 12 O que é masturbação ? (2x)
- 13 Pode-se masturbar, quando se está menstruada ?
- 14 Que tipo de alterações pode provocar a masturbação?

#### Homossexualismo

- 1 O que leva um adolescente ao homossexualismo ? (ambos os sexos)
- 2 Por que o homossexualismo é assim barrado, criticado e punido ? Seria por ser minoria (seguido de uma afirmação sobre o homossexualismo do aluno em questão).
- 3 O que leva o jovem a praticar o homossexualismo - doença, problemas familiares ou falta de vergonha ?

#### Doenças Sexualmente Transmissíveis

- 1 Há transmissão de doenças venéreas entre duas mulheres lésbicas ? Como isso pode ocorrer ?
- 2 Corrimento escuro, coceira e vermelhidão podem ser sinais de doença venérea ? (Seguida de observação "Estou com esse problema e como transo, estou com medo").
- 3 Existem lugares "grátis" para tratamento de homens e mulheres ?
- 4 Por que existem doenças venéreas ?
- 5 Meu namorado tem coceira e corrimento no pênis; pode ser algum problema ? (Seguida de observação "Ele operou de fimose há pouco tempo").
- 6 Eu já tive sífilis há 5 anos atrás. Agora estou novamente com a dita cuja. Eu posso tomar direto as injeções de penicilina ou preciso fazer

novamente

- o teste ? (Seguida das observações "Eu tenho vergonha e não tenho dinheiro para ir ao médico. Eu preciso falar com você em particular. Responda, mas não leia a estória para a classe).
- 7 Quais os sintomas das doenças venéreas tanto no homem como na mulher ? Como podemos evitá-las ?
- 8 Qual a causa do corrimento ? Ele é prejudicial ? (2x)
- 9 Quando o corrimento sai demasiado, o que acontece ?
- 10 Ter corrimento é normal ? Explique.
- 11 A sífilis só pode infectar o feto depois do quarto mês ?

- 12 A sífilis é hereditária ? Pode causar cegueira no adulto ?
- 13 O que é salpingite ?
- 14 A gonorréia provoca inflamação somente genital ?
- 15 A lavagem dos órgãos genitais, depois da relação com solução de arginol, dói ?
- 16 O que é suspensório escrotal ?
- 17 A sífilis pode desaparecer sozinha ?
- 18 Em que estágio da sífilis dá-se a transmissão ? Durante o tratamento também pode haver contágio ?
- 19 A criança que nasce com sífilis, pode transmiti-la para outras pessoas ?
- 20 O que o gonococo causa no reto quando a relação sexual é anal ?
- 21 Uma pessoa pode ter sífilis sem manifestar os sintomas ?
- 22 A gonorréia causa o aborto ?

## Anexo 2

Perguntas formuladas pelos alunos do curso de educação sexual, ministrado pela CENP em 1984. Conservamos a redação original.

### Alunos da quinta série:

1. Por que a voz da mulher não engrossa ?
- 2 Como uma menina reage quando fica menstruada ?
- 3 Quando uma menina fica menstruada com 7 anos, como ela reage ?
- 4 O que é mucosa uterina ?
- 5 Por que tem mulheres que têm filhos gêmeos ?
- 6 Quando a mulher passa dos 14 anos e não se iniciou a menstruação ela deve ou não procurar um médico ?
- 7 Por que tem mulheres que não podem ter filhos ?
- 8 Por que atrasa a menstruação ? O que acontece quando atrasa ?
- 9 A mulher que é menstruada tem que ter corrimento ?
- 10 Depois dos 45 a 50 anos o que ocorre com a mulher ?
- 11 Já ouvi falar uma vez de insuficiência sexual onde o homem não tem potencial ou a mulher não tem potencial para dar início à reprodução. Quando isso ocorre ?
- 12 Por que na gravidez a mulher sofre ?
- 13 Quando passa de 20 dias de atraso, a mulher está grávida ?
- 14 Por que, quando ela amamenta o filho, não ocorre a menstruação ?
- 15 Por que ocorre um corrimento nas meninas menstruadas ?
- 16 O que acontece se a menstruação não vem depois dos 14 anos ?
- 17 Por que o homem e a mulher sentem vontade de ter

relações sexuais ?

- 18 Por que somente um espermatozóide penetra no óvulo ?
- 19 O que acontece com o menino (já em idade de ter voz grossa) que a voz em vez de se tornar grossa, continua típica de criança ou aguda ?
- 20 Para haver a menstruação é preciso que haja o espermatozóide ?
- 21 Quando a mulher fica grávida de gêmeos o óvulo vai em uma trompa só ?
- 22 O que acontece se houver relação sexual na menopausa ?
- 23 Por que ocorre a menstruação ?
- 24 Por que, e em qual idade aparecem as espinhas no corpo ? E por que geralmente no rosto ?
- 25 Por que quando a mulher está grávida não tem menstruação ?
- 26 Por que mensalmente a menstruação sempre atrasa ?
- 27 O que é pênis ?
- 28 Por que algumas pessoas nascem aleijadas ?
- 29 Mulher grávida pode ter relação sexual ?
- 30 O que é "escrotal" ?
- 31 O que é útero ?
- 32 No homem, a ejaculação provoca ou não sintomas diferentes ?
- 33 Como se chama o líquido leitoso e denso fabricado pelas vesículas seminais ?
- 34 O que é menarca ?
- 35 Quando a mulher está grávida, por que ela tem calor ?
- 36 O que é cavidade abdominal ?
- 37 O que é mucosa ?
- 38 O que é testosterona ?
- 39 O que é epidídimo ?
- 40 O que é vagina ?
- 41 Em que parte do corpo masculino os espermatozóides se localizam ?
- 42 O que é esperma ou sêmen ?
- 43 Por que a mulher produz um óvulo mais ou menos a cada 28 dias ?
- 44 O que são gametas ?
- 45 O que é citoplasma ?
- 46 O que é atrofia ?

Perguntas dos alunos de segundo grau

- Habilitação ao Magistério:

- 1 O que é orgasmo ?
- 2 Até que ponto da gravidez a mulher pode ter uma relação com o marido sadia ?
- 3 Quais os diferentes tipos de hímen ?
- 4 Pode-se ter mais de uma relação na primeira noite de núpcias ? Depois de quanto tempo se pode ter outra relação, após a primeira vez ?
- 5 Durante uma brincadeira de criança em que haja uma relação sexual, a menina corre o risco de perder a virgindade ?
- 6 O coito anal traz problemas orgânicos? Quais ?
- 7 Quanto tempo os espermatozóides permanecem vivos após a

- ejaculação ?
- 8 Os homossexuais são desequilibrados emocional ou biologicamente ?
  - 9 Os dias férteis da mulher não dependem da quantidade dos dias em que ela fica menstruada ?
  - 10 O ato sexual sem ejaculação no interior da vagina tem consequências posteriores, traz alguma consequência orgânica, tanto para o homem, quanto para a mulher ?
  - 11 Uma pessoa excepcional sente a necessidade de se realizar sexualmente ?
  - 12 O que leva a pessoa a ter sonhos eróticos ?
  - 13 Quando uma pessoa atinge o orgasmo ?
  - 14 Há alguma hipótese da penetração do esperma num contato indireto ? Ex. Quando um casal está namorando e o esperma é ejaculado na calça jeans, há alguma possibilidade ?
  - 15 A pessoa só perde a virgindade através de uma relação sexual ?
  - 16 Qual a diferença entre uma pessoa se excitar (molhar) e atingir o orgasmo ?
  - 17 Quantas vezes ao dia, o homem consegue manter relações sexuais ?
  - 18 O que é ejaculação ? E por que dizem que a ejaculação precoce é prejudicial ?
  - 19 Existe masturbação sem contato físico ?
  - 20 A masturbação faz mal ?
  - 21 O que causa as cólicas menstruais ? O que fazem para poder suportá-la ?
  - 22 O que causa a ereção ? Por que ocorre ? Como ocorre ?
  - 23 Fale sobre sexo oral. O que é ? Como ocorre ? O que acontece ? Faz algum mal ? E o sexo anal faz algum mal ?
  - 24 Por que há mulheres que menstruam mesmo estando grávidas ?
  - 25 Por que as mães não fornecem informações corretas a respeito do que ocorre no organismo da criança ? Principalmente para as meninas ?
  - 26 Por que ainda não foi regulamentada nas escolas a educação sexual ?
  - 27 O sexo oral traz algum problema ?
  - 28 O anticoncepcional, logo após ingerido, já passa a agir no organismo humano ? Quanto tempo antes se deve tomar ?
  - 29 A mulher que pratica esportes que faz exercícios que exigem abertura das pernas, rompe o hímen ou não ?
  - 30 Quero saber sobre a ovulação e fecundação maiores detalhes.
  - 31 Tabela com explicações mais claras.
  - 32 A demora do nascimento pode acarretar quais efeitos secundários ?
  - 33 Depois de ter praticado um aborto (provocado) a paciente terá condições de engravidar novamente, sem que ocorra um possível aborto natural (perda da criança) por motivos de "não resistência do útero" ?
  - 34 Como deve-se usar a tabelinha, para que não haja riscos de gravidez ?
  - 35 Como todo mês a mulher tem a sua menstruação, sempre

- ouvi dizer que o homem também solta um líquido durante o mês. Isto existe ? Como se chama esse processo no organismo masculino ?
- 36 Como ocorre a tricomoníase ?
- 37 Após o parto, a partir de quando a mulher poderá ter relação sexual ?
- 38 Depois da menopausa a mulher deve ter relações sexuais normais ? Ela tem orgasmos ? A mulher continua a mesma depois que acaba a menstruação ? Isso abala o sistema nervoso ?
- 39 Tamanho físico (estatura), tem influência no tamanho do pênis e afeta o ato sexual ?
- 40 Até que ponto a masturbação pode influenciar numa relação sexual entre homem e mulher ?
- 41 Qual o problema de numa relação sexual os dois serem virgens ?
- 42 Por que certas mulheres casadas afirmam que se sentiram satisfeitas sexualmente, isto é, conseguiram se realizar no sexo após o nascimento do primeiro filho ?
- 43 Causa algum problema o rompimento do hímen no período menstrual ?
- 44 O que acontece se a mulher engravida, mesmo usando o DIU ?
- 45 É possível que haja uma gravidez sem que os resultados dêem positivo ? Explique.
- 46 Como é feita uma relação entre pessoas do mesmo sexo (no caso de mulheres) ? Quais os perigos ?
- 47 Existem problemas quanto à masturbação ? Um homem pode se tornar impotente por constante masturbação ?
- 48 Quando a mulher está amamentando um bebê, ela pode tomar anticoncepcional ?
- 49 Por que temos cólicas menstruais ? Quais as consequências físicas e psíquicas da masturbação ?
- 50 Qual dos anticoncepcionais é mais eficaz ? E se o uso do diafragma é prejudicial ?
- 51 O que é orgasmo ? Por que muitas mulheres não sentem prazer com a relação sexual ?
- 52 Quanto tempo é preciso para repor a carga de espermatozóides liberada numa ejaculação ?
- 53 Que outras áreas podem ser consideradas erógenas em nosso corpo ?
- 54 Quais são as duas sensações básicas no ciclo de cada mulher, pela qual, ocorre na vulva ?
- 55 Quando ocorre os fluxos da secura e da umidade ?
- 56 Qual é a temperatura normal do corpo humano ? e durante a ovulação ?
- 57 Qual o local que devemos medir nossa temperatura ?
- 58 O que é coito interrompido ?
- 59 O que é camisinha de vênus ou preservativo ?
- 60 Qual o modo de usar a camisinha ?
- 61 O que é espermicida: quais as suas vantagens e desvantagens ?
- 62 O que é pílula ?
- 63 Como usar a pílula ?
- 64 Um homem pode dar orgasmo a uma mulher ?
- 65 Existem orgasmos vaginais ?
- 66 Muita gente pensa que existe algo de sujo no aparelho

genital humano ?

- 67 Quanto tempo a mulher leva para atingir o orgasmo ?
- 68 O orgasmo da mulher ajuda a precipitar ou a retardar o do homem ?
- 69 É verdade que quanto mais tempo o homem se abstém de relações sexuais, mais depressa atinge o orgasmo quando reinicia sua vida sexual ?
- 70 Uma vagina estreita dá mais prazer ao homem ?
- 71 O homem sente dor física quando permanece muito tempo excitado ou alega a necessidade de ejaculação e orgasmo apenas para convencer as mulheres à prática do ato sexual ?
- 72 Quais são os prós e os contras a respeito do sexo oral ?
- 73 A preferência pelo sexo oral indica que existe alguma coisa errada sob o ponto de vista psicológico ?
- 74 Alguns pênis são grandes demais para caberem dentro de uma vagina ?
- 75 O que é realmente masturbação ?
- 76 Masturbação é anormal ?
- 77 É verdade que a mulher que teve muita prática de masturbação jamais conseguirá chegar ao orgasmo numa relação ?
- 78 Como os homens se sentem depois do orgasmo ?
- 79 Em quanto tempo o homem pode chegar à ejaculação ?
- 80 Como o adolescente deveria reagir diante dos preconceitos de seus pais com relação ao sexo ?
- 81 Por que atualmente em um namoro antigo, o moço diz que o sexo é necessário antes do casamento ?
- 82 Como ensinar à criança de modo adequado educação sexual na faixa de escolarização ?
- 83 Gostaria de saber tudo o que interessa à mulher: ovulação, gravidez, aborto.
- 84 Como evitar que o sexo perca a precocidade ?
- 85 Nos dias atuais o que pode ser considerado normal num namoro, falando moralmente ?
- 86 Por que o homem não pode ficar sem o sexo ?
- 87 Os estimulantes são válidos na vida sexual ?
- 88 Gostaria de saber sobre as doenças venéreas.
- 89 Gravidez na adolescência, riscos para a mãe e para a criança ?
- 90 Período de menstruação, período fértil, controle de natalidade através de pílulas ?
- 91 Jovens que começam muito cedo a ter relações sexuais, quais os riscos de câncer ?
- 92 Em que fase da infância começa a despertar na criança o interesse maior pelo conhecimento do sexo ?
- 93 Por que dizem que depois de velho não há mais sexo ?
- 94 Um moço consegue ficar sem manter relação sexual, e sua namorada masturbá-lo sem que ele tenha contato com a mesma ?
- 95 Um menino e uma menina estão namorando e entre abraços e beijos a gente percebe que ele está excitado. Gostaria de saber se neste momento ele ejacula. Ou acontece alguma coisa com ele neste instante ? E com a menina, o que acontece ?
- 96 Em um acidente a menina cai e machuca os pequenos e grandes lábios, mas a batida foi forte. Neste caso há

- perigo dela perder a virgindade ou mesmo de acontecer alguma inflamação por dentro ?
- 97 Se a mulher se casa e na noite de núpcias, na hora de "fazer amor", levada pela timidez a mulher não consegue acariciar o homem como ele gostaria, ele pode perder a vontade de "fazer amor" ou perder a satisfação sexual?
- 98 Nos últimos momentos da gravidez, a mulher pode ter relação sexual normalmente sem afetar o bebê ?
- 99 Masturbação tira ou não a virgindade ?
- 100 De onde se origina a frigidez, tanto do homem como da mulher ?
- 101 Numa relação a dois é necessário que ambos saiam satisfeitos ou é natural só o homem ter prazer ?
- 102 O que é uma pessoa bissexual e homossexual ?
- 103 Como o homem descobre, durante a relação sexual, que a moça não é mais virgem ?
- 104 O que é realmente o orgasmo ?
- 105 Quais as causas do homossexualismo ?
- 106 Como é a primeira relação sexual da mulher ? Como ela se sente ?
- 107 Gostaria de saber se uma menina retardada mental, ao ter relação sexual, sente o mesmo prazer que uma menina normal ?
- 108 Em que idade a criança ou o adolescente começa a ter orgasmo ?
- 109 Que tipos de informações se deve dar sobre tudo relacionado a sexo ?
- 110 Sabe-se que uma garota de 14 anos está tendo relações sexuais. Essa garota nessa idade pode utilizar a pílula e que tipo de reações ocorreria ?
- 111 Masturbar é pecado ? Por que causa certa frustração no homem principalmente ?
- 112 Qual o risco que pode ocorrer no aborto natural ? Pode ter graves consequências ?
- 113 Há algum risco de usar o D.B.? No caso de uma adolescente usar, quais as consequências ? Pode levar a adolescente a perder a virgindade ?
- 114 Qual o risco de tomar pílula anticoncepcional sem indicação médica ?
- 115 É aconselhável ou não o uso de remédios para adiantar ou atrasar a menstruação ?
- 116 Qual a relação sobre o conceito do sexo entre mulheres mais idosas e mulheres jovens ?
- 117 Quando um indivíduo, principalmente do sexo feminino, se sente sozinho, com falta de carinho e começa a ter relação sexual com o namorado, qual o verdadeiro sentimento que essa moça sente em relação ao sexo com o namorado ? Será uma fuga ?
- 118 Quando um casal de namorados tem relação sexual antes do casamento e essa relação fica "fria" depois de casados. Por que isso acontece ?
- 119 Quais os problemas que o anticoncepcional pode causar ?
- 120 É normal casal de namorados se masturbarem juntos ?
- 121 Deve-se dar informações sobre sexo às crianças ?
- 122 É possível não se chegar ao clímax no auge do ato sexual ?
- 123 A relação sexual pode levar alguém a um traumatismo ?

- 124 Quais as consequências de um estupro ?
- 125 O que é lesbianismo ? É doença ?
- 126 Qual o risco que há entre um relacionamento de um casal de namorados se curtirem, mas não tem relação total, simplesmente tem encontro de corpo, ejaculando, sexo oral, etc.
- 127 O sexo anal é prejudicial para a mulher ? Em que pode prejudicá-la ?
- 128 Eu tenho muita cólica menstrual desde o primeiro dia até o último. O médico me disse que tenho o hímene muito fechado e sempre que ficasse menstruada ia sentir fortes cólicas e só viriam cessar depois que tivesse relação sexual. Até que ponto isso é verdade ?
- 129 É normal o namorado passar a mão no seio da namorada ?
- 130 Masturbação feminina tira virgindade ? Causa algum problema físico ou mesmo psicológico ?
- 131 Quando podemos ter relações sexuais sem perigo de gravidez ?
- 132 Quais as transformações que ocorre no homem quando está excitado ?
- 133 Numa relação sexual quando o pênis penetra na vagina e não sangra, a garota continua virgem ou não ?
- 134 Há perigo da mulher engravidar mesmo quando usa preservativo ?
- 135 Por que ocorre atraso na menstruação ?
- 136 Quando a mulher é insegura, é aconselhável manter relação sexual mesmo que ela goste ?
- 137 Há possibilidade da mulher menstruar e estar grávida ao mesmo tempo ?
- 138 O que é homossexualismo ?
- 139 Quais os traumas adquiridos durante a infância e que podem influenciar na vida adulta de um indivíduo ?
- 140 A homossexualidade já é de nascença ou é adquirida ?
- 141 Quando a criança começa a ter curiosidades sobre o sexo, como devemos orientá-la ?
- 142 Como é a cirurgia de vasectomia ?
- 143 A operação de ligadura das trompas é reversível ?
- 144 Como é usado o método da tabelinha ?
- 145 Quais os perigos que possam ocorrer com o feto durante a gravidez ?
- 146 Quais os cuidados que devemos ter durante a gravidez ?
- 147 Gostaria de uma orientação sobre os métodos anticoncepcionais.
- 148 Quais os sintomas das doenças venéreas ?
- 149 Como é o ciclo da menstruação, pois até hoje não entendi muito bem ?
- 150 Qual a doença venérea mais perigosa ?
- 151 O que determina o sexo do bebê ?
- 152 O que provoca, no organismo, o aborto ?
- 153 Até que ponto as drogas prejudicam uma gravidez ?
- 154 Quais as consequências que trazem um aborto provocado ?
- 155 Sexo é pecado ?
- 156 É verdade que a mulher fica mais excitada quando está menstruada ?
- 157 O homem precisa ejacular para sentir prazer ?
- 158 A mulher pode engravidar durante a menstruação ?

| ENFOQUES | TEMAS                                  |                                                       |
|----------|----------------------------------------|-------------------------------------------------------|
|          | OS COMPONENTES E FENÔMENOS DO AMBIENTE | AS RELAÇÕES ENTRE COMPONENTES E FENÔMENOS DO AMBIENTE |
|          | O HOMEM EM INTERAÇÃO COM O AMBIENTE    |                                                       |

- Reprodução animal: nascimento e crescimento dos filhotes.
- Transmissão dos caracteres hereditários nos seres vivos: semelhanças entre pais e filhos.
- Características externas do corpo humano: partes, órgãos dos sentidos e características sexuais primárias.

- Relações dos órgãos externos com as respectivas funções.

- Relação entre os órgãos dos sentidos e as percepções do ambiente.

- Orientação espacial a partir do corpo da criança: lateralidade, anterioridade e profundidade.

- Importância do asseio corporal para a manutenção da saúde.

- Importância da higiene do vestuário, da alimentação e da habitação para a manutenção da saúde.

- Algumas funções do organismo humano: alimentação, movimentos respiratórios, pulsação e batimentos cardíacos, transpiração e eliminação de dejetos.

- Relação entre exercícios físicos e aceleração de movimentos respiratórios, batimentos cardíacos e aumento da transpiração.

- Relação entre a intensidade da transpiração com o aumento da temperatura ambiente.

Os seres

vivos

- Necessidades vitais dos vegetais.
- Modo de obtenção de alimentos pelas plantas: fotossíntese.
- Fatores que interferem na produtividade dos vegetais e dos animais.
- Necessidades vitais dos animais.
- Modo de obtenção de alimentos pelos animais.
- Adaptação dos seres vivos: aquáticos e terrestres.
- Principais parasitoses brasileiras e a importância de sua prevenção.
- Características comportamentais de alguns animais em sua comunidade: proteção à prole, cooperação, atração sexual, defesa, demarcação de território, etc..
- Associações entre seres vivos de algumas comunidades: sociedades, colônias e parasitismo.
- Modo de obtenção de alimentos pelos seres vivos: cadeias e teias alimentares.
- Reações das plantas aos estímulos do meio: tropismos.
- Tipos de reprodução animal e vegetal.
- Importância da reprodução para os seres vivos.
- Modificações físicas e comportamentais do Homem na infância e adolescência.
- Alimentação adequada para as diferentes faixas etárias.
- Efeitos da má nutrição sobre o organismo.
- Organização dos acontecimentos da vida do aluno, segundo uma hierarquia temporal: noções de passado, presente e futuro.

Os seres vivos

TEMAS  
ENFOQUES

OS COMPONENTES E  
FENÔMENOS DO AMBIENTE

AS RELAÇÕES ENTRE COMPONENTES  
E FENÔMENOS DO AMBIENTE

O HOMEM EM INTERAÇÃO COM O AMBIENTE

- Alimentos como fonte de nutrientes.
  - Nutrientes e seu papel no organismo.
  - Fontes locais produtoras de alimentos.
  - Processos domésticos de conservação de alimentos: cozimento, remoção de ar, secagem, salgamento, congelamento, refrigeração etc.
- Características sexuais primárias e secundárias do homem e da mulher.
  - Papéis sociais do homem e da mulher.
- Funcionamento dos órgãos reprodutores masculino e feminino: menstruação e ejaculação.
  - Importância da higiene adequada dos órgãos genitais feminino e masculino.
  - Importância do tratamento médico das infecções dos órgãos genitais.
  - Efeitos do consumo indevido de medicamentos para a saúde.
  - Uso correto de medicamentos.
  - Consequências resultantes de situações de aglomeração e promiscuidade.
  - Noções de primeiros socorros referentes a acidentes com plantas tóxicas, animais peçonhentos e agentes físicos.

Os seres

vivos

- Transmissão das características hereditárias: árvore genealógica do aluno segundo algumas características.
  - Ação dos fatores ambientais sobre a manifestação das características hereditárias: bronzamento da pele, alimentação e exercícios físicos.

Reprodução do CADERNOS 2 - Conselho da Condição Femina

## ANEXO 1

Valor (em dólar) das dotações a entidades brasileiras que atuam com projetos de assistência em planejamento familiar, data e local de sua aplicação e respectivas entidades financiadoras.

| ENTIDADE<br>(***) | VALOR TOTAL<br>DA DOTAÇÃO<br>(US\$) | PERÍODO DO<br>FINANCIAMENTO | ÁREA DE<br>ATUAÇÃO                  | ÓRGÃO<br>FINANCIADOR (***)                              |
|-------------------|-------------------------------------|-----------------------------|-------------------------------------|---------------------------------------------------------|
| BENFAM            | 13.461.885*                         | 1978/84                     | RJ, PI, PB, CE,**<br>AL, PE, PR, BA | AVS, UnCol, D.A.<br>FPIA, IPPF<br>JOICFP, Pathfinder    |
| CPAIME            | 4.786.827*                          | 1979/84                     | RJ, PA, SP**                        | FNUAP, AVS, CWS,<br>D.A., FHI, FPIA,<br>JHC, Pathfinder |
| PRÓ-FAMÍLIA       | 776.156                             | 1981/83                     | SP**                                | AVS                                                     |
| PRÓ-PATER         | 399.980                             | 1980/84                     | SP                                  | AVS                                                     |
| CMI               | 306.575*                            | 1979/83                     | SP                                  | JOICFP<br>PATHFINDER                                    |
| UPFSP             | 163.229                             | 1981/84                     | SP                                  | AVS, AIPF                                               |
| CLAM              | 114.305*                            | 1981/83                     | PR                                  | AVS, D.A.                                               |
| CMEPF             | 65.459                              | 1981/83                     | SP                                  | AVS                                                     |
| SAMVALP           | 63.488                              | 1982/83                     | SP                                  | AVS                                                     |
| CLAPA             | 58.620                              | 1982/83                     | PA                                  | AVS                                                     |
| CEPCS             | 39.570*                             | 1982/83                     | MG                                  | AVS, D.A.                                               |
| CAMISP            | 33.675                              | 1981/83                     | PR                                  | AVS                                                     |
| CAEMI**           | —                                   | —                           | SP                                  | D.A.                                                    |
| TOTAL             | 20.269.769                          | 1978/1984                   | —                                   | —                                                       |

Fonte: United Nation Fund for Population Activity (UNFPA), Inventory of Population Projects in Developing Country Around World - 1982/83.

- Não foram incluídos projetos de Universidades e de entidades ligadas exclusivamente à pesquisa e/ou com pequenos projetos fora do Estado de São Paulo, além do SOF e Casa da Mulher Jo Grajau.

\* - Nestes casos existe informação a respeito de outras dotações que não estão aqui incluídas por não termos obtido o montante das mesmas, cujos órgãos financiadores são a D.A., UnCol., FHI, JOICFP.

\*\* - Além dos Estados aqui referidos; alguns dos projetos são de âmbito regional e nacional.

\*\*\* - Ver significado das siglas em anexo.

\*\*\*\* - Existe referência de uma dotação para treinamento de enfermeiras e assistentes sociais, sem especificação do valor e período. Está aqui incluída por se tratar de entidade localizada em São Paulo.

## ANEXO 2

Valor (em dólar) das cotações fornecidas por organismos internacionais não-governamentais para projetos de população a entidades brasileiras, número de entidades receptoras, data e entidades receptoras com maior dotação.

| ÓRGÃO**<br>FINANCIADOR | TOTAL DA<br>VERBA (US\$) | NÚMERO DE<br>ENTIDADES<br>RECEPTORAS | PERÍODO A<br>QUE SE<br>REFERE | ENTIDADES**<br>COM MAIOR<br>DOTAÇÃO |
|------------------------|--------------------------|--------------------------------------|-------------------------------|-------------------------------------|
| IPPF                   | 8.890.000                | 1                                    | 1982/84                       | BENFAM                              |
| FPIA                   | 4.375.607                | 3                                    | 1979/84                       | BENFAM,<br>CPAIME                   |
| Pathfinder             | 3.739.810                | 15                                   | 1978/84                       | BENFAM                              |
| AVS                    | 2.888.999                | 13                                   | 1981/84                       | CPAIME,<br>PRÓ-FAMÍLIA              |
| D.A.*                  | 1.063.306                | 8                                    | —                             | —                                   |
| Population Council     | 777.830                  | 6                                    | 1977/84                       | RENVMI                              |
| Fund. Ford ***         | 618.769                  | 6                                    | 1977/86                       | —                                   |
| F. Rockefeller         | 562.060                  | 3                                    | 1980/85                       | UN. FED. BA.                        |
| W.N.                   | 279.903                  | 2                                    | 1965/84                       | SOF - COF                           |
| J.H.V.                 | 177.884                  | 2                                    | 1981/83                       | CPAIME                              |
| JOICFP                 | 164.200                  | 5                                    | 1982/83                       | BENFAM                              |
| CWS                    | 19.990                   | 1                                    | 1981/82                       | CPAIME                              |
| TOTAL:                 | 23.557.358               | —                                    | 1985/86                       | —                                   |

FONTE: United Nation Found for Population Activit (UNFPA), Inventory of Population Projects in Developing Country Around World - 1982/1983.

\* - Este órgão refere somente o total e a entidade receptora, sem especificar o valor das dotações a cada entidade nem o período a que se refere.

\*\* - Ver o significado das siglas no anexo.

\*\*\* - Todas as dotações desta fundação destinam-se a entidades de pesquisa de caráter científico, não estando relacionadas com atendimento em Planejamento Familiar.

## ANEXO 3

## Relação das entidades executoras de projetos ligados ao Planejamento Familiar no Brasil.

1. BEMFAM - Sociedade Civil de Bem-Estar Familiar no Brasil.
2. CPAIME - Centro de Pesquisa, Assistência Integrada à Mulher e à Criança.
3. PRÓ-PATER - Proteção à Paternidade Responsável (SP).
4. CMI - Centro Materno-Infantil (SP).
5. UPFSP - Unidade de Planejamento Familiar de São Paulo (SP).
6. CLAM - Conselho Londrinense de Assistência à Mulher (PR).
7. CMEPF - Centro Médico Especializado em Planejamento Familiar (SP).
8. SAMVALP - Serviço de Amparo à Maternidade do Vale do Paraíba (SP).
9. CLAPA - Centro de Laparoscopia do Pará (PA).
10. CEPCS - Centro de Estudo e Pesquisa Clóvis Salgado (MG).
11. CAMISP - Centro de Atendimento Materno-Infantil do Sudoeste do Paraná (PR).
12. CAEMI - Centro de Assistência Especial Materno-Infantil (SP).
13. UNFEBA - Universidade Federal da Bahia (BA).
14. SOF - Serviço de Orientação Familiar (SP).
15. COF - Centro de Orientação Familiar
16. ABEPF - Associação Brasileira de Entidades de Planejamento Familiar.
17. RENUMI - Associação para Reprodução, Nutrição e Saúde Materno-Infantil.

## BIBLIOGRAFIA

### A) DOCUMENTOS

Sexualidade Humana, uma abordagem curricular com enfoque educativo, vols. I (1984) e II (1985)

Sexualidade Humana - reflexões e proposta em ação, 1986

Proposta Curricular para o Ensino de Ciências e Programas de Saúde - Primeiro Grau, Jornal da CENP/301/14-12-73

Pra Começo de Conversa - reflexões sobre a sexualidade na infância e na adolescência, 1985

Governo do Estado de São Paulo, Secretaria do Estado da Educação, Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas.

### B) LIVROS E ARTIGOS

ARISTOTELES, Política, Das Virtudes e dos Vícios, Metafísica in OBRAS, Aguillar S.A., Madrid, 1964

AZEVEDO, Fernando, Da Educação Física: o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser, Ed.Melhoramentos, SP, 1920

BERQUO, Elza (e outros) - Homem-Mulher: Crises e Conquistas, Ed. Melhoramentos, SP, 1987

BERQUO, Elza (e outros) - Novos Estudos Cebrap volI, no.3 - julho/82, SP.

BERQUO, ELza (e outros) - Textos NEPD 6 - Sobre o Declínio da Fecundidade Humana e a anticoncepção em São Paulo (análise preliminar), Núcleos de Estudos da População - UNICAMP, SP

CASTIGLIANE, Teodolindo - A Eugenia no Direito de Família, Livraria Acadêmica, SP, 1942

CURY, Carlos Jamil, Ideologia e Educação Brasileira, Ed. Cortez, SP, 1975

CONSELHO DA CONDIÇÃO FEMININA - Clínicas de Esterilização: A quem servem? Cadernos 2, SP, 1986

DARWIN, Charles - Origem das Espécies, Ed.USP e Ed. Itatiaia, SP e BH, 1985

DOMINGUES, Octávio - Hereditariedade e eugenia, Ed. Civilização Brasileira, RJ, 1936

FELMAN, Shoshana - La Folie et la Chose Littéraire, Aux Editions du Seuil, Paris, 1978

FLANDRIN, Jean-Louis - O Sexo e o Ocidente, Ed. Brasiliense, SP, 1988

FOUCAULT, e outros - Sexualidades Ocidentais, Contexto Ed., Lisboa, 1983

FOUCAULT, Michel - História da Sexualidade I - A vontade de Saber, Ed. Graal, RJ, 1985, 6a. ed.

FOUCAULT, Michel - História da Sexualidade II - O uso dos prazeres, Ed. Graal, RJ, 1984

FOUCAULT, Michel - História da Sexualidade III - O cuidado de si, Ed. Graal, RJ, 1985

FOUCAULT, Michel - Microfísica do Poder, Ed. Graal, RJ, 1984, 4a. ed.

FOUCAULT, Michel - Vigiar e Punir, Ed. Vozes, Petrópolis, 1983

FREUD, Sigmund - Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise, vol. XV, Moral Sexual 'Civilizada' e Doença Nervosa Moderna, vol IX A Sexualidade na Etiologia das Neuroses, vol III Cinco Lições de Psicanálise, vol XI, O Mal Estar na Civilização, vol XXI, O Futuro de uma Ilusão, vol XXI, Estudos Sobre a Histeria, vol II, Além do Princípio do Prazer, vol XVIII, Conferências Introdutórias sobre Psicanálise, vol XV e XVI Tres Ensaio sobre Sexualidade, vol VII Novas Conferências Introdutórias sobre psicanálise, vol XXII das OBRAS PSICOLOGICAS COMPLETAS DE FREUD, Edição Standard Brasileira, Ed. Imago, RJ, 1976

GALTON, F., Inquiries into Human faculty and its development, Everyman's Library, Edited by Ernest Rhys, New York, 1943

GREER, Germaine, Sexo e Destino - A política da fertilidade humana, E. Rocco, RJ, 1978

GUNTHER, Hans F.K. - Platon - Eugéniste et Vitaliste, Edition Pardes, Puisseaux, 1987

HAECKEL, Ernesto - História da Creação dos Seres Organizados Segundo as Leis Naturaes, Livraria Chardron Ed., Porto, 1930

JAEGER, Werner - Paidéia - A formação do homem grego, Ed. Martins Fontes e Ed. Universidade de Brasília, SP, 1986

KEHL, Renato - Aparas Eugenicas - Sexo e Civilização, Livraria Francisco Alves, RJ, 1933

KEHL, Renato - Lições de Eugenia, Livraria Francisco Alves, RJ, 1935, 2a. edição

KUPFER, Maria Cristina, Freud e a Educação - O Mestre do Impossível, Ed. Scipione, SP, s.d.

- LHOSA, Mario Vargas - Elogio à Madrasta, Ed. Francisco Alves, R.J., 1988
- MALINOWSKI, Bronislaw - Sexo e Repressão na Sociedade Selvagem, Ed. Vozes, Petrópolis, 1973
- MARCUSE, Herbert - Eros e Civilização, Ed. Zahar, 1968.
- MENNUCCI, Sud - O que eu fiz e pretendia fazer, Ed. Piratininga, SP, 1932
- MEZAN, Renato - Freud, Pensador da Cultura, Ed. Brasiliense, SP, 1986, 4a. edição
- MEZAN, Renato - Freud: a Trama dos Conceitos, Ed. Perspectiva, SP, 1987
- MILLOT, Catherine - Freud Antipedagogo, Jorge Zahar Ed., RJ, 1987
- MORGAN, Thomas Hunt - As Bases Científicas da Evolução, Cia. Ed. Nacional, SP, 1944
- OLIVIER, Christiane - Os filhos de Jocasta, Ed. LPM, R.S., 1980
- PEARSON, Karl - Eugenics Laboratory Lecture Series (I), Cambridge University Press, 1911
- PESSANHA, José Mota - "Platão: as várias faces do amor" in Os Sentidos da Paixão, Funart/Cia. das Letras, SP, 1987
- PLATÃO - O Banquete, Difusão Européia do Livro, SP, 1966
- PLATÃO - Diálogos: Mênon - Banquete - Fedro, Ed. Globo, RS, 1960
- PLATÃO - Crátilo, Livraria Sá da Costa, Lisboa, 1963
- POURSIN, Jean-Marie - DUPUY, Gabriel - Malthus, Ed. Cultrix e Ed. USP, SP, 1972
- REICH, Wilhelm - A função do orgasmo, Ed. Brasiliense, SP, 1987, 13a. edição
- REICH, Wilhelm - A Revolução Sexual, Ed. Zahar, RJ, 1974, 2a. edição
- REICH, Wilhelm - Irrupção da Moral Sexual Repressiva, Ed. Martins Fontes, SP, s.d.
- REICH, Wilhelm - Psicologia de Massas do Fascismo, Publicações Escorpião, Porto, 1974
- REICH, Wilhelm - Escuta, Zé Ninguém! Livraria Martins Fontes Ed., SP, 1982, 10a. ed.-

REIS FILHO, Casemiro dos - A Educação e a Ilusão Liberal, Cortez Ed., SP, 1981

ROMANO, Roberto - Lux in Tenebris, Ed. Cortez e Ed. Unicamp, SP, 1987

SCHEINFELD, Amram - Você e a Hereditariedade, Livraria José Olympio Ed., RJ, 1952, 3a. edição

STYCOS, J. Mayone - A Fertilidade Humana e a América Latina, Ed. Lidador, SP, 1969

SZMRECSANYI, Tamás (org)-FERNANDES, Florestan (coord) - Malthus, Ed. Atica, SP, 1982

SOROKIN, Pitirim - Teorias Sociológicas Contemporâneas, Editorial Depalma, Buenos Aires, 1951

VARIOS, Anuário do Ensino do Estado de São Paulo, Secretaria da Educação. Governo do Estado de São Paulo. Período: 1935 a 1940

VERISSIMO, Erico - O Tempo e o Vento, Ed. Globo, R.J., 1978

VIANNA, Oliveira - Raça e Assimilação, Livraria José Olympio Ed., RJ, 1959, 4a. edição

#### DOCUMENTOS

Sexualidade Humana, uma abordagem curricular com enfoque educativo, vols. I (1984) e II (1985)

Sexualidade Humana - reflexões e proposta em ação, 1986

Proposta Curricular para o Ensino de Ciências e Programas de Saúde - Primeiro Grau, Jornal da CENP/301/14-12-73

Pra Começo de Conversa - reflexões sobre a sexualidade na infância e na adolescência, 1985

Governo do Estado de São Paulo, Secretaria do Estado da Educação, Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas.

AS CONTRADIÇÕES DO CORPO  
C.Drummond de Andrade

Meu corpo não é meu corpo,  
é ilusão de outro ser.  
Sabe a arte de esconder-me  
e é de tal modo sagaz  
que a mim de mim ele oculta.

Meu corpo, não meu agente,  
meu envelope selado,  
meu revólver de assustar,  
tornou-se meu carcereiro,  
me sabe mais que me sei.

Meu corpo apaga a lembrança  
que eu tinha de minha mente.  
Inocula-me seu patos,  
me ataca, fere e condena  
por crimes não cometidos.

O seu ardil mais diabólico  
está em fazer-se doente.  
Joga-me o peso dos males  
que ele tece a cada instante  
e me passa em revulsão.

Meu corpo inventou a dor  
a fim de torná-la interna,  
integrante do meu Id,  
ofuscadora da luz  
que aí tentava espalhar-se.

Outras vezes se diverte  
sem que eu saiba ou que deseje,  
e nesse prazer maligno,  
que suas células impregna,  
do meu mutismo escarnece.

Meu corpo ordena que eu saia  
em busca do que não quero,  
e me nega, ao se afirmar  
como senhor do meu Eu  
convertido em cão servil.

Meu prazer mais refinado,  
não sou eu quem vai senti-lo.  
É ele, por mim, rapace,  
e dá mastigados restos  
à minha fome absoluta.

Se tento dele afastar-me,  
por abstração ignorá-lo,  
volta a mim, com todo o peso  
de sua carne poluída,  
seu tédio, seu desconforto.

Quero romper com meu corpo,  
quero enfrentá-lo, acusá-lo,  
por abolir minha essência,  
mas ele sequer me escuta  
e vai pelo rumo oposto.

Já premido por seu pulso  
de inquebrantável rigor,  
não sou mais quem dantes era:  
com volúpia dirigida,  
saio a bailar com meu corpo.